Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23187 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** SEXTA-FEIRA 23 FEVEREIRO 90 60$00

O caso da «limousine» americana que os deputados nunca viram

O consulado português em Nova Iorque remeteu ao Parlamento uma factura de 840 contos pelo aluguer de uma "limousine" posta ao serviço de quatro deputados, em Nova Iorque. Estranheza e alarme: Manuela Aguiar, Adriano Moreira, Pacheco Pereira e Vidigal Amaro garantem que nunca utilizaram, durante a estada, qualquer viatura de luxo. Ontem, esclareceu-se o mistério: engano do consulado, que já admitiu o erro. Mas alguém vai pagar a factura de a notícia ter vindo a público, e esse alguém tem de ser encontrado entre os que do gabinete de Vitor Crespo poderiam passar, como passaram, a informação à Imprensa, com o objectivo de, segundo palavras de Manuel Alegre, "denegrir os deputados e apoucar a Assembleia da República".

Pág. 9

D. António Ribeiro, cardeal-patriarca

EDITORIAL

O ovo podre

A história da colonização portuguesa terá como posfácio Macau. Não será brilhante o último capítulo. Sob o manto diáfano de uma retórica oficiosa acerca da presença de Portugal no mundo, esconde-se uma reputação de terra de jogo, dos negócios e da corrupção, onde vigora um código ético mais permissivo do que o da Metrópole (a incorrecção jurídica da expressão é compensada pela respectiva adequação espiritual !).

Espécie de sub-Hong-Kong, com leves pinceladas de Estoril, Macau era o último Eldorado onde, nos anos ditos de crise (1976-1985), um profissional liberal, um funcionário público, um militar ou, mesmo um jornalista, podiam aspirar a resolver os seus problemas económicos num lapso de tempo consideravelmente mais curto do que os seus colegas de Lisboa e do Porto. De 1986 para cá, a pouco e pouco, o espírito traficante foi-se transferindo do Oriente para o Ocidente, o código ético-negociante, que se dizia existir no «território sob administração portuguesa», transferiu-se e assentou arraiais na Mãe-Pátria. Conceitos incómodos como o de suborno tornaram-se progressivamente fluidos e voláteis.

Por outro lado, à medida que, sob o signo de sucessivas coabitações, se foram laminando os poderes jurídicos e reais do Presidente da República, Macau ficava, a par dos palácios de Belém e da Ajuda, sob superintendência directa presidencial.

Mário Mesquita

Continua na pág. 7

France-Presse

Carnaval já ferve no Rio O Entrudo já começa a dar que falar, esfuziante para os cariocas. Mais tranquilo e menos sensual entre nós, embora toda a gente insista em que «já não é como antigamente». O «DL» lança, hoje, os indispensáveis estalinhos sobre o assunto.

Págs.16 e 17

Frente ao Parlamento

Cortou a língua em sinal de protesto

Ao princípio da tarde de hoje, a escadaria do Palácio de S. Bento, onde funciona a Assembleia da República, foi palco de uma cena dramática: uma mulher aproximou-se da guarita dos guardas e, munida de uma tesoura, cortou a língu.

O acto desesperado visou protestar contra a falta de resposta às muitas cartas que tem escrito às mais diversas autoridades expondo a situação do seu filho, viciado em drogas duras desde muito novo.

Maria do Carmo, 40 anos, vive em Oledo, Castelo Branco, e pouco mais pode contar da sua dramática história, pois foi prontamente socorrida e transportada ao hospital.

Quase ao mesmo tempo deste desperado acto, a sala de sessões era evacuada: uma avaria na caldeira provocara intenso fumo no hemiciclo.

TV põe Igreja contra Governo

«Seria inaceitável que a Televisão em Portugal ficasse exclusivamente entregue ao poder político e ao poder económico» - afirma o Episcopado Português, em comunicado emitido esta manhã.

O órgão, que aprovou a declaração por unanimidade, manifesta assim a sua discordância quanto à decisão tomada pelo Governo em matéria de privatização da RTP. Acusando o Executivo de não ter respeitado «os compromissos assumidos desde o início do processo», os bispos consideram que a proposta apresentada não corresponde às «expectativas criadas».

Saúde: bombo da festa parlamentar
Págs. 2 e 3

Anos 60: o arranque da sociologia em Portugal
Págs. 22 e 23

Lotaria:
1.º 35 998
2.º 64 178
3.º 45 201
Pág. 14

A Mosca pica nesta edição

GRANDE ANGULAR

Nenhum dos quatro projectos de Lei de Bases da Saúde (PS, PCP, PRD e CDS) foi ontem votado na Assembleia, o mesmo acontecendo à proposta do Governo e a um requerimento do PCP para que todos os documentos baixassem à Comissão. A decisão a votos só se fará depois do Carnaval, não se aguardando outro desfecho que não seja a aprovação da proposta governamental

Serviço Nacional de Saúde: o bombo da festa parlamentar

Mais do que afirmação dos méritos intrínsecos da proposta de Lei de Bases da Saúde, que estava em causa no debate de ontem na Assembleia da República, a participação do Governo e da sua bancada parlamentar pautou-se por ataques cerrados e conjugados sobre o velho Serviço Nacional de Saúde que, legislado em 1979, nunca veio a ser aplicado com a filosofia e a generosidade social idealizadas pelo seu autor, o antigo ministro socialista da Saúde, António Arnaut.

O SNS foi esvaziado, ao longo dos anos e dos governos, e gerido por ministros que só no tempo do Bloco Central, e mesmo aí com as limitações decorrentes do acordo subjacente à formação desse Executivo, eram visceralmente contra a socialização dos cuidados básicos da saúde. Não obstante esse esvaziamento de facto, o SNS e a lei Arnaut ainda constituem suficiente motivo de obsessão para o Governo de Cavaco Silva e para os seus ministros da Saúde, seja a ex-titular Leonor Beleza, seja o recém-empossado Arlindo de Carvalho.

O actual titular da pasta tratou, aliás, de dizer isso mesmo, ainda antes de entrar na explicação do novo sistema que o Governo visa montar, descarregando uma violenta artilharia verbal sobre o Serviço Nacional de Saúde em vigor. Considerou-o «um repositório de ideias ultrapassadas e um hino ao colectivismo, digno de qualquer manuel de pura ortodoxia marxista» e garantiu que ele «esquece o indivíduo, para em seu lugar colocar um Estado todo poderoso, asfixiante da livre iniciativa, cerceador da liberdade e da criatividade».

«Foi concebido para *robots*, não para homens --acrescentou-- e pode ser ideológicamente perfeito, mas é humanamente deprimente. É uma cartilha, não é um texto para servir os homens nas suas necessidades: em boa verdade, nunca foi respeitada, nem pelos seus próprios autores. É produto de um acto ideológico, não de uma refelexão humanista e personalista.»

A alternativa proposta pelo Governo visa «contrapor aos direitos dos indivíduos a responsabilidade do Estado e da sociedade na defesa e promoção da saúde individual e colectiva», segundo palavras de Arlindo Carvalho.

Isto significou a inversão da filosofia subjacente á lei do SNS e a admissão dos negócios privados no campo da saúde. Ou seja, ainda nas palavras do ministro, «a convergência concorrencial entre os sectores público e privado» para se obter «uma melhor rentabilização dos recursos, com menores gastos, sem pôr em causa a qualidade dos cuidados de saúde a prestar».

Arlindo Carvalho admitiu a iminência de «repetição de equipamentos, de garantias de qualidade, de restrições ao trabalho cumulativo em instituições concorrentes». «Mas não se pode fugir às dificuldades, quando o objectivo é social e eticamente correcto», comentou, para sintetizar a sua defesa genérica da proposta com a afirmação:

«Garantimos aos cidadãos novas oportunidades de acesso aos cuidados de saúde.

Leonor Beleza destacou-se pela ausência no Parlamento durante a discussão da Lei de Bases da Saúde

Conseguiremos um melhor aproveitamento dos recursos existentes. Promoveremos a eficácia e a desburocratização no funcionamento dos serviços e nas actividades dos profissionais de saúde.»

À margem de uma disputa, não raro curiosa, entre o PS e o PSD para ver quem, entre os dois, mais acentuava as diferenças de filosofia de projecto e de propostas de soluções práticas, há que notar as posições do Partido Comunista, expostas pelo médico-deputado João Camilo, ao assumir por inteiro, aprofundando e descentralizando, para ele funcionar melhor, o velho-novo Serviço Nacional de Saúde.

E também as tentativas persistentes do CDS, pela voz de Nogueira de Brito, na mira de provar que, entre a proposta do Governo e o projecto do PS, as diferenças são apenas de forma e processo e não de fundo e substância. Além do mais, Nogueira de Brito explorou até à exaustão, o facto de a proposta ter sido preparada por Leonor Beleza e o novo ministro, que esteve no Parlamento a defendê-la, ter sobre a matéria uma razoável divergência com a sua antecessora no cargo. Isto tudo deduzido do texto da lei e do que disse o ministro, de viva voz e em extenso discurso, no plenário.

«A proposta é do XI Governo Constitucional e eu sou ministro do XI Governo Constitucional», limitou-se a responder Arlindo de Carvalho.

Leonor Beleza, essa destacou-se pela ausência não sendo vista no plenário em momento algum do debate. Supõe-se que a ausência se deva a deliberação do seu partido para ela não ser provocada a esmiuçar as divergências que, de facto, alimenta com o seu sucessor na pasta da Saúde.

Daniel Reis

Proposta do Governo deixa tudo na mesma

O Serviço Nacional de Saúde, unanimemente criticado por deficiências de funcionamento, não deverá ver a sua situação melhorada quando for aprovada a nova Lei de Bases da Saúde. Esta é, pelo menos, a opinião dos profissionais do sector. «Esta legislação não modifica radicalmente as regras, portanto não é previsível que o serviço melhore», considera Vítor Campos, da Associação Portuguesa de Médicos de Clínica Geral (APMCG).

Este ponto de vista é subscrito igualmente pelo Sindicato dos Enfermeiros Portugueses. Maria Augusta Sousa, responsável desta organização, é de opinião de que «estão abertas todas as possibilidades de manter os serviços a funcionar mal», enquanto Maria do Carmo Tavares, da CGTP, vai mais longe: «A nova lei piorará o SNS.»

Na base destes pontos de vista está, em grande parte, aquilo que estes profissionais consideram ser a falta de delimitação clara entre os sectores público e privado e o pendor privatizador da lei de bases da autoria do Governo. «Este projecto aponta para um financiamento dos serviços de saúde privados pelo próprio Estado, o que é contraditório», diz Vítor Campos.

Maria do Carmo Tavares acusa mesmo o Executivo de estar obsecado com a ideia de ajudar o sector privado a vingar. Vítor Campos, porém, acha que a nova legislação acaba por não defender os serviços privados, apesar de à primeira vista dar essa ideia. «O que seria de esperar era que se definisse um contexto concorrencial entre os dois sectores, pois do que o privado precisa é de regras claras.»

As enfermeiras concordam com exclusividade desde que seja bem paga

Em seu entender, são os serviços públicos que necessitam de maior estímulo para poderem concorrer com o sector privado que, directa ou indirectamente, já vai buscar entre 30 e 40 por cento das verbas destinadas anualmente à saúde.

Vítor Campos critica, assim, o facto de se estar a fazer «cavalo de batalha» da questão da gratuitidade. «Na realidade, os serviços públicos já não são gratuitos pois as pessoas têm sempre que pagar parte dos tratamentos.» Maria do Carmo Tavares, pelo contrário, considera que este problema é o mais importante. «Só um serviço gratuito pode ser universal, como a lei prevê», afirma a sindicalista.

A possibilidade de se desenvolverem os seguros de saúde, à semelhança do que já acontece em muitos outros países da Europa, não é considerada, por nenhuma das entidades contactadas pelo «DL», como uma solução viável. «Com o nosso desenvolvimento socio-económico, os seguros só seriam acessíveis ao estracto mais elevado da população», afirma Maria Augusta Sousa, ao que Vítor Campos acrescenta: «Para ter uma cobertura razoável, o utente teria de fazer vários seguros e pagar montantes muito elevados.»

Mas nem tudo é criticável na nova lei. Um dos aspectos globalmente aplaudidos é o da descentralização dos serviços. «A regionalização é possível e indispensável pois as actuais administrações regionais de saúde limitam-se a reproduzir práticas e atitudes centralizadas», afirma o responsável da APMCG.

Este médico defende a criação de uma administração da saúde a nível local e com autonomia administrativa e financeira, coisa que a lei, em seu entender, não prevê.

Para que esta descentralização seja possível, Maria Augusta Sousa considera que têm que ser criados incentivos de deslocação. «É verdade que a actual cobertura do País em termos de infra-estruturas é insuficiente, mas a carência maior é a de meios para as pôr a funcionar.»

Esta falta de incentivos tem igualmente consequências a nível do pluriemprego. «No caso dos enfermeiros, o Governo nega-se a discutir um esquema de compensação, tendo inclusivamente retirado o regime de exclusividade aos sectores da enfermagem que já o possuiam», afirma a responsável sindical.

A ausência, na lei, de regras quanto ao estatuto, incentivos e sistema remuneratório dos médicos é também criticada por Vítor Campos, para quem, sem a definição destas regras não se poderá combater o pluriemprego.

Para solucionar estes problemas, as entidades contactadas pelo «DL» defendem a promoção de um debate público e alargado da nova lei. Neste sentido, a CGTP está a promover iniciativas a nível regional, tendo já contactado todos os grupos parlamentares no sentido de estes consultarem todos os orgãos interessados.

Dina Soares

Nunca faltaram bichas de utentes nos serviços públicos gratuitos

Saúde gratuita: o tendencial mente

É nas providências do Estado quanto à saúde dos cidadãos que passam as fronteiras do Estado-Providência, tal como o modelo sueco o postulou e, até há anos, foi um sucesso no Canadá, merecendo mesmo uma apreciação pouco acintosa do próprio Milton Friedman, este sem grande liberdade para escolher exemplos tidos como positivos, nos seus escritos. Entre nós, depois de uma revisão constitucional que acabou com o objectivo programático de saúde para todos e de graça, com o Serviço Nacional de Saúde a passar a «tendencialmente gratuito», as vias da desregulamentação e da liberalização passaram a estar mais abertas. E como às vezes sucede com advérbios de modo, o «tendencial»... mente.

Na Assembleia da República, uma proposta de lei do Governo e quatro projectos da Oposição sobre a futura lei de bases foram confrontados.

Política antes do mais

Os textos do Governo e do PS começam, na definição da política, rigorosamente pelos mesmos termos, aquele na Base II, este na Base III. «A política de saúde tem âmbito nacional e obedece às directrizes seguintes», principiam ambos.

Quando se está no Executivo, ou em vésperas disso, até os lugares-comuns se confundem.

Ou equivalem-se, assim:

«É objectivo fundamental obter a igualdade dos cidadãos no acesso aos cuidados de saúde, seja qual for a sua condição económica e onde quer que vivam, bem como garantir a equidade na distribuição de recursos e na utilização de serviços» (Proposta de Lei do Governo, Base II, alínea b).

«É objectivo fundamental obter a igualdade de oportunidades no acesso à saúde entre todos os cidadãos, seja qual for a sua condição económica, social, cultural e laboral e onde quer que vivam» (Projecto do PS, Base III, alínea a).

As semelhanças entre estes dois documentos não se esgotam aqui.

Apesar do resto, são significativas as diferenças de filosofia expressas através de actos falhados que resumem, afinal, a difícil destrinça entre direita e esquerda, nos dias que correm, traduzidos em português corrente pela primazia entre direitos e deveres dos cidadãos.

O Governo é taxativo: «os cidadãos são os primeiros responsáveis pela sua própria saúde, individual e colectiva, tendo o dever de a defender e promover.»

O maior partido oposicionista, também na primeira alínea da base legal em causa, define: «Os cidadãos têm direito à protecção da sua própria saúde, sendo dela os primeiros responsáveis, cabendo-lhes preservá-la e defendê-la, tanto individual como colectivamente.»

Mais prolixos no texto proposto, os socialistas têm a virtude de darem aos direitos a prioridade, ao passo que o Governo prefere os deveres acima de tudo.

Tecnicamente mais cuidado que os restantes projectos, o do PCP faz reentrar pela janela o que os dois partidos antes citados tinham corrido pela porta da última revisão constitucional. Logo na Base V, avança com a tese revogada em sede de revisão da Lei Fundamental, ao definir que «o Serviço Nacional de Saúde é universal, geral e gratuito», antes de postular: « Os serviços e estabelecimentos de saúde do SNS não podem ser objecto de gestão e exploração privadas.»

Ao definir a política de saúde, o documento do PCP é, ao contrário dos outros, muito lacónico. Em vez de enumerar uma série de votos pios, limita-se a afirmar que «compete ao Governo a definição da política de saúde, nos termos da Constituição e da presente lei».

Nesta fase da vida política nacional, o projecto dos comunistas vale o que vale: é uma declaração de princípios.

O texto do CDS foi apressado e o do PRD omitiu, por exemplo, que uma Lei de Bases não se estrutura por artigos...

Autoridade em causa

A definição de quem pode ser autoridade de saúde marcou uma das clivagens mais profundas entre os textos avançados pelo Governo e pelo PS. Enquanto os socialistas reservam a «médicos de carreira de saúde pública» essa autoridade, o Governo afirma que tais funções «são desempenhadas preferencialmente» pelos clínicos aludidos.

O «preferencialmente» segue o exemplo de outros advérbios de modo.

E nem terá sido por acaso que Juvenal, autor da mais conhecida definição de saúde («mente sã em corpo são») a incluiu nas «Sátiras».

João Isidro

O seguro vive de novo

Depois de morto de velho, com a D. Prudência presente no funeral, o seguro ressuscitou. No caso da saúde, está mais jovem que nunca.

O Governo trata-o, na Base XLII, com grande laconismo: «A lei fixa incentivos ao estabelecimento de seguros de saúde».

O PS autoriza assim, na Base XL, nº 1: «Poderão ser criados sistemas de seguro privado de saúde, individuais ou colectivos». Seguem-se, neste caso, definições do tipo de seguros, autorizações destinadas a «organizações privadas de saúde» e a localização da «disciplina dos sistemas de seguro privado de saúde», com sedes nos ministérios das Finanças e da Saúde.

Depois do escândalo francês que colocou em causa as clínicas de Marselha, descrito com grande dose de informação e prescrito pelo «Canard Enchaîné» do dia 7, será caso para entre nós se pensar melhor no assunto, de o conjugar com experiências de outrém, até porque ninguém quer que uma Proposta de Lei ainda subscrita por Leonor Beleza venha a levantar dúvidas, para lá da esfera política.

A ministra em questão tinha já sido remodelada à data da publicação da pág. 3 da referida edição do «Canard».

Mas ler jornais, mesmo estrangeiros, é saber mais, como aconselhava o agonizante Conselho de Imprensa.

J. I.

COMENTÁRIO

Direitos de papel

Era a última das chamadas conquistas da revolução, o direito à saúde, livre e gratuito. Manteve-se no texto constitucional durante anos, incólume sobreviveu às alterações e arranjos partidários entretanto feitos, com o tempo foi ganhando o estatuto de coisa adquirida e pronta a usar. Habituámo-nos a com ele contar, por deficientes que sejam as condições em que os serviços estatais de saúde funcionam.

Acabou no Verão passado. As quinze letras de um advérbio disso se encarregaram. Ao tornar-se *tendencialmente* gratuito, o serviço de saúde passou de facto a ter preço. E as leis ontem discutidas no Parlamento nada mais são, afinal, do que a base de licitação que cada partido fixou antes de se iniciar o leilão.

A partir de agora, a saúde mantém-se ou adquire-se pelo valor que cada um conseguir pagar. E ponto final na última conquista. Aliás, não valerá a pena gastar muitas lágrimas com tal defunto.

Durante os dez anos em que o direito à saúde, livre e gratuito, se manteve na lei, nós todos, utentes do SNS, pagámos comparticipações por medicamentos, «taxas dissuasoras» por cada receita aviada na farmácia, taxas moderadoras por radiografias, análises, consultas de especialidade - tantas outras coisas destinadas a diminuir os gastos do Estado-Providência que entretanto prometia velar por nós. E estes expedientes para economizar tiveram a assinatura de um ministro da Saúde centrista, de responsáveis sociais-democratas pela pasta (antes e depois das eleições de 1987) e, convém lembrá-lo, também de um ministro socialista. Dos cinco partidos que ontem se defrontaram no Parlamento, mãos limpas neste domínio só as terão o PRD e o PCP, que nunca foram governo.

Gratuito na lei e de facto com preços vários, o sistema de saúde que está à disposição de nós todos soma boas intenções com clamorosos buracos. Estatal é o serviço de vacinação que o ano passado não funcionou, provocando a morte de várias crianças com sarampo - num País europeu e no dobrar do milénio. Gratuito é ainda o ramo do SNS que esquece os esquecidos - os doentes mentais atirados a monte para hospitais que podem ter sido modelo no início do século, mas, depois disso, pouco evoluíram. E, também (parcialmente) gratuito continua ser o sistema de saúde que enche de ambulâncias as estradas do País, para trazer doentes, graves ou com fracturas simples, para os hospitais centrais.

Valerá a pena manter o mito? A discussão inconclusiva que ontem se travou no Parlamento e o adiamento da votação dos projectos destinados a alterar a chamada «Lei Arnaut» demonstram que todos os partidos com representação parlamentar querem fazer «render o peixe». As propostas apresentadas pelo PSD e pelo PS são tão semelhantes, diz-se desde início, que fácil seria fundi-las e rapidamente criar nova lei. Mas a política tem razões que a lógica desconhece e os deputados mais não fizeram do que adiar uma decisão, na perspectiva de não se ligarem à morte um direito que com mais populismo do que eficácia, acabou por fazer nome em Portugal. Para além de que, ao perder o advérbio das quinze letras, o serviço de saúde não se tornará eficiente de um dia para o outro - e um sistema de saúde com preço mas ineficaz é carga que a ninguém apetece.

Maria Guiomar Lima

FORUM

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira
Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa ,Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
José António Carvalho, Jorge Santos e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello
Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

RELÓGIOS FALANTES

O GÉNIO DA LIBERDADE

Renovação, renovação - a palavra vai sendo repetida por quase todos quantos pretendem afirmar-se politicamente. Não há discurso que deixe de repetir o lugar comum. E, como grande argumento auxiliar, eis que surgem as invocações conhecidas dos «muros derrubados» e das intensas mudanças do Leste Europeu ou da África Austral... Os unguentos são de aplicação universal. Não há tema que não mereça ilustração demonstrativa com algum exemplo tirado da História dos últimos meses... E naturalmente, perante tanta agitação, é fácil invocar a «renovação» como uma bandeira - vaga, é certo, mas de mercado garantido... A receita é conhecida - não contém qualquer segredo de génio. Trata-se da melhor bengala para quem tem dificuldade em vislumbrar os caminhos das reformas concretas necessárias e em assumir a modéstia de pegar a realidade e o quotidiano pelo que têm de espesso e de aperfeiçoável. Tempo houve em que a «sociedade civil» era a solução messiânica para tudo - descobriu-se na altura que alguns plumitivos se entusiasmaram com a leitura de divulgações hegelianas de terceira «mão». Era uma questão de moda - como o é a invocação da «complexidade» ou como também o foi a da «des-construção»... *Words, words...* Um certo culto nominalista, pobre e acinzentado aí está... Mas, desdramatizemos, até é normal que assim aconteça. Não vamos pensar que o discurso político é reservado a filósofos políticos. Seria ingenuaidade. Todavia, isto não quer dizer que a filosofia política possa ser esquecida. Não pode. Importa, no fundo, que haja mais exigência quanto à reflexão e quanto à necessidade de se ultrapassar o território desértico do lugar comum

Para que servem os programas políticos? Para tudo - dirão os demagogos. Para nada - exclamarão os cínicos. Para o que se quiser - acrescentarão os oportunistas. São dispensáveis - assinalarão os tecnocratas... Quem tem razão? Em boa verdade, ninguém. Os programas políticos permitem delimitar fronteiras, apontar prioridades, orientar opções. Não contêm tudo, é verdade; muito menos podem ser confundidos com panaceias ou receitas infalíveis - todavia, permitem assinalar pistas - sendo certo que os modelos acabados e perfeitos são incompatíveis com a vocação do Homem. Com efeito, a vida faz-se vivendo, o caminhante faz o seu caminho... É óbvio que não estamos sós e que há uma experiência histórica que não pode ser esquecida. Por isso, há orientações, vias abertas, trilhos delineados pela experiência. Não há é sentidos únicos...

A democracia dá-nos a possibilidade de compatibilizar as diversas vontades - concedendo força à complementaridade por via da definição de princípios legitimadores e de regras de jogo. E assim, o pluralismo torna-se um modo natural de revelação das diferenças e de harmonização delas. Nesse sentido, a filosofia política, a reflexão tornam-se indispensáveis como garantia da afirmação de um espírito crítico e de constituição de alternativas que não sejam apenas dominadas pelo peso das escolhas imediatas e conjunturalistas.

O que está em causa? Cada vez mais a democracia tem de resultar de um diálogo aberto entre princípios e acontecimentos - diálogo mediado pelas normas jurídicas, pelas regras de jogo ou pelo processo legitimador. Assim, a sociedade aberta afirmará com naturalidade a sua superioridade moral - aceitando no seu seio os cidadãos como pessoas e não como seres desenraizados. Então o pluralismo deixa de poder ser confundido com o mero relativismo ético. Cada um de nós pode e deve colocar-se, tal como é, ao serviço da sociedade em que se encontra. E aí encontramos a extraordinária actualidade do tema do *compromisso* na sociedade contemporânea. No fundo, a sociedade democrática exige que os cidadãos se empenhem nas tarefas de criação da sociedade e do Homem. Esse o grande apelo. A diversidade e o pluralismo tornam-se, deste modo, com naturalidade, alavancas de aperfeiçoamento. A civilização planetária, que estamos a construir neste fim de época e de ciclo, aponta nesse sentido. Novas conflitualidades, novas diferenças vão surgir; mas, simultaneamente, há a necessidade de encontrar pela prioridade da criação vias de regulação dos conflitos e de limitação dos poderes e das tentações dominadoras, por apelo ao Direito e aos direitos, como confluência rica entre valores éticos e factos económicos, sociais e culturais.

Necessitamos, deste modo, de nos interrogar sobre os fundamentos da acção política e social. A filosofia política é, assim, chamada à ribalta. Sobre a crise das ideologias oitocentistas é tempo de dar campo às ideias — na base dessa relação rica entre compromisso e criação. E, ao interrogarmo-nos sobre fundamentos, impõe-se que sejamos exigentes sobre as pistas a lançar. Não basta falar de *renovação*. Não basta invocar a complexidade. Não é suficiente apelar para a sociedade civil, para o mercado ou para quaisquer novos messianismos temporais. Temos de nos interrogar mais.

Novas ideologias estão na forja. É essencial que não nos deixemos arrastar pelos perigos que ameaçam hoje a vida política e social — desde o regresso dos nacionalismos e regionalismos (tão nítido no Leste e de novo nos Balcãs) até à afirmação dos fundamentalismos religiosos (desde o Irão às manifestações cada vez mais frequentes em países ocidentais). Numa obra rica de reflexões, acabada de sair em Paris, Jacques Julliard põe o dedo na ferida relativamente a muitas destas questões. Fala-nos ele do «génio da liberdade». E propõe-nos que abandonemos muitos dos mitos ligados à ideia de que o homem se pode libertar definitivamente por golpes de mágica definitivos. Diz-nos Julliard em determinado passo da sua obra: «Ce qui est en train de frémir mystiquement aux quatre coins de la planète, ce n'est pas l'optimisme imbécile de la pub-civilization, ce n'est pas l'hedonisme de bazar que nous rougirons demain d'avoir proposé aux peuples nouvellement liberés comme la seule passion d'un Occident insignifiant; ce qui s'annonce aujourd'hui, comme hier, chaque fois que l'homme a resurgi du mouvement même que l'écrasait, c'est plus que la perspective d'une libération, mot qui a trop servi, à trop d'usages suspects, c'est quelque chose qui va au-delà, c'est l'annonce d'une Délivrance.» O anúncio da criação da Liberdade! É algo de menos empolgante? Talvez. Mas não é menos exigente — antes pelo contrário. Por isso a reflexão torna-se mais necessária.

Guilherme d'Oliveira Martins

O PODER,

1

O Professor Aníbal Cavaco Silva está satisfeito com o seu Governo e confiante nos resultados das próximas eleições legislativas. Entrevistado pelo semanário «Expresso», afirmou: «Digo é que, nesta fase, ainda é minha convicção profunda que o PSD está em melhores condições de dar uma resposta positiva aos desafios que temos à nossa frente. Porque o PSD é a força política mais coerente na sociedade portuguesa e com o projecto mais adequado aos tempos modernos.» (3 de Fevereiro de 1990). No horizonte político nacional - segundo as declarações de Cavaco Silva -, não merecendo o Partido Socialista a «mínima credibilidade para a governação», nenhum dos partidos parlamentares - o PCP, o CDS, o PRD, «Os Verdes» - se apresentam com condições de crescimento que os leve a constituírem, por si ou coligados, alternativas de Governo.

Tendo em conta a correlação previsível de forças com representação parlamentar, e não crendo em eventuais «acordos parlamentares de governo» estabelecidos entre essas forças e o Partido Socialista, o Professor Cavaco Silva não admite que o seu Governo tenha entrado em contagem decrescente.

A anunciada possibilidade de não apresentar candidato às eleições presidenciais, diversamente apreciada pelos comentadores políticos, mais do que um golpe astucioso para desvalorizar o próximo acto eleitoral, indicia uma crise política, revela a carência de candidato credível.

E não é só no plano puramente político que a crise do PSD e do seu Governo são patentes e graves. Existe uma crise da eficiência governativa e uma crise da coerência entre o discurso político e a prática político-partidária. Há uma crise do Governo e há uma crise do partido.

Sendo líder do PSD e exercendo o cargo de Primeiro-Ministro, Aníbal Cavaco Silva é responsável nos dois planos: o da direcção partidária e o da governação.

2

Não se resumem as críticas ao Governo do PSD a discordâncias quanto à orientação política e às soluções dadas aos negócios públicos, incidem, igualmente, sobre aquilo que podemos designar por «estilo do poder». O «poder laranja» - utilizemos a expressão popularizada -, é arrogante e autoritário. E, neste particular aspecto, são pesadas as responsabilidades pessoais do Professor Cavaco Silva, homem de nenhuns enganos e raras dúvidas. Homem de uma convicta autosuficiência e que adoptou um «estilo de poder», quer no Governo quer no *partido*, que recorda, inevitavelmente, a lição salazarista.

Num quadro institucional e político inteiramente diferente, Aníbal Cavaco Silva, logrou impor ao PSD, e com a maioria PSD ao País, um autoritarismo típico e uma forte concentração do poder de decisão (no Governo e no *partido)*. Não sabemos por quanto tempo, mas, neste momento, Aníbal Cavaco Silva funciona como *chefe* indisputado, reconhecido. E sem que, em nosso entender, a *democracia formal* esteja a correr um irremediável risco, a *democracia real* vem sendo postergada a esse autoritarismo que se con-

FORUM

POLÍTICA DE A a Z

OS INQUÉRITOS, OS SILÊNCIOS

cretiza no exercício arrogante do poder, se prevalece do disciplinado apoio de uma maioria parlamentar complacente e se escuda nos segredos de Estado e de Governo.

Deste «estilo de poder» decorre, como consequência natural, o segredo que cobre culpas e encobre culpados, a corrupção activa e passiva, a imoralidade pública, as irresponsabilidades, as cumplicidades, os silêncios.

3

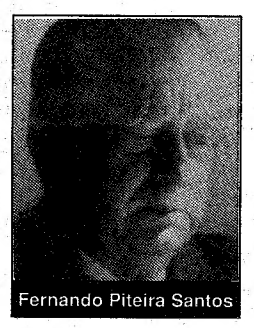
O Governo do PSD, e os parlamentares do PSD, dispensam a verdade.

Os deputados sociais-democratas, lestos e ligeiros a acusar os deputados dos outros partidos de não quererem apurar a verdade, usam a maioria de que dispõem desde Julho de 1987 para impedir, arrastar ou bloquear inquéritos. As histórias do Ministério da Saúde, as das irregularidades contabilísticas do Hospital de S. Francisco Xavier, as contas dos projectos de urbanização dos Hospitais Júlio de Matos e Curry Cabral, as investigações sobre a má utilização dos fundos europeus, os desmandos de algum poder local e de alguma administração central, abusos de dispêndios e caprichos sumptuários, ou não são objecto de inquérito, ou, quando dão lugar a inquéritos, a tempo, são bloqueados.

São os inquéritos que reclamam inquérito.

Não é transparente a administração pública, ou a instância política, que, ordenado que foi um inquérito, não divulga as suas conclusões. É também, estranhíssimo que um inquérito morra nas mãos daqueles que durante anos clamaram pela sua realização e contestaram as suas conclusões.

É o caso do inquérito parlamentar às circunstâncias em que ocorreu o acidente com o avião em que viajavam Francisco Sá Carneiro e Adelino Amaro da Costa. Desde Julho de 1987 que o PSD dispõe de maioria parlamentar, não pode, portanto, atribuir às oposições a ocultação de conclusões esclarecedoras. Nomeada, nesta legislatura, uma nova comissão de inquérito dos seus trabalhos não se conhecem frutos. Parece que o PSD está desinteressado de apurar a verdade, de certificar as tenebrosas determinantes de um crime ou de reconhecer as trágicas circunstâncias de um desastre. É preciso, num sentido ou no outro, do longo processo tirar conclusões. Donde vem o bloqueio dos trabalhos? A quem interessa a dúvida ou o silêncio?


Fernando Piteira Santos

Hipótese que não é remota: não sendo o crime — ao que consta — atribuível à Esquerda, deixou de interessar o apuramento da verdade. De resto, Francisco de Sá Carneiro já não é o mestre, o guia, a referência paradigmática. Outros valores mais altos se levantam no horizonte do PSD.

4

Dois títulos do «Expresso» (edição de 3 de Fevereiro): «Homens de Costa Freire investigados e demitidos» e «Cadilhe revogou legislação que acusa Taveira». Na mesma página dois títulos a par que falam de investigações e de escândalos. O distraído Miguel Cadilhe que, como se viu numa foto publicada, mal conhecia o arquitecto Tomás Taveira, publicou, nos derradeiros momentos antes de deixar o Ministério, um decreto que transforma em punição por multa, a pena de prisão que sancionava as actividades de infracção fiscal atribuídas à Taveira.

O decreto, assinado por Miguel Cadilhe, foi publicado a 15 de Janeiro p.p., já o antigo ministro das Finanças tinha sido substituído no Governo. Tomás Taveira, e outros sete arguidos, beneficiam desta conversão legal da pena de prisão em pena de multa. Mais: o decreto de Cadilhe estabelece que no caso de não pagamento da multa, não será efectuada a execução de bens do infractor, prevista na legislação anterior. Assim o afirma o «Expresso». Será, com efeito, assim?

Miguel Cadilhe, esse «grande ministro das Finanças», na opinião do primeiro-ministro, poderá, da sua curiosa actividade ministerial e da descoberta mundana de Lisboa, ter deixado este testamento?

E que faz o Governo? Revoga o decreto póstumo ou vai dar-lhe execução para glória e comodidade de Tomás Taveira?

5

Dois exemplos.

Não se esqueçam casos de outra índole, mas que reflectem níveis preocupantes de imoralidade pública: o processo da Polícia Judiciária do Porto, o chamado «São Bentogate», e o processo da rede de contrabandistas de Aveiro. Dois casos gravíssimos em que as práticas criminosas e a corrupção se enlaçam. Casos que se arrastam, que beneficiam das malhas que a Justiça tece, os alçapões e andamento dos processos a contribuírem para a ocultação da verdade. Verdade que tarda, é uma verdade que nos é negada, que não regenera a vida social e política, que perde eficácia.

O poder autoritário e arrogante apoia a política de segredo, de ocultação, de silêncio. A democracia está a ser corroída.

TELEGRAMAS

Da repetição em história

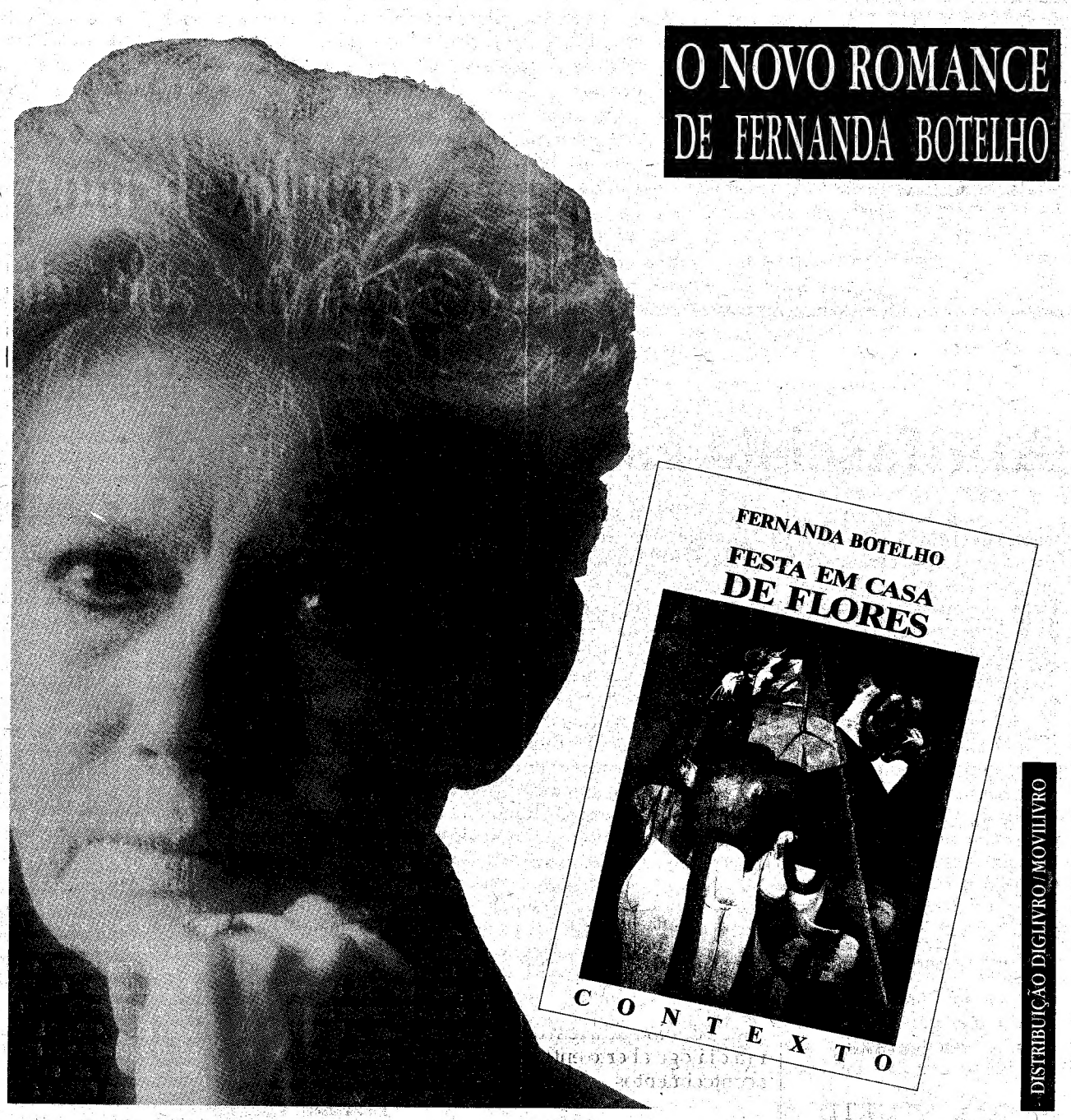
A história repete-se? Talvez. Todavia, só depois de repetida é que se sabe o que se repetiu, como se repetiu e em que se repetiu.

Só passados os acontecimentos é que se sabe de que situações históricas anteriores se repetiu o quê e em que situações históricas posteriores. Quando a história está para se repetir, não se sabe antecipadamente que situação histórica vai ser a repetida e sob que modalidade vai ser repetida a situação a repetir.

Tão-pouco se sabe a qual dos protagonistas da situação histórica a repetir corresponde a posição de cada protagonista da situação histórica repetida. Acaso em parte por isso é que também é verdade que a história se não repete.

Aliás, a história escreve-se e reescreve-se em função dos problemas e preocupações do presente. A presunção de conhecer o futuro é decerto uma das mais estultas e perigosas da humanidade.

Sottomayor Cardia



FORUM

A *PERESTROIKA* E A VITÓRIA DOS VENCIDOS

Jaruzelski pronunciou-se sobre a *perestroika* numa conferência internacional realizada recentemente na Suíça e, depois de deambular pela matéria com polaca prudência, resumiu o seu pensamento - em resposta a uma pergunta-nesta frase: «Deus proteja Gorbachev!».

Abstraindo de analisar as causas que conduziram à ascensão ao poder de Gorbachev e de ajuizar da sinceridade dos propósitos por ele proclamados que inicialmente só foram acolhidos sem reservas por Margaret Thatcher - o que só abona em seu favor - há que focar algumas das consequências que a *perestroika* provoca na política internacional tal como a temos conhecido até hoje.

Em primeiro lugar, é evidente que uma das consequências da *perestroika* é a aproximação entre a União Soviética de um lado, e a América e a Europa Ocidental do outro.

Sejam quais forem as divergências que ainda persistam, Rússia e América têm políticas mais convergentes do que divergentes e a Europa Ocidental quase não acredita na liberalização da antiga Europa comunista, que parece irreversível.

Por outro lado, uma das razões que levaram a Rússia e a América a aproximarem-se foi o seu declínio no concerto mundial. Não se pretende com isso significar que os EUA e a URSS tenham deixado de ser superpotências.

Certo é que o seu peso relativo no mundo tem diminuído. O infeliz envolvimento militar dos EUA no Vietname trouxe-lhes penosas consequências humanas e financeiras, que persistem ainda hoje. O mesmo se dirá, *mutatis mutandis*, quanto à Rússia relativamente ao Afeganistão.

Hoje em dia os EUA continuam a ser a primeira potência económica do mundo. Já não são, pelo menos por enquanto, a primeira potência financeira, que passou a ser o Japão.

Esse é um dos motivos da turbulência do sistema financeiro mundial, para a qual ainda nenhum Prémio Nobel da economia encontrou remédio.

O Japão e a Alemanha foram os dois grandes vencidos na II Guerra Mundial. Hoje aparecem aos olhos do mundo como duas grandes potências que, embora cultivando cuidadosamente o «low profile» nas relações internacionais, têm uma influência cada vez maior pelo seu poderio económico e financeiro.

A Alemanha Federal é já a primeira potência da Europa Ocidental. Quando as duas Alemanhas se reunirem, a nova Alemanha que daí surgir valorizará a sua força, quer pelo aumento do seu peso quer pela influência económica e cultural que exercerá sobre a Europa de Leste. E o Japão, cujos samurais preferem conquistar o mundo com o iene em vez de usarem a espada como outrora, recuperou a sua imagem de um verdadeiro Império do Sol Nascente.

De resto, a revolução russa esteve estreitamente ligada às duas derrotas militares que à Rússia dos czares foram infligidas primeiro pelo Japão em 1905 e depois pela Alemanha em 1917.

A grande ascensão da Rússia na vida internacional deu-se sobretudo após o papel determinante que exerceu na derrota de Napoleão, glorificado na obra-prima de Tolstoi de todos conhecida.

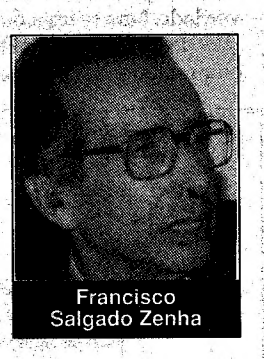
Os desastres que sofreu um século depois fizeram-na precipitar em grandes convulsões políticas, por entre as quais surgiu, com surpresa de todos, uma nova forma de Governo, o Estado comunista ou soviético.

Desde então, em muitos lados, tem-se manifestado uma forte corrente de anticomunismo que, perante a *perestroika*, se encontra em estado de orfandade intelectual, mas que habituada a raciocinar em termos de confronto bélico deseja, numa lógica de combate, o extermínio completo da parte contrária, com o que a Rússia, no plano internacional, regressaria às dimensões do «Principado da Moscóvia» por onde começou há tantos séculos atrás. E, entre nós, há quem pareça preocupar-se mais em obter provas da sinceridade da conversão dos comunistas internos do que tentar compreender o significado da presente evolução histórica para a poder influenciar. Como diria S. Francisco de Sales, ajudai-nos, Senhor, a suportar o que não podemos modificar; e a ter a coragem de agir para mudar o que podemos e devemos mudar.

Deixando de lado a polémica sobre as provas de sinceridade de conversões, em que a história portuguesa nos proporciona uma tradição de que não nos devemos orgulhar, penso que será profundamente errado desejar ou contribuir para que a Rússia desapareça como grande potência

Naturalmente que as nacionalidades soviéticas têm o direito à autodeterminação, como lhes é reconhecida pela Carta das Nações Unidas.

E é de prever a secessão de algumas delas, num processo que se não afigura fácil sobretudo no Sul da Ásia soviética. Mas a liliputização da Rússia eis o que nada nos beneficiará tanto a nós, europeus, como aos Estados Unidos da América. Como o lembrou ainda há poucos anos Helmut Schmidt a Rússia é um país de cultura europeia.


Francisco Salgado Zenha

A própria cultura europeia não se concebe no âmbito de vida musical sem Tchaikovsky, Mussorsgky, Rimski-Korsakov, Shostakovich e Prokofiev. E se entrarmos no mundo da literatura europeia, quem ousará apreendê-la verdadeiramente se não ler Dostoievski, Tolstoi, Pushkin, Turguenev, Gogol, Pasternak e Soljenitsine? Assim como nós, europeus, contribuimos para a cultura russa, a nossa cultura europeia é-lhe devedora em muito. Este facto de resto é reconhecido, embora inconscientemente, por Gorbachev, que nos tem falado repetidamente da «Casa Comum Europeia», mas que pelo menos que eu saiba, nunca se referiu à «Casa Asiática» da União Soviética, sendo certo que esta tem uma casa tanto na Europa como na Ásia.

Uma Rússia ou União Soviética forte e grande, respeitadora dos princípios do direito e da paz internacionais, é um factor de estabilidade mundial. E a sua posição de única grande potência euro-asiática confere-lhe um papel de relevo como elo entre o Ocidente e o Oriente, quer no plano das culturas quer no plano das relações económicas.

Aceitemos, por isso, com naturalidade, a vitória dos vencidos de ontem; não desejemos, contudo, a derrota hoje de um vencedor de ontem, com o que nem nós, europeus, nem os EUA em nada bebeficiariam.

Haverá, no entanto, quem pergunte: Gorbachev e a sua *perestroika* triunfarão?

Foi a pergunta que fizeram a Jaruzelski na Suíça, ao que ele respondeu, esquivando-se a uma resposta frontal: «Deus proteja Gorbachev!». E se eu lá estivesse teria acrescentado: «Ámen!»

CARTAS NA MESA

Antifascista esquecido

Ao ter conhecimento da publicação do Decreto-Lei nº 171/77, criado para a pensão aos que se destacaram na luta contra a ditadura fascista que, durante quase meio século, pisou os mais elementares direitos deste Povo, procurei ver se o mapa da minha actividade política, ao longo de quarenta e tal anos, reunia os requisitos qualitativos para tal efeito.

Após somada a expressão de tal qualidade, resolvi por intermédio da Câmara Municipal de Loulé, então do PSD, onde me encontrava empregado, requerer ao abrigo do referido decreto-lei a pensão a que tinha direito. Como passado tempo não obtivesse qualquer resposta, Vasco da Gama Fernandes, então deputado na Assembleia da República, apresentou um requerimento a fim de algo saber acerca do meu assunto. Passado longo tempo, recebo por intermédio da referida Câmara vários documentos para preencher com os bens e habilitações que possuía. Embora tais requisitos não estivessem previstos no referido decreto-lei em vigor, enviei os documentos devidamente preenchidos.

Depois disto, cerca de dois anos depois, nunca tendo obtido qualquer resposta, escrevi ao senhor Presidente da República, de quem recebi resposta, dizendo que o meu assunto era da competência do senhor primeiro-ministro. Foi com grande surpresa que recebi tal informação porque, julgava ser um assunto da competência das leis em vigor no País. Sendo assim, alertado para tal surpresa, deixei adormecer o assunto durante vários anos, até que, finalmente cheguei à conclusão de que o senhor Presidente da República tinha, de facto, razão. E, assim foi que, ao ter conhecimento de que, até os Pides, já recebiam pensões e que os senhores deputados e ministros não precisavam fazer greve para colherem aumentos da ordem dos 56,3%, que resolvi dirigir-me ao primeiro-ministro, não para que se preocupe com a minha pensão, mas apenas com o motivo porque tal me fora roubada. Estou certo de que, agora que Sua Ex.ª acaba de remodelar a estrutura ministerial, não hesitará atender tão pequenino pedido.

Os muros

Já começaram a ruir,
Os Muros da Tirania,
E não tardarão a cair,
Os da Social-Democracia.

Os Muros da Tirania,
E os da Social-Democracia,
Já não resistem a ninguém,
Porque a marcha da evolução,
É como a força da Razão,
Que nada e ninguém já detém...

... É a força dos Povos,
Traçando caminhos Novos,
Le Paz e d'Amizade;
Força viva e destemida,
Que busca uma Nova-Vida,
À luz da Liberdade.

Filipe Viegas Aleixo,
leitor em Almansil

EDP abusa

Fernando Manuel Vieira da Silva Bretes, na qualidade de administrador da Torre 2, sita na Rua Maria Veleda, 1500 Lisboa, vem apresentar a V.Ex.ª um caso relacionado com os serviços prestados pela EDP e que tal como eu, poderá afectar outros (e muitos são) consumidores de electricidade.

Face à sua gravidade coloco à consideração de V.Ex.ª, para eventual menção no vosso jornal os factos ocorridos.

1. Em devido tempo, em 11 de Janeiro, foi liquidado nos balcões da EDP, através de cheque sobre o Banco Pinto & Sotto Mayor - Estrada da Luz - a quantia de Esc.: 128 222$50 (cento e vinte e oito mil duzentos e vinte e dois escudos e cinquenta centavos), a que se faz referência ao doc. 1 em anexo.

2. Surpresa foi, quando recebi (conforme doc. 2 em anexo) o novo aviso para pagamento acompanhado de ameaça do corte de energia se o mesmo não for efectuado até 02.02.90.

Fernando Manuel Bretes,
leitor de Linda-a-Velha

POLÍTICA

Melancia debaixo de fogo

Uma carta que os autores dizem que não escreveram, o destinatário não recebeu e um semanário publicou, põe de novo em causa a administração de Macau

Carlos Melancia

O governador de Macau, Carlos Melancia, entregou ao advogado José Manuel Galvão Teles, com vista à reposição do seu «bom nome, bem como da dignidade do alto cargo» que ocupa, a questão da carta publicada na edição da semana passada pelo semanário «O Independente».

Numa declaração assinada pelo próprio governador e enviada ontem à tarde à Lusa, Carlos Melancia considera o conteúdo da reportagem daquele semanário «injurioso e difamatório».

Reafirma que a referida carta não deu entrada no seu gabinete no território, e coloca-se «à inteira disposição» do presidente da Assembleia da República e do Procurador do República «com vista ao esclarecimento dos factos que possam ser úteis à descoberta da verdade».

É um estranho caso. A carta publicada pelo «Independente» é atribuida à Weidlepan Consulting GmbH, da Alemanha Federal. Esta firma protesta por não ter recebido qualquer resposta do governador em relação ao projecto do Aeroporto Internacional de Macau e solicita a devolução de 50 mil contos que afirma terem-lhe sido entregues, sem especificar a que propósito. Peter Beier e António Strecht Monteiro subscrevem a carta, que é assinada, em nome de ambos, por uma terceira pessoa.

A carta foi enviada por *fax*, da Alemanha para o número da Gráfica Luso-Alemã, em Aveiro, cujas instalações Strecht Monteiro diz utilizar, por pertencer a uma pessoa amiga.

Na mesma edição em que foi publicada a carta, Peter Beier declara que não tem nenhum conhecimento dos assuntos de Macau, que a sua firma não dava dinheiro para ganhar concursos, e que «se a carta tem o timbre da Weidleplan pode ter sido forjada».

Por sua vez, Strecht Monteiro, um dos subscritores, afirma também ao «Independente que não tem nada a ver com aquela firma, não conhece carta nenhuma, apenas comeu e bebeu uns copos com o sr. Beier, mas nunca fez nada em Macau «com este governador Melancia».

Não é essa a opinião do governador de Macau que afirma nunca ter visto tal carta, mas confirma que eles concorreram - e perderam - e que Strecht Monteiro esteve em Macau.

Se os alegados autores da carta afirmam que não escreveram carta nenhuma, e um deles admite, mesmo, que tal documento possa ter sido forjado, a questão que se colocaria era a de saber, então, quem o forjou e com que intuitos.

Para já, o Procurador Geral da República ordenou um inquérito com base no teor da notícia e na reprodução da carta.

Dada a gravidade e o teor desses elementos, «na defesa da legalidade e no mesmo passo no interesse do bom nome e da dignidade da administração», entendeu que devia intervir.

«Há que provar se o que «O Independente» avança é verdade. Não se trata do nome mas da administração Pública, enquanto tal. E nesse sentido, apurar se é verdade ou não, em qualquer dos casos está-se sempre a defender a legalidade e o bom nome da administração», salientou ao DL o chefe de gabinete do Procurador Geral da República».

Ao contrário do que tem sido divulgado, o PSD não pediu nenhum inquérito parlamentar.

Houve, sim, uma intervenção de Leonardo Ribeiro de Almeida, a fazer notar que lhe parece «impensável que a Assembleia da República possa ficar indiferente perante a notícia divulgada há dias por um semanário português e na qual se lançaram suspeitas graves sobre o senhor governador de Macau, prontamente repetida por outros órgãos de comunicação social portugueses e estrangeiros».

Leonardo Ribeiro de Almeida quiz deixar bem claro «o respeito pela honorabilidade das pessoas e o bom nome das instituições», como «valores inestimáveis, que o PSD defende e considera regra de ouro dos seus princípios e da sua acção», valendo para o seu partido «a presunção de probidade até prova em contrário».

E deixando também «bem claro» que respeitam pessoal e politicamente o governador de Macau, a tal ponto que nem concebem sequer «que o seu prestígio e o das altíssimas funções que exerce em nome de Portugal, possam ser efectivamente abaladas por suspeições com a gravidade daquela que lhe foi imputada», solicitou ao presidente da Assembleia da República «que se digne obter as informações bastantes a um correcto e concludente juízo sobre os referidos factos».

Entretanto, a Companhia do Aeroporto de Macau (CAM) solicitou ontem ao Procurador Geral da República a rectificação dos termos em que foi anunciada a abertura de um inquérito ao «concurso de adjudicação de obras do Aeroporto de Macau».

O presidente da CAM, Santos Ferreira, disse à Lusa que a notíca de «O Independente» se refere ao concurso para a consultadoria do Gabinete do Aeroporto Internacional de Macau, que em Maio de 1989 foi atribuída aos Aeroportos de Paris, em detrimento da firma alemã-federal «Weidleplan», não tendo qualquer relação com a actividade da CAM.

A CAM, constituída em Janeiro de 1989, apenas contactou com a «Weidleplan» no segundo semestre do ano passado, no âmbito de consultas ainda em curso com firmas internacionais sobre o eventual interesse da empresa em apresentar uma proposta para a construção e exploração do terminal de passageiros, referiu Santos Ferreira.

«Foi o único contacto que tivemos com a «Weildleplan», cuja resposta, aliás, nem se enquadrava nos objectivos da CAM ao negociar estas subconcessões», declarou o presidente da concessionária da construção e exploração do Aeroporto Internacional de Macau.

O que eles dizem

As incidências do «caso Melancia» estão, naturalmente, a gerar grande agitação. Cada uma das partes envolvidas na questão, directa ou indirectamente, toma posições cautelosas, aguardando que o assunto se clarifique.

Nas suas edições desta manhã, «O Independente» e «O Jornal» desenvolvem a questão. Dão conta de diversas reuniões de membros do «staff» de Mário Soares e do próprio Presidente - após o regresso de Itália - com Carlos Melancia, que se terá explicado perante o órgão de tutela da administração de Macau. Contactada pelo «DL», uma fonte de Belém apenas disse: «Não esperem que a Presidência divulgue uma opinião tão cedo».

«O Independente», que há uma semana abriu a polémica ao divulgar o conteúdo do telefax comprometedor, não parece, por outro lado, preocupado com o processo judicial que Carlos Melancia decidiu instaurar-lhe. A este respeito, Paulo Portas, director-adjunto do semanário limitou-se a observar, em declarações ao nosso jornal, que «Cadilhe, Taveira e Lenor Beleza também negaram e ameaçaram processar. Hoje, não estão no lugar onde estavam e 'O Independente' continua».

Quanto aos dois homens directamente envolvidos, o governador de Macau e Strecht Monteiro, suposto elemento de ligação com a firma alemã, são igualmente cautelosos nas suas declarações públicas. Melancia, que na quarta-feira afirmava ao nosso jornal não temer a eventualidade de inquérito parlamentar, disse esta manhã à agência Lusa não estar disposto a tomar qualquer posição «enquanto o assunto estiver a ser averiguado». O governador, que se encontra em visita de trabalho a Lisboa, será esta tarde recebido pelo Procurador-Geral da República e pelo ministro da Defesa.

Também as declarações de Strecht Monteiro a «O Jornal» ficam longe de esclarecer a questão. Diz o sócio-gerente da Gráfica Luso-Alemã, para cujas instalações foi enviado o telefax da Weidleplan, que se trata de «especulação», pelo que terá de «aconselhar-se». «Deixe-os andar à batatada... Eu tenho de esperar pela altura própria para depois falar».

EDITORIAL

Continuação da 1.ª página

O ovo podre

Juntava, assim, à dignidade de último bastião do império, a glória de última coutada presidencial. Consequência: na imaginação de toda a gente soi-disant bem informada existe um «dossier» oriental, supostamento repleto de informações comprometedoras para amigos de Belém que, na gaveta do outro coabitante, neste caso o primeiro-ministro, aguarda a hora adequada para se transformar em jornalismo.

É verosímil o cenário de Macau enquanto moeda de troca nas discretas intrigas da coabitação, mas isso não autoriza a responder a acusações graves, como as que foram formuladas pelo «Independente» ao governador Carlos Melancia, remetendo para o interesse de quem ganharia em denunciá-las ou, simplesmente, ameaçando processar o jornal que se arriscou a publicar as informações sobre o presumível envolvimento do Governador do território em negócios ilícitos. A única resposta credível, nesta matéria, é o cabal esclarecimento das situações. Se não queremos que Portugal, à imagem e semelhança de certos produtos da nossa vocação missionária, se transforme num ovo podre

M.M.

FOTO EZEQUIEL
O SEU FOTÓGRAFO
SEDE: Praça do Município,1-1º
☎ 23 962
FILIAL: Rua Dra. Teresa de Jesus Pereira, 19-B ☎ 32 898
TORRES VEDRAS

LABORATÓRIO A CORES
- ESTÚDIO
- FOTOGRAFIA INDUSTRIAL E PUBLICITÁRIA
- REPORTAGENS
- TODA A GAMA DE MATERIAL FOTOGRÁFICO

A **qualidade** que você exige
A **rapidez** que você precisa

CARNAVAL DE TORRES 89

1 hora fotos a cores
Kodak Express
Serviço controlo qualidade

COMENTÁRIO

Contra-informação

Convidado pelo American Club of Lisbon para o jantar que a agremiação realiza mensalmente com a presença de uma figura política, o presidente do Governo Regional da Madeira teve um comportamento verdadeiramente censurável, proferindo palavras impróprias para uso em tão ilustre assembleia e para tão sensíveis ouvidos.

Traindo o que parece ser a sua paixão mais recente, o dr. Alberto Jardim voltou ali a falar daquilo que já confessara ser uma prática a que frequentemente se entrega: a contra-informação.

Explicar a uma plateia norte-americana o que é e para que serve a contra-informação é, além do mais, uma ingenuidade confrangedora.

Foram eles que a inventaram e lhe imprimiram requintes nunca atingidos pelas imitações soviéticas e de todas as ditaduras de esquerda e de direita, que raramente ultrapassaram os métodos mais elementares e denunciáveis.

Povo ao mesmo tempo pragmático e puritano, os americanos sabem que a gigantesca máquina de Washington nem sempre funciona segundo o manual constitucional, mas têm o decoro de evitar falar dessas desagradáveis verdades, sobretudo em público e para pessoas que não são das suas relações mais íntimas.

Inegavelmente original nas suas teorias e na sua prática política, o presidente do Governo Regional da Madeira é provavelmente o primeiro governante de um país de regime democrático a defender publicamente, sem indícios de constrangimento, as virtudes da contra-informação, seguramente confiante na credulidade do auditório, quando diz que a entende «no sentido técnico de corrigir uma má informação» e que, como tal «deve estar organizada».

O que é, para o sr. Alberto Jardim, uma «má informação»? Uma mentira? Certamente que não. As mentiras não são «corrigidas» pela contra-informação, mas pela informação, sem técnicas e sem organizações - basta contrapor-lhes a força indesmentível da verdade.

Quererá referir-se a um boato? Provavelmente não. Um boato não é mais do que uma mentira aliciante.

A contra-informação é, aliás, feita de mentiras e de boatos.

Uma má informação, assim difícil de «corrigir», só pode ser, na linguagem do sr. Alberto Jardim, uma verdade.

Se a frontalidade não fosse, no sr. Alberto Jardim, apenas uma aparência, não mais que o *show-off* da sua linguagem descuidada e do desalinho das suas atitudes, teria dito claramente que defende a contra-informação como meio de calar as verdades incómodas e de desacreditar quem denuncia os actos inconfessáveis dos governos, as suas incompetências e os seus compadrios.

Se não julgasse que a distância que vai da sua inteligência à do comum dos mortais é tão longa que o dispensa de artifícios mentais mais elaborados, ter-se-ia poupado ao uso do eufemismo elementar das «más informações» para esconder os verdadeiros objectivos de uma estratégia clássica de ocultação da verdade, já experimentada, tanto ao nível da elevada especialização e do sofisticado equipamento das grandes potências, como na forma rudimentar e obtusa com que se conforma qualquer ditador terceiro mundista.

Rui Camacho

Uma a Norte, outra a Sul

Governo abre concurso para rádios regionais

O Conselho de Ministros anunciou a abertura do concurso público para a concessão de alvarás a duas rádios regionais, uma a norte e outra a sul do rio Mondego. O porta-voz do executivo, Marques Mendes, disse que o regulamento do concurso, a publicar de imediato, prevê a possibilidade de qualquer pessoa colectiva, incluindo as que já têm alvará de radio local, concorrer a uma das frequências regionais. Nestes casos «o beneficiário terá obrigatóriamente de renunciar ao direito de utilização da frequência local», refere o comunicado do Conselho de Ministros.

O regulamento dá preferência na atribuição dos novos canais aos projectos de maior qualidade técnica, profissional e que demonstrem maior viabilidade económico-financeira.

Das medidas aprovadas pelo Governo destaca-se também a proposta de lei que visa a defesa da privacidade individual em relação ao uso da informática no tratamento de dados pessoais.

Este documento surge em resposta ao projecto lei apresentado na Assembleia da República pelo Partido Socialista sobre esta matéria.

O diploma do Governo, a apresentar no Parlamento, prevê a criação de uma « comissão nacional de protecção de dados pessoais» e define as situações que « pelo seu melindre, não devem ser sujeitas a tratamento informático».

A proposta de lei inclui « diversas disposições incriminadoras de actos ou comportamentos que lesam ou podem pôr em perigo interesses individuais dignos da tutela pessoal e ligados à problemática da protecção de dados pessoais», pode ler-se no comunicado do Executivo.

Combate à pobreza

O Governo decidiu criar dois comissariados responsáveis pelo programa de combate à pobreza, que vão gerir uma verba de quatro milhões de contos, disponibilizada pelo orçamento da Segurança Social para 1990.

A execução do programa envolve as áreas da formação profissional, segurança social, educação, habitação, justiça e saúde.

Os dois comissariados, com sede em Lisboa e Porto, ficam na dependência directa do ministro do Emprego e Segurança Social, Silva Peneda.

O comunicado do Conselho de Ministros refere que apesar do «progresso económico, da melhoria das pensões e do aumento dos postos de trabalho», continuam a existir «situações de marginalidade social ou focos de pobreza que obrigam a uma atitude mais enérgica, em especial no que se refere à melhor articulação entre os vários serviços de Estado envolvidos no combate à pobreza».

O Executivo aprovou ainda o acordo entre Portugal e Espanha para a construção da ponte internacional sobre o rio Minho, entre Monção e Salvatierra, a qual será custeada em partes iguais pelos dois países.

Balsemão «versus» Augusto Cid: uma sentença de 1 500 contos

Augusto Cid, conhecido cartoonista, foi condenado a pagar 1 500 contos a Francisco Pinto Balsemão, accionista maioritário do «Expresso», depois de um julgamento em sede cível que pode gerar doutrina quanto a futuros casos judiciais sobre liberdade de Impensa. O processo durou desde 1985 até agora. Sendo os dois homens dos jornais, quereLaram por causa de um livro sobre o desastre de Camarate, escrito por Augusto Cid, em cujas páginas era posto em causa Pinto Balsemão, no estatuto de dirigente do PSD e de governante.

Esta sentença determina, para além de uma jurisprudência nova em processos cíveis, outra forma de encarar os casos de alegado abuso de liberdade de Imprensa.

E tem ainda o seu lado patusco: os dois zangaram-se por questões que não se prendem com o jornalismo, em que ambos se notabilizaram.

Uma sentença que dói

Neste caso, o queixoso não recorreu ao foro criminal para defender a sua honra, alegadamente insultada pelo livro de Augusto Cid sobre a tragédia de Camarate.

Pinto Balsemão recorreu ao cível, deixando à partida bem claro que queria uma indemnização, a fixar pelo critério do tribunal, e que essa indemnização se destinaria a uma organização com fins beneficentes.

Caso a Relação confirme o veredicto da primeira instância, vai passar a doer uma infracção às fronteiras que delimitam a Liberdade de Imprensa. Era talvez essa a intenção do advogado Manuel Castelo Branco, que representou Balsemão neste processo.

Doravante, em resumo, os desmentidos a palavras publicadas poderão custar caro.

BREVES

Quem matou o polícia Alvaro Militão?

A dúvida foi ontem levantada no Tribunal de Monsanto, no terceiro julgamento das «FP-25»: quem matou Álvaro Militão, o agente da PSP alegadamente baleado por elementos daquela organização, durante uma rocambolesca perseguição em que foram detidos os três réus em julgamento: Baptista Dias, Teixeira de Carvalho e Ângela Toquito. Os dois primeiros seriam detidos junto ao cais da Matinha, a mulher (companheira de um outro suposto membro das «Forças Populares», Jorge Alves da Silva), no Hospital de Santa Maria, ferida. O agente José Manuel Canudo, que seguia ao lado de Militão, disse ao tribunal: «ouvi um estampido, mas não vi quem disparou».

Presidente da Renamo responsabilia Portugal

O presidente da Renamo diz que Portugal tem o dever de tentar alcançar a paz em Moçambique, embora não deva servir de medianeiro. Na primeira entrevista concedida à RTP, na circunstância ao «Jornal das Nove», Afonso Dhlakama sublinhou «as responsabilidades históricas» que Portugal tem na busca da paz em Moçambique, desmentindo, por outro lado, que haja um impasse nas conversações de paz entre a Resistência Nacional Moçambicana e a Frelimo. «Não pode haver impasse, porque não há conversações», salientou.

Cavaco recebeu Mota Amaral

O primeiro-ministro manteve ontem uma «longa e amistosa» conversa com o presidente dos Açores que terá incidido essencialmente sobre as finanças do arquipélago. Mota Amaral entregou-lhe um documento sobre a questão. Os dois governos irão trabalhar a partir de agora para encontrar uma solução. O novo sistema de cobrança da tributação directa «não nos permite partilhar devidamente a melhoria da condição financeira do estado», disse Mota Amaral.

Oliveira Martins reúne-se com Câmaras Municipais

O ministro Oliveira Martins reúne-se hoje com os presidentes das Câmaras de Lisboa, Oeiras, Cascais, Sintra, Amadora, Almada e Loures, no Ministério das Obras Públicas Transportes e Comunicações. O encontro com as autarquias limítrofes da capital destina-se a discutir hipóteses para a resolução do congestionamento dos transportes urbanos e suburbanos.

POLÍTICA

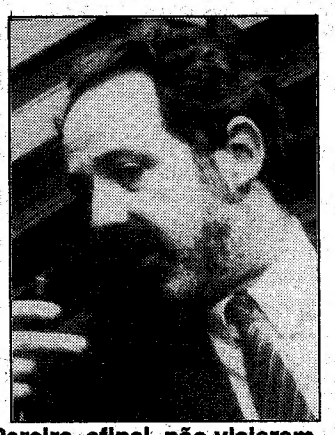
Antecedendo o debate sobre a Saúde, que ontem dominou a actividade no Parlamento (ver Grande Angular, nas páginas 2 e 3) foi explicado pelos intervenientes um falado caso ocorrido em Nova Iorque, em Agosto passado

O mistério da *limousine* que ninguém viu

Manuela Aguiar e Pacheco Pereira, deputados do PSD, disseram ontem aos seus pares parlamentares, não ser correcta a versão publicamente conhecida do caso da «*luxuosa limousine*» que eles próprios e os ausentes deputados Adriano Moreira, do CDS, e Vidigal Amaro, do PCP (actualmente presidente da Câmara Municipal de Portel) teriam utilizado em Nova Iorque, em Agosto do ano passado, quando foram às Nações Unidas participar numa sessão sobre Timor-Leste.

Do que os dois disseram e do que o presidente Vitor Crespo confirmou, resulta não terem os deputados contribuído para engordar a factura de 840 contos que o consulado de Portugal em Nova Iorque remeteu à Assembleia da República e de que alguns jornais deram oportunamente notícia.

Manuela Aguiar, vice-presidente da Assembleia e incluída pelas notícias entre os utilizadores da *limousine*, jurou a pés juntos que não viu *limousine* nenhuma e que todas as despesas realizadas em Nova Iorque foram pagas do seu bolso ou da organização que a convidou. «*Eu nem sequer fiz parte da delegação da Assembleia e nunca viajámos juntos enquanto lá estive*», garantiu, o que Vitor Crespo avalizou como correspondendo à verdade.



Manuela Aguiar e Pacheco Pereira, afinal, não viajaram de *limousine* pelas ruas de Nova Iorque

Pacheco Pereira acrescentou pormenores, com alguma piada:

«*Quando chegámos ao aeroporto, estava de facto à nossa espera um funcionário consular, com um carro que nos transportou até ao hotel e que nunca mais vimos. Como nós não tínhamos pedido carro nenhum, até pensámos tratar-se de uma gentileza do consulado. E se aquilo era uma limousine, então eu já não sei o que seja um carro de luxo*».

Durante a estada na cidade sede das Nações Unidas, garantiu Pacheco Pereira, tanto ele como Vidigal Amaro e Adriano Moreira utilizaram o metropolitano e nunca mais puseram os olhos «*na dita cuja e misteriosa viatura de luxo*».

Só que, uns meses mais tarde, chegou à Assembleia uma conta de 840 contos e a justificação de que se tratava de uma dívida resultante do aluguer da *limousine* pelos quatro deputados portugueses e logo para várias deslocações. Dessa utilização, rapidamente chegou notícia à Imprensa, por vias misteriosas, parece que tão misteriosas como a limousine novaiorquina.

Achegas de Vitor Crespo dadas à Câmara, para explicar o caso, avalizam a versão de Pacheco Pereira pois, segundo o presidente da Assembleia da República, carta vai e carta vem, o próprio consulado já terá reconhecido que algumas viaturas referidas na factura não tinham sido utilizadas pelos deputados e uma boa fatia da conta era da responsabilidade do consulado.

Ao que parece, a factura terá sido enviado ao Parlamento, a ver se pega. Sempre eram uns contos a menos nas despesas orçamentadas e Deus Pinheiro até nem passa por mãos largas em relação às nossas representações no exterior.

Esclarecido o caso da *limousine* e da misteriosa factura de 840 contos, foi a vez de Manuel Alegre exigir responsabilidades ao presidente da Assembleia da República.

Isto porque, disse o deputado socialista, «*já não é a primeira vez que matéria desta natureza e constante de documentação em trânsito pelo gabinete do presidente transpira para os jornais, ainda por cima deturpada, com o aparente objectivo de denegrir os deputados e apoucar a Assembleia da República*».

Vitor Crespo anuiu à estranheza e ao inconformismo de Manuel Alegre e garantiu que vai investigar como é que acontecem tais fugas de informação.

«*A viagem estava autorizada*--concluiu o presidente da Assembleia, encerrando o incidente levantado por Manuela Aguiar--*a utilização de viaturas foi parca, a notícia é incompleta e especulativa nos seus processos*».

BOCA DE CENA

A honra ofendida do ausente Arnaut

O ministro Arlindo Carvalho submeteu, ontem na Assembleia da República (ver páginas 2 e 3) a lei do Serviço Nacional de Saúde e o seu autor a tais tratos de polé que o deputado socialista Manuel Alegre não se conteve sem pedir a defesa da honra do ausente antigo ministro da Saúde:

«*Sinto-me na obrigação moral--disse Alegre--de reparar a honra do meu camarada António Arnaut, posta em causa pelo ministro da Saúde, tanto mais que ele não está aqui presente para se defender. O Serviço Nacional de Saúde não foi um capricho nem uma batalha isolada de um socialista mas, num dado momento, uma bandeira de combate de todo o Partido Socialista. Nem era, sequer, uma cartilha marxista, como acusou o senhor ministro, mas um projecto generoso e muito grato aos que pretendem servir a sociedade na base dos princípios do socialismo democrático e da social-democracia*».

«*E o senhor ministro da Saúde*--concluiu Alegre--*ao falar como falou não fez um diagnóstico: colocou-se na posição ideológica do liberalismo mais caduco e contrário à filosofia social-democrata de que o seu partido se reclama*».

Guterres não é liberal em matéria de saúde

Provocado por uma insinuação de Luís Filipe Menezes, um dos vice-presidentes do PSD que realçou «*o liberalismo de António Guterres*» em oposição a «*certas tendências colectivistas reinantes no PS*», o Presidente do Grupo Parlamentar Socialista reagiu em forma:

«*O PSD perdeu a oportunidade de afirmar a sua pressa liberalizadora quando aqui foram discutidas as privatizações e a lei da televisão: escolheu agora o mais melindroso de todos os sectores, o da Saúde, para afirmar esses seus reclamados princípios. Por mim, tal como acontece com o Partido Socialista, devo garantir-lhe que não somos liberais em matéria de saúde. Assumimos a socialização dos custos, mas não a socialização de todos os serviços e cuidados de saúde*».

Liberais, marxistas e terceiro-mundistas

Réplica do visado Luís Filipe Menezes:

«*Oh senhor deputado: se não o conhecesse bem e me fiasse apenas na última parte da sua intervenção, ficaria muito preocupado quanto aos efeitos perversos da sua convivência no PS com o marxista António Arnaut e com o terceiro-mundista Correia de Campos*».

BREVES

Férias prolongadas por ausência do Governo

Com a discussão, ontem, da Lei de Bases da Saúde e a sessão de perguntas ao Governo, desta amanhã, a Assembleia entre em férias de Carnaval que serão este ano mais prolongadas por indisponibilidade do Governo.

Os parlamentares deveriam regressar ao serviço no dia 1, quinta-feira a seguir ao Carnaval; mas na última conferência de líderes foi informado que o secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes, não poderá comparecer no debate marcado para esse dia, sobre o Código dos Direitos de Autor. É, aliás, a segunda vez que o adiamento deste debate acontece.

Como no dia 2 os deputados do PSD se ausentam para o Algarve--as jornadas parlamentares do grupo da maioria realizam-se nos dias 2 e 3, em Loulé--a Assembleia só retoma as suas actividades no dia 6, exactamente para votar a Alta Autoridade para a Comunicação Social.

Televisão privada discutida no dia 8

No plenário do dia 8 de Março, discute-se no Parlamento a abertura da televisão à iniciativa privada. A discussão far-se-á na base de uma proposta de lei do Governo, há pouco entrada na Assembleia, e de um projecto do Partido Socialista que já foi discutido na generalidade, no mês de Janeiro, e tem estado, desde então, no congelador à espera do diploma governamental.

Viaturas Usadas

GARANTIA TOTAL DE 6 MESES

CRÉDITO RENAULT GEST

Renault 4 GTL	1984/86/88
Renault 5 GTL 3 e 5 P	1985/86
Renault 5 TL Tiga	1989
Renault 5 GTR 3 P	1988
Renault 5 TD 5 L Diesel	1987
Renault 11 GTL	1985
Renault 11 GTS	1987
Renault 11 GTD	1986
Renault 21 RS	1986
Renault Trafic TB 13	1985/86
Seat Ibiza Júnior	1986
Opel Corsa 1.3 GT	1986

PORTAS ABERTAS

DIAS ÚTEIS: DAS 9 ÀS 20 HORAS. SÁBADOS: DAS 10 ÀS 18 HORAS

— A GARANTIA QUE VOCÊ QUER —

SACAVENAUTO

E. N. 10 — N.º 69 — SACAVÉM • ☎ 942 50 40 - 942 52 40

RENAULT

cooperativa de consumo popular pinhalnovense, c.r.l.

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Eu, Osvaldo da Silva Dias, Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Coopinhal — Cooperativa de Consumo Popular Pinhalnovense, CRL, venho por este meio convocar nos termos do Art.º 46 alínea a) do Código Cooperativo, e do Art.º 22, n.º 2 dos Estatudos da Coopinhal, para reunir em sessão extraordinária no dia 23 de Fevereiro de 1990, pelas 20.30h, no Auditório da Cooperativa, sua sede social, a qual terá como **PONTO ÚNICO** da respectiva **ORDEM DE TRABALHOS:**

— Eleição dos Órgãos Sociais (Mesa da Assembleia Geral / Direcção / Conselho Fiscal) para o biénio 1990 / 1991.

NOTA: Se à hora marcada não se verificar a presença de mais de metade dos Cooperadores com direito a voto, a Assembleia funcionará com qualquer número de Cooperadores uma hora depois.

Pinhal Novo, 30 de Janeiro de 1990

O Presidente da Mesa da Ass. Geral

Osvaldo da Silva Dias

INTERNACIONAL

BREVES

Ariane explode no lançamento

Tudo parecia normal na base de Kourou, Guiana Francesa, onde o foguetão espacial europeu Ariane ia cumprir a sua 36ª missão pondo em órbita dois satélites japoneses de telecomunicações. Logo depois de ter descolado, às 23.17 horas de ontem (hora de Lisboa), as pessoas que assistiam ao lançamento na sede da Agência Espacial Europeia, em Evry, França, notaram nos ecrãs de vídeo que começou a aparecer fogo no primeiro andar do foguetão. Dois minutos depois o Ariane explodiu. «Foi um fiasco» reconheceu o presidente da Agência, Frederick Dallest. Os peritos acham que a explosão se deveu provavelmente a um problema no sistema propulsor. Dallest já anunciou uma investigação rigorosa e a interrupção do programa até saber os resultados. Detentor de metade do mercado de lançamento de satélites, a Agência Europeia tinha encomendas até 1995, não se sabendo quando poderá voltar à actividade.

Distúrbios no Baile da Ópera de Viena

A alta sociedade austríaca compareceu ontem em peso, como é seu costume, ao Baile de Carnaval da Ópera de Viena. Para além do Presidente Kurt Waldheim, estavam presentes convidados ilustres como a princesa Carolina do Mónaco, o seu marido, o milionário italiano Stefano Casiraghi e o secretário norte-americano do Comércio, Robert Mosbacher. Os sete mil convidados pagaram desde o equivalente a 17 contos por um bilhete até 1800 contos por um camarote. Do lado de fora, cerca de cinco mil pessoas, entre as quais os militantes da Juventude Comunista Austríaca, protestavam contra aquilo que consideram uma orgia desmesurada dos responsáveis pelo desemprego, escassez de habitação e pobreza no país que fazem alarde da sua riqueza e corrupção. Cerca de 500 manifestantes tentaram romper o cordão de segurança, lançando pedras e garrafas contra a polícia. Esta tentou dispersá-los com bastões e cães, tendo os distúrbios se generalizado às imediações da Ópera, com os manifestantes a danificar carros e montras. Há 22 feridos e dez detidos a registar.

União Soviética será uma federação «de facto»

Enquanto um assessor de Gorbachev anunciava esta disposição, Moscovo sugeria novas reduções militares na Europa

Até agora a URSS era apenas na teoria um Estado federal. No futuro, vai transformar-se, de facto, numa federação.

Quem o diz é um assessor diplomático de Gorbachev, Vadim Zagladin, que ontem deu uma conferência em Bruxelas.

Uma Alemanha unida fora da NATO e uma melhor cooperação com a Europa foram também defendidas por Zagladin, no mesmo dia em que a delegação soviética nas conversações CFE de Viena, sugeriu a redução das tropas da Aliança Atlântica e do Pacto de Varsóvia, na Europa Central, para 700 mil efectivos para cada lado.

A solução federativa foi defendida pelo assessor do Presidente soviético durante um debate organizado pela Universidade Católica de Lovaina, salientando que as várias repúblicas que integram a URSS deverão determinar por si as competências que desejam deixar nas mãos do poder central. «Agora estamos em vias de construir um novo Estado e queremos converter-nos numa autêntica federação», sublinhou Zagladin.

Num outro ponto da conferência, o assessor de Gorbachev reafirmou a oposição soviética à presença da nova Alemanha na NATO, prevendo futuras transformações radicais nos dois blocos militares.

URSS sugere nova redução

Numa outra capital europeia, Viena, a delegação da União Soviética às conversações sobre forças convencionais na Europa (CFE) sugeriu um plano que representa um avanço em relação ao recente acordo obtido pelo Leste e Ocidente na conferência dos «Céus Abertos» em Otava: reduzir as tropas da NATO e do Pacto de Varsóvia para entre 700 mil a 750 mil efectivos para cada lado.

Até ao início da retirada unilateral soviética dos países de Leste, ainda não contabilizada, o Pacto de Varsóvia dispunha de quase 3 milhões de efectivos, sendo quase metade pertencente ao exército soviético estacionado na própria URSS. Nos países de Leste, havia mais de 500 mil efectivos soviéticos.

Em Otava, a URSS aceitou a proposta de George Bush de reduzir a 195 mil homens para cada lado os efectivos das superpotências na Europa Central, mas não foi discutido o número de tropas dos exércitos nacionais dos países membros das alianças militares.

Agora, se aceite, a sugestão soviética, ocorrida na última ronda das conversações de Viena - que não assumiu os contornos de uma proposta formal para não atrapalhar a possível assinatura de um tratado sobre armas no Outono - implicaria que as forças ocidentais na Europa Central (RFA, Bélgica, Holanda, Luxemburgo e Dinamarca), actualmente cifradas em um milhão de efectivos, seriam reduzidas em 250 mil homens.

Na segunda-feira, as primeiras tropas soviéticas estacionadas na Checoslováquia começam a retirar, informou ontem o comandante-chefe do Exército checoslovaco, general Anton Slima. Esta primeira fase da retirada deverá estar terminada no dia 1 de Maio, mas o militar checoslovaco não especificou o número de soldados envolvidos na operação.

A saída destas tropas inclui efectivos das guarnições de Krnov e Frenstat, no centro do país.

O início da retirada coincide com a visita do Presidente Vaclav Havel a Moscovo, onde, certamente, este assunto será um dos pontos altos na agenda de conversações com o seu homólogo soviético, Mikhail Gorbachev.

Praga deseja que as tropas soviéticas estacionadas na Checoslováquia desde a invasão de 1968, actualmente estimadas em cerca de 70 mil homens, sejam retiradas até ao fim deste ano.

Redacção «DL»/Lusa

Banco Mundial investe no Leste

RDA anuncia privatizações em massa

Milhares de empresas públicas da RDA vão ser privatizadas com a aprovação, ontem, pelo Governo leste-alemão, de vários projectos de lei que vão permitir a introdução do sistema de mercado livre no país.

As novas leis económicas vão possibilitar a criação de companhias privadas, sociedades comerciais independentes e anónimas e a privatização de mais de dez mil empresas, disse o ministro da Indústria Ligeira, Gunter Halm.

O ministro destacou que os novos projectos de lei aprovados na reunião do gabinete, presidida pelo primeiro-ministro Hans Modrow, são um passo importante para a introdução da economia de mercado livre no país além de contemplarem as exigências da Alemanha Federal para prestar ajuda económica à RDA.

A nova lei, segundo Halm, «vai permitir às pessoas individuais comprarem participações em empresas estatais ou formarem empresas mistas». A devolução aos antigos proprietários de algumas empresas que foram nacionalizadas está igualmente contemplada na lei, acrescentou o ministro.

Banco Mundial abre os cordões à bolsa

O estabelecimento, nos países da Europa de Leste, de economias de mercado livre é um dos investimentos mais gratos ao Banco Mundial cujo presidente, Barber Conable, assinou ontem um acordo de concessão, àqueles países, de cinco mil milhões de dólares (735 milhões de contos), durante um período de três anos.

«Podem contar com o Banco Mundial nos dias difíceis que se aproximam e não apenas nos primeiros momentos eufóricos da mudança», garantiu Conable na cerimónia da assinatura à qual assistiu o primeiro-ministro polaco, Tadeusz Mazowiecki.

Destes cinco mil milhões de dólares, o Banco deverá emprestar, nos próximos três anos, mais de 2,5 mil milhões de dólares (368 milhões de contos) à Polónia.

Em Janeiro, o Governo polaco implantou no país um rígido programa de combate à inflacção e de alteração para uma economia de mercado, que o FMI apoiou com um emprétimo de 723 milhões de dólares (106 milhões de contos). O acordo com o FMI abriu «os cordões à bolsa ocidental» relativamente à Polónia, enquanto as autoridades do país lutam para reconstruir a sua economia, após 45 anos de comunismo.

Apoio simultâneo a países pobres

O presidente do Banco Mundial afirmou que a futura ajuda à Polónia deveria ser aplicada na transformação das estruturas económicas, indústria, gestão bancária e da dívida externa, assim como na conservação energética e protecção ambiental.

A Hungria, a Roménia e a Jugoslávia são também membros do Banco Mundial e a Checoslováquia já apresentou, em Janeiro, o seu pedido de adesão.

Conable acrescentou que outros países da Europa de Leste poderiam receber empréstimos se aderissem ao Banco Mundial e pediu uma maior liberalização do comércio, leis e instituições da região, que «permitiriam um sistema económico baseado na economia de mercado florescer e libertar a circulação de capital e trabalho».

Conable sublinhou ainda que a assistência aos países da Europa de Leste não afectaria os compromissos da instituição que preside em relação às nações mais pobres noutras zonas do globo: «continuaremos a honrar os nossos compromissos globais enquanto fazemos um esforço especial no Leste, sem que o apoio financeiro do Banco Mundial àquelas nações seja feito à custa de países mais pobres», referiu.

Lusa

O presidente do Banco Mundial, Barber Conable, cumprimentando o vice-primeiro-ministro polaco, Leszek Balcerowicz

INTERNACIONAL

*A África do Sul, após 40 anos de **apartheid**, estará agora a entrar numa era caracterizada pela participação de todos os seus cidadãos na vida nacional. Mas as feridas que o sistema causou, essas ninguém poderá esquecer*

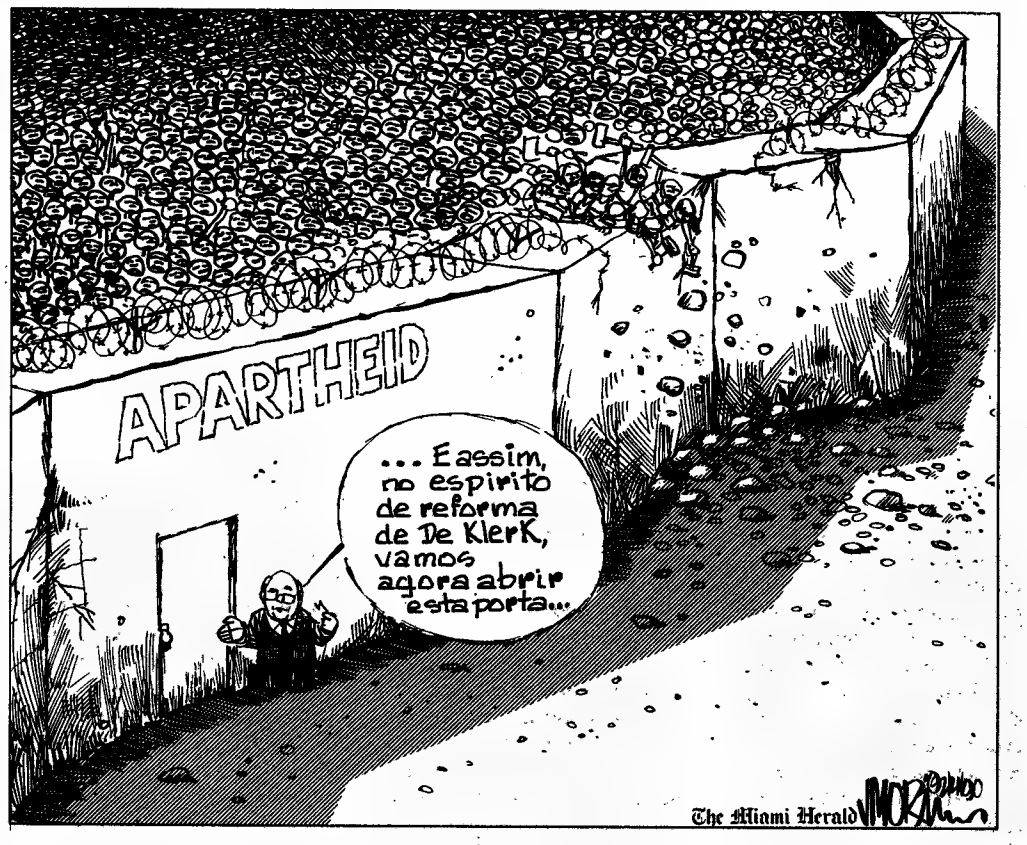
O estudante que venceu o *apartheid*

Do nosso enviado especial

Imaginemos que tínhamos 16 anos e nos envolvíamos num boicote pacífico a uma companhia rodoviária; que, nessa mesma ocasião, ocorria um levantamento igualmente pacífico de gente nova e que a nossa experiência se passava num bairro negro como o Soweto.

Imaginemos ainda que estávamos em 1976 e que, por tudo isto, iríamos ficar a saber bem, demasiado bem, o que é ser preso e torturado.

Imaginemos, por fim, que, apesar de cansados de fugir do nosso país e de ver a nossa famíla também presa e torturada, insistíamos em não recorrer à violência e, porque éramos novos, acreditáva-mos no nosso direito de estudar. Aqui fica o depoimento de quem não necessita de «imaginar», porque o viveu; fica a história real de um estudante negro que venceu o apartheid.



Eskia Kumalo, de 29 anos, estudante negro na África do Sul, começou há poucas semanas o terceiro e último ano do seu curso de pós-graduação em Direito. Quando acabar, Eskia poderá exercer a sua profissão de advogado em qualquer tribunal sul-africano.

No entanto, a sua carreira académica foi muito atormentada.

Nascido na «township» de Springs, perto de Joanesburgo, Eskia sempre viveu num mundo violento. A falta de espaço e de condições no lar onde nasceu, assim como o agravamento da situação causado pela necessidade de acolher uma outra família, que se vira desalojada, levou os seus pais à separação quando Eskia só tinha três anos.

Aos seis, com a ajuda dos seus irmãos mais velhos, entrou para uma escola católica particular.

Até aos quinze - quando foi para a escola oficial - teve assim o privilégio de frequentar uma escola que, sendo estritamente para negros, tinha no entanto um bom nível de ensino.

Sofrer perseguição policial aos 15 anos

A sua entrada para a escola oficial coincidiu com o princípio de uma longa luta que o levou à prisão e ao exílio mas também à universidade.

Chocado com o baixo nível de ensino que se praticava nas escolas do Estado, Eskia começou a denunciar as injustiças do sistema. Nisso foi ajudado pelo seu irmão mais velho, que o alertara para os vícios das leis sobre a educação dos negros (Bantu Education Act). Com apenas 15 anos mas já frustrado com o ensino que recebia, Eskia começou a ser perseguido e ameaçado pela polícia.

Um ano mais tarde, em 1976, quando os estudantes lançaram no Soweto a maior onda de protestos na história da opressão negra na África do Sul, Eskia envolveu-se, em Springs, num boicote pacífico à empresa rodoviária Putco.

Com condutores que constantemente se perdiam por desconhecerem os itinerários, cansada de ter que utilizar autocarros sem um mínimo de segurança, nem horários fixos, e de pagar preços sempre mais altos, a comunidade de Springs, liderada pelos estudantes, organizou, durante o boicote, meios de transporte alternativos. O resultado foi positivo para Springs, pois a Putco melhorou os seus serviços, mas Eskia, acusado de ser activista político, foi pela primeira vez na sua vida detido sem julgamento.

Vários atentados

A partir dos 16 anos a sua vida privada e social passou a ser objecto de constantes intromissões policiais. Na prisão sofreu a tortura pois queriam obrigá-lo a negar as denúncias do *apartheid* que fizera nas suas redacções escolares. Depois de ser libertado, Eskia foi alvo de vários atentados, aos quais conseguiu no entanto escapar, mas teve de viver sob a ameaça permanente de nova prisão e novas torturas.

Orgulhoso de nunca ter recorrido à violência, Eskia colocou-se, durante a revolta do Soweto, ao lado de todos aqueles que publicamente defenderam o boicote às escolas mas sempre recusaram os ataques violentos às instalações do Estado.

Esta contestação pacífica do *apartheid* valeu-lhe, mais tarde, 19 meses de prisão em regime de isolamento e sem direito a julgamento. Quando, em 1977, saiu da prisão, Eskia não conseguia andar e sofria de graves problemas respiratórios. O hospital estatal para onde, de imediato, o levaram, recusou admiti-lo por ter sido um prisioneiro político. Por isso, recorreu a um hospital privado, no qual ficou internado oito meses.

O abalo pior

Antes de fugir do seu país, foi preso uma vez mais. Durante um ano refugiou-se na Suazilândia em casa de um amigo, mas a presença da polícia secreta sul-africana entre os refugiados obrigou-o a fugir de novo. No Zimbabué foi convidado pela facção armada do ANC para ingressar nas fileiras, mas a sua convicção pacifista levou-o a recusar o convite.

Já com 20 anos, Eskia voltou à África do Sul e, apesar de muitas dificuldades, conseguiu regressar à escola. Foi novamente detido e acusado de participar em actividades terroristas. A polícia prendeu também a sua mãe, acusando-a de colaborar com o filho.

Quando ela saiu da prisão estava praticamente paralisada de um lado do corpo. Isso abalou-o mais do que os três anos que ao todo já tinha passado na prisão, mas não o desmotivou de prosseguir os estudos.

A caminho da justiça

Uma vez libertado, Eskia tentou entrar para a universidade. Fez três vezes o exame de acesso. Três vezes lhe foi dito que as suas folhas de exame tinham desaparecido. Desmoralizado, mas confiante de que tinha estudado o suficiente para passar, Eskia inscreveu-se num curso não superior de Direito, à espera de completar 23 anos para poder ingressar numa universidade.

Por lei, todo o indivíduo com mais de 23 anos pode ser admitido numa universidade sem o diploma do ensino secundário. Durante o primeiro ano da sua licenciatura em Direito, Eskia sofreu breves detenções e sempre antes das três sessões sucessivas de exames. Com o apoio da Igreja conseguiu, por fim, acabar a licenciatura, sem chumbar mais nenhum ano.

Após trabalhar algum tempo num gabinete de advogados especializados em questões do trabalho, Eskia tentou fazer os exames que lhe permitiriam actuar em tribunal. Mas as barreiras que lhe levantaram foram tais que acabou por desistir.

Decidiu então regressar à universidade onde se encontra actualmente a frequentar um curso de pós-graduação, que equivale ao exame de Estado outrora recusado. Dentro de um ano, Eskia poderá finalmente defender em tribunal uma justiça que nunca teve.

Nuno Azevedo

Confirmadas conversações directas entre Pretória e o ANC

Depois de, na passada sexta-feira, o ANC haver anunciado, em Lusaca, que ia enviar, em breve, uma representação sua à África do Sul para dialogar com o presidente De Klerk, este último reagiu, agora, favoravelmente, afirmando, numa nota oficial divulgada na Cidade do Cabo: «Saudo a decisão da Comissão Nacional do ANC no sentido de enviar uma delegação sua com o objectivo de se encontrar comigo.» Esta reacção do presidente sul-africano verificou-se apesar de o ANC haver igualmente anunciado, na mesma ocasião, que não cessaria a luta armada enquanto o Governo de Pretória não revogar o estado de emergência, libertar todos os presos políticos e anular a legislação que restringe a liberdade política.

De Klerk não deixou, no entanto, de responder a esta parte da declaração do ANC, criticando que tivessem sido impostas limitações.

De Klerk anunciou também que, a pedido de Mobutu, foi adiada a cimeira africana que estivera prevista para amanhã, em Goama, no norte do Zaire e que deveria reunir cinco Chefes de Estado africanos. O adiamento teria resultado de uma divergência entre africanos, à qual De Klerk aludiu, mas dizendo também que «...a África não se pode dar ao luxo de continuar com mais controvérsias nas suas fileiras». De Klerk concordou ainda com um apelo da OUA no sentido de que os países africanos se unam para enfrentar o desafio do Mercado Único europeu.

Lusa

FNACINVESTE

Sociedade Gestora de Participações Sociais, S.A.

ASSEMBLEIA GERAL

Convoco os Senhores accionistas da **FNACINVESTE — Sociedade Gestora de Participações Sociais, S.A.**, sociedade anónima matriculada sob o n.º 28 116 na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, com sede na Avenida de Ceuta, Edifício Fnac, em Lisboa, com o capital, realizado, de 180 000 000$00, para reunirem em Assembleia Geral Anual, a que se refere o art.º 376.º do Código das Sociedades Comerciais, pelas 10 horas, do dia 30 de Março de 1990, na sua sede social, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Deliberar sobre o relatório de gestão do Conselho de Administração, balanço e contas relativos ao exercício de 1989;
2. Deliberar sobre o Parecer do Conselho Fiscal e do ROC relativo ao relatório, balanço e contas;
3. Deliberar sobre a proposta de aplicação de resultados;
4. Proceder à apreciação geral da administração e fiscalização da sociedade de acordo com a Lei, designadamente a alínea c) do n.º 1 do artigo 376.º do Código das Sociedades Comerciais;
5. Deliberar sobre uma proposta de supressão ou limitação do direito de preferência dos accionistas no aumento de capital deliberado na Assembleia Geral realizada em 20 de Novembro de 1989;
6. Deliberar sobre um empréstimo obrigacionista, convertível em acções, nos termos e condições que vierem a ser definidas pela Assembleia;
7. Deliberar sobre uma proposta de supressão ou limitação de direito de preferência dos accionistas na subscrição de obrigações convertíveis, emitidas nos termos do número anterior;
8. Proceder à eleição de novos membros para os órgãos sociais.

Encontram-se à disposição dos Senhores accionistas, na sede social, as propostas a submeter à Assembleia Geral.

É condição necessária para participar na Assembleia, que os accionistas tenham averbadas, registadas ou depositadas, em seu nome, até 15 dias antes da data marcada para a reunião, pelo menos 20 acções.

A cada lote de 20 acções corresponde um voto, podendo os accionistas que possuam menos de 20 acções agrupar-se, para efeito de votação. A representação é permitida e deverá obedecer aos termos legais e estatutários:

Lisboa, 21 de Fevereiro de 1990

O Presidente da Mesa
da Assembleia Geral

José Manuel Galvão Teles

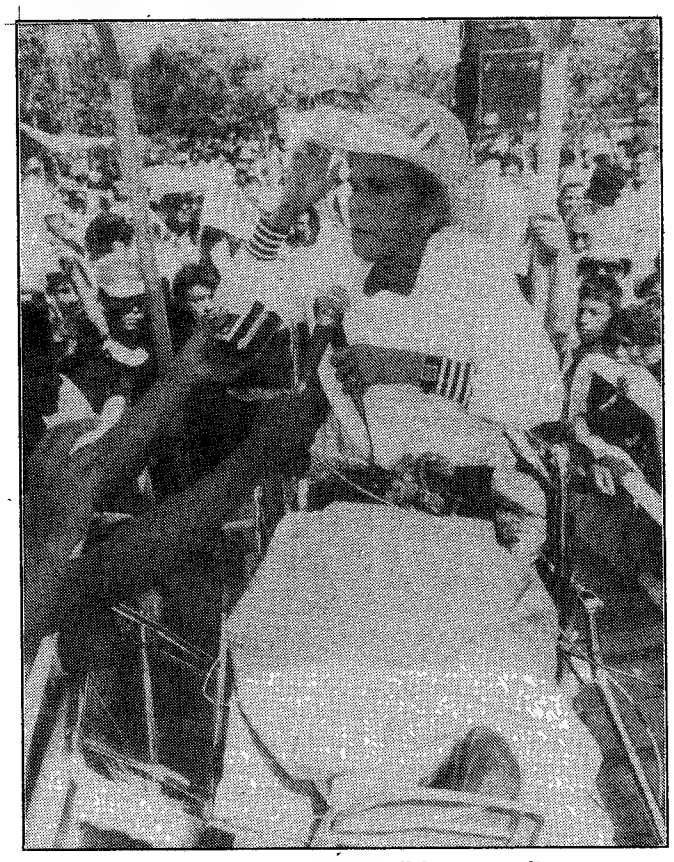
Segundo as últimas sondagens, os sandinistas reunem todas as condições para derrotar a candidata da oposição, Violeta Chamorro

Ortega pode ser eleito Presidente

Especial para o "DL"

Esgotaram-se os seis meses de campanha eleitoral. Sandinistas e nacionalistas opositores acreditaram até ao último dia que ambos podiam ganhar as eleições. No entanto, e segundo as sondagens efectuadas por diversas cadeias norte-americanas de televisão, Daniel Ortega tem fortes probabilidades para derrotar a sua principal rival à presidência, Violeta Chamorro.

Se os candidatos da União Nacional Opositora (UNO) tinham alguma esperança de derrotar a Frente Sandinista de Libertação Nacional, esta desapareceu vertiginosamente durante os últimos dias de campanha eleitoral, quando verdadeiras multidões resolveram apoiar, de uma forma indiscutível, os dois principais candidatos sandinistas, comandante Daniel Ortega e Sérgio Ramirez. Na cidade Leon os sandinistas conseguiram reunir quatro vezes mais apoiantes do que o partido de Violeta Chamorro, na Praça da Revolução, em Managua. Mais de 200 mil pessoas resolveram marchar oito quilómetros ao lado de Daniel Ortega, até à praça da catedral. Contudo, Violeta Chamorro acreditou que podia fazer frente ao poderio sandinista e prosseguiu a sua campanha, apoiada em muletas, até ao último instante. Ela está mais confiante nas próprias sondagens, que efectuou durante os seus comícios. E quanto aos números avançados pelos sandinistas, Chamorro diz que "eles são falsos e não correspondem à realiade". Com menos meios de transportre e propaganda política que a Frente Sandinista de Libertação Nacional, a oposição é considerada pelos analistas políticos como de centro direita, concentrou em todas as praças do país durante os seus comícios largas dezenas de milhar de manifestantes. Em algumas cidades obteve mais apoiantes do que os próprios sandinistas.



Violeta Chamorro, a candidata opositora

A UNO passou os piores momentos durante o mês de Dezembro, quando Violeta Chamorro foi obrigada a deslocar-se aos Estados Unidos, para tratar-se de uma rotura muscular que lhe atingiu a perna esquerda. E foi exactamente nesse período que a tensão aumentou no seio da coligação UNO, onde estão presentes distintos sectores do conservadorismo nicaraguense, alguns liberais, social-democractas, cristãos e até mesmo marxistas.

Discursos monótonos

Qualquer pessoa que acabe de chegar à Nicarágua consegue compreender facilmente que os sandinistas fizeram uma campanha eleitoral, que implicou o gasto de muitos milhões de dólares. A maioria das cidades nicaraguenses ficaram vestidas de vermelho e negro, devido à propaganda afixada pelos apoiantes de Daniel Ortega. Em Managua já não existem espaços disponíveis para

Sandinistas passaram no teste final

Mais de 600 mil cantaram vitória

Todos os caminhos iam dar à praça do Parque Carlos Fonseca e à Praça da Revolução. Os apoiantes de Daniel Ortega vinham de todo o lado, das montanhas e das cidades. Foi como se toda a Nicarágua estivesse reunida durante cinco horas para escutar o seu líder sandinista. A princípio parecia que estávamos a assistir a um filme igual ao "Ghandi". Havia filas humanas de sete e oito quilómetros nas principais ruas de Managua, com destino ao Parque Carlos Fonseca. Os «fiéis» de Daniel Ortega vinham vestidos de vermelho e negro. Mais do que militantes, os sandinistas acreditam num futuro melhor para a Nicarágua. Camponeses, mulheres. crianças e velhos acreditam na revolução como uma ponte para obter a paz tão desejada neste pequeno país da Amérioca Central. Os nicaraguenses têm esperanças de que o futuro vai ser efectivamente melhor com os sandinistas a governar.

E perante uma multidão de 600 mil pessoas, o jornalista sente-se tão pequeno que quase não consegue encontrar as palavras exactas para descrever o final da campanha eleitoral sandinista.

As pessoas gritavam, sorriam, cantavam, davam saltos e limpavam lágrimas, quando Daniel Ortega se encaminhava por entre a multidão para chegar até ao palco onde pronunciou um discurso conciliador, humanista e de um estadista moderno.

«Os nicaraguenses estão cientes de que as eleições do próximo domingo são tão importantes para o seu país como foi o triunfo da revolução, no dia 19 de Julho de 1979. O dia 21 de Fevereiro é similiar ao dia d'A Alegria", ou seja, 17 de julho de 1979, quando conseguimos derrubar Somoza», disse o líder sandinista, com a multidão de apoiantes que o escutou em silêncio. No final, foi um agitar infinito de bandeiras.

Acreditar em Deus

O sacerdote António Castro ensinara uns minutos antes a Daniel Ortega uma passagem da Bíblia que tocou o coração de todos aqueles que se encontravam na Praça Carlos Fonseca: «Senhor, quero pedir-se juntamente com o meu povo, para que me dês sabedoria para governar, que me obrigues a ser justo e para que eu saiba perdoar mesmo até aos inimigos da revolução!».

Daniel Ortega decorara bem o seu discurso e desempenhou com inteligência o papel de Salomão, quando pediu a Deus capacidade para saber julgar, governar e perdoar; mas Bush ficou deveras surpreendido (talvez sobre como é que o líder sandinista não se atreveu a pedir riqueza e poder para acabar com os seus inimigos).

No decorrer do seu discurso, que durou mais de uma hora, Ortega frisou claramente que a partir do dia 26 de fevereiro a enorme dívida que os somozistas e os Contras têm para com o povo nicaraguense vai ser finalmente perdoada. Por outro lado, disse ainda que «não há razão para aplicar na Nicarágua a lei de olho por olho e dente por dente, pois não se deve actuar com alguém que já caiu há bastante tempo. O somozismo já não pode levantar-se porque foi bem liquidado».

Onde está Violeta?

Segundo o jornal "La Prensa", Violeta Chamorro continua a ser a única alternativa ao sandinismo. «A União Nacional Opositora é o único partido que pode tirar a Nicarágua da miséria. No tempo de Somoza sofríamos, é verdade, mas também não deixa de ser verdade que os nicaraguenses tinham alimentos para dar de comer aos seus filhos. Com Daniel Ortega só há miséria!» disse Violeta Chamorro na sua sede de candidatura. O diário La Prensa de ontem trazia na sua primeira página uma enorme foto de Chamorro e garantia que ela vai ser eleita presidente da Nicarágua.

Nos bairros pobres da periferia de Managua contactámos com alguns nicaraguenses que acreditam na vitória da UNO. Por outro lado disseram ainda que esta é a primeira vez que o povo nicaraguense se depara com umas eleições livres e democráticas.

"La Prensa" foi ainda mais longe e garantiu que no domingo a maioria silenciosa vai ter o poder de decisão e Violeta Chamorro vencerá as eleições, com 13, 3 por cento de vantagem sobre Dianel Ortega. Ou seja, segundo uma sondagem, que os sandinistas dizem não ter qualquer credibilidade, a UNO conseguirá 45,9 por cento dos votos e os sandinistas apenas 32,6 por cento. No domingo vamos ver até que ponto estes números podem corresponder à realidade.

J.P.

Gamosa

TAPEÇARIAS REVESTIMENTOS

CORTINAS DE BANDAS VERTICAIS ESTORES DE PALITOS

AV. JÚLIO DINIS, 2-C
1000 LISBOA TEL. 76 90 12

SERRA DA ESTRELA

Excursão dias 3 e 4 de Março c/partida de Lisboa.
Marcações pelo tel. 988 58 68.

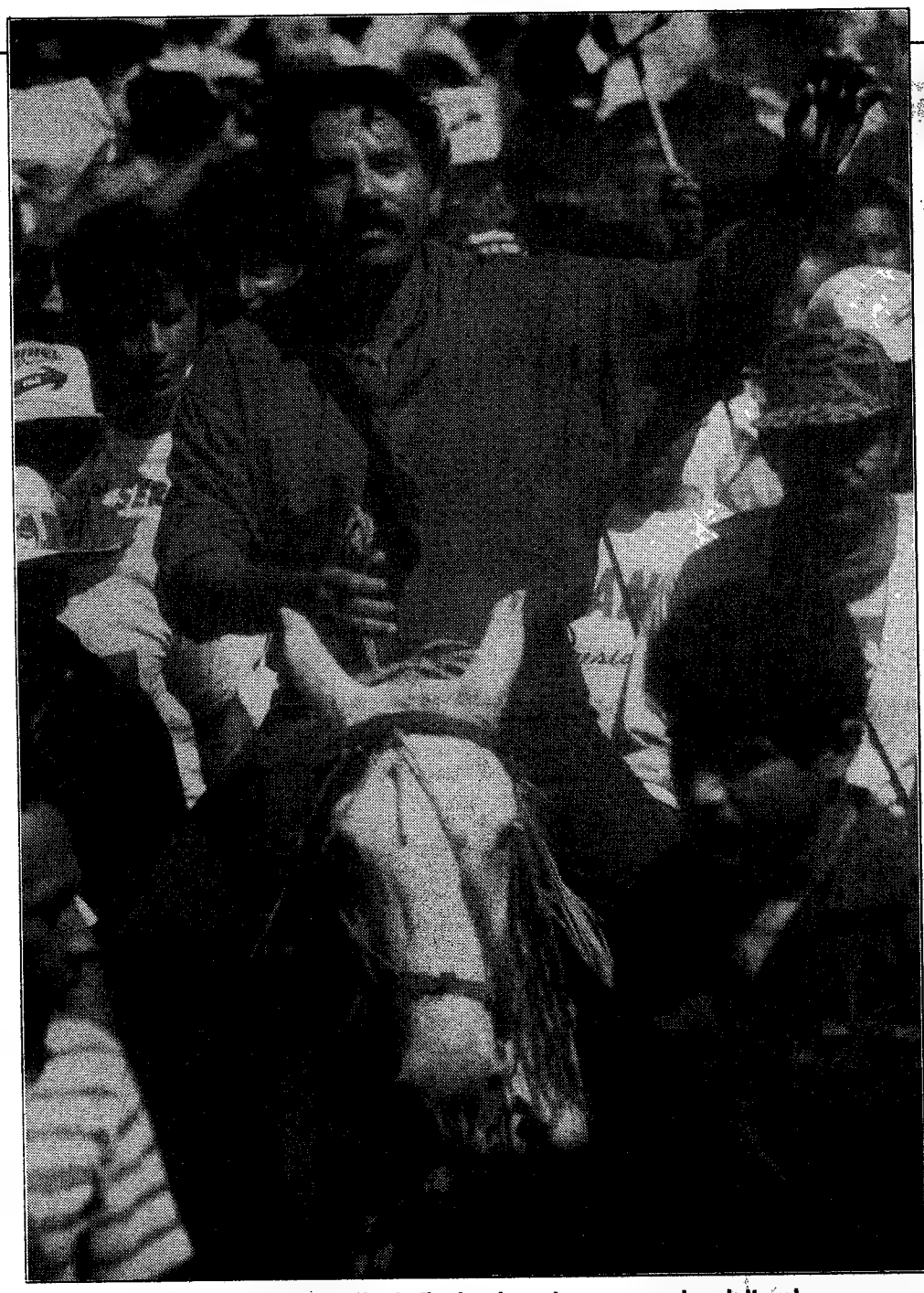
Perspectivas desoladoras

A importância das eleições do próximo domingo na Nicarágua é acentuada pela sua política externa, que se tem confrontado com os Estados Unidos e pela posição chave do país na América Central.

Parece não restarem dúvidas de que estas eleições serão tão democráticas como as primeiras e que decorrerão sob um rigoroso controlo internacional. Mas o contexto interno e externo nicaraguense dependerá da vitória da Frente Sandinista ou da vitória do partido mais poderoso da oposição, a União Nacional Oposicionista (UNO), encabeçada por Violeta Chamorro. Assim, na mais que provável hipótese de vencer a Frente Sandinista, é previsível que seja posta em prática uma política de conciliação nacional, que poderá ir até à proposta de um Governo de coligação. Por outro lado, continuará a política económica em vigor, que impõe a austeridade, o desemprego e baixos níveis salariais, enquanto a iniciativa privada será estimulada. Outra das prováveis consequências será a indignação e revolta popular, que retirarão à Frente Sandinista base de apoio social.

Internacionalmente, os sandinistas poderão modificar a sua política diplomática procurando apoios a vários níveis na social democracia europeia e fazendo os possíveis para que os EUA modifiquem a sua política de agressividade. Na hipótese longínqua de ganhar a oposição, a política interna da Nicarágua passará a centrar-se na perseguição aos sandinistas, na liquidação da reforma agrária e na entrega das empresas estatais a mãos privadas. Como é natural esta política encontrará também pela frente a resistência do povo nicaraguense. No plano externo, a subordinação à política externa dos EUA, será total. Uma coisa é certa. As perspectivas, em qualquer dos casos, não são animadoras para a população. No caso dos sandinistas, porque a sua política de conciliação os levará a tentar agradar a gregos e troianos; no caso da oposição, porque Violeta Chamorro é a representante dos «contra», dos EUA e dos donos das terras e empresas. Até quando o povo nicaraguense encontrará de vez a sua própria e verdadeira perspectiva é uma questão ainda sem resposta.

André Martin



Daniel Ortega, na vila de Darlo, durante a campanha eleitoral

afixar mais propaganda sandinista. O azul e branco de Violeta Chamorro mal se consegue ver. Ela optou por uma propaganda junto das pessoas mais pobres, ou seja, deslocou-se pessoalmente com os seus apoiantes até aos bairros mais pobres da periferia de Manágua

Violeta Chamorro, ao princípio conseguiu impor-se com uma certa autoridade política aos sandinistas. Mas nas últimas semanas da campanha a sua imagem caiu no ridículo, pelo simples facto de se apresentar nos comícios apoiada em muletas. Quanto aos seus discursos, podemos salientar aque ela afirmou sempre que foi e será a única alternativa capaz de enfrentar Daniel Ortega e o poderio sandinista. Com Violeta na presidência, os «orteguistas teriam de voltar para casa!». Mas será que isso vai acontecer na realidade? Eis a questão que se levanta aos analistas políticos presentes em Manágua.

Mas não foi só a candidata da UNO que caiu no descrédito. O próprio Daniel Ortega demonstrou pouca capacidade inovadora e preferiu optar por profundas reflexões políticas e prosseguiu com as tradicionais promessas de melhores condições de vida para todos os nicaraguenses. Os discursos dos candidatos caíram no vazio. A monotonia absorveu completamente Daniel Ortega e Violeta Chamorro, sendo estes incapazes de atrair a atenção dos 1600 jornalistas e mais de três mil observadores presentes na Nicaráguia.

De salientar que os sandinistas tiveram a ousadia de mobilizar 60 mil militantes para todo o país, com o objectivo de convencer as populações a votar na FSLN. Cada um dos militantes recebeu instruções precisas para visitar pessoalmente um número determinado de famílias, inteirar-se das suas necessidades, prometer um futuro melhor e por último convencê-los a votar em Daniel Ortega.

José Peixe

Uma experiência nova

Os nicaraguenses vão às urnas no domingo, tendo sobre si os olhos de milhares de observadores chegados de todos os continentes. Quando Daniel Ortega aceitou realizar eleições em troca do desmantelamento dos «contra», convidou imediatamente os organismos internacionais para verificarem o processo. É a garantia de que não haverá pretextos para que os derrotados se oponham pela força das armas aos resultados eleitorais.

Por causas históricas, não foi pacífico para a Nicarágua aceitar a decisão do Governo de convidar observadores estrangeiros, «alienando parte da sua soberania». A memória das eleições «supervigiadas» pelos Estados Unidos, incluindo, em alguns casos, a ocupação militar do país, é ainda muito viva para os nicaraguenses.

Mas como quem não deve, não teme, no domingo, cerca de três mil observadores, dos quais mil da ONU e os restantes da Organização dos Estados Americanos (OEA), do Parlamento Europeu e de uma delegação, presidida por Jimmy Carter, constituída por vários senadores norte-americanos e ex-presidentes da América Latina, estarão distribuídos pelas nove regiões em que se encontra dividido o país.

Abertura sem paralelo

A variada constituição dos grupos de observadores - a delegação da ONU é composta por observadores de 50 países - demonstra a peculariedade das eleições nicaraguenses. As portas foram abertas à comunidade internacional e esta flexibilidade e abertura, segundo alguns observadores, não tem parelelo em nenhum outro país da América Latina.

Para Leonel Zúniga, membro da delegação da OEA, «a verificação eleitoral que se está a realizar abre um importante precedente histórico na jurisprudência internacional».

Não é a primeira vez que a Nicarágua recorre a organismos internacionais para que o direito se imponha à força. A sentença do Tribunal Internacional de Haia de 1986, que condenou os EUA por violarem a lei internacional ao organizarem e financiarem a guerra dos «contra», constitui o maior êxito que a diplomacia nicaraguense alcançou nos últimos dez anos. Só que os EUA não reconheceram essa sentença e o direito internacional ficou a perder. Se o balanço da observação eleitoral for positivo - como tudo indica - a Nicarágua poderia servir de exemplo para o subcontinente além de dar um papel de maior relevo aos países membros da OEA para os processos de paz na região.

Segundo Angélica Hunt, da ONU, a Nicarágua é um bom exemplo de como revalorizar os pontos de partida da Carta das Nações Unidas: «uma abertura similar noutros países poderia contribuir de maneira significativa para consolidar a democracia.»

Referência para a solução de conflitos

A experiência sandinista, que recorre a eleições democráticas como via possível para a resolução ou saída alternativa a um conflito militar, pode vir a servir de referência para ajudar a resolver conflitos noutras regiões do mundo. Por isso estas eleições não podem ser vistas como mais umas iguais a tantas outras, porque se enraizaram numa dinâmica internacional que envolve organismos que regulam as relações entre os países. No próximo domingo, para além da credibilidade dos governantes nicaraguenses está em jogo a credibilidade de importantes organismos internacionais. O não reconhecimento, por qualquer das partes envolvidas, dos juízos emitidos por estes organismos debilitará o direito internacional e as suas instâncias reguladoras de conflitos e pacificação. Os EUA, tal como não reconheceram a sentença do Tribunal Internacional de Haia, poderão ser tentados, caso os sandinistas vençam, a recorrer a todos os pretextos para não aceitarem essa vitória e deslegitimizarem o acto eleitoral. Cabe à comunidade internacional ser firme nessa exigência.

António Marques, *membro do Grupo de Estudos e Solidariedade para a América Latina*

COMENTÁRIO

Um espinho na garganta do Tio Sam

As sondagens e o transbordante entusiasmo popular, de que se fizeram eco os numerosos jornalistas presentes em Manágua, são indícios fortes de que, mais uma vez, os sandinistas irão vencer as eleições de domingo. Não obstante a pequenez territorial e a debilidade económica, as repercussões de uma provável vitória de Ortega transcendem o âmbito nacional. A manutenção de uma política independente e profundamente inovadora, em tão delicada zona geopolítica, não é indiferente para o poderoso vizinho (os EUA). Com efeito, a administração norte-americana sempre se orientou no sentido de manter na zona governos dóceis. E essa determinação nem sempre visou a implantação da democracia, como o demonstra o apoio a regimes com um longo historial de violência e despotismo, como o caso de El Salvador, e Panamá, na fase em que Noriega não se atrevia a contestar os desígnios de Washington.

Com uma poderosa influência nos meios de Comunicação Social, os Estados Unidos lograram quase sempre impôr da Nicarágua uma imagem de férrea ditadura comunista. Isto porque o projecto sandinista surgiu como uma ameaça real à supremacia norte-americana na América Central, na medida em que propugna por uma independência efectiva, não alinhada na política de blocos.

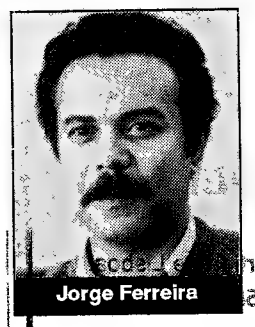
Implantado há dez anos, na sequência do derrube do ditador Somoza, o regime sandinista suprimiu a pena de morte, estabeleceu um pluralismo partidário e uma Assembleia Nacional. Mas viu sempre as suas tentativas de desenvolvimento económico e social frustradas por um duplo estrangulamento: por um lado, os "contras", financiados pelos EUA, e por outro, um total bloqueio económico por parte da administração norte-americana.

As primeiras eleições gerais pós-Somoza, que legitimaram a revolução sandinista, ocorreram em 1984, com a presença de 400 observadores internacionais. Mas os EUA sempre alegaram ter havido "fraude eleitoral", desprezando por completo cinco sentenças do Tribunal Internacional de Haia, que condenaram a sua ingerência nos assuntos da Nicarágua.

A supremacia sandinista na vida nicaraguense enraíza-se, não numa imposição, como Washington se tem esforçado por fazer crer, mas na estreita ligação com as populações e em consonância com os seus anseios. Por isso, a repetição da vitória (desta vez com a supervisão de mais de 1.500 observadores das instâncias internacionais) não constituirá propriamente uma surpresa.

O mais directo adversário da Frente Sandinista, a União Nacional Opositora, liderada por Violeta Chamorro, embora englobando um amplo leque de sensibilidades políticas, tem estreitas ligações com os "contra" e, directa ou indirectamente, com os Estados Unidos. Este será, porventura, o calcanhar de Aquiles de Chamorro.

A trágica realidade da actuação dos "contras" na Nicarágua, que deixou no terreno vários milhares de mortos, é em parte atribuída ao obsessivo apoio dos Estados Unidos. O trajecto desses rebeldes é curioso: de "ex-guardas somozistas", passaram, através de um tratamento cosmético promovido pela Casa Branca, a "resistentes nicaraguenses" e a "contras", com o fito de lhes conferir maior credibilidade internacional. Reagan, mais do que Bush, foi um acérrimo defensor dos "contras". E agora, que no horizonte se desenha uma nova vitória sandinista, a questão fundamental que se coloca é a de se os Estados Unidos irão respeitar o veredicto popular. Face à nova política soviética e não podendo voltar a invocar "fraudes", Washington ver-se-á certamente, a contra-gosto, na situação de ter de rever as suas posições em relação à Nicarágua, sob pena de tornar mais evidente os seus mal encobertos desígnios.



Jorge Ferreira

QUOTIDIANO

Publicis-Lisboa

Trabalhadores recebem cartas de despedimento

Os trabalhadores da Publicis-Lisboa receberam, quarta-feira, cartas registadas, em nome da Publimundo Publicidade, Lda. e assinadas pelo respectivo gerente, informando-os da caducidade do seu contrato de trabalho com aquela empresa, ao abrigo da nova lei de despedimentos - disse ao DL uma fonte do Sindicato do Comércio Escritórios e Serviços.

«Declaramos verificada a caducidade do contrato de trabalho que o ligava à nossa sociedade nos termos do artigo 4 alínea b) do Decreto-Lei 84-A/89, de 27-2-89. Por impossibilidade superveniente absoluta e definitiva de a entidade empregadora receber o trabalho com as consequências legais»- referia a carta.

Para o Sindicato trata-se de «um despedimento colectivo disfarçado. Eles teriam que preencher uma série de formalidades que não cumpriram, designadamente com o Ministério do Emprego e Segurança Social.».

O sindicato afirmou ao «DL» que «irá accionar todos os mecanismos legais para repor a legalidade neste processo».

Assembleia fixou máximos para empreitadas

Vereadores de Lisboa têm mais poder

A Assembleia Municipal de Lisboa aprovou ontem a proposta que delega no executivo da Câmara Municipal de Lisboa a competência para aprovar projectos de valor inferior a cem mil contos, sem concurso público. Foi ainda decidido, por unanimidade, criar uma comissão no âmbito da assembleia que acompanhe os actos do exectutivo municipal.

A comissão eventual de finanças e administração terá que informar a Assembleia Municipal sobre empreitadas, contratos de fornecimento e prestação de serviços em que, ao abrigo da proposta ontem aprovada, não seja necessário realizar qualquer concurso público.

Esta comissão, que integra representantes de todos os agrupamentos políticos, irá «apresentar trimestralmente um relatório no qual deve formular recomendações, sugestões e críticas que entenda pertinentes».

Recorde-se que a delegação de competências no executivo camarário suscitou uma certa polémica entre os deputados municipais, designadamente do PSD e do CDS, na primeira sessão da Assembleia Municipal.

Até à data, o presidente da CML só podia aprovar projectos cujo valor não ultrapassasse os 50 mil contos.

Com esta proposta aprovada, o actual executivo camarário passa a definir todas as empreitadas até cem mil contos e fornecimentos até 50 mil contos.

Outra proposta aprovada aponta para a criação de um departamento municipal de reabilitação urbana das zonas históricas de Lisboa.

A Assembleia Municipal aprovou também a criação da Direcção de Projecto de Planeamento Estratégico, na dependência do presidente da Câmara, que lançará as bases para o plano director municipal.

A criação deste departamento gerou algumas críticas por parte da oposição, nomeadamente do PSD e CDS, que o classificam como «mais um departamento municipal que só servirá para resolver o problema da inflacção dos quadros camarários».

Custo de alternativos à CP

8,5 mil em vez de 85 mil

Na nossa edição de ontem, um lamentável lapso, de que nos penitenciamos, levou-nos a induzir em erro os leitores. Referimo-nos ao artigo, com chamada na primeira página, relativo ao custo do aluguer de transportes alternativos por ocasião da greve dos maquinistas da CP.

De facto, onde se lê 85 mil contos/dia deveria ler-se 8,5 mil contos/dia, conforme se deduz dos dados constantes do artigo. Do lapso involuntário pedimos desculpa à CP e aos nossos leitores.

Voz do Operário tem festa de anos

A Voz do Operário existe há 107 anos e comemora hoje o dia da sua fundação. Raul Esteves dos Santos, um dos sócios fundadores, vai ser lembrado através de uma exposição retrospectiva. A sua vida e trajecto numa das mais antigas colectividades de Lisboa e no movimento associativo em geral poderão ser conhecidas por todos quantos se deslocarem, à noite, à Voz do Operário. Recordar a história de Raul Santos vai ser, também, recordar a história da própria associação.

Duas outras exposições serão inauguradas, hoje, depois do jantar de aniversário. Telas coloridas e velharias vão estar, lado a lado, na Voz do Operário e Glória Lucena, uma das responsáveis pela colectividade, garante haver motivos mais do que suficientes para comemorar.

Formação profissional contempla deficientes

Cerca de 25.500 deficientes deverão ser abrangidos, até 1993, pelos dois programas que lhes são exclusivamente destinados, no quadro da política de formação profissional e da promoção do emprego do Governo, afirmou esta manhã o ministro Silva Peneda, durante a tomada de posse da nova secretária Nacional de Reabilitação, Guida Faria.

O ministro do Emprego e Formação Profissional, depois de se referir às medidas que o Governo de que é membro tem tomado no âmbito do apoio às pessoas deficientes, salientou a conclusão de «uma reforma que visa satisfazer as necessidades de formação de largas camadas de população activa, facilitar a entrada de jovens no mundo do trabalho e reforçar a qualificação de quadros intermédios».

Esta reforma, segundo Silva Peneda, compreende 14 programas, dos quais dois são dedicados excluvivamente a deficientes, e cujos eixos estratégicos são «desenvolver modelos de formação profissional que correspondam às necessidades das pessoas deficientes e permitam estruturar vários níveis de saída facilitando o acesso ao emprego» e «sensibilizar e apoiar financeiramente os empregadores para o emprego de pessoas deficientes».

É no conjunto deste dois programas que o ministro espera que seja abrangido aquele número de deficientes, para cuja a sua aplicação estima um financiamneto «não inferior a 20 milhões de contos, provenientes do Fundo Social Europeu».

O Secretariado Nacional de Reabilitação, criado em 1977, exerce as suas funções no sector público, embora o ministro saliente a importância da conjugação dos esforços estatais com os de entidades privadas.

Lotaria Nacional

5ª EXTRACÇAO

NUMEROS PREMIADOS

35 998 - 70 000 contos
64 178 - 12 000 contos
45 201 - 3 000 contos

APROXIMAÇÕES AO 1º PREMIO

35 997 - 750 000$00
35 999 - 750 000$00

APROXIMAÇÕES AO 2º PRÉMIO

64 177 - 350 000$00
64 179 - 350 000$00

APROXIMAÇÕES AO 3º PRÉMIO

45 200 - 157 250$00
45 202 - 157 250$00

PREMIOS DE 1 000 CONTOS

3 858; 4 777; 8 534; 14 199; 14 476;

26 633; 33 097; 43 087; 50 007 e 58 454

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

1 000 000$00 - 0 509 Fracção nº 10
300 000$00 - 998
60 000$00 - 178
30 000$00 - 201
15 000$00 - 027; 242; 350; 543 e 568
7 000$00 - 7 e 8

PREMIOS DE CENTENAS

20 000$00 - 35 901 a 36 000
12 500$00 - 64 101 a 64 200
10 000$00 - 45 202 a 45 300

Departamento de Comunicação Social — UNL
Sindicato dos Jornalistas

CURSO

DE CURTA DURAÇÃO

TEORIA

DA

NOTÍCIA

5 a 28 de Março de 1990
(2.as e 4.as feiras)

Inscrições no Sindicato dos Jornalistas
Rua dos Duques de Bragança 7, 2.º — Lisboa

LATINA — Agência de Publicidade, SA
Sede Social: R. Duque de Palmela, 2 - 2.º Dt.º — LISBOA
Capital Social: 19 500 000$00
Matrículada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa n.º 32 749

ASSEMBLEIA GERAL ANUAL

CONVOCATÓRIA

É convocada a Assembleia Geral Anual desta Sociedade para se reunir na Sede Social no dia 23 de Março de 1990 pelas 15 horas a fim de:

1 — Deliberar sobre o relatório de gestão e as contas relativas ao exercício de 1989.
2 — Deliberar sobre a proposta de aplicação de resultados.
3 — Proceder à eleição dos membros da Mesa da Assembleia Geral, Conselho Fiscal, Conselho de Administração e Comissão a que se refere o artigo 21 dos Estatutos.
4 — Questões diversas.

Lisboa, 7 de Fevereiro de 1990

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Miguel Gentil Quina

MARITUR
SOC. DE EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS MARÍTIMOS, SARL

CONVOCATÓRIA

Convoco os Senhores Accionistas, para reunirem em Assembleia Geral anual, no dia 30 de Março, pelas 14.30, na Avenida da República n.º 38 (Clube de Empresários) com a seguinte

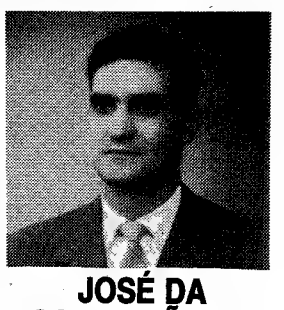
ORDEM DO DIA

1. Discutir, modificar ou aprovar o Balanço, Contas e Relatórios dos Conselhos de Administração e Fiscal, relativos a exercício de 1989.
2. Deliberar sobre eleição de Corpos Gerentes.

Lisboa, 21 de Fevereiro de 1990

Um Administrador

Francisco da Costa Reis



JOSÉ DA CONCEIÇÃO DE CASTRO

Faleceu

Democrata que lutou toda a vida pela liberdade do seu país, passou a maior parte da sua juventude preso na Fortaleza de S. João Baptista — Açores. Nunca desistindo dos seus ideais, teve sempre o apreço daqueles com quem conviveu.

Eterna saudade de sua filha ANA CASTRO.

QUOTIDIANO

Ataque à burocracia

A administração local está a ser alvo de uma experiência piloto que visa desburocratizar o funcionamento das câmaras

Nove municípios portugueses estão a ser objecto de um programa experimental para a desburocratização, com a duração de 18 meses, da responsabilidade de uma equipa nomeada pelo secretário de Estado da Administração Local e do Ordenamento do Território, Nunes Liberato, em despacho datado de Outubro de 1989.

O «Programa de Modernização e Desburocratização dos Serviços Municipais» divide-se em três fases. A primeira, que está a decorrer (teve início em Janeiro de 1990 e termina no final do presente mês), «arrancou em força», como referiu ao «DL» Macedo e Sousa, assessor da Secretaria de Estado da Administração Local e do Ordenamento do Território (SEALOT) Este primeiro período visa o planeamento dos trabalhos, o estabelecimento dos contactos com as câmaras «piloto» e com as entidades mais directamente interessadas e ligadas a este projecto - como é o caso da SEALOT, das comissões de coordenação das várias regiões, as direcções-gerais do ordenamento do território e da administração autárquica (DGOT e DGAA).

Desta longa lista, fazem ainda parte a Secretaria de Estado da Modernização Administrativa, obviamente todas as restantes autarquias locais e a ANMP (Associação Nacional dos Municípios Portugueses), algumas universidades, a Associação dos Técnicos Administrativos Municipais (ATAM) e o Centro de Estudos e Formação Autárquica (CEFA).

A segunda fase, que decorrerá entre Março e Dezembro de 90, será a mais importante, em termos de conteúdo, já que será nesta altura que se levarão a cabo as iniciativas de carácter inovativo na área da desburocratização. As acções a desenvolver podem agrupar-se, genericamente, ao nível do funcionamento interno dos serviços, ao nível dos circuitos, processos e formalidades e do contacto directo com o público. Todo este processo será devidamente avaliado e acompanhado pela equipa responsável pelo projecto.

A terceira fase, entre Outubro de 1990 e Junho de 1991, terá por função realizar o registo bibliográfico e videográfico e divulgar, por todas as câmaras municipais, as experiências consideradas válidas.

A escolha das câmaras «piloto» (v. quadro) obedeceu a um critério que tem por objectivo dar ao projecto um âmbito e um significado nacionais. Para isso, foram escolhidos municípios de várias regiões e com características, dimensões e gestões partidárias diferentes.

Ordenamento do território

O ordenamento do teritório - prioridade das prioridades da Secretaria de Estado, a par da desburocratização, como salientou Macedo e Sousa - é, também, objecto de um programa de simplificação de processos. A experiência decorre nas nove câmaras municipais «piloto» e abrange os campos da gestão urbanística, loteamentos, planos municipais e expropriações. O objectivo principal é simplificar e flexibilizar o relacionamento dos clientes (cidadãos ou empresas) com a administração. Este programa terá, também, a duração de 18 meses.

A Equipa do Projecto para a Desburocratização (EPD), da SEALOT, surgiu da necessidade de adaptar, às áreas específicas das autarquias e do ordenamento, as directivas de carácter geral contidas no «Programa Interministerial de Desburocratização» aprovado pela resolução do Conselho de Ministros nº 11/88, de 26 de Março.

A actual EPD, nomeada por despacho de Nunes Liberato, de Outubro de 1989, é constituída por um coordenador, Armando Pereira, e por dois técnicos, ficando um responsável pela área das autarquias e outro pela área dos serviços dependentes da SEALOT.

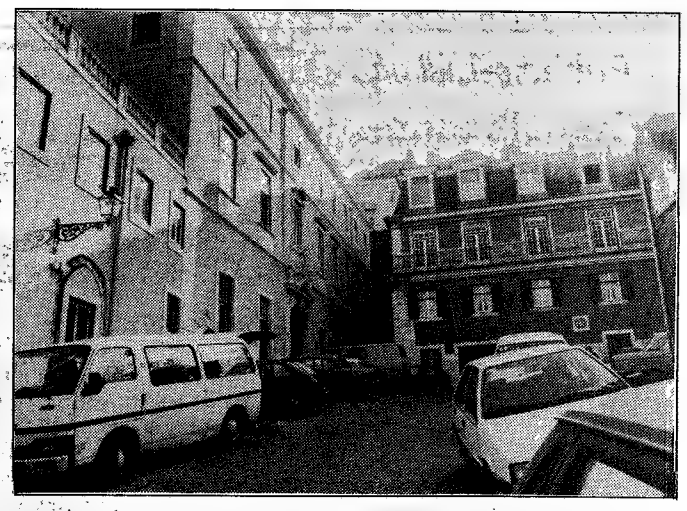
Experiências pioneiras em Sintra e Cascais

Ao contrário do que se possa pensar, os projectos de desburocratização e simplificação de processos que estão actualmente a ser postos em prática não são inéditos. Em 1988, iniciaram-se programas experimentais nos municípios de Sintra e Cascais sob a direcção de uma outra EPD.

Na Câmara Municipal de Sintra as acções começaram no dia 27 de Outubro de 1988 e, de entre muitas dezenas de medidas, cabe destacar o atendimento ao público nas horas de almoço, o atendimento personalizado, a consulta de processos presencial, a aquisição de seis aparelhos de telex, a criação de uma linha telefónica «azul» a funcionar durante 24 horas, a redução do número de impressos e ofícios administrativos de mil para 64, a venda de selos fiscais na tesouraria da Câmara e a obrigatoriedade do uso de cartões de identificação. Na Câmara Municipal de Cascais, por seu turno, o programa começou em 7 de Dezembro de 1988 e como acções mais relevantes podem referir—se a experiência de desconcentração administrativa realizada com a Junta de Freguesia de Alcabideche e que levou à possibilidade de recebimento dos recibos do pagamento da água na própria Junta e ao alargamento do horário com abertura na hora do almoço e funcionamento aos sábados. Quanto às medidas levadas a efeito na própria câmara, elas são, essencialmente, as mesmas levadas a efeito em Sintra.

Mário Rocha

CONCELHOS	REGIÃO	DIMENSÃO	FORÇA POLÍTICA
Vila Real	Norte	Médio	PS
Matosinhos	Norte	Grande	PSD
Espinho	Norte	Médio	CDS
Albergaria-a-Velha	Centro	Pequeno	CDS
Mangualde	Centro	Médio	PS
Vila Franca de Xira	LX/V. Tejo	Grande	CDU
Cascais	LX/V. Tejo	Grande	PSD
Nisa	Alentejo	Pequeno	CDU
Castro Marim	Algarve	Pequeno	PS



Um arquitecto vai devolver às pessoas o espaço que no Largo da Rosa lhes está actualmente roubado pelos automóveis

Passeios mais altos para o Largo da Rosa

O Largo da Rosa, na Mouraria, vai ter uma configuração diferente. Passeios elevados, para os peões, estilo varandas, vão imprimir um cunho original ao velho bairro lisboeta. «Devolver às pessoas o espaço que lhes estava a ser roubado pelos automóveis é um dos objectivos principais do nosso projecto. Visitámos o local e achámos que peões e veículos podem conviver sem conflitos. Por isso, trabalhámos esta hipótese: um desnível entre o plano do percurso pedestre e o plano da rua» — afirmou ao «DL» o coordenador da equipa vencedora do concurso de ideias para a recuperação urbanística do Largo da Rosa, o arquitecto paisagista Carlos Correia Dias, de 28 anos.

«O peão já não estava no Largo da Rosa apenas passava por lá, também não tinha espaço. Foi esta perspectiva que realçámos. De resto, respeitámos a traça dos edifícios existentes e acrescentámos algum equipamento simples, como por exemplo, bancos» - referiu ainda Carlos Correia Dias.

Este concurso, cuja cerimónia de entrega de prémios teve lugar ontem na Câmara Municipal de Lisboa, contemplou ainda a arquitecta paisagista Isabel Coutinho Guardado, com o segundo prémio, e o arquitecto Ricardo Alarcão, com o terceiro. Os três prémios têm, respectivamente, o valor de mil contos, 600 e 400 contos. O júri, que analisou as oito propostas apresentadas, era constituído pelo vereador responsável pelo pelouro da recuperação dos núcleos históricos da cidade de Lisboa, Rui Godinho, e pelos arquitectos Raul Hestnes Ferreira, Formosinho Sanches, João Sousa Lino, João Reis Gomes, Maria Graça Saraiva e Leopoldo Kriner.

«Para chegar à uma conclusão o júri reuniu-se quatro vezes, verificou a actual situação do Largo da Rosa e contrastou as soluções com a realidade» - disse Rui Godinho. Para este vereador, o projecto de Carlos Correia Dias venceu porque conseguiu inserir-se no espírito do concurso e responder da melhor forma ao que se pretendia para a recuperação do Largo da Rosa.

As obras de recuperação, segundo informou o vereador responsável pela reabilitação urbanística de Lisboa, iniciar-se-ão este ano.

B R E V E S

Centro de Estudos Libertários debate pena de morte

O Centro de Estudos Libertários promove a realização, amanhã, duma conferência sobre o tema «Pena de morte». É palestrante, nesta iniciativa do editor de «A Batalha», Simões Monteiro, membro da direcção da Secção Portuguesa da Amnistia Internacional. No comunicado anunciador da conferência, os seus promotores afirmam esperar «uma activa participação da assistência no debate subsequente».

Director do Linhó suspenso de funções

O director da cadeia do Linhó, Adolfo Teixeira, está suspenso para averiguação sobre a sua responsabilidade na prática de sevícias aos detidos, revelou uma fonte do gabinete do director-geral dos Serviços Prisionais. «Estamos a apurar a prova da responsabilidade do director em eventuais graves procedimentos no pavilhão de segurança e nas respectivas celas disciplinares do Linhó no último semestre de 1989», explicou a mesma fonte.

Concurso em Macau sujeito a inquérito

O procurador-geral da República determinou a abertura de um inquérito sobre o concurso de adjudicação de obras do aeroporto de Macau. «Não dispondo, neste momento, de outros elementos senão os veiculados pela Comunicação Social, entende o procurador-geral da República, mesmo assim, não dever abster-se de intervir na defesa da legalidade e no próprio interesse da dignidade e bom nome da administração do território de Macau», refere uma nota do gabinete do procurador-geral. A nota justifica a abertura do inquérito com uma reportagem inserida na edição da semana passada do semanário «O Independente» sobre a actuação da administração púlica no concurso de adjudicação de obras no referido aeroporto.

«Ponte» no Carnaval vedada a funcionários

Os funcionários públicos e agentes do Estado têm direito a feriado na terça-feira de Carnaval, dia 27, mas não podem fazer «ponte» na segunda-feira ou ser dispensados na quarta-feira de cinzas.

Esta determinação consta de um despacho do primeiro-ministro, Cavaco Silva, divulgado ontem, ao abrigo do decreto-lei 335/77, de 13 de Agosto.

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DA AMADORA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos do disposto no Art. 22.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária, a reunir na Sede da Associação, sita à Rua Elias Garcia, 121 — Amadora, para o próximo dia 9 de Março P.F. (6.ª feira), pelas 20.30h, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHO

Apreciar e votar o Relatório e Contas da Gerência de 1989.

Não havendo o número legal de sócios, fica desde já convocada segunda reunião para o mesmo dia, pelas 21.30h, nos termos do § único do Art. 24.º, sendo então válidas as resoluções que vierem a ser tomadas, seja qual for o número de sócios presentes.

Amadora, 20 de Fevereiro de 1990

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

António Vasco Alves Marques

Carnaval

Festa para todos

Mais ou menos animado, popular ou sofisticado, o Carnaval aí está com bulício nas ruas, nas salas de espectáculos ou em casa do habitualmente pacato cidadão, um pouco por todo esse país.

Há Carnaval para todos os gostos e, como começa a tornar-se tradição, não faltam as televisivas vedetas brasileiras em carne e osso (algumas com muita carne) a presidirem aos festejos e aos corsos.

Entrudo com sol prometido por S. Pedro e um balde de água fria, oferta de S. Bento: não haverá «ponte» de feriados para os funcionários públicos. Foliar, só na terça-feira.

Ora vejamos por onde vai exercer a sua soberania o bonacheirão Rei Momo. Muito pouco pelo Norte setentrional, onde as festas se ficam praticamente pelas casas de espectáculos. O Carnaval, verdadeiramente, só começa pelo distrito de Aveiro. A Associação de Carnaval da Bairrada promove, na Mealhada, o Carnaval para a Criança, com grande participação infantil, fantasias carnavalescas, carros alegóricos, grupos musicais e uma merenda-convívio. Ali perto, em Estarreja, haverá, no domingo idêntico cortejo infantil, com bandas de música, um desfile de escolas de samba e provocatório discurso do príncipe real «Zé Farelo III». O grande dia, porém, será o do corso de terça-feira. Em Aveiro, propriamente, o Carnaval reaparece, no domingo, depois de longo silêncio, com bandas, fanfarras e centenas de figurantes.

Diferente será o Entrudo de Pedorido, no concelho de Castelo de Paiva, onde, além de desfile carnavalesco, haverá acções culturais e recreativas e, no último dia, o cortejo fúnebre do enterro do Carnaval, lançado em chamas ao Douro, com o acompanhamento de um «grupo de choradeiras» e anunciantes da cerimónia com rudimentares instrumentos de chifres de boi.

Em Torres Vedras, o ponto alto das festas são os tradicionais corsos de domingo e terça-feira, que costumam levar à Região do Oeste milhares de visitantes. Os reis da festa serão «D. Ecu.I» e «Dona Zé É É». Também nos mesmos dias haverá corsos em Tomar e bailes no Parque de Exposições com a presença das vedetas das telenovelas Lídia Brondi, a Solange de «Vale Tudo» e a Tânia de «Roque Santeiro», e Pedro César Grande, o Franquelim de «Vale Tudo» e Pedro de «Brega & Chique».

Em Lisboa não há muita coisa. Quatro dias de circo no Coliseu, um espectáculo no domingo no Jardim Zoológico. Mas pode-se ir ao Casino do Estoril, onde actuam Fafá de Belém e Miltinho com a orquestra Tabajara.

Porém, basta atravessar o Tejo para as coisas animarem. Em Samora Correia, a vedeta será Mayara Magri, a das telenovelas «D. Beija» e «Amor com Amor se Paga». Haverá corso domingo e terça-feira, baile na noite de 27, e enterro do sr. Entrudo na quarta-feira. Para ser diferente, o Montijo escolheu uma rainha portuguesa, a actriz Rita Ribeiro. Haverá corso com carros alegóricos, escolas de samba e grupos carnavalescos. O Samouco também escolheu uma rainha nacional, a cançonetista Ana, para o seu corso, com todos os condimentos habituais. Barreiro, Seixal e Corroios reservam o seu Carnaval para as crianças das escolas com festas de convívio. Mas em Almada e na Chamusca também haverá corsos na Terça-Feira Gorda.

Em Sesimbra, além de corso com escolas de samba, retomam-se as tradicionais cegadas , com representações em quase todo o concelho. Sines terá também o seu Carnaval, com um investimento de 25 mil contos. O corso terá como rainha a actriz Aldine Muller, da telenovela «Sassaricando». Haverá numerosas provas desportivas, entre as quais o campeonato europeu de velocidade em patins.

Évora vai, além do corso, retomar a tradicional *Brinca de Peramanca* e uma apetitosa Semana do Porco, com migas, rechina, carne de porco à alentejana (que, aliás, é algarvia), pezinhos de coentrada e outros pitéus. Em Elvas serão atracção os corsos de domingo e terça-feira, com grupos de mascarados e escolas de samba, além de bailes nocturnos com a actuação de palhaços.

Loulé decidiu, este ano, alargar o Carnaval a todo o concelho, centrando-se as atenções, todavia, nos corsos de domingo e terça-feira, em que actuam, como principal atracção, grupos brasileiros de animação.

O Funchal terá, igualmente os seus festejos, com um cortejo alegórico no domingo e um outro trapalhão na terça.

Decadente em muitos pontos, o Entrudo ainda consegue manter parte da sua antiga aura

Chega-nos da profundidade dos tempos, de memória tão antiga que lhe esquecemos o real significado. Inicialmente, quando o homem apenas começava a praticar a agricultura, o Carnaval era representado por um conjunto de rituais relacionados com a chegada da Primavera, traduzido por ritos de fecundidade da terra.

De um ponto de vista religioso e antropológico, o Carnaval representa um período de renovação. Trás consigo um temporário período de desordem, colocando no trono um rei efémero a substituir a autoridade estabelecida e, por meio da máscara, desvia e transforma o sentido e a expressão de um rosto, desorganizando a identidade da própria humanidade.

Depois, virá a solene restauração da velha ordem, o mundo pode voltar a entrar nos seus eixos. O Carnaval é, assim, um festival que celebra a morte do Ano Velho e o início de um outro, um recomeçar de vida.

Os romanos iriam criar a expressão *carni vale* (literalmente: adeus carne), precisamente porque se vai iniciar um período em que as fêmeas de caprinos e ovinos entram em gravidez, tornando-se impossível abatê-las. O que não os impedia de se entregarem desenfreadamente a actividades de reprodução humana, nas suas saturnais e bacanais, celebradas também neste período.

Este carácter mágico e simbólico perde-se com o Cristianismo, que passou a designar estas festividades por Entrudo, termo hoje em desuso nas grandes cidades, mas ainda frequente no interior da Província. O Entrudo (também etimologicamente) significa a entrada, a porta aberta para o período sombrio de reflexão da Quaresma que vai seguir-se.

Embora esteja ligado ao calendário litúrgico, o Carnaval teve enorme dificuldade em receber o reconhecimento oficial da Igreja, mas, de qualquer maneira, até ao século XIX constituiu uma das festas populares mais notáveis de grande parte da Europa. A partir daí entrou em franca decadência, que, todos os anos, saudosos cronistas não se cansam de assinalar.

Sob a influência do Cristianismo, como na velha Roma, o Carnaval representa a última oportunidade de se comer carne durante os futuros 40 dias, o que sempre acabou por se traduzir em enormes empanturranços, cuja vítima principal é o porco caseiro, constante animador, bem contra sua vontade, das festanças do povo português. Acabada a Quaresma, voltará a carne, agora mais espiritualmente, com o seráfico carneiro, o *agnus dei* que limpa os pecados do mundo.

Por sua vez, o hábito das máscaras é quase recente, permitindo um maior à vontade neste mundo às avessas que são os dias de Carnaval. Surgiram com os bailes de máscaras em França, no século XVIII e não tardaram a saltar para a rua, transformando-se num dos principais motivos de folia, a loucura, para nos mantermos dentro da etimologia.

Por esse mundo fora, vários carnavais atingiram uma repercussão que largamente ultrapassava as fronteiras nacionais.

Em Itália, por exemplo, foram célebres os de Florença, Roma e, sobretudo o de Veneza. Hoje, os italianos contentam-se com as batalhas de flores de Viareggio e San Remo, que não passam de meras atracções turísticas

Na Bélgica, o Carnaval dá pelo nome de *Binche* e a sua principal atracção é o arremesso de laranjas (às quais se atribuem propriedades propiciatórias de todas as felicidades e que correspondem ao apelido da famíla reinante — *Orange*) pelos *gilles* , foliões trajando magníficas roupagens multicoloridas.

Em França, por muito tempo se mantiveram as velhas tradições medievais dos carnavais da Provença, da Borgonha e da Bretanha, hoje quase esquecidos. Mantém-se o de Nice, actualmente de modestas proporções, mas que, até à última conflagração mundial, era famoso pela sua sumptuosidade.

Na Alemanha e na Suíça germânica, o Carnaval também recebe o crisma de *Fastnachtspiel* , ingénuo divertimento que consiste na constituição de pequenos grupos que andam de porta em porta, representando singelos actos cómicos. No entanto, o Carnaval de Munique mantém ainda muito da sua antiga aura.

Da Europa, o Carnaval alastrou para as Américas. O de Nova Orleães, por exemplo, é mundialmente famoso.

Na parte latina do Novo Mundo, não devem esquecer-se os carnavais do Peru, com a curiosidade de retomar cerimónias nativas dos antigos habitantes da região andina, bem como os da Bolívia e do México, com características semelhantes.

Faltaria apenas citar o do Rio de Janeiro, esses dias de loucura colectiva em que tudo é permitido. Mas esse é bem familiar de todos os portugueses

Roby Amorim

Transgressões i

Ou a crítica a um Carnaval grosseiro, arre porcalhão e velhaco. Há 65 anos...nas pág

«O Carnaval português, plebeu e triste, não possui genealogia. É uma espécie de enjeitado, um filho de pais incógnitos. Não aprendeu sequer o abêcê da alegria e viveu sempre à matroca - como um pária. A Civilização, que é uma fada caprichosa, não quis nunca tocar-lhe com a varinha dos milagres. E o pobre diabo, esfarrapado, lazarento, imbecil, há muitos anos que anda a pedir a morte, aos uivos, como os cães que, em noites tenebrosas, pressagiam desgraças...

Todos o acham repelente, abominável, moribundo. Mas ninguém o elimina, por caridade. Pelo contrário. Deixam-no contorcer-se entre apupos, disforme, com as chagas a rastejar pela lama das ruas, erótico e obsceno como um doido atraído pela satiríase mais feroz. Em redor dele, a ala dos namorados da esturdia, que é composta por muitos portugueses de lei, entoa gravemente um coro de lamentações e de saudades. Mas ninguém tem a galhardia de ajudá-lo a soerguer-se nem o valor de o reduzir a cinzas no forno crematório do esquecimento...

Em terras estranhas não se procede assim.

Em terras estranhas, nos ambientes de civilização e de requinte, o Carnaval foi, noutros tempos, um estoura-vergas impertinente e bulhento, amando a cabriola e a momice, a intriga e a judiaria, o espalhafato e o disfarce. Talvez por isso, por ser brigão e atrevido, tresloucado e instável, foi sempre para as mulheres o «desejado», o demónio tentador capaz de conduzi-la, em rodopio, ao chamejante inferno da vida, para elas misteriosa e fascinante como o fruto proibido...

Sozinho, entregue aos seus instintos e à sua loucura, o Carnaval era grosseiro e impúdico, arrebatado e insulso, porcalhão e velhaco. Não tinha espírito - tinha maldade. Não se mostrava

al: o adeus à carne

Color de Mello é uma das vedetas do carnaval do Rio de Janeiro, onde tudo é permitido

Das páginas da História

Alguns estranhos carnavais não têm dúvidas em misturar a História com a diversão própria dos seus quatro festivos dias. Bem se sabe como as escolas de samba do Rio de Janeiro gostam de figurar grandes momentos da vida do país nos seus corsos carnavalescos.

Em outros sítios vai-se mais longe. Como na aldeia francesa de Cournonterral, cerca de Avinhão, onde a Revolução Francesa regressa à vida durante o Entrudo. A pacata população de vinhateiros, divide-se em dois grupos, os «camponeses» e os «brancos», estes a representarem os nobres do *Ancien Régime* . Sobre eles vai cair, como em 1789, a ira do povo reprimido e os infelizes «aristocratas» são corridos da povoação por uma saraivada de panos encharcados em vinho, que, se não fazem mossa, provocam voltas etílicas à cabeça. À noite, todos se reunem, em boa camaradagem... para mais uns copos.

Na Itália, em Ivrea, nas vizinhanças de Turim, uma batalha de laranjas celebra outro facto histórico ou lendário. Por volta do ano de 1300, uma bela moleira teria vingado a sua honra ultrajada, matando o prepotente marquês de Monferrato, o que também serviu para libertar a povoação do tirano feudal. E coisas destas não se esquecem.

R.A.

impúdicas

arrebatado e insulso, páginas do «DL»

las de n o zas do

se

nos de foi, um nte bri- e a e o por do, foi s o en- -la, nte las mo

eus , o e in- co. nha ava

elegante - mostrava-se grotesco. Não espalhava alegria - espalhava terror. Mas as mulheres, que o amavam por ele ser buliçoso e viril, estouvado e sensual, por ele ter vícios e parecer o demónio, transformaram-no, a pouco e pouco, sem querer, pela influência mágica da sua sensibilidade, num ser esbelto e delicado, espirituoso e vivaz, brincalhão e mundano, com o culto feminino das flores e dos perfumes...

Também, se as mulheres da nossa terra quisessem, o Carnaval português, entorpecido, soez, nauseabundo, farrapo de tradição cosido à alma da gentalha, podia voltar à vida num instante, rejuvenescer, tornar-se limpo, gracioso, decente, sem perder as características da raça, que é, ao mesmo tempo, varonil e sentimental. Bastava que elas sentissem piedade e ternura pelo velho jogral exânime, para que ele se reanimasse e se civilizasse de repente. Bastava que elas quisessem realizar um sonho de beleza e alegria, neste lago sem cisnes que é o nosso Portugal, para que Deus lhes concedesse poderes sobrenaturais. De resto, ninguém resiste, em terras lusas. à gracilidade e ao coração de uma mulher. Ninguém. Nem o próprio Carnaval, que é o mais insensato e convencional de todos os seres...»

Vítor Falcão
(in «Diário de Lisboa», 25/ 2 / 1925)

Enfim ! Vai tudo mudado. Acabou o corso do Chiado, a dança da Bica, as cegadas com pompa, os entremezes...

Nostalgias

«O Entrudo foi-se embora, ao fim de quatro dias, como todos os anos. Temos para nós que o Entrudo nunca se vai embora de todo. O que é, é que mascara de sério o resto do ano. Mas isto não vem para a crónica... O certo é que, tal qual, tal qual ele é - **acabou.**

Hoje é quarta-feira de Cinzas. Antigamente era um dia bem bom, esta quarta-feira de cinzas. Quarta-feira de Cinzas dos actores e dos foliões, era fora de portas o seu «Forum». E comia-se bem, bebia-se melhor, cantava-se o fado, e derretiam-se os últimos cinco réis.

Hoje não sabemos como isso será. Funcionam quase todos os teatros, e os foliões, se ainda os há, recolhem-se a casa com a família.

Bom tempo das pândegas de Cinzas fora de portas !

O Entrudo em Lisboa já não tem a possibilidade de se regenerar - para pior. O Governo Civil acabou com a brutalidade dos ovos e dos «coccotes» de tremoço. Já nem há tremoço !

Também já não há gente presa. Não se prende ninguém já. E é pena !

É pena, também não sabemos porquê. Sempre dava uma notícia, e como não vinha mal ao mundo nem à civilização com as prisões dos mascarados, eles, no dia de hoje, pagavam aqueles 13 mil e tal, e lá iam ter com o Telmo e o Cardoso para os retiros de além-muros.

Mas hoje também já não há retiros.

Enfim. Vai tudo mudado. Acabou o corso do Chiado, a dança da Bica, as cegadas com pompa, os entremezes (*) - recordação do melhor teatro da rua.

O Entrudo hoje é os clubes e os teatros. Os clubes subiram de «chic». Os teatros perderam de carácter.

A sociedade elegante também deu muito pouco de si.

A sociedade elegante antigamente eram as casas fidalgas, o Turf e o Tauromáquico, certos restaurantes e o baile do D. Amélia, às três e tal da madrugada.

Havia tunas, visitas «mascaradas», ceias no rés-do-chão, lampiões acesos «cá baixo», guisalhada nos pátios, «champagne» (que custava 17 tostões) e espelhos partidos.

Agora, a sociedade elegante, ou como tal, deu isto, esticando nós a nota «elegante e aristocrática» para fazer número...»

(*In* «Diário de Lisboa», 25/ 2 / 1925)

* ***Entremez*** *- Pequena composição dramática, jocosa ou burlesca; farsa.*

A.M.A. ®
Auto Monumental de Aveiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

ECONOMIA

O secretário de Estado Vítor Martins considera que os socialistas «hipervalorizaram as questões financeiras» e Cravinho diz que o Governo «está a ver coisas onde elas não existem»

Têxtil: Governo privilegia estratégia comercial

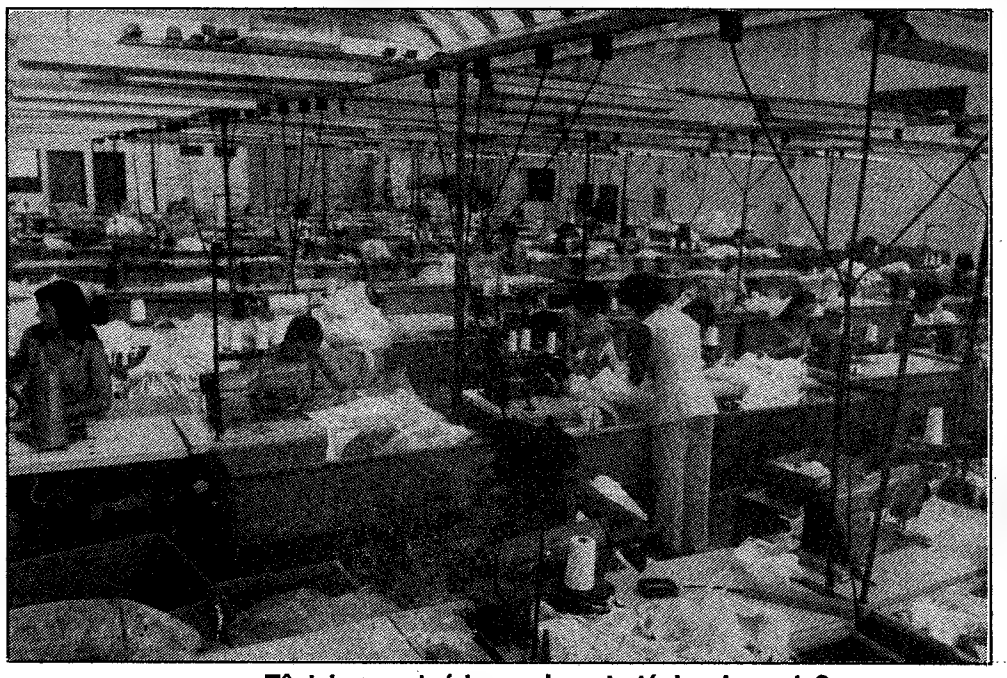
Novos dados estão a animar a polémica sobre o sector têxtil entre o Governo e os eurodeputados socialistas. Desta feita foi o secretário de Estado para a Integração Europeia, Vítor Martins, que afirmou que a proposta socialista foi prejudicial à negociação portuguesa em curso, enquanto João Cravinho responde que *«o Governo está a ver coisas onde elas não existem»*.

Tudo começou quando Cravinho anunciou, no início da semana, a apresentação em Bruxelas de uma proposta de resolução para a criação de um programa comunitário de apoio às regiões industriais têxteis (RETEX), no valor de 200 milhões de contos.

Ferreira do Amaral, ministro do Comércio, afirmou, 24 horas depois, que a proposta de Cravinho é semelhante à dos países comunitários mais desenvolvidos, que, na prática, a pretexto da *«reconversão»* têm defendido o *«desaparecimento»* da indústria têxtil portuguesa.

Cravinho reage e justifica: *«Não faço mais do que pôr uma iniciativa que estava em falta.»*

Com efeito, pormenoriza, *«existe um documento do Conselho da CEE, de Abril de 1989, aprovado pelo Governo português que prevê a componente regional do problema têxtil»*.



Têxteis e vestuário: qual a estratégia adequada?

Vertente regional

O eurodeputado afirma que a vertente regional da indústria têxtil é apenas uma de três possíveis de análise do problema. As outras, esclarece, são a comercial e a industrial.

Isto leva-o a acrescentar que *«a proposta de um programa de apoio regional não invalida uma política industrial ou uma política comercial activa»*.

Depois de classificar a reacção do Governo como a de *«alguém que foi apanhado em falta numa área fundamental da economia portuguesa»*, Cravinho considera, em declarações ao "DL", que *«o Governo está a ver coisas onde elas não existem»*.

Sublinha, por outro lado, que *«o valor de 200 milhões de contos não é suficiente para resolver todos os problemas da indústria têxtil em Portugal, mas apenas apoiar a vertente regional do problema»*.

Recusa, assim, a expressão do Governo segundo a qual a adopção de um programa regional para a indústria têxtil era colocar o sector à venda. *«Então, o que é que foi posto à venda quando o Governo português e os seus parceiros comunitários aprovaram os programas RENAVAL (construção naval), RESIDER (siderurgia) e RECHAR (bacias carboníferas)?»*, pergunta.

(Des)concertação

Vítor Martins, secretário de Estado da Integração Europeia, considerou em Bruxelas, no final de uma reunião de concertação entre os eurodeputados e o Governo, *«marcada há mais de um mês para tratar da questão têxtil»*, que as posições dos deputados socialistas foram *«uma surpresa, que esvaziou o conteúdo desta cooperação institucional, que tanto têm reclamado»*.

Para este responsável, foi prejudicial para a negociação portuguesa *«a hipervalorização das questões financeiras, em prejuízo das negociações comerciais, que estão no auge»*.

Sobre a proposta de Cravinho, considerou que *«é deficitária para as exigências de modernização da indústria têxtil portuguesa, porque seriam necessários 750 milhões de contos para a modernização do sector»*.

Entretanto, a Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Calçado e Peles de Portugal (Fesete) apela ao fim da polémica e à concretização de medidas práticas.

Para esta estrutura sindical, o sector têxtil *«não é para reconverter, é para reestruturar e modernizar»*.

A Fesete entende que o sector *«tem de ser modernizado, de melhorar a sua capacidade competitiva, de produzir com qualidade produtos de gama mais alta, com marca, e de criar estruturas comerciais adequadas»*.

Aponta que *«é urgente um plano financeiro de ajuda a esta modernização, onde a Comunidade se deve empenhar, para evitar graves problemas sociais e de desenvolvimento regional, dada a importância fundamental do sector no País»*.

Por fim, refere a necessidade de se assegurar *«um imprescindível período de transição, onde sejamos protegidos da concorrência acrescida, pós-negociações do GATT, e previsível alteração do Acordo Multifibras, para que a modernização se dê em igualdade de circunstâncias com outros países da Comunidade já reestruturados»*.

"DL"/Lusa

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	49$10	55$10
ALEMANHA FED. (marco)	86$90	88$10
ÁUSTRIA (xelim)	12$35	12$55
BÉLGICA (franco)	3$987	4$237
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	121$95	124$45
(notas de 5 a 1000)	122$45	124$95
DINAMARCA (coroa)	22$60	23$00
ESPANHA (peseta)	1$313	1$433
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	145$80	149$30
(notas de 5 a 1000)	146$30	149$80
FINLÂNDIA (marka)	37$00	37$60
FRANÇA (franco)	25$65	26$35
HOLANDA (florim)	77$15	78$25
IRLANDA (libra)	231$95	235$95
ITÁLIA (lira)	$107	$122
JAPÃO (iene)	$958	1$013
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	250$35	254$85
SUÉCIA (coroa)	23$90	24$40
SUÍÇA (franco)	98$55	100$05
VENEZUELA (bolívar)	3$160	3$960

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

COMENTÁRIO

Polémica inútil

O Acordo Multifibras, que regula as trocas internacionais de têxteis, vai ser revisto. A Comunidade Europeia propõe um período de transição, tendo em conta, em particular, a situação de Portugal, Espanha e Grécia. Aconselha a elaboração de um programa urgente de apoio ao sector têxtil destes países. Os eurodeputados socialistas apresentam um projecto de programa para apoio regional à reconversão e modernização do sector em Portugal. O Governo considera que esta iniciativa é um mau serviço ao país.

Estes alguns dados com que os portugueses foram confrontados esta semana e que originaram uma polémica pouco esclarecedora, situação que resulta, fundamentalmente, da falta de clareza nas posições assumidas. Elas são mais políticas do que técnicas, mais emotivas do que objectivas.

Parece não restar qualquer dúvida de que, com ou sem revisão do Acordo Multifibras, a indústria têxtil portuguesa já deveria ter sido modernizada há muitos anos. E uma boa parte dela já deveria ter sido reconvertida para evitar-se que desapareça sem que sejam criadas alternativas produtivas.

Mas com a revisão do Acordo Multifibras que, de certo modo, ainda protege a indústria têxtil portuguesa, a necessidade de modernização e de reconversão, portanto de competitividade internacional numa base de qualidade, maior relevância assume.

Acentuar nas negociações no contexto da CEE e do GATT a importância da vertente comercial do sector têxtil português a nível internacional é importante. Mas não é decisivo para o futuro do sector nem da economia portuguesa. Pelo contrário, afigura-se que pode ter até alguns aspectos perversos, especialmente ao criar perspectivas de futuro que manifestamente não existem em alguns casos.

Afirmar-se com carácter categórico que o sector têxtil português «não está à venda», não se aceitando que ele seja desmantelado é uma verdade que tem várias análises. É evidente que ele não está à venda, porque há cada vez menos compradores para a parte que desejaríamos vendável - as unidades tecnologicamente ultrapassadas, com canais comerciais com o exterior degradados, algumas delas funcionando em instalações precárias e na base da exploração da mão-de-obra, a maioria sem *design* próprio, limitando-se a ser meras depositárias (até quando?) de subcontratações de marcas estrangeiras em busca de salários baixos.

Também é evidente que o sector têxtil não pode, nem deve, ser desmantelado. Ele representa cerca de 32 por cento das exportações portuguesas (embora seja igualmente fonte de grandes importações) e 30 por cento do emprego das indústrias transformadoras. É muito. É mesmo perigosamente demais este peso excessivo, quando se sabe que ele não se funda num sector particularmente modernizado ao nível tecnológico e humano. Mas não é de forma alguma um sector para desmantelar. Bem pelo contrário, tem de ser defendido e fortalecido, pois que pode desempenhar um papel estratégico fundamental na economia portuguesa. Há empresas têxteis modernas ao nível tecnológico e humano, que têm de ser incentivadas a manter um nível de qualidade que lhes permita manter o seu lugar privilegiado nos mercados internacionais.

Também há empresas que, pelas suas especificidades, importância regional e/ou nacional e até social, têm direito a reivindicar ser apoiadas para se relançarem no mercado mundial numa base de qualidade que pode ser alcançada com o investimento adequado e na altura certa.

Mas algumas há que, quer se queira quer não estão condenadas a desaparecer. E tentar manter artificialmente a sua existência só pode ser prejudicial para todo o sector, porque desviam esforços e meios financeiros do objectivo principal.

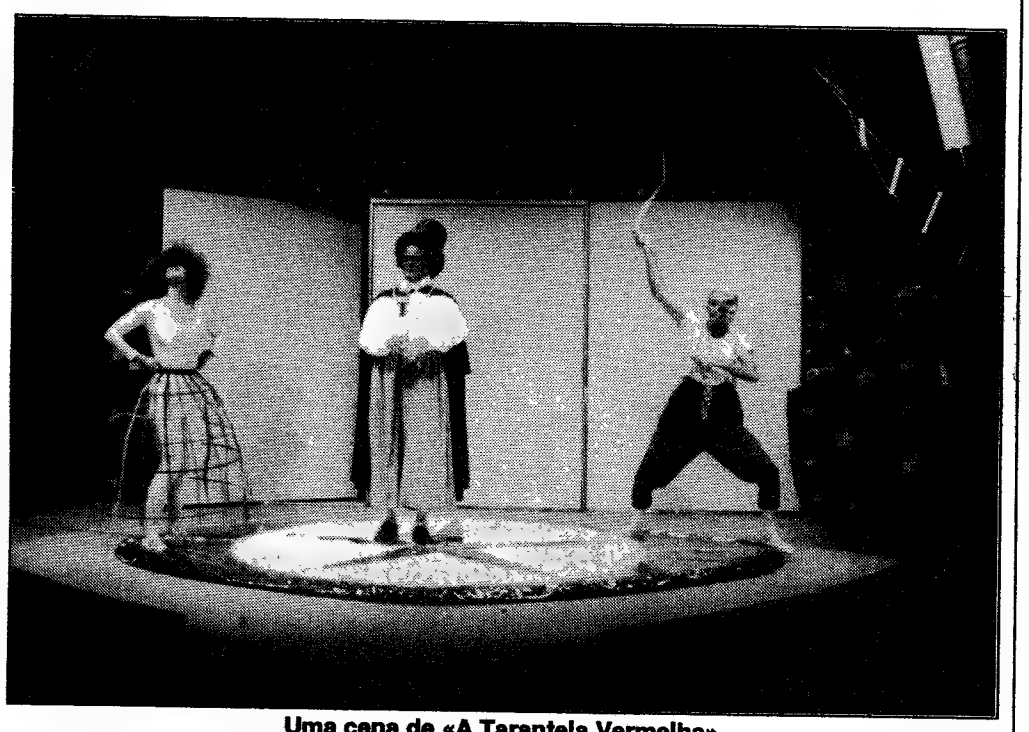
Se interessa um empenhamento na estratégia comercial dos têxteis portugueses, também é essencial avançar-se rapidamente na vertente industrial, com vista a uma modernização e a uma reconversão que permitam não se ser confrontado com factos consumados que tão graves repercussões podem ter a nível económico e social. É um problema que não pode ser resolvido com a razão de cada um. A sua magnitude, quantitativa e qualitativa, exige estratégias e soluções concertadas.

CULTURA

Crítica de Teatro

O falso e o verdadeiro

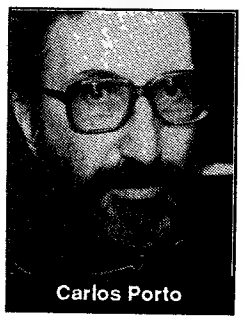
A TARANTELA VERMELHA, de Salvatore Cuffaro. *Tradução:* Christine Zurbach. *Encenação:* Figueira Cid. Cenografia/Figurinos: Catarina Amaro. *Música:* Paulo Costa. *Interpretação:* Augusto Portela, Figueira Cid, Manuela Pedroso, Rui Peixoto, Vera Azevedo. José Gomes (voz). *Centro Dramático Internacional Almeida Garrett.* Estreia: Teatro da Malaposta/ 19/02/1990.



Uma cena de «A Tarantela Vermelha»

O segundo espectáculo para crianças, porventura acima dos sete anos no caso deste, prooduzido pelo CDIAG, apresenta uma peça de um autor italiano, a residir em França, Salvatore Cuffaro, que não é conhecido.

«A Tarantela Vermelha», título que por pouco evocaria uma qualquer banda desenhada, tem aqui a ver com uma «dança tradicional siciliana para afastar a doença e para exorcizar a morte», como se escreve no programa. A peça tem como estrutura dramática um circo, o que se pode dizer que seja altamente original. O circo funciona como alegoria da própria vida, embora o projecto careça de originalidade tambénm sob esse aspecto. O texto constrói-se através de uma série de nódulos que se vão sobrepondo até ao dramático desenlace final, aliás anunciado com algum tempo. A estrutura não deixa de provocar alguma confusão na tessitura dos fios que vai tecendo.



Carlos Porto

O circo e os seus fenómenos, por um lado, as personagens e a sua humanidade, os seus sentimentos, por outro; o dono do circo que quer ser o dono da vida, e esconde no álcool as suas frustrações. Ele confronta-se com o poder da poesia e do amor, configurado pelo par Zanni e Ida, filha daquele. Zanni, palhaço da commedia dell'arte, está no entanto marcado pela Morte que o persegue na figura de uma máscara que não está disposta a adiar a sua partida.

Entre esta história de um homem que não gosta de flores e odeia a beleza, de um outro homem que compreende o segredo da vida e por isso morre, de uma mulher que procura conciliar essas contradições, explodem os sinais e as figuras de um espectáculo outro, o circo com os seus animais, os seus acrobatas, os seus palhaços, os seus monstros.

O texto, por vezes excessivamente pernóstico na sua linguagem à procura do poético (a poesia não se procura, encontra-se, parafraseando Picasso), e o próprio espectáculo, apesar da riqueza cromática da sua plástica, bom trabalho de Catarina Amaro, perdem-se aí, nos seus elementos circenses que não surgem com a energia, o ritmo, a graça que prometiam.

Entre os intérpretes, cada um deles, excepto o de Zanni, desdobrando-se em várias personagens, Augusto Portela (Zanni), quase uma revelação, uma presença empática, um bom trabalho de corpo, uma boa voz a precisar de ser enriquecida, um trabalho que vale a pena acompanhar. Augusto Portela e Manuela Pedroso, bem em numerosas personagens que interpreta, vieram do Teatro Espaço, enquanto Figueira Cid, encenador e intérprete, veio do Centro Cultural de Évora. Também estão no espectáculo, Rui Peixoto que tende à monotonização dos registos, e Vera Azevedo, sensível no papel de Julieta que fica sem o seu Romeu.

Uma ou outra passagem da tradução de Christine Zurbach não me agradaram, mas só uma leitura do texto permitiria descobrir a razão.

Espectáculo para crianças? Sim, porque todos os espectáculos são ou não são para crianças e para adultos.

Talvez, neste caso, um espectáculo para jovens abertos para esse enigma que é a vida, de que a morte faz parte. Sem remédio, como se sabe. Como no circo, onde o falso esconde o verdadeiro, e o verdadeiro esconde o falso.

Frescos da Capela Sistina em exposição a 25 de Março

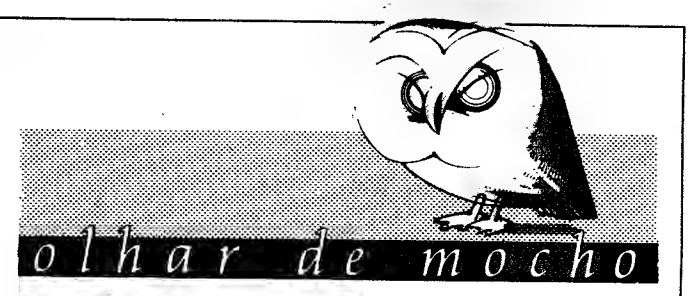
Uma exposição e um simpósio internacional, que reunirá cerca de 54 historiadores de arte, assinalará a partir de 25 de Março o termo dos trabalhos de restauro dos frescos pintados por Miguel Ângelo no tecto da Capela Sistina, dez anos depois.

Entretanto, os peritos começarão a restaurar o «Juízo Final», um fresco de 160 metros quadrados que Miguel Ângelo levou sete anos a pintar.

A par da exposição e do simpósio, o Vaticano publicará dois volumes de fotografias dos trabalhos, considerados como sendo dos mais arrojados e importantes projectos de recuperação de obras de arte já realizados.

Prémios Grammy atribuídos em Los Angeles

Os prémios Grammy, instituídos pela Academia Norte-Americana de Artes e Ciências Discográficas, foram atribuídos em Los Angeles na passada quarta-feira. Bonnie Raitt foi a mais galardoada ao conquistar os «grammys» para a melhor cantora rock e para o melhor álbum por «Nick of Time». Michael Bolton recebeu o prémio para o melhor cantor pop, The Travelling Wilburs para o melhor grupo «rock» e Jeff Beck, Terry Bozzio, Tony Himas para o melhor instrumental. O prémio para o grupo de «hard-rock» foi para os «Living Colors» e o de «Heavy Metal» para os «Metallica». No âmbito do jazz, os troféus de melhor intérprete foram conquistados por Ruth Brown, Harry Connick Jr, Dr. John e Rickie Lee Jones. Miles Davis recebeu o «grammy» para o melhor solista de «jazz» e Chick Corea Acoustic Band para o melhor grupo de jazz instrumental. A Paul McCartney foi atribuído ainda o seu quinto «Grammy» pela totalidade da obra musical. Ao receber o prémio das mãos de Meryl Streep, o ex-Beatle saudou a libertação de Nelson Mandela e desejou voltar a trabalhar com Ringo Star e George Harrison.



O género histórico

Uma das doenças confirmadas e sem necessidade de mais análises clínicas para a certeza do diagnóstico, é, no campo da identidade nacional, a megalomania.

Ainda há dias vimos na televisão um jornalista a perguntar ao mr. Kissinger qual seria o papel de Portugal nas tensões políticas Ocidente - Leste, Europa - África ou Europa - Brasil. O ex-ministro americano respondeu sorrindo, «seria uma ideia interessante» -- resposta de pessoa bem educada, para evitar a gargalhada merecida. Ora, se a nível de mentalidade nacional, tivéssemos um mínimo sentido da história -- história crítica, evidentemente, e fruto da *Aufklãrung* a que se convencionou chamar Iluminismo --, já teríamos produzido para a TV bons programas históricos. Não me recordo de nenhum bom programa histórico passado na nossa TV sobre personagens nacionais. O Herman José tentou a abordagem histórica pela via da sátira e foi logo parar às galés, teve o seu purgatório de que só saiu para «reinar aos cow-boys» da última guerra. E nunca se acabou por perceber bem o verdadeiro motivo do «auto-de-fé» censório das entrevistas históricas do Herman: aniquilar o sentido crítico da história ou fomentar mais ainda a nossa megalomania colectiva nacional onde todos querem ser deuses e heróis.

Eu gosto imenso da série britânica sobre o Wiston Churchill.

Mas fico com fundadas dúvidas de que a RTP quando comprou a série, estava plenamente lúcida para saber que adquirira um produto televisivo do género histórico. No reino da mediocridade cultural que paira pelas avenidas novas, não me espantaria muito que o Wiston Churchill tivesse sido comprado, pensando tratar-se de uma peça de teatro. Pois é, o britânico, um dos grandes deste século, que deixou algumas palavras históricas, definição de democracia, «sangue, suor e lágrimas», «cortina de ferro», que assinou contra a sua vontade e convicção, mas assinou, o Tratado de Ialta, que depois de vencer os nazis e o Hitler foi implacavelmente derrotado em eleições, e que, até teve (essa não terá sido a sua maior glória) um Prémio Nobel da Literatura, surge-nos, agora, por mais umas semanitas, no género literário televisivo da «história».

Quando o mocho aprecia esta paisagem ele pensa consigo mesmo: primeiro, séries destas mais a do Guilherme de Orange e a do Goya, não serão capazes de sensibilizar ninguém da 5 de Outubro, para a feitura de programas «similares» feitos com e sobre a prata da casa? Um Herculano, um Antero, para começar?

José Sousa Monteiro

E em seguida: a terapia para nos livrarmos da megolamania crónica e aguda não estará no género histórico que não seja apologético ou panegírico?

A PERFILADORA S.A.

ASSEMBLEIA GERAL ANUAL

CONVOCATÓRIA

Convoco os Senhores accionistas de «A PERFILADORA, S.A.» a reunir em Assembleia Geral Anual, que se realizará na Sede Social sita à Rua do Sobreiro n.º 400, na Senhora da Hora, concelho de Matosinhos, pelas 15.30 horas do próximo dia 29 de Março de 1990 com a seguinte ordem do dia:

1. Deliberar sobre o Relatório da Gestão e as contas do exercício de 1989;
2. Deliberar sobre a aplicação dos resultados;
3. Proceder à apreciação global da administração e da fiscalização da sociedade;
4. Proceder à eleição dos órgãos sociais para o triénio de 1990/1992;
5. Deliberar sobre a aquisição e alienação de acções próprias;

Para poderem participar na Assembleia Geral Anual os Senhores accionistas possuidores de um mínimo de 10 acções, deverão, até 8 dias antes da data marcada para a reunião, depositar as suas acções na Sede Social ou dentro do mesmo prazo fazer prova de que as mesmas se encontram depositadas em estabelecimento bancário.
Os Senhores accionistas não possuidores de um mínimo de 10 acções poderão agrupar-se em ordem a completar este número e fazer-se representar por um dos agrupados.

Senhora da Hora, 1 de Fevereiro de 1990

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

(JORGE FILIPE BRAGA BARROS LEÃO, DR)

CONFECÇÕES STAHL

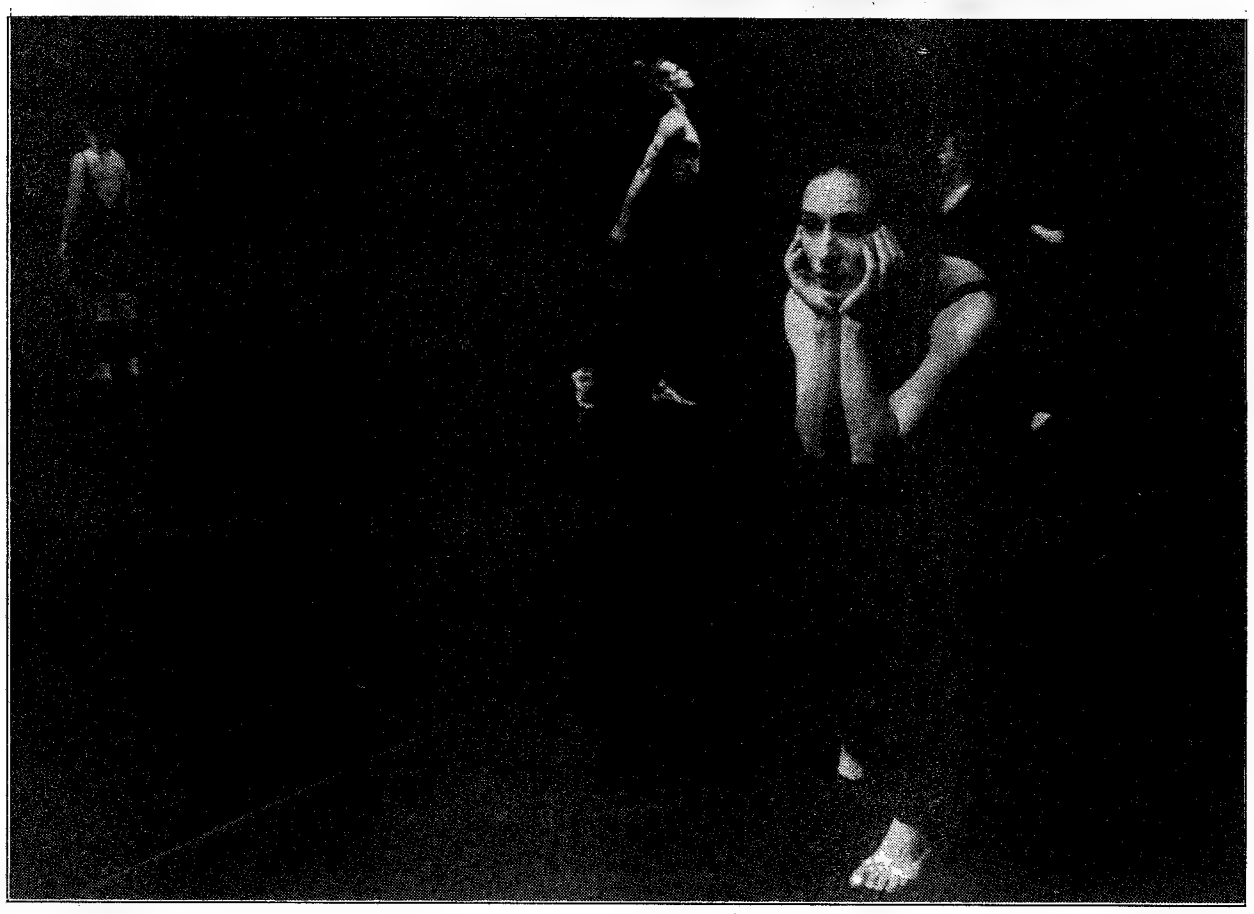
CONFECÇÕES EM CABEDAL E ANTÍLOPE

CONFECCIONAMOS E ARRANJAMOS

AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1.º ESQ.º
TELEFONE 77 11 58

Paula Massano apresenta no CAM, hoje, amanhã e depois, a coreografia «Estranhezas»

Uma viagem de afectos



«Nos primeiros anos da década de oitenta eu e algumas pessoas fizemos vários trabalhos coreográficos mas, ao contrário dos outros, nunca estive ligada a quaisquer instituições; foi um trabalho solitário e à margem de tudo.» Assim define Paula Massano «um percurso persistente, de pesquisa e reflexão», que espelha uma carreira que justifica a sua inclusão na II Mostra de Dança Portuguesa Contemporânea, a decorrer no Centro de Arte Moderna. A bailarina e coreógrafa lá estará, esta noite, amanhã e domingo.

E mais diz ao «DL»: «O meu trabalho não é mais conhecido do público provavelmente porque não estando institucionalizado o acesso aos meios de informação é muito mais difícil publicitar trabalhos de artistas independentes. Em 88 tentei criar um grupo de dança cujo primeiro trabalho, intitulado «Piñacolada», foi apresentado no Teatro da Cornucópia e no D. Maria II. Todavia, não tendo sido divulgado acabou por não ter, também, a continuidade desejada. O núcleo responsável por esse trabalho chamava-se Anima e aglutinava várias pessoas que apresentavam interesses artísticos comuns.»

Naturalmente que, para a obtenção de meios, os membros do Anima recorreram à Lei do Mecenato - «uma hipótese de financiamento que poderá funcionar para casos semelhantes, mas que ainda necessita de tomar balanço», segundo Paula Massano -, mas a verdade é que, como também refere, «a sobrevivência dos bailarinos não se compadece com demoras». O óbvio aconteceu: «Os artistas precisavam de resolver os seus problemas e o grupo não vingou...»

Paula encontra-se actualmente numa situação profissional de destacamento junto do Teatro Nacional D. Maria II, para dar assistência técnica de movimento (ou coreográfica) aos actores. Não ensina, no entanto, regularmente «desde há dois anos», embora trabalhe consistentemente com os bailarinos com quem constrói os seus projectos.

Já coreografou para o Dança Grupo nos primeiros anos de existência deste e, embora considere a peça «Na palma da mão a lâmpada de Guernica» (que subscreveu com Elisa Worm) uma obra importante para si e para o próprio grupo, o facto de não se querer vincular a nenhuma companhia trazlhe vantagens, para além dos inconvenientes vários. «A independência artística dá-me uma enorme liberdade de movimentos e posso usufruir de um ritmo pessoal muito produtivo. Além disso, tenho sempre a disponibilidade de participar em projectos com outros artistas que não sejam os do bailado», salienta ao nosso jornal.

Como coreógrafa e «técnica de movimento» tem mantido uma colaboração estreita com Ricardo Pais («Terceiro Mundo», «Tanzavariedades», «Anatole» e «Fausto») e com os encenadores Luís Miguel Cintra e Adolfo Gutkin, entre outros. Também participou em trabalhos com artistas plásticos, dos quais destaca António Barros, Sérgio Taborda e Nuno Carinhas.

Quanto aos espectáculos que este fim-de-semana apresenta na sala polivalente do CAM, numa produção do Acarte, Paula Massano define «Estranhezas» como uma obra sem linha dramática e muito abstracta. Há um pesado contributo criativo dos participantes (quatro bailarinos, uma cantora e uma actriz), o que é particularmente gratificante em termos de processo e de resultado final. «Certamente que, se os intérpretes tivessem sido outros, o produto coreográfico resultaria necessariamente distinto», como faz questão em dizer.

A obra apresenta-se dividida em «temas de movimento»: «Rua», «Tapeçaria», «Regresso» e «Trio» - quatro situações bem distintas e definidas, ligadas entre si por duas figuras, a cantora e a actriz, que fazem a ponte entre os diversos blocos.

A banda sonora de António Emiliano veio dialogar com aqueles que a coreógrafa elaborou em silêncio e para os quais o compositor construiu especialmente uma partitura, depois de se integrar nas subtilezas do «estilo coreográfico» de Paula Massano. O guarda-roupa é da autoria de Nuno Carinhas e a luminotecnia de Paulo Graça, artistas com quem admite ser «cúmplice».

Participam igualmente no espectáculo Cristina Roquete, Elsa Veiga, Maria José Fazenda, Nuno Bizarro, Lúcia Maria e Filipa Pais. Os pontos de partida para este trabalho foram bastante diversos e muito pessoais: «farrapos de memórias» cuja conjugação é de algum modo uma «estranheza»... Uma viagem de afectos onde os temas avançam, desenvolvem-se, regressam e saltam para dar lugar a outros temas.

António Laginha

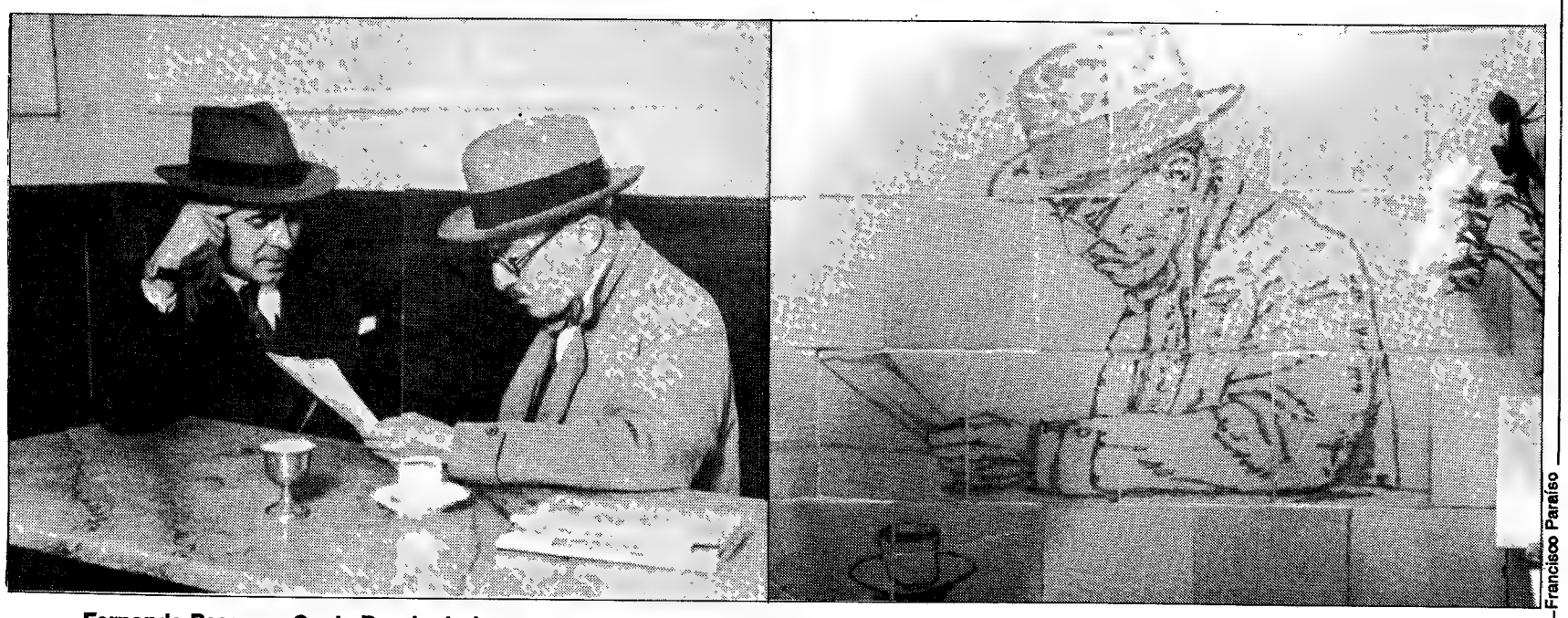
O Traço de Pargana - sempre

Alfredo Marceneiro caricaturado por Pargana

Espalhou, ao longo de 60 anos, talento a rodos. Nestas páginas do «Diário de Lisboa» - e em «Repórter X», «Sempre Fixe»,«Os Ridículos», «Sports», «Diário de Notícias», «A Bola» (de que foi fundador), que também guardam o seu traço inconfundível. Era (é) um mestre do humor desportivo, repentista. Chama-se Pargana.

Morreu vai para dois anos, aos 71 de muito desenho e muita boémia. Agora, no «Outro Tempo Bar», na Rua Anastácio Rosa desta Lisboa que o acolheu, vindo do Algarve natal, ainda menininho, está patente uma exposição de originais do artista - desenhos,retratos e caricaturas de gente famosa do desporto, pois claro, mas também do teatro e da música. Lá está, por exemplo, a caricatura do maestro Ruy Coelho, a primeira que Pargana publicou, no «Repórter X», pela mão de Stuart, igualmente - e belamente - retratado. (Em 1928, radicado em Lisboa, com 11 anos, para estudar na António Arroio, Pargana residia no mesmo prédio onde morava Stuart. Conheceram-se, o discípulo e o mestre, e assim começou uma carreira prolongada até ao último sopro de vida). Mário Zambujal, Eusébio, João Villaret, Carmen Miranda, Ribeirinho, Cândido de Oliveira, Alfredo Marceneiro (que acompanhava, quando ao fadista os olhos já traíam, pelos Lisboa nocturna) são outra tanta gente, entre muita outra, fixada pelo traço simples, irónico e não raro impiedoso de Pargana, «um cronista da cidade», como se definia. Crítico e terno. Eterno.

Para ver, admirar e levar para casa, para aquela parede reservada aos eleitos da nossa afeição.



Fernando Pessoa e Costa Brochado à mesa do Café da Arcada nos anos 30. Leitura da mesma imagem, amputada: Pessoa é «in», o café é «in», Brochado é «out» - corte-se!

Francisco Paraíso

Fique a saber que ir ontem ao Café da Arcada foi «in» e foi «o máximo» e foi desaconselhável a pessoas de poético e pouco instituído porte desde que, como Pessoa, não estejam já mortas...

Ascensão e queda do Martinho da Arcada

«O meu estatuto é a minha renúncia e a minha renúncia é o vosso futuro». Talvez esta afirmação nunca tenha sido encontrada no espiolhado espólio (leia-se arca) de Fernando Pessoa. Mas, mesmo a olho nu, pode ler-se em cada circunstância póstuma onde o seu nome é invocado. Ontem à tarde, na reabertura do Café Martinho da Arcada (o «café do Pessoa»), apreciou-se mais uma dessas ocasiões. E os donos desta fortuna póstuma revelam-se invariavelmente idênticos, aos «lepidópteros» de cada época.

Eram seis e meia da tarde e já havia, na arcada do Terreiro do Paço, gente que chegasse para encher duas vezes o café até ao tecto. As razões eram múltiplas, e por isso excedidam tão acanhado espaço: celebrava-se a reabertura do hoje celebérrimo botequim da Arcada, compunha-se esta memória no ainda mais notável nome de Fernando Pessoa e, sobretudo, apresentava-se simultaneamente o novo visual (mais ou menos arquitectónico) e os novos proprietários (mais ou menos plenipotenciários).

Há algum tempo, por iniciativa da Associação Pessoana dos Amigos do Martinho da Arcada, lançou-se um concurso de projectos para recuperação do interior do café. O projecto vencedor, do grupo do arquitecto Hestnes Ferreira, será agora apreciado após execução, no quotidiano do Martinho da Arcada dos anos 90. Respeita o essencial para não ser sacrílego; renova o necessário para visar contemporâneas rentabilidades.

Anteontem, explicando opções desse projecto na Sociedade Nacional de Belas Artes, Hestnes Ferreira invocou mais uma vez a razão de peso duma renovação não historicista: quando um café já atravessou tantas épocas, qual poderia ser a época a recuperar? - Ontem à tarde, em uníssono, os frequentadores da «vernissage» podiam ter respondido em coro: «A época do Pessoa!» Contra isto, a bem-intencionada APAMA já nada pode fazer. O Martinho da Arcada caminha para o lugar-comum de todas as invocações pessoanas que o Poeta teria desprezado.

Mas os indícios de oiro desta «vernissage» para novos ricos residem alhures num passado que podia ter-se adivinhado. Durante os últimos anos, a ignorância àcerca das tradições deste café centenário passou do lugar-comum à instituição. E, de repente, na história olisiponense, passou a ser este o célebre Martinho de Eça ou de Cesário (ou das reuniões do «Orpheu»). Como se alguma vez se tivesse chamado Martinho apenas ao Café da Arcada; como se nunca tivesse existido o homónimo do Largo D. João da Câmara que - esse sim - fez e desfez gerações literárias.

Na enorme confusão de dados gerada a partir da «recuperação» desta memória, todos os jornais transpuseram para aqui a história do café que era célebre na altura em que o botequim da Arcada do Terreiro do Paço (antiquíssimo, contudo) apenas recebia funcionários dos ministérios. Esse café - o primeiro Martinho - nunca foi este a que hoje «Martinho» simplesmente se chama.

A sombra de Pessoa, agigantada, sobrepôs-se à memória de uma Lisboa passada. E, por isso, apreciando os projectos propostos a concurso, deparamos com a evocação sistemática - tantas vezes gratuita - do poeta.

Mesmo no projecto aprovado, em que o sensacionalismo pessoano não prevalece, a imagem de Pessoa lá está, a um canto da nova área «snack», em azulejos de Ângelo de Sousa.

A evocação, em si, acaba por não ser injusta. Porque, não sendo este o célebre Martinho com tradições literárias conhecidas, Fernando Pessoa foi, realmente, o cliente local mais notável. Justificará isto, por exemplo, a representação fácil do poeta à mesa do café? - Na fotografia que serviu de base ao painel, Pessoa está acompanhado por Costa Brochado (um dos poucos que, de resto, faziam parte da «tertúlia» deste Martinho). Reproduções recentes desta fotografia deixam Brochado de fora. Pessoa é «in»; ele é «out». O painel de azulejos copia estes hábitos. Perante tal opção, o argumento de que a época de Pessoa não poderia ser privilegiada na recuperação do café já não é válido.

Por isso era fácil prever a sombria tarde de ontem, com os novos proprietários apostos à «vernissage»; 700 pessoas convidadas para caberem no lugar de 150; os sócios da APAMA um pouco pelos cantos com um ar desamparado e todas as «Xaxão Montes-de-Montes» em estreia absoluta pelo centro histórico de Lisboa. Jorge Sampaio era esperado mas - honra lhe seja - não apareceu. Marcelo Rebelo de Sousa, como lhe competia, lá estava. Rui Godinho também, mas isso é outra história: em tempos recuados, quando a Câmara nem devia saber que as arcadas tinham um café, era ele o único representante, sempre presente nas reuniões e nos colóquios em que se discutia um futuro ainda incerto do Martinho da Arcada. Porque o café chegou a estar ameaçado, chegou a ter um futuro tão obscuro como o seu passado quase todo tinha sido. E a sorte inverteu-se no dia em que uma professora chegou com alguns alunos para ver a mesa do poeta e dar conta dela à cidade.

A professora - Maria do Carmo Vieira - e os alunos de então não se devem ter revisto muito na reabertura mundana do espaço íntimo onde já não imaginamos nenhum poeta (muito menos o recluso Pessoa). Da preocupação deles e da sua iniciativa nasceu este novo Martinho da Arcada. E, apesar das falhas do concurso para recuperação do café, alguns sucessos são inegáveis na proposta de Hestnes Ferreira: a articulação correcta entre os dois corpos da sala (agora recuperada), o novo pavimento «neutro» condizente com o chão da própria arcada, a exposição enquadrada do antigo painel de azulejos da cozinha, a distribuição harmónica do espaço anexo ao café propriamente dito. Perante isto, talvez seja pouco benevolente atacar em demasia a fácil evocação pessoana ou o discutível gosto do tecto da cafetaria.

Após a desastrosa experiência da inauguração, poderá ser, assim, que este Café da Arcada continue a ser o reservado lugar onde ninguém vai para ser visto por ninguém e onde um (pouco) possível congénere de Pessoa não ficará - como ontem teria ficado - necessariamente à porta. O Café da Arcada nunca foi o Marrare do Polimento. Ainda que Pessoa seja hoje a reforma de muito boa gente, os hábitos de frequência de um café exigem uma assiduidade que os «colunáveis» não costumam desperdiçar.

Mas os frequentadores habituais levarão algum tempo a esquecer a sinistra tarde de ontem. Só há uma coisa pior do que um poeta instituído: é um café instituído quando os cafés já deixaram de ser uma instituição. Mesmo a era do falso tem por limites algumas contradições insuperáveis. Como esta: a ascensão do Martinho da Arcada pode ter sido, definitivamente, a sua grande queda.

Marina Tavares Dias

O Martinho da Arcada e o Manifesto Surrealista

Ao contrário do que dissemos na nossa edição de ontem, assumindo como correcta uma informação da Lusa, nenhum Manifesto do Surrealismo Português foi lido no Martinho da Arcada. Primeiro porque no café da Praça do Comércio os surrealistas não costumavam parar. Depois, porque não consta nos anais que no Gelo, no Royal ou no Hermínios, locais onde de facto se encontravam os surrealistas, se tenha alguma vez registado tal cerimónia. Pela nossa credulidade na Lusa, aqui ficam as devidas desculpas.

EXCURSÕES
AVIC
AUTOPULLMAN DE LUXO
HOTÉIS SELECCIONADOS
GUIAS EXPERIENTES
PARTIDAS SEMANAIS
FÁTIMA
BATALHA - NAZARÉ
ALCOBAÇA - C. RAINHA
1 dia 2000$00
FÁTIMA
TOMAR - GRUTAS
CALDAS DA RAINHA
1 dia 2000$00
ALMOÇOS REGIONAIS
VÁRIOS
Desde 4500$00
CRUZEIRO
CASTELO DE BODE
(Almoço a bordo)
Preço 5800$00
BADAJOZ E OLIVENÇA
1 dia 4000$00
NEVE NA SERRA DA ESTRELA
2 dias 9900$00
AMENDOEIRAS EM FLOR
(BARCA D'ALVA)
3 dias 16.000$00
PORTALEGRE
MARVÃO C. VIDE
2 dias 9900$00
FIM-DE-SEMANA EM AVEIRO
2 dias 12.500$00
MINHO - GERÊS CANIÇADA
3 dias 17.000$00
NORDESTE TRANSMONTANO
4 dias 25 000$00
CRUZEIRO NO DOURO
(NAVEGANDO DA RÉGUA AO PORTO)
3 dias 29 900$00
CRUZEIRO NO DOURO
(NAVEGANDO DO PINHÃO AO PORTO)
4 dias 37 500$00
NORTE MARAVILHOSO
MINHO - TRÁS-OS-MONTES
BEIRAS - ARRAIAL
NA QUINTA SANTOINHO
6 dias 35 900$00
FÉRIAS NO MINHO
ARRAIAL NA QUINTA
SANTOINHO E «SHOW» NO
CASINO DA PÓVOA
6 dias 35 500$00
MINIFÉRIAS EM AMARANTE
4 dias 18 900$00
FÉRIAS EM AMARANTE
6 dias 29 000$00
FÉRIAS TRANSMONTANAS
6 dias 40 000$00
SEVILHA - BADAJOZ
OLIVENÇA
3 dias 19 900$00
ANDORRA - MADRID
ZARAGOZA
5 dias 45 000$00
MADRID - SEGÓVIA
NAVACERRADA
VALE DOS CAÍDOS
4 dias 32 500$00
GRANADA - SIERRA NEVADA - SEVILHA
4 dias 32 500$00
CEUTA - GIBRALTAR
COSTA DEL SOL
TORREMOLINOS
4 dias 35 000$00
PUEBLA DE SANÁBRIA
SALAMANCA E NORDESTE TRANSMONTANO
4 dias 32 000$00
SANTIAGO DE COMPOSTELA
LA CORUÑA - VIGO
5 dias 42 000$00
PALMA DE MAIORCA
ANDORRA - MADRID
9 dias 115 000$00
FÉRIAS EM PALMA DE MAIORCA
15 dias 118 000$00
BIARRITZ - LOURDES
ANDORRA - MADRID
7 dias 65 000$00
PARIS - LOURDES
ANDORRA
11 dias 115 000$00
CÔTE D'AZUR
MÓNACO - SAN REMO
10 dias 110 000$00
PEÇA PROGRAMAS DETALHADOS NA SUA AGÊNCIA DE VIAGENS OU DIRECTAMENTE NA
AVIC Holiday Tours
AV. 5 DE OUTUBRO, 53-C
1100 LISBOA
(Metro Saldanha)
☎ 547769 - 572970 - 521116

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Porque a história dos anos 60 está por fazer, organiza o Centro Nacional de Cultura com a colaboração da SEDES um ciclo de conferências sobre os «factores de mudança» de então. Hoje, ao fim da tarde, é a vez de estar em causa o «arranque» das ciências sociais em Portugal, graças ao Gabinete de Investigações Sociais e à revista ***Análise Social.*** *Os depoimentos que seguem, amavelmente cedidos ao «DL», são uma introdução ao tema*

Nada disto era seguro

(...) O GIS não foi um inovador institucional em matéria de sociologia, se é este o domínio que mais tarde o viria a reconhecer. A produção científica do GIS mantém-se, em grande parte, dentro da sociologia *mainstream* que se fazia na Europa. (...)

Por outro lado, grande parte da produção refere-se não ao debate teórico que aqui e ali animava a sociologia mas sobretudo aos chamados «estudos sociais» onde a colecção dos dados empíricos - sobre Portugal - escondia a matriz teórica de referência e revelava a vocação essencial da aplicação de ciência à denúncia das situações de carência e de pobreza. Jorge Braga de Macedo ainda estava na instrução primária, a escola de Chicago ainda era a EDCC e os pobres ainda não tinham descoberto as alegrias do ajustamento estrutural.

Os factores que mencionei são talvez evidentes. Mas, munidos da sabedoria do futuro devemos reconhecer que ao tempo nada disto era seguro e muito menos evidente.

Comecemos quase pelo fim: uma das razões mais claras de sucesso é a aliança entre o GIS e a **Análise Social**, aliança tão profunda que por vezes o produto esconde o produtor e a instituição. E com razão porque o produto neste caso é uma rede de colaborações científicas de uma dimensão muito mais vasta do que o GIS, que mantém o fluxo essencial de artigos para a **AS** e simultâneamente constitui o auditório e a caixa de ressonância do GIS. (...)

Mas este sucesso está também ligado ao conteúdo mais moral do que conflitual da **AS**. Pela exposição do que era, intuía-se o que deveria ser, mas o diagnóstico era «técnico» e a receita convenientemente distanciada. Não deve ter sido tarefa fácil manter esta dialéctica (...).

Por outro lado, a **AS** veio preencher um nicho de mercado virtualmente sem concorrentes e como qualquer boa empresa foi desenvolvendo o seu próprio mercado ao longo de um longo tempo - o do interdito aparente do social. Na verdade, tanto quanto me recordo, pelos anos 60 a *Vértice* era neo-realista, a *Brotéria* jesuíta, a *Seara* e a *T&M* políticas, a *Análise Económica* aborrecida e só se falava francês - o do *Esprit* e do bom *Expresse*. A educação sociológica dividia-se entre o Rerrum Novarum e o Processo Histórico. O tempo era propício à **Análise Social**. Mas isso soubemo-lo depois.

A pobreza dos estudos sociológicos, ou apenas sociais, nos anos 60 era franciscana, se exceptuarmos a tradição dos estudos sociais agrários, alimentados pelas intuições de fino recorte literário de E. de Castro Caldas e pelo trabalho de muitos finalistas de Agronomia que sacrificavam no altar da *tese* um ou dois anos da sua vida. Mas mesmo esta tradição e esta comunidade eram débeis. Vale a pena dizer que por volta de 1957 o Centro de Estudos de Economia Agrária criado pela Fundação Gulbenkian se chamou apenas de Economia Agrária. A prudência que deixava no entendimento apenas de alguns a Sociologia Rural, aliás, não foi exagerada. Mas isto são outros contos.

O GIS constituiu o único conjunto de profissionais de sociologia activo durante praticamente uma década e os seus emigrantes informam hoje as licenciaturas de Sociologia de todas as escolas portuguesas - com a muito notável excepção de Coimbra, onde Boaventura Sousa Santos é pássaro de outra pena. (...)

O modelo de estatuto, ou ausência de estatuto, laboral que vigorou até 1974 conferiu ao GIS duas características muito atraentes para iniciar a exploração de uma área científica nova: por um lado a segurança de que quem trabalhava no GIS o fazia com um custo pessoal e com uma dedicação excepcional - era uma opção difícil; por outro conferia ao GIS uma ausência de espessura institucional que evitava muitos ataques, assegurava a cumplicidade amiga de uma série de instituições que para aí destacavam colaboradores e apresentava-o aos potenciais financiadores como uma simpática colecção de orfãozinhos institucionais, aplicados e bem comportados. (...)

A. Trigo de Abreu

Nem estudo, nem relato: um depoimento

Entre o um e o cem

Em fins de Janeiro de 1963, apareceu o número 1 da **Análise Social**. Surge agora o número 100. Que se passou entretanto? Que se passou entre o momento do magro e tímido algarismo inicial e o do acrescentamento a esse algarismo dos dois redondos zeros que se lhe vieram juntar? Que foi, que fez, para que serviu a **Análise Social**? Mas, antes disso: donde veio, como veio e a que veio a **Análise Social**? (...)

Lembro-me como se ontem fosse, ou hoje mesmo, do dia, ou melhor, do fresco fim de tarde em que o prof. José Pires Cardoso nos convocou para uma reunião inesperada e sem assunto marcado. Quem éramos «nós», porém, e quem era o prof. Pires Cardoso? Nós éramos os bem poucos membros em parcialíssimo tempo do ínfimo Gabinete de Estudos Corporativos, e ele era o director.

Reunimo-nos, e só então ele nos revelou o motivo da reunião. O ministro das Corporações e Previdência Social, que era então o prof. José João Gonçalves de Proença, pretendia criar junto do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, o ISCEF, um centro de estudos sociais e corporativos. O centro seria fundado ao abrigo de uma lei mirífica, chamada do «Plano de Formação Social e Corporativa», uma lei a que eu chamava, sem graça nenhuma, a lei do «aero-Plano». Já obtivera o assentimento do ministro da Educação Nacional e do director do Instituto, e havia convidado para dirigir o novo centro o prof. Pires Cardoso. Este tinha respondido, naturalmente, que se sentia muito honrado pelo convite, mas que só o poderia aceitar se o novo centro se constituísse a partir da extinção do Gabinete de Estudos Corporativos, a que nós pertencíamos, e da transferência para ele da pequena equipa que no Gabinete reunira e dos bens - sobretudo os livros - que para o Gabinete tinham sido adquiridos.

Recebi a comunicação do prof. Pires Cardoso simultaneamente com alvoroço e inquietação. Tinha entrado para o Gabinete de Estudos Corporativos dez anos antes, em Janeiro de 1952, pouco após a minha formatura em Ciências Económicas e Financeiras. Nessa altura era corporativista. O prof. Pires Cardoso, através das suas lições de Direito Corporativo, que eram brilhantes e onde expunha, antes de entrar propriamente nas matérias jurídicas, os fundamentos teóricos de um corporativismo autónomo e de associação, convencera-me, do alto da sua cátedra, de que esta doutrina, o corporativismo, podia constituir uma «terceira via» entre, como ele dizia, o individualismo e o colectivismo, isto é, entre o capitalismo e o socialismo.

Dúvidas e realidades

Não foi, porém, necessário muito tempo para que as maiores dúvidas me assaltassem. Expusera-as em 1954 no meu primeiro livro, que tinha o título *Situação e problemas do corporativismo*, e o muito mais significativo subtítulo de *Princípios corporativos e realidades sociais*. Nesse livro, eu procurava demonstrar, e demonstrava efectivamente, a total descoincidência entre os princípios corporativos e as realidades sociais. Mas, «idealisticamente», como era próprio naquele tempo de um jovem adulto católico, ainda acreditava que a «ideia» corporativa, como eu dizia, poderia, apesar de inteiramente contrária às realidades sociais, vir a realizar-se na sociedade, desde que os homens se lhe convertessem. (...)

Assim tinham ido as coisas, ano após ano, até 1962. Mas em 1962 eu já estava, e os outros creio que já estavam também, cansados da obscuridade que envolvia o Gabinete e a sua revista. (...) Ninguém estava interessado em ler fosse o que fosse que tivesse origem em algo que se denominasse «corporativo»: o descrédito do corporativismo era total.

Dissemos, pois, ao prof. Pires Cardoso, em resposta à sua comunicação, que se o novo centro se chamasse de estudos sociais e corporativos, não entraríamos nele, não iríamos para junto do ISCEF, não continuaríamos sequer no Gabinete de Estudos Corporativos existente. Já bastava de «corporativos»... Houve um momento de tensão. Mas o prof. Pires Cardoso, com a sua admirável maneira de ser e a sua incomparável capacidade de aceitação sem ofensa da «irreverência» dos mais novos, quebrou-o e disse com bonomia: «Bom, vamos pensar nisto. Fazemos nova reunião para a semana.»

Na semana seguinte, fizemos pois nova reunião. Não sendo já apanhado de surpresa, eu tinha propostas concretas a fazer. (...) Pensara em que no ISCEF havia um centro de estudos chamado Gabinete de Investigações Económicas; pensara em que esse Gabinete editava uma revista, muito interessante, intitulada *Análise Económica* (...). Pensara em tudo isso e encontrara um paralelo possível e a ideia de um paralelismo a propor. O paralelismo, muito simples, seria: ao Gabinete de Investigações Económicas fazer corresponder um Gabinete de Investigações Sociais, e à revista *Análise Económica* fazer corresponder uma revista **Análise Social**. (...)

Adérito Sedas Nunes

Um grupo, um homem, um ministro

Obtive imediatamente apoio de todos. Quanto ao prof. Pires Cardoso, a sua reacção foi comedida e não imediatamente aceitante; mas mostrou-se bem impressionado. (...) Voltámos a reunir-nos alguns dias depois. Dessa vez, quando o prof. Pires Cardoso se sentou à mesa das reuniões, a primeira declaração que fez foi a seguinte: «Bom, estou convencido. Agora sou eu que adopto a vossa ideia: Gabinete de Investigações Sociais, **Análise Social**. Sou eu mesmo que a vou defender junto do ministro.» (...)

Então, passaram-se alguns meses, para mim de alguma ansiedade. Em Setembro, finalmente, chegou um ofício do Ministério das Corporações e Previdência Social em que era comunicado ao prof. Pires Cardoso que o Regulamento proposto tinha sido homologado (...). O Gabinete de Investigações Sociais estava por fim criado, e com ele fundada estava a **Análise Social.** (...)

A **Análise Social** e o Gabinete de Investigações Sociais nasceram da conjunção entre um grupo, um homem e um ministro.

O grupo era o que se encontrava reunido no Gabinete de Estudos Corporativos. (...) Formavam-no homens já a entrar na casa dos trinta ou já nela entrados, quase todos economistas, e todos ex-militantes ou ex-dirigentes da Juventude Universitária Católica, a organização oficial, criada e reconhecida como tal pela hierarquia da Igreja, dos estudantes universitários católicos. Tinham entrado para a Universidade sem grandes preocupações políticas, ou antes, com uma única grande preocupação política, que era então mais ou menos de toda a gente: que aconteceria no País quando Salazar morresse. Tinham, porém, saído da Universidade cheios de preocupações sociais. O atraso do País, a miséria de tanta gente, as clamorosas desigualdades que por toda a parte se viam, indignavam-nos e atormentavam-nos: não

Mal adivinhava Salazar que das hostes corporativistas iria nascer uma oposição, a representada pelo GIS e pela revista «Análise Social». Na foto, o ditador conversa com pescadores

podiam conformar-se com elas.

Preferiu sobreviver

Na medida em que se tinham apercebido de que o regime não só pactuava com o atraso, a miséria e as desigualdades, como obstava ao desenvolvimento, à melhoria das condições de vida, ao progresso social, e fazia recair sobre os mais desfavorecidos todo o desfavor dos custos humanos e económicos de uma ordem social injusta, tinham-se desapegado progressivamente do salazarismo em que se haviam formado e que os formara, tinham-se tornado cada vez mais críticos em relação ao regime, tinham chegado à convicção de que sindicalismo livre, liberdades públicas e democracia eram necessários em Portugal. Não tinham chegado à crítica do regime partindo da democracia; pelo contrário, tinham chegado à democracia partindo da crítica do regime. (...)

A revista veio a lume examinar e expor situações e problemas que afectavam gravemente a maioria dos portugueses e, mais especialmente, as classes sociais de menores recursos. Fez-se eco de crescentes aspirações colectivas ao desenvolvimento económico, social e cultural, cujos imperativos e cujas condições exprimiu em termos objectivos. (...)

Não abordou, é certo, nem o problema do regime, nem o problema colonial. Se o tivesse feito, ter-se-ia desde logo condenado à extinção. Preferiu sobreviver. E foi alargando progressivamente o seu espaço de movimentos. Foi ultrapassando múltiplas barreiras de proibição, até então impostas à abordagem em público de questões sociais e socio-económicas. Fê-lo através do tratamento nas suas páginas de uma gama de temas e problemas cada vez mais diversificada. Fê-lo, além disso, através da utilização, na abordagem dos temas e problemas de que sucessivamente se ocupou, de métodos incontestáveis que, ao mesmo tempo que tornavam possível um aprofundamento crescente da análise, «impunham respeito» pelo que na **Análise Social** se escrevia e publicava. (...)

Questões que, ao princípio, apenas eram sugeridas ou indirectamente tocadas, foram depois, aos poucos, explicitadas e abertamente tratadas. Um exemplo, entre outros, foi o do sindicalismo, dos conflitos colectivos de trabalho e da greve, que de facto já punha em causa o regime, ainda que só indirectamente. Mantendo sempre um equilíbrio difícil entre ousadia e prudência, a **Análise Social** foi, deste modo, avançando continuamente pelo que era, ao tempo, «terreno perigoso», e abriu ao acesso público coutadas desde há longos anos de acesso reservado. Tudo isso foi muito valioso. (...)

O segundo GIS

A partir de 1966 começou a formar-se o que (...) chamarei o segundo GIS. Surgiram então situações muito penosas. Alguns dos jovens que vieram trabalhar no GIS supunham que nós, os do GIS, e em especial eu, só dizíamos e publicávamos na revista o que nela dizíamos e publicávamos porque era tudo e só o que tínhamos para dizer e publicar. Não pude consentir.

Tive de «corrigir» com eles os seus textos, para os tornar «publicáveis». A isso me obrigou o nefasto regime que lá vai. Creio que, depois, eles acabaram por compreender que as torturas intelectuais que lhes impunha eram as mesmas que me impunha a mim. (...)

Em 1968 apareceram dois (...) «números especiais»: um número duplo, o nº 20-21, e um número triplo, o nº 22-23-24, ambos sobre «A Universidade na vida portuguesa». Chegaram no melhor momento, quando estava para breve a reforma de Veiga Simão. Eu quisera que tivessem saído mais cedo, mas o prof. Pires Cardoso conseguira saber que a Universidade era no momento o tema mais «quente» e melindroso, o mais receado e mais subversivo para os governantes. Tive por isso de esperar cerca de dois anos. (...) O sistema universitário então existente em Portugal foi aí tomado e examinado simultâneamente no seu todo, nas suas diversas componentes e nos seus múltiplos ramos. (...)

Sobretudo, permitiu examinar e procurar compreender as estruturas e o funcionamento internos das Universidades, as suas mudanças em múltiplos aspectos, as suas articulações com a estrutura social do País, a transformação progressiva da massa estudantil numa força social e política, de um modo até então não praticado e desconhecido em Portugal. (...)

Entretanto, no nº 25, de 1969, isto é: no primeiro número que se seguiu aos dois «números especiais» sobre «A Universidade na vida portuguesa», eu tinha publicado, em co-autoria com o prof. Miller Guerra, um extenso artigo de intervenção com o título «*A crise da Universidade em Portugal - Reflexões e sugestões*». Procurávamos nele, o prof. Miller Guerra e eu, determinar, com base nas investigações reunidas no nº 22-23-24, e com a máxima objectividade possível, as «coordenadas fundamentais da crise» (...). Depois, expúnhamos e propúnhamos todo um programa de política de reforma das Universidades que considerávamos capaz de conduzir a uma «reconversão global» das instituições universitárias portuguesas. O artigo suscitou grande polémica. A certa altura, parecia que tínhamos todos contra nós: os estudantes e os professores, a esquerda e a direita. (...)

Parecia desfasada

Do lado de um certo número de professores, tomou ou começou naquela altura a tomar corpo a ideia, mais precisamente a imagem, da **Análise Social** e do GIS como um pequeno enclave político de esquerda rodeado pelo vasto território apolítico da Universidade. (...) Do lado dos estudantes, o que se passou foi diferente. Durante um período relativamente longo, a **Análise Social** e o GIS desfrutaram junto deles do prestígio do seu «progressismo», se é que me posso exprimir assim. Mas os dirigentes estudantis e, de maneira geral, os estudantes activistas, que eram todos ou quase todos de esquerda, foram-se radicalizando cada vez mais, a partir de certa altura a um ritmo extremamente rápido. Ao mesmo tempo, a Universidade entrava abertamente em crise institucional e era atravessada interiormente por conflitos fundamentais, antes do mais ideológicos e políticos. A **Análise Social** e o GIS não acompanharam, nem podiam ou deviam acompanhar, como é óbvio, essa autêntica mutação na população universitária discente.

A revista parecia, pois, desfasada. Deixou de interessar precisamente àqueles que, anos antes, tinham sido os mais entusiásticos a acolhê-la. (...) A aura quase mítica, de que a **Análise Social** se vira revestida, dissipou-se. A revista perdeu popularidade, foi considerada desinteressante e tornou-se de facto, para os jovens universitários, desinteressante. (...) Recusaram ostensivamente o seu «reformismo», e depois esqueceram-no. (...)

No entanto, ainda hoje surpreende a aceitação que a **Análise Social** tem para além dos círculos estritamente académicos. Lá fora, as revistas de ciências sociais repousam no silêncio das bibliotecas ou vivem tranquilamente na pacatez dos gabinetes dos investigadores ou dos professores universitários. Em Portugal, já tenho visto no Verão a **Análise Social** no redor ensoalhado de piscinas. E quando digo a um britânico, a um francês ou a um italiano a quanto monta a sua tiragem, é infalível a reacção de surpresa. (...)

Por isso e para isso

(...) As ciências sociais, nomeadamente a sociologia, entraram em meados do século passado em Portugal, através do positivismo. E a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra acolheu-a nas suas cadeiras, formalmente entre 1901 e 1911. Com o declínio do positivismo, viera também a escola de ciência social de Le Play, nessa década particularmente cultivada entre nós pela influência de Paul Descamps.

O pós-Guerra viria porém reactivar as ciências sociais então bastante decaídas, tendo para tanto contribuído, em especial, o «catolicismo social» ou os movimentos sociais católicos, sobretudo através das Semanas Sociais Portuguesas (realizadas de 1940 a 1952), dos cursos de Sociologia Rural organizados pela JOC (em 1948 e 1959) e ainda dos Institutos de Serviço Social, criados em 1939.

Mas foi sobretudo no meio universitário que o interesse pelas ciências sociais cresceu, a começar pela introdução da Sociologia na Escola Superior Colonial (mais tarde ISCSPU) em 1953-4, e a acabar na criação de uma cadeira de Sociologia Geral nos preparatórios de Engenharia e Arquitectura (ministrada pelas respectivas Faculdades) a partir de meados dos anos 50, e na introdução da Sociologia Rural nos cursos de Agronomia e Veterinária, pela mesma altura.

De todas estas iniciativas, a de maior projecção e repercussão futura foi sem dúvida o ensino da Sociologia e da Antropologia na formação dos administradores coloniais, justificada pela necessidade de conhecer as heterogéneas populações e estruturas sociais dos territórios ultramarinos.

As ciências sociais cultivadas nos anos 50 tinham um claro objectivo de compreender e conhecer as realidades sociais distantes no espaço ou longínquas no tempo, com o claro desígnio de permitir a sua integração ou a sua fundamentação no presente. Estavam pois longe de cobrir toda a necessidade que cada vez mais se fazia sentir de conhecer as novas e mais próximas realidades sociais portuguesas, nomeadamente as que constituíam os grandes problemas do desenvolvimento social.

Foi por isso e para isso que surgiu o GIS e a **Análise Social**. E surgiu de dentro das próprias estruturas do regime, mais concretamente a partir do Gabinete de Estudos Corporativos do Centro Universitário da Mocidade Portuguesa e da sua revista, e ainda do Centro de Estudos Sociais e Corporativos do Ministério das Corporações.

O GIS veio de facto dar resposta à necessidade cada vez mais sentida de impulsionar o conhecimento sociológico dos problemas do desenvolvimento português, dos seus obstáculos e limitações, das suas distorções e perversões. E simultaneamente veio fazer face à falta de cultores de uma perspectiva científica, e não apenas filosófica ou moral, desses problemas. Por isso se pode, justamente, considerar, a partir dos seus grandes objectivos, como «sociologia do desenvolvimento», aquela que pelo GIS e através dele se começou a praticar no começo dos anos 60.

Ao fazer-se eco da necessidade de modernização social, da revelação «científica» dos problemas sociais (desde a habitação e o urbanismo à distribuição de rendimentos e ao emprego, passando pela industrialização, pela emigração, e pela escolarização) e da defesa de novas perspectivas de política social em face do declínio da população activa, e da escassez de mão-de-obra qualificada (como a política do emprego, da emigração, da segurança social, da educação, etc.), o GIS e a **Análise Social** fizeram-se portadores de um claro desígnio de ruptura com o tradicionalismo e o conservadorismo social e político. Ao revelar criticamente os obstáculos à modernização social, e ao indicar a sua ultrapassagem, apontam também implicitamente para os entraves políticos e para a necessidade de os superar.

A sociologia do desenvolvimento do GIS e da **Análise Social** foi por isso mais uma prática científica de ruptura do que de integração social e política. Ao desenvolver a formação da Sociologia, com a vinda a Portugal de eminentes sociólogos estrangeiros, e com o fomento da ida de portugueses para universidades estrangeiras (...) o GIS e a **Análise Social** deram então os primeiros passos para a formação de uma comunidade crítica de cientistas sociais que, precisamente porque crítica, em breve se tornou também politicamente oposítora. (...)

Manuel Braga da Cruz

DESPORTO

Atletismo

Sporting faz contrato «leonino»

O Sporting assinou contrato de patrocínio com uma empresa espanhola de bolachas, que suportará cerca de 30 por cento dos custos da secção de atletismo dos «leões».

Segundo Abílio Fernandes, vice-presidente do clube:

«*Trata-se de um bom contrato. O melhor de sempre do atletismo*» adiantando que o acordo agora firmado com a Cuétara é «*uma experiência que se pretende aperfeiçoar substancialmente em 1991*».

O vice-presidente sportinguista referiu que «*o patrocínio só cobrirá cerca de 30 por cento das despesas*», mas que «*é intenção da actual direcção fazer subir esta percentagem, de forma a dar melhores condições aos atletas*».

Além do montante entregue directamente ao Sporting, a empresa premiará individual e colectivamente as vitórias ou lugares de honra dos 132 atletas «leoninos», três dezenas e meia dos quais, integrados na alta-competição.

A vitória será premiada com 200 contos, seja individual ou colectiva, os segundos lugares com 100 e os terceiros com 75 contos, isto independentemente das recompensas atribuídas pelas organizações das provas. «*Este é um pormenor bem atractivo para os próprios atletas, pois quanto melhores foram os resultados obtidos, maior será o seu proveito*« — especificou Abílio Fernandes.

Sousa Cintra, aproveitou a oportunidade para enaltecer o valor dos atletas do clube, salientando o relevante prestígio de Carlos Lopes, o recorde europeu de Fernando Mamede, os sucessivos êxitos dos gémeos Castro tendo referido que enquanto for presidente do clube «*os irmãos Castro não sairão do Sporting, fundamentalmente porque eu quero ter o prazer de os ver receber, em Barcelona, a medalha de ouro dos Jogos Olímpicos*».

O desencanto do professor

O professor Mário Moniz Pereira, há 45 anos treinador de atletismo do Sporting e responsável técnico nacional, afirmou encontrar-se desencantado com a situação da modalidade em Portugal, encarando a hipótese de se afastar da actividade.

Numa intervenção que efectuou no jantar de homenagem do Grupo Stromp à equipa do Sporting que recentemente venceu a Taça dos Campeões Eurupeus de Corta-Mato, Moniz Pereira (sócio número de 16 dos «leões») considerou que o atletismo português vive momentos de indefinição a todos os níveis, desde o clube até aos departamentos governamentais de que depende.

No caso concreto do Sporting, de longe o clube português com maior número e mais importantes êxitos, individuais e colectivos, na modalidade, quer nacionais quer internacionais, Moniz Pereira, sem dúvida o principal obreiro dessa multiplicidade de triunfos, queixa-se da inexistência de um política clara para o atletismo, perspectivada em termos de futuro.

A equipa homenageada durante um jantar efectuado num restaurante de Lisboa, foi integrada por Domingos Castro, Dionísio Castro, Fernando Couto, Eduardo Henriques, Fernando Mamede e Carlos Patrício, e conquistou a décima vitória do Sporting em 13 presenças na Taça dos Campeões Europeus de Corta-Mato, palmarés sem paralelo a nível do continente.

Ana Oliveira: mais além

A atleta Ana Oliveira, venceu a prova de salto em comprimento do «meeting» internacional que decorreu em San Sabastian «pulando» 6,23 metros (menos cinco centímetros do que o seu próprio recorde nacional). Emília Trindade foi 3.ª classificada saltando 6,06 metros.

20 km de Cascais

Organizada pelo Centro de Cultura e Desporto da Câmara Municipal de Cascais com o apoio da Federação Portuguesa para o Estado, Prevenção e Tratamento da Toxicodependência, realiza-se no próximo dia 4 de Março, naquela cidade, a sétima edição da prova 20 km de Cascais que se prevê venha a ser participada por mais de 1500 atletas.

BREVES

Polícia napolitana deteve larápios da bola de Diego

A Polícia de Nápoles, revelou ter detido dois dos nove presumíveis assaltantes do banco daquela cidade quando em 26 de Outubro de 1989 roubaram 110 quilos de objectos de ouro no valor aproximado de 180 mil contos que, depois de fundirem em lingotes terão vendido a uma firma de Arezzo (arredores de Florença).

Entre os objectos furtados encontrava-se a Bola de Ouro conquistada por Diego Maradona no Mundial-86.

Nadia Comaneci vai casar com perito de informática

A antiga ginasta romena Nadia Comaneci anunciou, a uma estação de Televisão nipónica, que irá, brevemente, casar-se com um seu compatriota, engenheiro de informática. Fica assim desfeito o rumor de que a antiga atleta, exilada nos EUA desde Dezembro último, estaria noiva de Constantin Panait que planeou a sua fuga da Roménia e que colabora num filme sobre a biografia de Comaneci.

Selecção de futebol dos EUA vai receber «bola espacial»

A selecção de futeobl dos Estados Unidos vai receber uma bola «espacial», que os astronautas da nave espacial Discovery levaram a bordo na viagem orbital realizada em Novembro do ano passado.

A bola, assinada por todos os jogadores da selecção então já qualificada para a fianl do Mundial em Itália, foi levada para a nave pelo antigo seleccionador e agora coronel da Força Aérea John Blaha, e pelo capitão da Marinha Sonny Carter, um antigo jogador dos Chefs, de Atlanta, e será entregue antes de começar o jogo Estados Unidos - União Soviética, a disputar no sábado em Stanford, na Califórnia.

O encontro será presenciado por vários astronautas, alguns dos quais participaram no voo que levou a bola até ao espaço, percorrendo mais de três milhões de quilómetros em redor da terra, a uma velocidade de 30 mil km/hora.

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS E.P.

AVISO AO PÚBLICO

Por motivos de saúde, o soprano

GABRIELA BENACKOVA

cancelou a sua actuação no Concerto da Aula Magna em 23 de Fevereiro.

Em sua substituição o Teatro Nacional de S. Carlos apresenta

EDITH WIENS

A Orquestra Sinfónica do Teatro Nacional de S. Carlos será dirigida pelo maestro Jacques Delacôte

A Administração

BILHETES À VENDA

NOTA: Serão reembolsados, na bilheteira do Teatro Nacional de São Carlos, os portadores dos bilhetes já vendidos que eventualmente não queiram assistir a este concerto.

SEAT TERRA

MAIS CARGA POR MENOS

DESDE 1.077.000 ESC.

Importador exclusivo: SOCIEDADE HISPÂNICA DE AUTOMÓVEIS, S.A.

Encargos anuais globais de 136.448 a 177.083 Esc. Base: 15.000 Km/ano. Dezembro 1989

GARAGEM VICTÓRIA, Automóveis, Lda.

Lisboa • Rua Nova de S. Mamede, 38-A • 1200 LISBOA
Telefs. 65 81 31/2/3/4/5/6 • Fax 60 34 12 • Telex 13371 GARVIT P
Cascais • Av. 25 de Abril, 901, R/C Esq. • 2750 CASCAIS
Telefs. 284 73 92 – 284 74 17 • Fax 284 74 42

Federação não quer conversa com eles

Caso Rosa Mota

Federação crava mais espinhos

O conflito existente entre a atleta Rosa Mota e os dirigentes da Federação Portuguesa de Atletismo acaba de conhecer mais um episódio, com os federativos a cravarem mais um espinho. Síntese do contundente comunicado do executivo liderado por Henrique Melo: *decidido suspender todas as diligências com a atleta ou seus representantes, que não se enquadrem nas vias normais de relacionamento institucional, colocando, como condição prévia para a continuação do diálogo, a inscrição da Rosa Mota em qualquer uma das associações regionais em que a modalidade está organizada no Páis.*

Depois vem uma «ameaça»: *no caso de Rosa Mota decidir regularizar a situação fica obrigada (sem qualquer reserva) a participar na maratona dos campeonatos da Europa de Agosto, nos 15 km de estrada (Outubro) e numa prova do campeonato nacional à sua escolha.*

O comunicado refere ainda. «*A direcção da FPA vem assistindo, com perplexidade, a iniciativas que, a pretexto do caso, configuram propósitos que lhe são alheios. Nesta conformidade, reitera a sua recusa em ser refém de interesses terceiros e, com mais vigor ainda, em ser utilizada como catalisador de querelas e pressões várias em terrenos da política.*»

Recusa a chantagens

As reacções de José Pedrosa (técnico e médico da atleta) não tardaram, tendo afirmado: «*Não é altura de Rosa Mota sair do país. Ela é portuguesa e não vai abdicar de uma coisa que lhe diz muito e pela qual lutará até ao fim.*« Disse ainda: «*Numa situação da chantagem, como agora existe, Rosa Mota jamais se filiará na Federação.*»

Ministro optimista

Roberto Carneiro convidado (pela RTP) a pronunciar-se sobre o confronto afirmara que as duas reivindicações feitas pela atleta à FPA poderão resolver-se, bastando que as duas partes se aproximem. O ministro da Educação mostrou-se optimista quanto à resolução do conflito, porque, no seu entendimento, «não existem problemas irresolúveis«, ainda que reconheça que o diferendo «*se reveste de grande complexidade*«. Roberto Carneiro referiu ainda estar convencido ser possível «manter um capital de esperança no sentido do conflito ser resolvido pela via do diálogo«.

Essa é a esperança de todos nós. Mais espinhos não. Deixem a Rosa continuar a florir.

EM AGENDA

Para que atletas e demais gente do desporto possa tirar o máximo partido das festas carnavalescas, federações e associações resolveram antecipar para sábado toda a afectividade desportiva do fim-de-semana. Hoje ocorrerá o encontro de *basquetebol* Illiabum-Ovarense que terá lugar no pavilhão de Ílhavo a partir das 21 horas.

O confronto futebolístico entre o Louletano e o Silves, respeitante à Zona Sul da II Divisão, realiza-se esta noite (21 horas em Loulé).

Amanhã completa-se a ronda de *baquetebol* com a realização dos seguintes jogos: Barreirense-Guifões (17 h), Esgueira-Benfica (17.30), Imortal-Estrelas da Avenida (16 h) e Sporting-Ginásio Figueirense (18 horas).

Quanto ao futebol o programa é o seguinte:

1.ª Divisão

21.ª Jornada — D. Cheves-União; Boavista-Est. Amadora; Tirsense-Belenenses; Feirense-V. Setúbal; Sp. Braga-V. Guimarães (15.30 horas); Marítimo-Beira Mar; Benfica-Nacional: Sporting-Penafiel e Portimonense-FC Porto (às 21.30 horas).

2.ª Divisão

Zona Norte — Bragança-Maia; Vizela-Freamunde; P. Ferreira-Aves; Varzim-Marco e Leixões-Trofense.

Zona Centro — Sp. Covilhã-Caldas; Mangualde-Académica (Canas de Senhorim); Marialvas-Guarda; Lousanense-A. Viseu; U. Leiria-U. Lamas; Peniche-Oliv. Bairro (Mira de Aire) e Oliveirense-Benfica C. Branco.

Zona Sul — O Elvas-Olhanense; Lusitano Évora-Estoril; Samora Correia-Oliv. Moscavide (em Almeirim); Barreirense-Sintrense; Atlético-Portalegrense; Seixal-Juventude de Évora; Alverca-Torreense (na Reboleira) e Farense-Lusitano V. Real (15.30 horas).

3.º Divisão

Série A — Celoricense-Lanheses; Mirandela-P. Barca (em Vila Real); Caminha-Ribeirão; St.ª Maria-M.ª Fonte; Delães-Vieira; Valdevez-Valpaços e Vila Pouca-M. Cavaleiros.

Série B — Régua-Sandinense; Leça-Cinfães; Paredes-Amarante; Pedrouços-Lixa; Valonguense-Rio Tinto; Lourosa-Sanjoanense; Lousada-Vila Real; Paivense-Penaguião e Valadares-Ermesinde.

Série C — Estarreja-Gouveia; Valecambrense-Mealhada; Alba-Anadia; Oliveirinha-Tabuense; Mortágua-Santacombadense; Sabugal-Argus (em Mangualde); U. Coimbra-Valonguense; Luso-Oliv. Hospital e Seia-Ovarense.

Série D — U. Santarém-Ferrel; Marinhense-Marrazes; Alcains-Mirandense; nazarenos-T. Novas; Est. Portalegre-C. Vide; U. Tomar-Alcobaça; Alcanenense-Naval 1.º de Maio; Fátima-Sertanense e Alfazeirense-Bombarralense.

Série E — Loures-Vilafranquense; Sacavenense-F. Benfica (nos Olivais); Fanhões-Odivelas; Praiense-Lusitânia; Cacém-Oriental; C. Lobos-Borbense e Fronteirense-Campomaiorense.

Série E — Caparica-Imortal; Esp. Lagos-Amora; Leões Tavira-Est. V. Novas; União Santiago-Quimigal; Moura-Beja; Palmelense-V. Gama; U. Montemor-Trafaria; Montijo-Almancilense e Sesimbra-Quarteirense.

CINEVOZ

UM, DOIS, TRÊS,

Cola Cao®

OUTRA VEZ!

GANHE

1 AUTOMÓVEL

1 BICICLETA

TODAS AS SEMANAS

Um, dois, três... é desta vez!
Concorra e ganhe com COLA CAO.
Todas as semanas, no programa
UM, DOIS, TRÊS,
ganhe **um automóvel** e **uma bicicleta.**
Recorte um rótulo de COLA CAO.
No verso, com letra bem legível, escreva o seu nome completo, morada e número de telefone. Envie pelo correio *, dentro de um sobrescrito, para:

Nutrexpa
Grande Concurso Cola Cao
Apartado 8177
1802 Lisboa Codex

Quantos mais sobrescritos enviar, mais probabilidades tem de ganhar. Participe. COLA CAO ajuda com força.. a ganhar!

NUTREXPA

* São admitidos a concurso todos os sobrescritos recebidos até ao dia anterior ao do sorteio

I Série N.º 46
Dia 23 de Fevereiro
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Despacho Normativo n.º 16/90:
Fixa o valor definitivo de empresas para efeitos de indemnização.

Ministério da Justiça

Portaria n.º 155/90:
Adita à lista de entidades autorizadas a realizar arbitragens voluntárias institucionalizadas contida na Portaria n.º 211/89, de 13 de Março, a União das Associações de Comerciantes do Distrito de Lisboa e a Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor - DECO.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 156/90:
Rectifica a Portaria n.º 1065/89, de 12 de Dezembro, com a anexação do prédio rústico registado na repartição de FDinanças do Concelho de Castelo de Vide, freguesia de Santa Maria da Devesa, secção J, prédio n.º 4, com a designação de «Pego da Água Alta».

Ministério da Educação

Portaria n.º 157/90:
Autoriza a Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões, reconhecida pelo Despacho n.º 123/MEC/86, de 21 de Junho, a ministrar os cursos de Engenharia Energética, de Engenharia da Produção e de Informática.

Ministério da Saúde

Portaria n.º 158/90:
Altera o n.º 4 do artigo 14.º do Regimento do Internato Complementar, aprovado pela Portaria n.º 1223-B/82, de 28 de Dezembro.

Região Autónoma dos Açores

Governo Regional

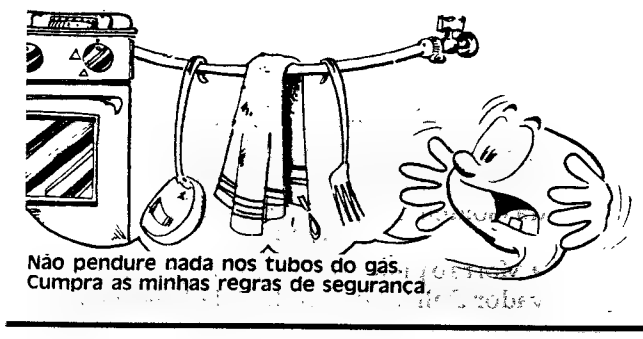
Decreto Regulamentar Regional n.º 4/90/A:
Altera o quadro de pessoal do Hospital de Ponta Delgada.
Decreto regulamentar Regional n.º 5/90/A:
Altera os quadros de pessoal de alguns centros de saúde da Região.

Assembleia Legislativa Regional

Resolução da Assembleia Legislativa Regional n.º 2/90/A:
Aprova a conta da Região referente ao ano de 1987

Supremo Tribunal de Justiça

Assentos:
No domínio dos artigos 442.º, n.º 2, e 830.º, n.º 1, do Código Civil, com a redacção introduzida pelo Decreto-Lei n.º 236/80, de 18 de Julho, o direito à execução específica não depende de ter havido tradição da coisa objecto do contrato-promessa para o promitente comprador.
No domínio do texto primitivo do n.º 2 do artigo 410.º do Código Civil vigente, o contrato-promessa bilateral de compra e venda de imovel exarado em documento assinado apenas por um dos contraentes é nulo, mas pode considerar-se válido como contrato-promessa unilateral, desde que essa tivesse sido a vontade dfas partes.



AGENDA

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte e Centro: -Céu pouco nublado tornando-se muito nublado no litoral a partir da tarde. Vento fraco ou moderado do quadrante Sul. Neblina ou nevoeiro matinal. Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação Noroeste de 3 a 4 metros.
Regiões do Sul: - Céu pouco nublado e vento fraco ou moderado de Sueste. Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação Noroeste de 3 metros na Costa Ocidental e cavado com ondulação Sueste de 2 a 3 metros na Costa Sul.

MADEIRA

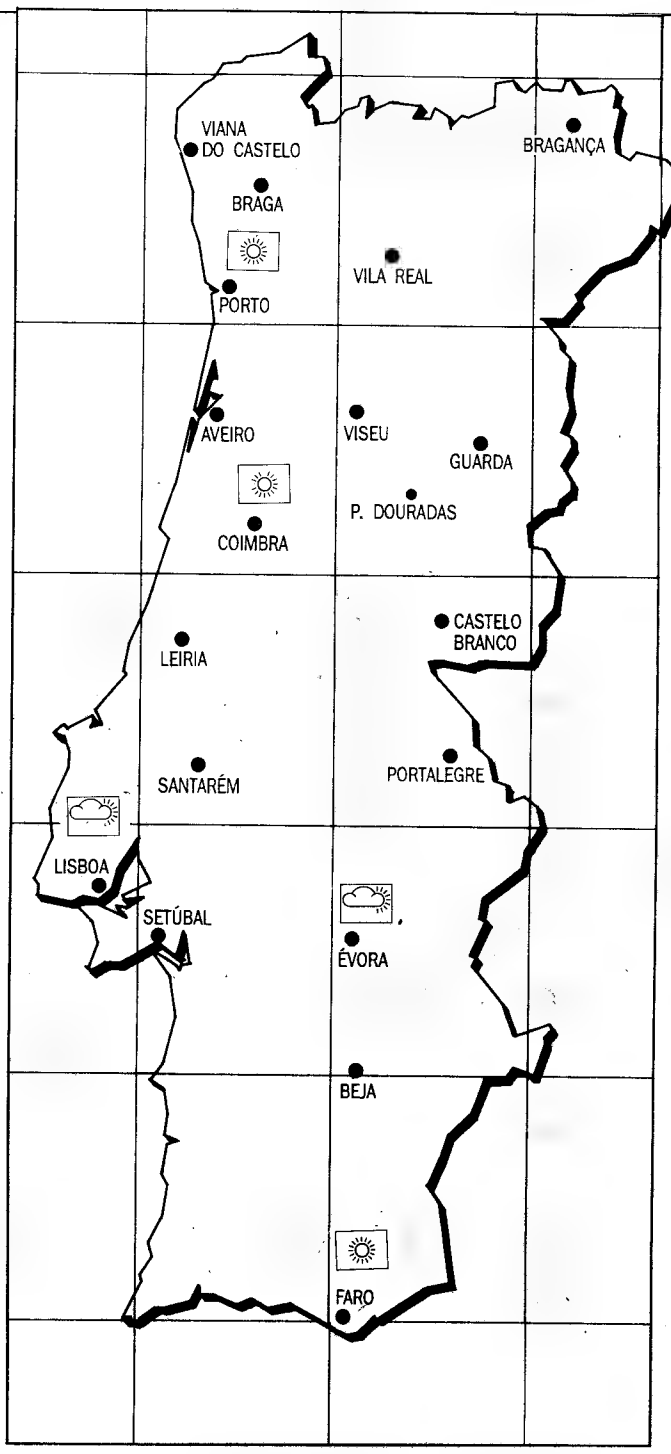
Céu muito nublado e vento geralmenye fraco de Sueste.
Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Noroeste de 3 metros na Costa Norte e encrespado ou de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.
Amanhã: - Céu geralmente muito nublado e vento fraco ou moderado de Nordeste. Aguaceiros fracos.

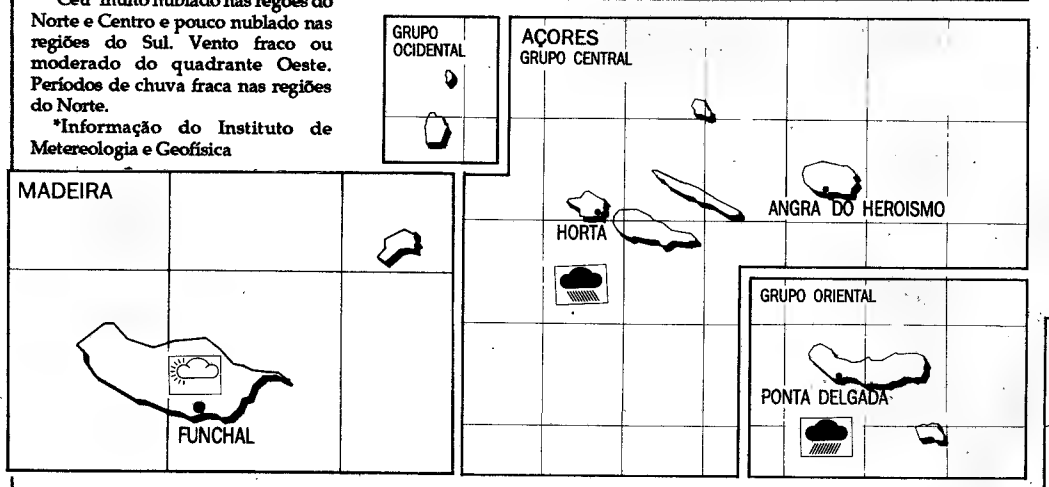
AÇORES

Todos os grupos: - Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Noroeste, por vezes com rajadas nos grupos Central e Ocidental. Aguaceiros.
Mar cavado com ondulação Noroeste de 3 a 4 metros.
Amanhã: - Céu muito nublado. Vento moderado a forte de Oeste nos grupos Ocidental e Central e de Noroeste moderado no Grupo Oriental. Períodos de chuva fraca e pequena subida da temperatura.

Amanhã
No Continente:
Regiões do Norte e Centro, céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado do quadrante Oeste. Períodos de chuva fraca nas regiões do Norte, estendendo-se a partir da tarde para o Centro.
Regiões do Sul, céu pouco nublado, tornando-se muito nublado para o fim do dia. Vento fraco e neblina ou nevoeiro matinal.

Depois
No continente:
Céu muito nublado nas regões do Norte e Centro e pouco nublado nas regiões do Sul. Vento fraco ou moderado do quadrante Oeste. Períodos de chuva fraca nas regiões do Norte.
*Informação do Instituto de Metereologia e Geofísica





Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
01.48	3,4m	07.33	0,9m
14.14	3,4m	19.45	0,9m

Amanhã

02.26	3,7m	08.11	0,6m
14.50	3,6m	20.23	0,6m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	7	7	Limpo
V. Castelo	9	9	Neblina
Vila Real	8	8	Limpo
Porto	10	12	Limpo
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	12	13	P. nub.
C. Carvoeiro	13	14	Limpo
C. Branco	10	10	Neblina
Portalegre	11	11	Limpo
Lisboa	11	11	Neblina
Évora	10	10	Limpo
Beja	8	8	Limpo
Sines	10	11	Limpo
Faro	13	13	Limpo
Sagres	15	15	Limpo
P. Delgada	11	12	Aguaceiros
Horta	9	10	Aguaceiros
Funchal	16	18	P. nub.

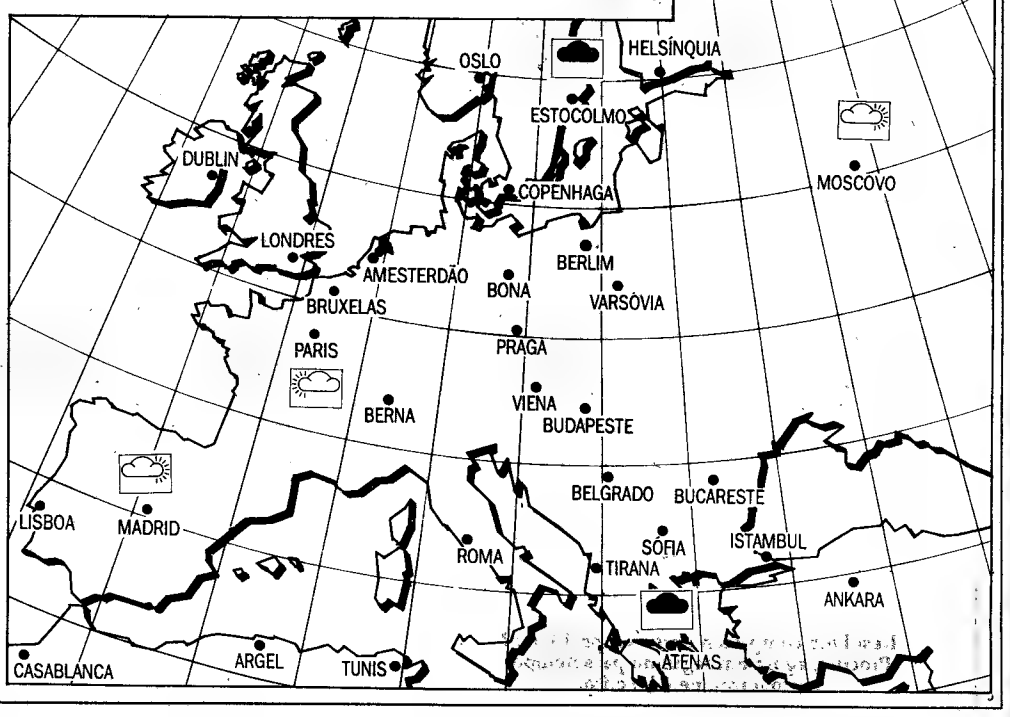
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 21; Porto, 23; Faro, 20; P. Delgada, 26; Funchal, 15.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	3	3	Limpo
Londres	6	7	Bruma
Paris	4	4	Nevoeiro
Bruxelas	6	6	Limpo
Amesterdão	6	6	M. nub.
Genebra	2	2	Nevoeiro
Roma	7	8	Neblina
Oslo	6	6	P. nub.
Copenhaga	2	2	P. nub.
Estocolmo	6	6	M. nub.
Berlim	2	2	Neblina
Viena	0	0	Nevoeiro
Varsóvia	-	-	-
Atenas	9	11	M. nub.
Moscovo	0	0	Limpo

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	-2	4	Neve
Houston	5	14	P. nub.
Los Angeles	11	26	Limpo
Montreal	0	0	Neve
Nova Iorque	12	17	P. nub.
S. Francisco	7	22	P. nub.
Toronto	2	2	Neve
Vancover	1	8	P. nub.
Washington	9	17	Aguaceiros
Hong Kong	14	22	Trovoada
Melbourne	16	30	Limpo
Pequim	1	3	Neblina
Perth	18	30	Limpo
Singapura	25	33	Limpo
Sydney	18	26	Limpo
Tóquio	8	16	P. nub.
Wellington	13	23	Limpo



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO PERMANENTE

Arco Cego - Estefânia: Palma, Av. Duque d'Ávila, 25-31, Tel. 547088; **Av. Roma:** Avis, Av. Roma, 56 B-C, Tel. 895370; **Camões - Santa Catarina:** Combro, Calçada do Combro, 82, Tel. 326059; **Campo de Ourique:** Pinheiro, Rua Campo Ourique, 135, Tel. 686640; **Campolide - Sete Rios:** Nova, Rua Campolide, 297-C, Tel. 687475; **Lumiar:** Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93 A-B, Tel. 7591131; **Luz - Fr. Meninos da Luz:** Geny, Rua Cons. José Silvestre Ribeiro, 12-A ao 218 da Estrada da Luz, Tel. 7140342; **Olivais Sul:** Fernandes Borges, Rua D. Aleixo Corte Real, Lote 388, Cruz. com a Rua Cidade Bolama, Tel. 311091; **Pedrouços:** Soc. Higilux, Rua Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; **Penha França - Bairro Colónias:** Higiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 8144361; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Rato - Marquês Pombal:** Vieira Borges, Rua Alexandre Herculano, 28-30, Tel. 520536; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Portela:** Paula de Campos, Centro Comercial Urb. da Portela, Tel. 9431423; **Odivelas:** Nabais Vicente, Rua A, Lote 19-A, Loja e (Urb. Codivel), Tel. 9816803; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453.

REFORÇO

Alto Santo Amaro: Santo Amaro, Rua Filinto Elísio, 29 A-B, Tel. 3637070; **Alvalade:** Brisália, Av. Rio de Janeiro, 66 66-A, Tel. 882368; **Avenidas - Saldanha:** Império, Rua António Enes, 10, Tel. 548002; **Avenidas Novas:** Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A, Tel. 763107; **Bairro Azul:** Sirius, Rua Fialho Almeida, 38-A, Tel. 544000; **Baixa:** Silva Carvalho, Rua dos Fanqueiros, 124-126, Tel. 873875; **Benfica - Atrás do Califa:** Rebocho, Rua Tenente-Coronel Ribeiro Reis, 12-B (Calhariz), Tel. 743871; **Chelas - Colégio Valsassina:** Serra, Rua Luís Cristino da Silva, Lore 221, Loja 133 Zona 2 - Chelas, Tel. 8593720; **Marvila:** Freitas, Rua Vale Formoso Baixo, 23-A, Tel. 381136; **Mercado do Chile:** Corvo, Rua Ângela Pinto, 32 B-C, Tel. 549756; **Radiodifusão - Ex. Em. Nacional:** S. Nunes Simões, Rua Quelhas, 1-3, Tel. 661275; **Brandoa - Amadora:** Correia, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 137 - Lj. B (Poente), Tel. 990122; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166, Tel. 4104953. Permanente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Godinho, Av. Patrão Lopes, 4, Tel. 2432039. Até às 22 h; **Oeiras:** Sacor. Permanente; **Parede:** Mendes Junqueiro, R. Luanda, Lote 5, Tel. 2477838. Permanente; **S. Pedro do Estoril:** S. Pedro, R. 9 de Abril, Tel. 2683052. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano - Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Suíça, Cruzeiro, Tel. 260087. Até às 22 h; **Cascais:** Cascais, R. Conde Monte Real, B.º Caixas, Tel. 282407. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Clabel, R. Ant.º Sardinha, 23-D, Tel. 4938551. Permanente; Carlos, R. Sebastião Gama, 28-B - B. Casal S. Brás. Até às 22 h; Heleno, R. 1, Lote C - Reboleira Sul, Tel. 964476. Até às 22 h; **Queluz:** Zeller, R. República, 83, Tel. 4350045. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Garcia, Av. Missionários, 2, Tel. 9242181. Permanente; **Mem Martins:** Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173, Tel. 9214103. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 horas; **Rinchoa:** Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 926006. Até às 22 h; **Sintra:** Misericórdia, Vila Pendoa, Tel. 9231070. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Central, R. Olivença, 11-B, Tel. 2750504. Permanente; **Cova da Piedade:** Rainha Santa, R. Soc. Fua Piedense, 50-A, Tel. 2294182. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, Lote 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Oliveira Sérgio, R. Álamos, 2-A, Tel. 2296464. Até às 22 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 7-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Barreiro:** Silva Inácio, P. Gomes Teixeira, 45, Tel. 2071862. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A, Tel. 2040141. Até às 19 h; **Correios:** Bento Lino, Est. Vale Milhaços, Tel. 253260.

MÉDICO DE URGÊNCIA ☎ 766 171 / 766 178 / 766 179

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa — A MOSCA

Jacqueline prepara as suas memórias

LUNAUTAS EM LISBOA

Os tripulantes da Apolo 12 começaram em Portugal a sua viagem pela Europa

JOVEM REBELO GALARDOADO COM O PRÉMIO «PESSOA» 1989

NERVOSISMO NA COMITIVA DE GEORGES POMPIDOU

Lunautas em Lisboa

Os astronautas Charles Conrad, Richard Gordon e Alan Bean, que tripularam a «Apolo 12» no segundo voo lunar que os EUA já realizaram, chegaram hoje a Lisboa acompanhados pelas famílias, assim iniciando no nosso País uma viagem «de boa vontade» pela Europa.

Memórias de Jacqueline

Jacqueline Onassis trabalha em segredo nas suas memórias - revelou, em Washington, a jornalista Maxine Cheshire, do "Washington Post". «Essa obra, que não deixará de revelar aspectos desconhecidos da vida dos Kennedy, causará, decerto, desusada agitação no mundo do livro», prossegue a jornalista, que foi a primeira pessoa «a levantar a lebre» das cartas de Jacqueline a Roswell Patrick, que tanta celeuma provocaram.

Jornalista detido no Tchad

Três elementos de uma equipa da Televisão francesa, detidos no Tchad ao filmarem as forças rebeldes, regressaram ontem a Paris, tendo sido, no entanto, obrigados a abandonar um quarto elemento, Robert Pledge, que se encontra incomunicável no Hospital de Fort Lamy, naquele país africano.

EFEMÉRIDES

1777

• O Marquês de Pombal manda incendiar a Trafaria.

1905

• Morre, em Lisboa, o caricaturista e ceramista Rafael Bordalo Pinheiro, criador da figura do «Zé Povinho».

1949

Realiza-se na «Quinta das Pedreiras» - antigo centro hípico - um comício da candidatura do general Norton de Matos, que ficaria conhecido como o «Comício da Fonte da Moura».

1963

• Inicia-se na colónia portuguesa da Guiné a luta armada de libertação nacional dirigida pelo PAIGC.

1981

• A escritora Margarite Youcenar torna-se a primeira mulher a ser admitida na Academia Francesa, fundada em 1635.

1984

• É entregue no Parlamento português um abaixo-assinado contra a legalização do aborto, subscrito por mais de 545 mil pessoas adultas de todo o País.

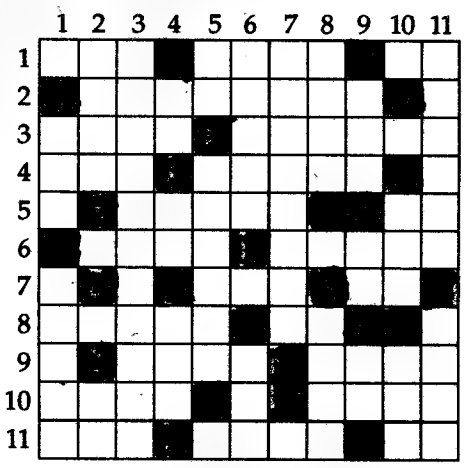
1987

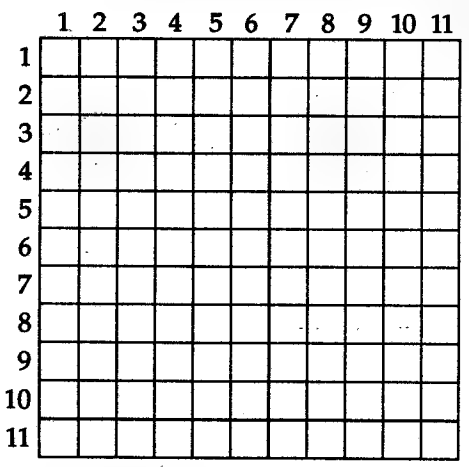
• O nadador português Alexandre Yokochi conquista a medalha de ouro nos 200 metros bruços no «meeting» internacional da Golden Cup, em Estrasburgo.

1989

• Morre o pintor surrealista espanhol Salvador Dali, Marques de Pubol, 84 anos.

PALAVRAS CRUZADAS





PROBLEMA N.º 17865

HORIZONTAIS:

1 - Artigo indefinido. Lágrima. Preposição.
2 - Tolerarem.
3 - Dão mios. Curara.
4 - Deusa da Aurora, esposa de Titono. O mesmo que timorense.
5 - Negócio. Deus dos pastores.
6 - Rosto. Espera resposta.
8 - Magoara. Sadia.
9 - Nume. Tira para fora.
10 - Planta têxtil do Ceará. Costumar.
11 - Suspiros. Moeda de ouro, que corria nas Molucas. Nota musical.

VERTICAIS:

1 - Doçura. Torna doce.
2 - Nome de mês. Zomba.
3 - Comprometeremos seriamente.
4 - Artigo indefinido. Sufixo que designa estado. Artéria.
5 - Grego (abrev.). Ornamento que os reis medos e persas punham na cabeça. (pl.).
6 - Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. Nome de mulher.
7 - Urdiras.
8 - Elemento que entra em algumas palavras com a significação de ar. Tosto.
9 - Oceano. Preposição e artigo.
10 - Igual. Bilis.
11 - Deras aviso de alguma coisa em voz alta. Falha.

PROBLEMA N.º 16675

HORIZONTAIS:

1 - Freguesia do concelho de Fafe.
2 - Exclusiva. O mesmo que cego (intestino).
3 - Sufixo que designa pequenez. Resguarde.
4 - Preposição e artigo. Cento e um em romano. Artilharia antiaérea.
5 - Separados de outros. Concede.
6 - Aqui. Endurecidos.
7 - Transpiramos. Artigo definido (ant.).
8 - Rio de França. Calculei.
9 - Cidade de Portugal. Grande lago da Turquia.
10 - Aqui. Arrostara.
11 - Romperias.

VERTICAIS:

1 - Freguesia do concelho da Figueira da Foz. Romancista português autor de «Os Maias».
2 - Gorduras. Vociferar.
3 - Ena! Poente.
4 - Cento e um em romano (inv.). Protestarão.
5 - Nome de mulher. Agora.
6 - Tunda (prov.). Prefixo que designa afastamento.
7 - Ómio (s.q.). Istmo montanhoso que liga a Indochina à Península de Malaca.
8 - Bradassem. Crómio (s.q.).
9 - Diz-se da rapariga leviana, adoidada. Levantai.
10 - Pechincha. Concederás.
11 - Preposição e artigo (inv.). Tomas de assinatura.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 864

HORIZONTAIS: 1 - MAL. SE. AC. 2 - Elite. APAGA. 3 - Cata. Cáries. 4 - Api. Motores. 5 - Agiam. Aa. 6 - Iam. Br. 7 - Porás. Essa. 8 - Sara. Mato. 9 - Op. Lio. Or. 10 - Golada. Sapo. 11 - Ora. Ios. Mas.
VERTICAIS: 1 - Meca. O. POGO. 2 - Alapa. Por. Litígios. La. 4 - Tal Iara. 5 - Sé. Mamar. DI. 6 - COM. Salão. 7 - Taã. 8 - Aproaremos. 9 - Caíra. Sa. Am. 10 - Gee. ESTOPA. 11 - Passa. Aoros.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 674

HORIZONTAIS: 1 - Salisburgo. 2 - Ig. Maura. Re. 3 - Na. Cintas. 4 - Pilhagem. 5 - Acre. Aselos. 6 - Pó. Dás. Res. 7 - Ur. Or. Pag. 8 - Ra. Pioras. 9 - Acuaras. Avá. 10 - Assaca. Mar. 11 - Coa. Sorraia.
VERTICAIS: 1 - Singapura. 2 - Agá. Coração. 3 - Pr. Usa. 4 - Impiedosa. 5 - Sa. Ar. Ras. 6 - Buchas. Paço. 7 - Úrias. Pisar. 8 - Rangerão. 9 - Telegrama. 10 - Oramos. Avaí. 11 - És. Usara.

PROVÉRBIO: MAL SE APAGA O FOGO COM ESTOPA.

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
CORAÇÕES DE AÇO
Filme de Brian de Palma, c/Michael J.Fox e Sean Penn
Maiores de 16 anos
Sessões às 14,00 16.30, 19.00, 21.30 e 2400 horas.

ALFA 1
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2
FOGO MALDITO
Filme de Clive Barker, c/Andrew Robison e Clare Higgins
Maiores de 18 anos
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
Filme de Euzhan Palcy, c/ Donald Sutherland e Janet Suzman
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Filme de Peter Weir c/Robin Williams
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos
Sessões ás 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
NÃO ME IMPORTO
Filme de Shmuel Imberman
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
YARIN - A ÍNDIA VINGADORA
Filme de Werner Knox
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
A MAGIA DO PRAZER
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
FUROR SEXUAL DE VANESSA
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30.

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
SHOKER-CEM MIL VOLTS DE TERROR
Filme de Wes Craven, c/ Michael Murphy
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
JOVENS PISTOLEIROS
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas

CINE PORTELA
ESTÚDIO SHEZA
Telef. 9434762
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546085
HURLEVENT
Filme de Jacques Rivette às 18.30 horas.
THE BREAKING POINT
Filme de Michael Curtiz às 21.30 horas.

CITY CINE

CARTAZ

UM MUNDO À PARTE
EM EXIBIÇÃO — SALA 3 — QUARTETO PUB MAIORES 12 ANOS

R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
NOVE SEMANAS E MEIA
Filme de Adrian Lyne
Maires de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
CORRUPÇÃO NA CIDADE
Filme de Harel Reisz
Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
DOIS DETECTIVES EM APUROS!
Com Lorin Dreyjuss
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
OS REIS DA NOITE
Maiores de12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
O BANDO DAS QUATRO
Filme de Jacques Rivette
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.00, 15.45, 18.30 e 21.30 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
O PROCESSO DO REI
Filme de qualidade de João Mário Grilo
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
HANNA D.
Filme de Axel Berger
Maiores de 18 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

CARNAVAL NO RITZ-CLUB

Telef. 325140

5.ª, 6.ª, SÁBADO, DOMINGO, 2.ª 3,ª 21.30h

SÁBADO — DOMINGO — TERÇA-FEIRA 16h

com o regresso de

Bucha e Estica

P/Todos

O DIVERTIDO ESPECTÁCULO ENCENADO POR **MÁRIO VIEGAS**

MARQUE JÁ MESA

50% DESCONTO A CRIANÇAS

DESCONTOS A GRUPOS!!!

FIQUE A DANÇAR E CEAR DEPOIS

teatro da Cornucópia

SALADA

(TEXTOS dos PALHAÇOS)

«Há muitos anos que não ria tanto num espectáculo» — **Jornal de Letras**

«uma autêntica explosão lúdica» — **Diário de Notícias**

«um momento de teatro divertido e despretencioso» — **O Jornal**

«Uma salada para todos e que vai alimentar muitas horas de prazer» — **Semanário**

«uma arte de inteligência e divertimento que não pára de se divertir connosco e consigo própria» — **Expresso**

«o que nós nos rimos?... ? uma das propostas teatrais mais modernas que a Cornucópia nos apresentou.» — **Independente**

«um dos espectáculos mais soltos, mais felizes e mais comoventes do seu historial» — **Fim de Semana**

CARNAVAL: HORÁRIO ESPECIAL
Dia 26 — 2.ª-Feira às 21.30H; Dia 27 — 3.ª-Feira às 16.00H; Dia 28 — 4.ª-Feira — Descanso

5.ª a Sáb. — às 21.30H — Dom. e Feriados — 16H; 3.ªs e 4.ªs-Feiras — Matinées para escolas

TEATRO DO BAIRRO ALTO
Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA Telef.: 66 15 15/66 92 05

CARTAZ

R. Martens Ferrão
Telef. 538743
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
O POLICIA DE MIAMI
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 18.00 e 21.30 horas.

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
LOUCAS SENSAÇÕES
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
VALMONT
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
CORRUPÇÃO NA CIDADE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
ARIEL
Filme de Aki Kaurismaki
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 16.45, 18.00, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14..30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3
UM MUNDO À PARTE
Filme de Chris Menges, c/ Barbara Hershey
Maiores de 12 anos
Sessões às 1400, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

QUARTETO 4
QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO?
Filme de Pedro Almodovar
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00 e 22.00 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

SÃO JORGE 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3
LAR, DOCE LAR... ÀS VEZES
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19 .00 e 21.30 horas.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
GENTE GIRA É OUTRA COISA
Maiores de 6 anos
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas.

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 3468446
SHOKER-CEM MIL VOLTS DE TERROR
Maiores de 18 anos
Sessões às 12.00, 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
O CONDE DRÁCULA NA BAVIERA
Maiores de 18 anos
Hoje e amanhã às 23.30

TEATRO DA MALAPOSTA
Olival Basto - Odivelas
Telef. 9873299
LA NUIT DE VARENNES
De Ettore Scola, c/ Hanna Schygulla e Jean Louis Barrault
Hoje e amanhã às 21.30.
Domingo às 17.00 horas.

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CACÉM ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00 e 21.30 horas.

QUELUZ KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Mairoes de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas.
SALA 2
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30 horas.
SALA 3
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas.

CASCAIS

OEIRAS ALTO DA BARRA 1
Av. das Descobertas - Telef. 4439759
SOTILÉGIO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALTO DA BARRA 2
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
VALMONT
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS - ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS MIRAMAR 1
Telef. 2841744
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

M IRAMAR 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD
Avb. 25 de Abril - Telef. 2865027
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões de 2ª a 6ª às 16.00 e 21.30. Sáb. Dom. e Feriados às 15.30, 18.00 e 21.30 horas.

ALMADA

ALMADA ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA
CINEMA PESCADOR
Telef. 2905350
GENTE GIRA É OUTRA COISA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 21.45 horas.

Telefone. 346 17 40
TEATRO MARIA VITÓRIA
PARQUE MAYER

HELDER FREIRE COSTA e VASCO MORGADO APRESENTAM

INAUGURAÇÃO DO TEATRO

COM A ESTREIA DUMA GRANDE REVISTA

VITÓRIA! VITÓRIA! VITÓRIA!

4.ª FEIRA • ÀS 21.30H • (ENSAIO GERAL)
5.ª FEIRA •ÀS 20.30 e 22.45H •
(ANTE-ESTREIA)

Encenação e Direcção de Ensaios
HENRIQUE SANTANA
Assistente
MARINA MOTA

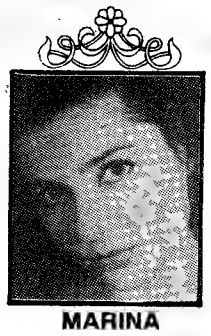
Coreografia de
LILIANE VIEGAS
Com assistência de
PAULA FONSECA

Direcção musical
FERNANDO RIBEIRO

Original de:
HENRIQUE SANTANA
FRANCISCO NICHOLSON
AUGUSTO FRAGA
NUNO NAZARETH FERNANDES
com música de:
JOÃO VASCONCELOS
FERNANDO CORREIA MARTINS
NUNO NAZARETH FERNANDES
FERNANDO RIBEIRO

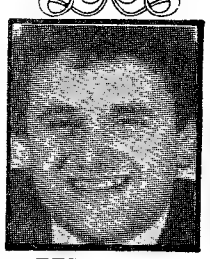
Montagem de: HERNANI e RUI MARTINS
Figurinos: JUAN SOUTULLO

• Cenografia de: HERNANI e RUI MARTINS, JOSÉ MANUEL e REBOCHO
• Maquetas de: HERNANI e RUI MARTINS, JORGE ROSA e CARLOS MATOS


MARINA MOTA

CARLOS CUNHA

ROSA DO CANTO


FERNANDO MENDES

CARLOS IVO

EVA CRISTINA

RUI DE SÁ

CRISTINA AREIA

JOÃO LOY

RUTE CORREIA

OLÍMPIA PORTELA

ANABELA PEREZ

PAULA SOARES

MARIA ARRIAGA

APOIOS À RECONSTRUÇÃO
SEC • F. GULBENKIAN • CML

Corpo de baile «TMV»
JOSÉ CARLOS - PAULA BORGES - JORGE RAMOS - ISABEL SANTOS - JOSÉ CARVALHO
SAMANTHA BLACKMORE - LUÍS JUSTO - WANDA ROMA - ANTÓNIO CALIXTO - ISABEL DIAS
FLORBELA SEQUEIRA - FRANCISCO MARIANO - JOANA OLIVEIRA - LUISA CIRILO

PATROCÍNIO DO CORREIO da manhã

CARTAZ

TEATRO LISBOA

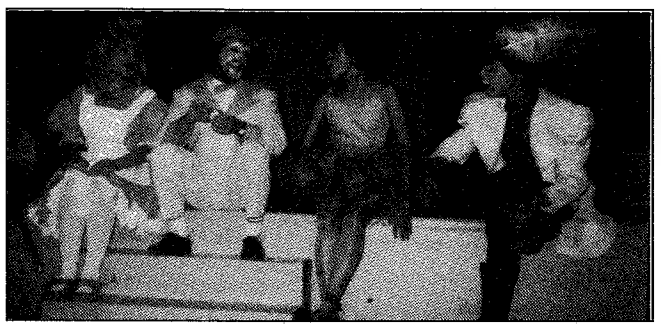
A BARRACA
CINEARTE
Largo de Santos, nº 2 - Telef. 665360 /686300
De 3ª a Sáb. às 21.30 e Dom. às 16 horas
MARGARIDA DO MONTE
De Marcelino Mesquita.

TEATRO DE CARNIDE
Azinhaga das Freiras - Telef. 7145178
Sextas e Sábados às 21.30 horas
DIVINAS PALAVRAS
De Rámon del Valle-Inclan.

TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas. Dom. às 17.00 horas, descanso à 4ªFeira
SALA NOVA
PÉCORA de Natália Correia.
SALA 2
Sexta às 21.30, Sáb. às 16.00 e 21.30. Domingo às 16 horas.
A PREGAÇÃO
De João Brites, pelo Grupo O Bando.
CAFÉ TEATRO
FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo
Em cena aos Sábados às 24 horas.

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco de Borja, 24 - Telef. 607299
De 3ª a Dom. às 22.00 horas
E O ZÉ QUE ZÉ
Textos de Mário Cesariny de Vasconcelos, Fernando Pessoa, José Manuel Ribeiro, Lauzier e Stig Dagerman. Encenação de José Carretes.

TEATRO DA CORNUCÓPIA
R. Tenente Raul Cascais, 1-A - Telf. 661515/669205
De 5ª a Sáb. às 21.30. Domingos e Feriados às 16 horas
SALADA
De Tristan Rémy.



«Feliz Aniversário», em cena no TIL/Teatro Infantil de Lisboa

RITZ CLUBE
R. da Glória, 57 - Telef. 325140
De 5ª a Sábado às 21.30. Sábado e Domingo às 16.00 horas
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas.

TEATRO ABC
Parque Mayer - Telef. 3466783
De 3ª a Domingo às 20.30 e 22.45. Domingos e Feriados às 16 horas
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas c/ Camilo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César.

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha - Telef. 778898
De 5ª a Sábado às 21.30 horas. Domingos às 16 horas
HAPPY END
De Dorothy Lane/Bertolt Brecht
(Em cena até dia 4 de Março).

TEATRO MARIA MATOS
Av. Frei Miguel Contreiras, nº 52 - Telf. 897017
3ª, 4ª e 5ª, às 21.30. Sextas e Sábados às 20.30 e 23.00. Dom. e Feriad. às 15.00 e 18.00 horas.
SEVERA
De Júlio Dantas

TEATRO DA POLITÉCNICA
R. da Escola Politécnica, 58 - Telef. 674474
De 3ª a Sexta às 21.00 horas
D. JOÃO E A MÁSCARA
De António Patrício

VARIEDADES
Parque Mayer - Telef. 326037
De 3ª a Domingo às 21.30. Domingos e Feriados às 16.00 horas
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana.

«D. João e a Máscara» no Teatro da Politécnica

TEATRO VILLARET
Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A - Telef. 538586
De 3ª a 5ª às 21.30, 6ª e Sáb. às 20.30 e 22.45. Domingos e Feriados às 16.00 e 21.30 horas
ORA BATE...BATMAN'SO.

INFANTIL

TEATRO INFANTIL
TIL
R, Leão de Oliveira, 1 - Telef. 3639974
FELIZ ANIVERSÁRIO
Texto e encenação de Fernando Gomes
Às 21.45. Sáb. e Dom. às 16 horas.

TEATRO MAIZUM
R. dos Poiais de S. Bento, 75-B - Telef. 601866
Sáb. e Dom. às 16 horas
A LINGUAGEM DOS ANIMAIS
De António Boto.
(Última exibição no dia 25)

OUTRAS LOCALIDADES

TEATRO DA MALAPOSTA
R. Angola - Olival Basto-Odivelas-Telef. 9873299
A TARANTELA VERMELHA
De Salvatore Cuffaro.
Hoje às 11.00 e 15.00 . Sáb e Dom. às 16.00 horas.

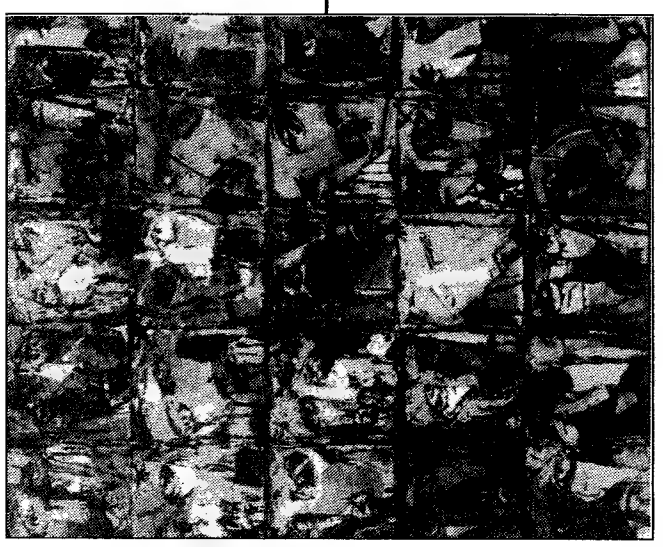
ESTORIL
TEATRO DO CASINO
Telefone 2684521
De 4ª a Sáb. às 22 horas. Dom. às 17 horas
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS?
Texto e encenação de Filipe La Féria.

PORTO
AUDITORIO CARLOS ALBERTO
R. das Oliveiras, Telf. 2008659
De 3ª a Dom. às 21.30. Sáb. e Dom. às 15.30 horas
DANÇA DE RODA
De Arthur Schuitzler.

EXPOSIÇÕES

LISBOA

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA (R. das Janelas Verdes): a exposição "Arte Namban - os portugueses no Japão"
MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (Jerónimos): de terça a domingo, das 10 às 12,30 e das 14 às 17, uma exposição permanente que integra centenas de milhares de peças, entre as quais um conjunto pré-histórico de 300 peças de ouro.
MUSEU NACIONAL DO TEATRO: até 27 de Março (Dia Mundial do Teatro), "Amália, 50 Anos" com entrada gratuita aos domingos de manhã.
Mês"
BIBLIOTECA NACIONAL: até 10 de Março, a exposição de desenho "Retratos", de Miguel Pereira Coutinho. Exposição de Francisco Rocha.
GULBENKIAN (Galerias das Exposições Temporárias): organizada pelo Museu Stedelijk de Amesterdão em colaboração com a Fundação Gulbenkian, uma exposição de Pintura, Escultura e Fotografia do Uruguai, Argentina, Brasil e Chile; nas galerias do Centro de Arte Moderna,a exposição "Panorama da Cerâmica Espanhola Contemporânea" e "Página Dupla" de Raymundo Sesma.
ALFAMA-GALERIA DE ARTE (R. das Flores, 109):



Pintura de Juan Soutullo na Galeria de Santa Justa

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até Abril, as exposições "A Lançadeira - tecelãs de Cachopo", "Tramas e Sortilérgios" de Teresa Segurado Pavão, "Bonecas com Traje da Índia" e "Joias" de Ana Campos; em exposição permanente "Técnicas de Fiação e Tecelagem"; e ainda "A s Bandeiras do

"Seis Pintores do Realismo Fantástico Espanhol" - Francisco Abuja, Manuel Alcorlo, Vicente Arnás, Manuel López Herrera, Santiago Morato, RicardoZamorano.
GALERIA SANTA JUSTA (R. de Sta. Justa, 93-2º): até 24 de Março, de segunda a sexta das 15 às 20 horas, pintura de Juan Soutullo.

VESTUÁRIO EM CABEDAL

COM AS MELHORES PELES

CONFECÇÕES STAHL, LDA.
AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1.º, ESQ.
☎ 77 11 58 – 1000 LISBOA

POLIGER — Sociedade de Gestão, SA, com Sede na Rua Latino Coelho, n.º 1, Bloco A-3 - 10.º andar — Capital Social de 5 000 000$00 — Matriculada na Conservatória do Resgisto Comercial de Lisboa sob o n.º 222 a Fls 118 do livro C-1 da 3.ª secção e Cartão de Pessoa Colectiva n.º 502076755.

ASSEMBLEIA GERAL
CONVOCATÓRIA

Nos termos da lei e do contrato de sociedade, convoco os senhores accionistas para se reunirem na sede social, em Assembleia Geral anual, no próximo dia 27 de Março de 1990, pelas 15.00 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Deliberar sobre o relatório de gestão e as contas do exercício findo em 31 de Dezembro de 1989.
2. Deliberar sobre a proposta da aplicação de resultados.
3. Proceder à apreciação geral da administração e fiscalização da sociedade.
4. Proceder à eleição de membros dos corpos sociais.

Poderão participar ou fazer-se representar na Assembleia Geral os senhores accionistas que tenham as suas acções registadas ou depositadas em seu nome até 5 dias antes da data indicada para a reunião.

Lisboa, 12 de Fevereiro de 1990

Poliger — Sociedade de Gestão, SA
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Dr. Fernando Fonseca Santos

LUXPINUS — Sociedade Imobiliária, S.A.
CAPITAL SOCIAL 50 000 000$00
PESSOA COLECTIVA N.º 501 560 793

REGISTADA NA CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE LISBOA COM O N.º 61796
SEDE: RUA LATINO COELHO, N.º 1 — A3 — 16.º D — LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL
CONVOCATÓRIA

Nos termos da lei do contrato de sociedade, convoco os senhores accionistas para se reunirem na sede social, em Assembleia Geral anual, no próximo dia 26 de Março de 1990, pelas 15 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Deliberar sobre o relatório de gestão e as contas do exercício findo em 31 de Dezembro de 1989.
2. Deliberar sobre a proposta de aplicação de resultados.
3. Proceder à apreciação geral da administração e fiscalização da sociedade.
4. Proceder à eleição de membros dos corpos sociais.

Poderão participar ou fazer-se representar na Assembleia Geral os senhores accionistas que tenham as suas acções registadas ou depositadas em seu nome até cinco dias antes da data indicada para a reunião.

Lisboa, 9 de Fevereiro de 1990

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Dr. Fernando Pessoa de Calheiros Vellozo

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
112º episódio
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.25 - RUA SÉSAMO
18.55 - CHEGAR, APOSTAR E VENCER
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.10 - MOBIL NOS CAMINHOS DE PORTUGAL
8º Programa: «Alentejo Desconhecido»: Aa serra de Grândola. Da extração da cortiça à arquitectura popular. A presença romana na estação arqueológica de Miróbriga Em Santiago do Cacém, destaque para a Igreja Matriz, fundada pelos Cavaleiros da Ordem de Santiago, no Séc. XIII. A caminho da Lagoa de Melides, uma pausa para observar o artesanato da região. O fabrico de mantas e de alcatruzes. Finalmente, no termo do percurso, o mar, o espectáculo inesperado de longas praias desertas em pleno Verão. Realização de Francisco Manso.
21.25 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
22.20 - TELEMUNDO
22.55 - CHEFE, MAS POUCO
23.20 - 24 HORAS
23.55 - REMATE
00.10 - PELA NOITE DENTRO
«Claude Dallas, um montanhês em fuga»: a história rocambolesca de

Extração da cortiça no «Alentejo Desconhecido»: 1º Canal às 21.10, em «Caminhos de Portugal»

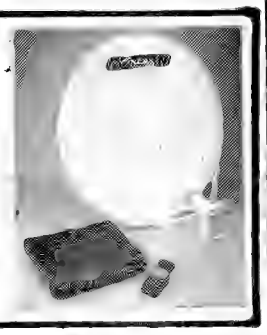
Às 21.30 no 2º Canal, de volta a «Dona Beija»

Claude Dallas, um homem das montanhas, para o qual a restrição da liberdade justificava o crime. Durante a espectacular caça ao homem e ao julgamento que se segue, torna-se evidente, para muitos, que Dallas não é um criminoso mas sim um herói popular. Um telefilme baseado numa história verídica dramatizado para televisão e construído a partir de um livro sobre o caso. Realização de Jerry London, com Matt Salinger, Claude Akins, Rip Torn, Pat Hingle e Louis Nettleton.
Duração: 120 minutos.

RTP-2

16.50 - 3, 2, 1 CONTACT
17.20 - HISTÓRIA DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS
2º episódio
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.25 - AS CIDADES E AS TERRAS
18.55 - ESPECIAL DESPORTO
Inclui volei, Trofeu RTP
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
23.00 - ACERTO DE CONTAS
23.30 - ROTAÇÕES

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

09.01 - JUVENTUDE E FAMÍLIA
12.15 - SINFONIETA
13.00 - NOTÍCIAS
13.10 - OITO E BASTA
14.00 - PARLAMENTO
14.30 - CRIME, DISSE ELA
15.15 - SESSÃO DA TARDE
16.55 - DESENHOS ANIMADOS
17.25 - VIVAMÚSICA
18.10 - RICARDINA E MARTA
19.15 - SETE FOLHAS
19.45 - TOTOLOTO
20.00 - JORNAL DE SÁBADO
21.15 - O TEMPO
21.25 - CONTOS DE HOLLYWOOD
22.30 - NEIL DIAMOND
23.25 - CINEMA DA MEIA-NOITE

RTP-2

09.01 - UNIVERSIDADE ABERTA
10.20 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
Compacto
12.50 - A ILHA DAS CRIANÇAS
13.15 - UM SOLAR ALFACINHA
14.10 - A HISTÓRIA DA MÍMICA
15.00 - ESTÁDIO
19.00 - MUSIC BOX ESPECIAL
19.55 - O MEU IRMÃO TOM
20.45 - ESTÁDIO
Às 21.30, o jogo de futebol Portimonense-Porto em directo

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

BLAUPUNKT
Grupo **BOSCH**
Um pequeno ponto faz a diferença

Móveis
OLIVEIRA & LEAL, LDA

Mobiliário em todos os estilos-estantes, móveis soltos — jogos de maples veludo e pele, arcas — colchões molas e espuma (por medida) — sommiers (por medida).
Móveis - sala e quarto (por medida).
Mobiliário em pinho — móveis de cozinha.

Não compre sem nos consultar.

Entregas em qualquer ponto do país.

Rua da Rosa (Bairro Alto) 73-81-158-160
Telef. 32 18 72 (200 ² exposição)

«Para o PSD nacional (comissão permanente, direcção do Grupo Parlamentar, Governo) a província não existe»

Fernando Condesso, «Tempo», 22.02.90

A PERGUNTA DO DIA

Nuno Ribeiro da Silva secretário de Estado da Energia

Quando e em que condições vamos ter gás natural em portugal?

«A não disponibilidade do gás natural em Portugal é uma lacuna com repercussões negativas na economia que o Governo quer suprir com a sua implementação urgente. Foi já publicada legislação para o enquadramento da actividade, e prepara-se neste momento a realização dos concursos para atribuição das concessões.

Numa primeira fase, o projecto contempla a construção de um terminal metaneiro (em Setúbal). Alimentará uma rede de transporte entre Setúbal e Braga. Esta rede de transporte alimentará, por sua vez, as diversas redes regionais de distribuição. A segunda fase prevê a interconexão à rede europeia como forma de garantir a segurança estratégica do aprovisionamento pela diversificação das fontes. As alternativas sobre o traçado deste gasoduto estão a ser analisadas, tendo em conta as várias hipóteses (Coimbra/Burgos; Lisboa/Madrid; Setúbal/Huelva; Braga/Vigo) na perspectiva de optimização da própria rede Ibérica.»

Segunda-feira no

Diário de Lisboa

As crónicas de Artur Portela e Alfredo Margarido

Artigo de Paquete de Oliveira

O Carnaval em Grande Angular

O DL SUGERE

a Mário Soares

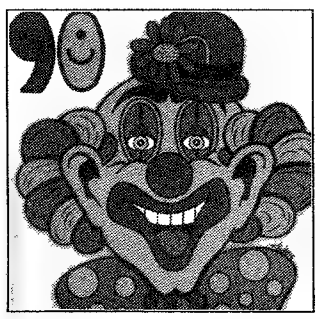
Não perca FÁFÁ DE BELÉM, dias 24, 25 e 26 no Casino do Estoril. É uma boa altura para rever esta fervorosa adepta da sua pessoa. Já a conhece de outros carnavais e também de uma aposta eleitoral que não lhe correu a rigor. Era o tempo de Almeida Santos, candidato a primeiro-ministro. Nem a alegria e a generosidade da brasileira chegaram para mais... Os tempos agora são outros e uma ida ao Casino pode servir para esquecer as partidas que o chefe do PSD lhe prega e para convencer a FÁFÁ a animar a sua reeleição para BELÉM...

a Cavaco Silva

Faça uma pausa na sua intensa agenda de trabalhos e vá dançar a LAMBADA a Loulé, na próxima terça-feira. O Carnaval no Algarve tem sempre grandes atracções e um algarvio de gema, como é o seu caso, não pode faltar. É uma boa oportunidade para melhorar a imagem e descontrair a expressão carregada com que sempre aparece, normalmente quase tão só pela sua televisão. Leve a família e acompanhe Márcio Ivens e as Teteias na lambada. Evite qualquer possibilidade de contacto com Francisco Sousa Tavares. É que, ao que consta, ele tem pouco jeito para esta dança...

a Jorge Sampaio

Vá ao Teatro Nacional de S.Carlos e celebre o entrudo com UM BAILE DE MÁSCARAS, uma ópera em três actos de Verdi. O presidente alfacinha está no início do seu mandato e deve aproveitar todos os pretextos para acompanhar a vida cultural da sua Lisboa. Sobretudo agora que concluiu que só a «coabitação» entre a Câmara e o Governo pode resolver os problemas da capital. As conspirações e as fitas municipais são muitas, como na ópera de Verdi, mas não desanime que tristezas não tapam buracos!



a Álvaro Cunhal

Vá à outra margem e rejuvenesça com o CARNAVAL DO MONTIJO. Acompanhe Rita Ribeiro - a rainha deste Carnaval - e não perca as escolas de samba, os carros fantasiados e as charangas. A organização pertence à Comissão de Festas de S.Pedro, um padroeiro de que pode vir a precisar nos próximos tempos. Os figurantes a querer levantar a cabeça são muitos e todo o cuidado é pouco. Tire a máscara e divirta-se enquanto pode, que os críticos não lhe vão dar tréguas...

À MARGEM

Morte na casa selada

Dos jornais: "Numa casa do Largo Marquês de Anjeja, em Lisboa, selada pela polícia municipal, foi encontrado ontem o cadáver de Ana Maria Muço Meirim, de 34 anos. (...)

A mulher sofria de epilepsia e teria ocupado indevidamente a casa, pelo que a polícia municipal a teria selado há uma semana.

Segundo a PSP, o cadáver deu entrada no Instituro de Medicina Legal, não havendo suspeita de crime."(D.P.) "Eles estiveram cá entre 2ª e 4ª feira (da semana passada).

Nós dissemos-lhes que vivia lá uma pessoa, inclusive estava roupa estendida, e que já não a víamos há uns dias. Eles bateram à porta e como ninguém respondeu lacraram a porta." (C.M., depoimento de uma vizinha).

Ana Maria Meirim terá sido vista pela última vez no domingo, 11. A Polícia Municipal, a fazer fé nas testemunhas, terá selado a casa num dos três dias seguintes.

Ana Maria, dizem os vizinhos, era epiléptica e alcoólica. A polícia municipal, no entanto, terá julgado cumprir o seu dever com algumas pancadas na porta - e, uma vez que ninguém atendia, selá-la.

Se à justiça cabe ser cega, não poderá a polícia ser, ao menos, desatenta? Além do mais, não se tratava de uma ocupante ilegal?

Desconhece-se se Ana Maria estaria ainda viva quando a porta foi selada.

Desconhece-se, naturalmente - e, provavelmente, desconhecer-se-á para sempre - , se foi a presença da Polícia, o selar da porta, a desencadear a morte.

Mas permitir-nos-á isso ficar de consciência tranquila perante ela?

D. A.

meteorologia

Clube de leitura morta

O filme de sucesso, projectado em meia dúzia ou mais de cinemas da capital, *Clube dos Poetas Mortos*, é como o champô *Timotei:* tão suave que não resistes a usá-lo... Todavia, eu resisti e parece-me que também alguma crítica da especialidade que não deu o seu beneplácito a essa fita fiteira, enganadora, nem sempre convincente, ninho de *clichés*, psicológicos e até cinematográficos. Que foi bem cozinhado e servido, sugerindo uma fluidez de vida, não há dúvida.

Contudo, há um aspecto interessante: os jovens estudantes do filme de Peter Weir dizem poesia - e sabem dizê-la. Este pormenor coincide com uma minha remota experiência americana: ouvi estudantes (e professores) lerem com prazer em voz alta, recitar, dizer; há aulas de leitura. Os versos são ditos pelos quatro cantos do *campus*.

Experimentem a dar a ler em voz alta em Portugal: o pedido é considerado excêntrico, antipático, retrógrado, assusta como a roleta russa, cria embaraços, impedimentos, tosse, afonia repentina, e com razão: pois até os estudantes das áreas de Letras, mesmo os universitários, podem sentir algumas dificuldades em ler com fluência, com dicção razoável e respiração correcta, em perceber o que lêem, em saber dar à palavra o seu sentido pleno, a qualidade, a cor, o ritmo, no contexto em que está inserida.

E se os professores primários e de outros graus de ensino perdessem uns tempos a voltar ao velho hábito de exercitar a leitura em voz alta? Não está no programa? Façam então leituras clandestinas (*). Ninguém terá prejuízo com isso.

Jorge Listopad

(*) Como leitura clandestina, mas a sós, em voz íntima, proponho a nova edição bilingue das traduções (nunca encerradas) de Rimbaud por Mário Cesariny (Assírio & Alvim).

«...Perdeu-se. Buscai.
Quem? A Idade do Ouro?..»

LOTARIA NACIONAL

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO
35 998
70 000 CONTOS

2.º PRÉMIO
64 178
12 000 CONTOS

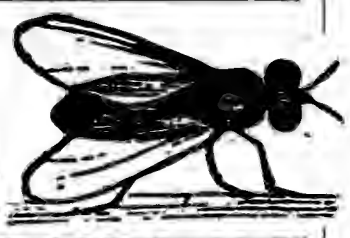
3.º PRÉMIO
45 201
3 000 CONTOS

3000 contos
Outro Prémio Grande
Vendido hoje
aos BALCÕES da
CASA DA SORTE
LISBOA • BRAGA • PORTO • AVEIRO • VISEU • COIMBRA • SETÚBAL • FARO

Entradas de Lotaria
Sai sempre
Experimente
CASA VIOLA — A sorte que «Toca»
LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO • SETÚBAL
Correio: R. Assunção, 67 - 1000 LISBOA

SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS
DO DIÁRIO DE LISBOA
23 DE FEVEREIRO DE 1990,
FAZ PARTE INTEGRANTE DO JORNAL
NÃO SE PODE VENDER
EM SEPARADO.

A MOSCA



O NOSSO CARNAVAL

MAIS ROUPA

MENOS PLUMAS

a Semana

A MOSCA

PERVERSÕES

Sexta, dia 16

O sagrado e o profano, ou de como não há uma sem duas, nem duas sem três. Como segue: ainda não se tapou o buraco no telhado dos Jerónimos e eis que já se descobre que buracões bem maiores podem vir a abrir-se em S. Carlos e no Palácio de Queluz. Abrir-se abrem-se em casa as torneiras da água, mas é para quem é: em Portugal (estatísticas oficiais dixit) um luxo apenas para 60%.

E siga a dança em estilo telegráfico: Rosa Mota parece que se vai naturalizar americana *stop* Saramago e Soares doutores 'honoris causa' em Turim *stop* Veríssimo Serrão recebe condecoração espanhola *stop* a SEC desbloqueia subsídios para o teatro *stop* CML vai demolir obras clandestinas no Hotel Bragança *stop* Santana Lopes escolhe o padre Aires do Nascimento (quem é?) para substituir José Mattoso nos arquivos *stop* teatros das Caldas e de Évora juntam os trapinhos sob a bênção de Mário Barradas *stop* mulheres matemáticas reúnem-se em Coimbra *stop* há jazz cigano em Lisboa *stop* o eucalipto é plantado sem rei nem roque *stop* e o «Tal & Qual» protesta porque continua «amordaçado» por causa do Taveira.

Stop mas diferente parece que vai haver nas reduçõess fiscais para escritores, pintores e escultores. Luís Francisco Rebelo, hoje no «DL», quer as reduções mais abrangentes. Na segunda-feira, também aqui, o secretário de Estado dos Assuntos Fiscais prometer-lhe-á para breve a igualdade: não há reduções para ninguém, parece a anedota do Salazar sobre brancos e pretos, tratados todos por igual... como pretos.

Sábado, dia 17

Como branco bacteriologicamente puro é tratado Taveira por Cadilhe, ministro póstumo: o arquitecto, na pior das hipóteses, para a prisa já não vai, o ministro antes de passar a ex-ministro ainda assinou um decreto a safar da cadeia quem fugir aos impostos.

Em Portugal discute-se aquilo que em lado nenhum (dentro da CEE) tão bem como aqui se podia discutir: a pobreza. É o que se pode chamar um debate com gravura junta e se dados estatísticos não temos, temos ao menos o principal: os pobres.

O resto é como segue, excepto o melhor que fica para o fim. O resto: prossegue o folhetim Rosa Mota, o buraco (mas este rende...) do Monumenntal foi vendido aos espanhóis, o caos urbanístico ameaça Setúbal e tudo á roda, o director do Linhó foi demitido por sevícias sobre os presos, começam as emissões da Universidade Aberta, as rádios livres reúnem-se em congresso, faz cem ano a «Via Latina», os Templários mudam de estatuto e a Vila Teixeira, em Alcântara, segundo o «DN», está a cair aos bocados.

O melhor: o texto de Inês Pedrosa, no «Expresso», sobre o tempo que nos engole. Com o de Bénard sobre a Anna Karina, ontem, em «O Independente» disputa o «oscar» da coisa mais linda que na semana neste país se escreveu.

Domingo, dia 18

Agustina ao ataque no «DN»: «As pessoas são carregadas de instruções maciças, por mistificadoras maneiras de modernizá-las. Não estar ao corrente passou a significar um deslize da boa saúde». Tem razão. Também por isso, o dia hoje fica-se por esta que, aliás, é de truz. «Fora o árbitro! Fora o árbitro!» — gritava-se no Cinfães-Paredes ambos Fótebol Clube. Vai daí o GNR, decerto ao serviço do povo, foi-se ao árbitro e prendeu-o, parece que tinha sido insultado. A joga vai ser repetida, não se sabe se com outro árbitro... se com outro GNR.

Segunda, dia 19

Pobres na rua a pedir esmola e gente em casa a escolher o menu pelo videotex. «C'est la vie...» e é também mais um negócio da Sonae, JÁ A PARTIR DO DIA 1 AO SEU DISPOR EM LISBOA!

O resto são bagatelas: há Brecht no Instituto Alemão, Amália vai cantar em S. Carlos, Malangatana é premiado pela AICA, o património acode á igreja de Santa Cruz em Coimbra, Alberto Pimenta faz mais uma rábula, saem 4 milhões para o 'design' na indústria e é posta em circulação a nova moeda de cem paus.

Terça, dia 20

Racistas nós? Racistas são os outros. Nós... bem... é assim... não sei se estão a perceber... se uma filha nossa, não é... quer... como dizer... casar com alguém de outra raça, um preto ou coisa assim... nós... — 33,7% de nós — não pensámos nisso / resignnamo-nos / discordamos / cortamos relações. Troque-se isto por miúdos e dá o seguinte: um em cada três portugueses é racista e se calhar nunca deu por isso, É uma sondagem «DL» que José Manuel Paquete de Oliveira comenta com uma frase de antologia: «Ser ou não ser racista não é uma questão de opinião. É uma atitude».

Sai livro sobre Agostinho Neto, conhecem-se os «ursos» do Festival de Berlim, folhetim Rosa Mota sobe a Belém, morre Michael Powell, que há 42 anos fez «Os Sapatos Vermelhos», e Cesariny ao «JL» diz assim: «Do surrealismo não resta nada».

Quarta, dia 21

Qual é a coisa, qual é ela sem prestígio e mal paga? Resposta: um professor em Portugal, um em cada três quer dar o salto. São as conclusões de um relatório confidencial (pudera...) que o ministro mandara fazer e estava no segresso dos deuses; até hoje quando o «DL» o revela.

Santana Lopes revela mais nomes para cargos da SEC, sai biografia de Valentim de Carvalho, mas o dia não acaba sem outra saborosa adivinha. Esta: onde é, onde é que Taveira vai construir uma torre sobre os escombros de um cinema e de uma velha estalagem? Em Vila Franca de Xira, nem mais, e com o OK do Município (PCP - registe-se).

Quinta, dia 22

Reabre o Martinho da Arcada (como?), faz anos (50) Jorge Peixinho, e assinala-os com um concerto, e Inês de Medeiros faz filmes. Um antestreia hoje em Lisboa. É «A Banda das Quatro», de Rivette, e Inês — para os «Cahiers» — é «a parte de mistério». Antes isso...

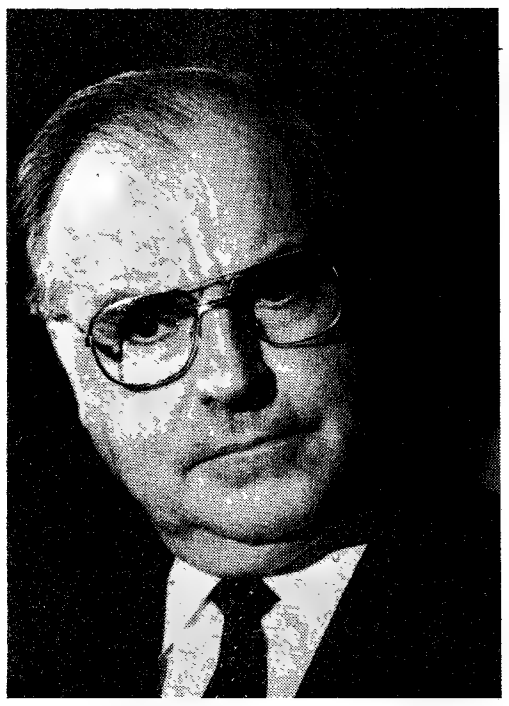
Rodrigues da Silva

A VOLTA DOS VENCIDOS

Estará Helmut Khol a deixar crescer o bigode? E quem é esse pequeno Oskar Lafontaine, o tal «Napoleão do Sarre»? Está tudo aflito e pelas mentes mais alarmistas o fantasma do IV Reich assombra a reunificação alemã. Isto porque basta os alemães estarem juntos para começarem a reclamar sobre fronteiras, proclamarem a sua superioridade rácica e arranjarem um Fuhrer que os leve à vitória...

Tudo isto se poderia depreender menos das atitudes germânicas e mais das reacções dos outros países, sobretudo aqueles que conhecem os «alemães unidos» de outras andanças. Senão vejamos. Quanto à reunificação, os soviéticos dizem por um lado «Porque não?» (mais uma declaração histórica de Gorbachev) e por outro « só daqui a uns anos e é para ser neutral» (Shevardnadze). Os norte-americanos dizem «vamos com calma», posição compartilhada pelos restantes Aliados, França e Grã-Bretanha.

A Polónia, que lá terá as suas razões, afirma pela voz do primeiro-ministro que quer garantias escritas de que as suas fronteiras serão respeitadas. Khol, em plena campanha eleitoral na RDA, dá garantias verbais a todos, excepto ao presidente do Bundesbank que não quer o seu marco reunificado a uma moeda que vale cinco vezes menos. Genscher garante verbalmente as fronteiras e vai relembrando que a Alemanha só foi à guerra quando estava isolada e portanto deve-se pensar melhor sobre essa tal neutralidade. Kissinger, que é de origem judaica-alemã e por isso também terá as suas razões, de passagem por Lisboa, diz que é isso mesmo.



Helmut Khol

Passando para o outro grande vencido da Segunda Guerra Mundial (actualmente dedicando-se a comprar quadros, edifícios-símbolos-da-nacionalidade e empresas-idem dos vencedores), o Japão foi às urnas. Trafulhices com dinheiro? Escapadelas com gueixas? Ora, os outros que atirem as primeiras pedras disseram os escandalosamente ricos japoneses, voltando nos seus económicos carros para as suas modernas casas, onde ligaram o aparelho de televisão de alta definição para acompanharem a sofisticada apuração informática que ia mostrando que o Partido Liberal Democrático conseguia mais uma maioria absoluta, desta vez liderados por um «plebeu» de mãos limpas que fez calar os corruptos «barões» do partido.

Passando agora para um dos grandes vencedores da Segunda Guerra Mundial, os EUA desceram tanto que foram parar a Cartagena, para pedir a camponeses colombianos, peruanos e bolivianos que deixem de plantar folha de coca, porque, perante tamanha tentação, sete em cada dez correctores de Wall Street já não sabem vender uma única acção, sem passarem primeiro pela casa-de-banho para limparem um teimoso pó branco . É por isso que há «sextas-feiras negras» quase todos os anos.

Finalmente, a *perestroika* chegou a Cabo Verde dando pelo excelente nome de *pirestroika* e a Cuba pelo de *castroika.* Neste último país, talvez devido às diferenças de longitude, tem um significado curioso: trata-se de correr para a democracia desde que o Partido Comunista seja o único a existir e, dialécticamente, o único a mandar. Os irmãos Castro juram, pelas barbas de Fidel, atingir as metas revolucionárias de mão dada.

Duarte Calvão

BIBLIOTECA
E ARQUIVO

GUIDINHA

O «CONSUMISMO AGUDO» DA MINHA PRIMA EULÁLIA

Não sei se os leitores se lembram da minha prima Eulália que é uma que vive ao pé da cadeia das Mónicas e que vem cá a casa todas as semanas falar com a minha Mai se calhar há uns que se lembram e outros que julgam que se lembram porque lembrar-se mesmo nao deve haver ninguem e digo isto porque a inventei agora mesmo para escrever esta redacçao de maneira que ninguém se pode lembrar dela mas enfim vamos ao que interessa a minha prima Eulália sofre de uma doença muito grave chamada «consumismo agudo» que é uma doença que anda para aí muito espalhada desde que começaram abrir os supermercados e que começaram a aparecer coisas que nao havia antigamente os sinais dessa doença são sempre os mesmos olha-se para uma coisa que nunca se viu e não se consegue olhar para mais nada depois começa a vir um desejo muito grande de se ter a coisa mesmo que não sirva para nada ou que nao se saiba para o que é que serve e para acabar tem de se arranjar a coisa aconteça o que acontecer senao morre-se a minha prima Eulália por exemplo foi no outro dia ao supermercado comprar umas molas para a roupa e uns pacotes de arroz e em vez disso voltou para casa com uma lata holandesa de comida para gatos e um pacote de «Kräustersobe» que já todos examinaram mas que ninguém sabe o que é o meu Pai diz que é para fazer caldo verde alemao mas eu nao acredito entao os alemais precisam de pacotes para fazer caldo verde? o pacote é muito bonito lá isso é e diz «Zubereitung: Beutelinhalt mit dem Scheebesen in 500 ml kaltes Wasser einrühren zum Kochen brigen, kurz aufkochen, bei schwacher Hutze noch etwass ziehen lassen, dann servieren» mas como ninguém sabe alemao na minha família nem mesmo a minha tia Adélia que já esteve tres vezes no Algarve a passar uns dias a verdade é que nao sabemos o que fazer ao pacote a minha prima Eulália arrumou-no no cesto dos ovos que sempre está à vista e se entrar alguma vizinha fica a pensar que a gente come coisas estrangeiras lá em casa quando lá vai mas se julgam que ela só tem o tal «consumismo agudo» para coisas esquisitas estao muito enganados porque o pacote dos ovos já tem uma data de coisas bestiais como por exemplo duas latas de «pasta de salmao fumado» que nao servem nem para fazer arroz de bacalhau e duas tomadas de corrente holandesas que nao servem nas fichas que ela tem em casa mas que ficam muito bem no cesto dos ovos alem disso tem uma gaveta cheia de curiosidades no frigorífico mas o melhor é eu não falar nelas para nao lhe agravar a situaçao sim porque a verdade é que ela está numa situaçao horrível por causa do tal «consumismo agudo» que lhe deu e que é perigosíssimo eu vou contar o que lhe aconteceu para pôr toda a gente de aviso contra esta doença que para aí anda sem ninguém avisar as pessoas um dia deste foi na Segunda Feira se nao me engano a minha prima Eulália sem dizer nada a ninguém foi às Amoreiras ver como aquilo é e andou todo o dia a ver as montras aquilo é coisa bestial tem tudo é que tem mesmo tudo para começar tem dois andares como aquela cantiga que havia «lá em cima está o tiroliroli e cá embaixo está o tiroliroló' e vai a minha prima Eulália andava cá em baixo a ver o tiroliroló e deu com uma montra que tinha uma saiasita curta mesmo muito curta cheia de umas aplicaçoes de metal que parecem parafusos e encheu-se de coragem e perguntou o preço nessa altura ia desmaiando porque a tal saiasita custava vinte dois contos e ela teve de se vir embora corada como um tomate dizendo que voltava á tarde mas isso nao tinha tido importancia se ela nao tivesse vindo para casa a pensar na saia que nao lhe saia da cabeça e vai no dia seguinte foi ao armário onde o marido mete as economias desde o 25 de Abril quando ninguem podia levantar dinheiro dos bancos e ele passou fome porque tinha tudo no banco e tirou de lá vinte e dois contos sem dizer nada a ninguem e à tarde foi comprar a saia quem a viu primeiro fui eu sim fui eu que fui lá vê-la nessa tarde e esbarrei como um tanque militar na casa de jantar é o que eu lhes digo esbarrei com um tanque na casa de jantar que é também a sala porque a casa é de duas assoalhadas e meia contando com o armário da cozinha fiquei parada a olhar e vai o tanque virou-se e entao vi que nao era um tanque e que era o rabo da minha prima Eulália visto de costas devo dizer que a minha prima Eulália tem um rabo grande à moda da província daqueles que se usavam antes de chegarem as modas do emagrecimento mas com os parafusos de metal a lembraremme o óculo do general Spínola não espanta que eu o tivesse confundido com um tanque quando eu vi que era ela fiquei pasmada sim é que fiquei mesmo pasmada com a boca aberta sem dizer palavra e vai ela contou-me a história toda da saia e do tal «consumismo agudo» que a atacou fiquei banzada mesmo banzada mas o que me banzou mais foi ver as pernitas rechonchudas e peludas dela a saírem da tal saia é que era horrível tao horrível que lhe pedi para virar o tal «consumismo agudo» para a compra de uma Gillette e para virar o rabo para a parede para eu nao ter de o ver é que a minha prima Eulália nao tem corpo que vá com aquela saia com o progresso social talvez a neta a venha a ter mas ela não tem e nao tem mesmo mas enfim o principal é dizer que ela só sai com a saia na próxima Quinta Feira e que até então tem-na escondida para o marido nao a ver eu cá por mim nao vou lá casa tao cedo é que nao vou mesmo porque o rabo dela nao me cabe nos olhos.

Canal DA Crítica

A M O S C A

MÁRIO CASTRIM

As grandes companhias imobiliárias do estrangeiro andam a comprar Lisboa, com Portugal na CEE, Lisboa desnacionalizou-se, internacionalizou-se, mudou de mãos e subiu de preços.

Estas e outras palavras ouvimos nós na reportagem que preencheu a primeira parte da «Hora da Verdade», da autoria de Maria Augusta Seixas.

Talvez nem fossem as palavrsa mais fortes e convincentes para nos mostrarem a infiltração do capital estrangeiro no nosso país. Infiltração que se processa em todos os domínios — na agricultura e na indústria, os industriais portugueses queixam-se, mas não mostraram capacidade para enfrentar a situação: passivamente, colocam a cabeça no cepo. Não exigem, não se organizam, não se movimentam: pedem ao Governo que. Governo que se está marinbando. Ele protege e facilita é o investimento estrangeiro...

Eles arrebanham tudo. São os novos vampiros. Terras no Alentejo. Quintas em Sintra. Casas senhoriais no Minho — de que depois farão hospedarias...

Em complemento das terríficas informações recolhidas, que fez Margarida Marante? Organizou uma mesa redonda... de banqueiros! Lá estavam Fernando Ulrich, José Roquete, Belmiro de Azevedo, João Salgueiro.

É evidente que o problema é essencialmente político. A discussão deveria ser política. Em jogo estão concepções de vida, opções culturais, orientações políticas, relações ideológicas, projectos de futuro. Viu-se que os senhores banqueiros não se mostraram nada impressionados com a reportagem, o negócio deles são números...

A realidade esteve toda na reportagem da abertura. Mas a completa insensibilidade dos senhores banqueiros deu calafrios...

A SABEDORIA DE UM «PROVINCIANO»

Conferência de Imprensa dos jovens pertencentes a diversas associações ecologistas. Em questão, o eucalipto. O seu abuso, os seus malefícios. Que existem, como se pode ver por aquela declaração de uma associada estrangeira da **Soporcel,** na **Hora da Verdade: Portugal é atractivo e pode fornecer fibra de eucalipto de boa qualidade. Essa fibra é muito importante, a sua qualidade é muito importante, o seu custo é importante para fabricar os artigos de papel para os escritórios europeus...**

Assim mesmo, ora aconteceu que os jovens se mostraram hesitantes quando a repórter lhes pediu casos concretos. Não iam preparados para tais minúcias. A experiência é que nos ensina, amigos.

Que tais perigos são maiores do que se imagina, são.

Dezembro passado, em reunião no Forum Picoas, ouvi casos impressionantes apontados pelo dr. Luís Carvalho e Oliveira, distinto advogado e colaborador, há muitos anos, do **Diário de Lisboa.**

O dr. Luís Carvalho e Oliveira classifica-se a si mesmo de «provinciano». Fá-lo orgulhosamente, como se reivindicasse o direito a um título nobre. De facto, nunca deixou que secassem as raízes e por isso conhece todos os problemas da sua região.

Entre vários casos apontados, referiu o plantio de eucaliptos em terreno da produção de vinho do Porto. Disse tudo, apontou todas as coordenadas do lugar. Quem quisesse, fosse lá ver! Imagine-se a impressão causada no auditório...

Dois amigos ecologistas. Exemplos não rareiam. Falem com quem não deixou secar as raízes no turbilhão da grande cidade.

KISSINGER DIXIT INEVITÁVEL

Acho que a reunificação alemã é inevitável, porque, sem a reunificação, a saída dos alemães da RDA será tão grande que acabará por destruir o Estado.

SEGURANÇA

Nessa reunificação, os Estados Unidos e a Rússia estão unidos em questões de segurança, enquanto os países europeus estão envolvidos no âmbito das questões políticas e económicas.

CONTRAPESO

Os países da Europa, principalmente os mais pequenos, querem a presença dos Estados Unidos como contrapeso à Alemanha e mais ainda da União Soviética, se esta vier a recuperar economicamente.

INFLUÊNCIA

Acho que a Inglaterra devia empenhar-se mais na CEE, pois a Inglaterra e a França juntas representam uma grande força. Não há dúvida de que a influência alemã vai aumentar, mas também vai aumentar se não estiver na CEE.

IRONIA

O marco alemão será sem dúvida a divisa principal da Europa e poderá tornar-se o dólar do futuro. Seria irónico.

COOPERAÇÃO

Acho que seria bom que países como a Hungria, a Polónia, a Checoslováquia, intensificassem a cooperação entre si e formassem uma espécie de bloco neutro entre a União Soviética e a Alemanha. Com o tempo, esses países poderão aderir à CEE, mas deverão ser política e militarmente neutros.

SE NÃO...

Seria muito perigoso começar a redesenhar fronteiras. Os alemães terão de aceitar as suas fronteiras, se não não haverá paz.

THE END

O Pacto de Varsóvia já acabou. Existe no papel, mas nenhum dos membros do Pacto de Varsóvia quer tropas soviéticas no seu território.

ASSOCIAÇÃO

A NATO é necessária como meio de associar a Alemanha ao Ocidente e os Estados Unidos à Europa.

SE

Se os americanos forem obrigados a retirarem-se, a pedido dos alemães, teremos de ver se será possível instalar algumas forças na Grã-Bretanha ou na Holanda.

SARILHO

Temos de pensar no sistema e não no adversário. Temos de garantir que nenhum país se torne tão poderoso a ponto de dominar o sistema, qualquer que seja o seu governo. Porque, se depois o governo muda e passa a hostilizar-nos, estamos metidos num grande sarilho...

QUEM SABE?

Ao longo da História russa, vê-se que os russos passaram por períodos de fraqueza, mas recuperaram sempre. Quem sabe se, dentro de dez anos a Rússia não terá recuperado?

SE...

À medida que os outros países crescem, os Estados Unidos perdem força relativa. Se queremos continuar a ser uma grande potência, temos de continuar a financiar tanto os programas militares, como os programas internos.

SUFICIENTEMENTE

Portugal, geograficamente, é o ponto mais ocidental da Europa. Por isso, constitui uma ponte natural sobre o Atlântico. Sempre teve uma política externa conciliadora e um povo conciliador. Portugal deve olhar simultaneamente para a África, para a Europa e para os Estados Unidos. É um País suficientemente pequeno para não constituir uma ameaça para ninguém.

A VERDADE DA HORA NA HORA DA VERDADE

A concorrência também tem uma estratégia própria. Para competir, a Real Companhia Velha cedeu 40 por cento da sua posição à 'holding' portuguesa de Benedetti, presidida por Américo Amorim. Em troca, ficou com cinco por cento da Companhia Financeira Portuguesa e um lugar na Administração. «O grupo estava decidido a entrar no vinho do Porto e, se nós não tivéssemos feito negócio com eles, eles iam ser nossos concorrentes. Assim, passaram a ser nossos aliados...»

★

Nós não podemos defender Portugal aos fins-de-semana, junto dos nossos amigos e achar que temos oitocentos anos de História e que vale a pena manter a nossa identidade, quando no plano económico actuamos de maneira diferente ou seja, o que é preciso é que os portugueses com capital nas empresas, tenham consciência de que vale a pena lutar por Portugal.

★

(No Alentejo) — O que acontece é que nós temos que vender aos estrangeiros. Eles chegam aí e pagam mil contos por hectare. As pessoas começam a pensar: «isto era a minha independência». E muitos vendem...

★

Assim se venderam 25 mil hectares de terra alentejana. Números conhecidos. São 131 explorações na maior parte delas com mais de 100 hectares.

★

É de ingleses o prédio Valmor na esquina da Castilho com a Braamcamp, bem como o antigo Clube Naval, na rotunda do Marquês...

★

Villas-Boas e Castro, empresário, vendeu a sua empresa de produtos de higiene e limpeza a uma multinacional americana: «Se eu não vendesse, mais tarde ou mais cedo, eu ia ter de lutar com várias multinacionais neste país.»

★

«O Estado, para chamar o investimento estrangeiro, não coloca os mesmos limites aos estrangeiros que coloca aos portugueses e portanto está-se a dar uma grande abertura aos estrangeiros».

★

São 3800 hectares com característica de Reserva Ecológica. Três quilómetros ao longo da praia e outros três na Lagoa de Albufeira. Estamos na quinta dos Medos e da Apostiça, ali para os lados de Sesimbra. Foi dos duques de Palmela e hoje é de Al Baquer, um iraquiano. (...) Serão construídos 'bungalows' blocos de apartamentos, um hotel, campos de golfe. Receberá milhares de pessoas. **«No decorrer de 1987 substituíram os administradores e apareceram o ex-ministro dos Estrangeiros, Pires de Miranda e o ex-secretário de Estado Nandim de Carvalho. Tentaram resolver o problema a nível governamental, ignorando a câmara. Não permitirei, nem a Câmara a que presido permitirá, que se degrade este concelho que, na nossa opinião, é o mais bem preservado da área de Lisboa.»**

PALAVRAS, NÃO AS LEVE O VENTO

Do dr. João Governo:

— Comemos o pão mais salgado da Europa e talvez do mundo. Tem três vezes mais sal do que devia.

De Cardoso e Cunha:

— A RDA é um país menos carente do que Portugal.

— Os países do Leste possuem uma sociedade culta, dedicada, com espírito de sacrifício.

Do dr. Pereira Coelho:

— No domínio da fertilização **in vitro,** faz-se muito pouca investigação em Portugal.

Em **«70 vezes Sete»:**

— Em Portugal, noventa por cento dos portugueses são católicos, pelo menos é isso que respondem, quando interrogados.

Em **Hora da Verdade:**

— Mais de metade das grandes quintas (em Sintra) foram vendidas a estrangeiros.

Texto de
António Branquinho Pequeno

CARNAVAL da morte morte do CARNAVAL

Como é possível? O Carnaval, associado à morte e aos mortos? Mas que diabo de ideia é essa? Como pode a festa carnavalesca, com toda a sua exuberante vitalidade e alegria, estar assim associada á negação e à ausência da vida? É justamente o que procurarei pôr em evidência nas curtas linhas que se seguem, ao mostrar em primeiro lugar qual é o estatuto da festa e qual a sua dimensão catártica por um lado, qual o estatuto dos ausentes, dos mortos por outro, relativamente à folia e às festividades.

São as próprias práticas carnavalescas, nas diferentes latitudes e culturas, que nos alertam e mostram de maneira inequívoca essa relação entre a festa carnavalesca e a morte: não nos esquecemos, à partida, que se o Carnaval anuncia um novo ano agrícola, uma nova Primavera com suas prometedoras colheitas, ele marca também, e por isso mesmo, o fim dum velho ano em vias de se extinguir.

Em Florença, o «carro naval» é por vezes substituído por um carro mortuário, com caixões que se abrem em dado momento (cf Burckhardt, em «A Civilização do Renascimento em Itália»).

São igualmente frequentes no Carnaval procissões de mascarados e cortejos representando as sombras e os mortos.

O rei — Carnaval é aliás executado,, no fim da festa, e os loucos, os comilões e os lúbricos de «Brueghel» têm seus dias contados. Tudo vai entrar na ordem de novo. Curta foi a negociação e o Carnaval será condenado e enforcado, queimado ou afogado. Em certas regiões das Ardenas, em França, nos finais do sec. XIX, o Carnaval, — manequim de palha vestido de camponês ou de rei, em cima duma charrete ou carroça —, era conduzido à praça principal da aldeia, e aí passava a tribunal, sendo a sentença antecipadamente conhecida.

O rei das «Saturnais» romanas também era anualmente sacrificado no altar do deus, tal como a nave dos loucos se transformava na jangada da morte. E Diónisos, figura de vida e de morte, foi feito em pedaços para ressuscitar. Mas bem mais perto de nós, em 1951, embora num registo algo diferente, não foi o «Pai Natal» enforcado e depois queimado com grande aparato, no adro da catedral de Dijon, em França?

(Brock Chrisholen, psiquiatra, veio a Paris em 1951 à Assembleia das Nações Unidas na sua qualidade de director-geral da Organização Mundial da Saúde, tendo preconizado a abolição da lenda de Natal, a qual criaria na criança um complexo de pavor e que se traduziria por um certo número de reacções agressivas, prejudiciais ao seu equilíbrio mental. De tanto pensar no pai Natal, as crianças poderiam acabar por imaginá-lo e representá-lo como um papão-espantalho.)

Mas decerto que a comprensão do Estatuto do Carnaval nos ajudará a melhor situar esta problemática:

A festa carnavalesca, sobrevivência de festas pagãs, remonta a práticas muito antigas, que sobreviveram mesmo com o Cristianismo (Festa do burro, festa dos loucos, antepassado das nossas actuais festas de «Ano Novo», festa dos «inocentes»).

Ele situa-se na mesma linha de continuidade das festas que na antiguidade anunciavam a «geração» de um novo ano agrário e que cobria, até bem tarde, os quatro meses de Inverno.

Devido no entanto aos excessos de que se acompanhavam os festejos, as autoridades religiosas e o poder político começaram pouco a pouco a limit´á-los, ao ponto que hoje não passam de uma fraca sombra do que eram: recorrem-se hoje, como sabemos, a catarses e a manifestações de outro tipo — o futebol, por exemplo —. Além do que o Carnaval tinha outrora um cunho marcadamente popular, hoje transformado em espectáculo de prestígio, como é o caso já no Brasil, mas igualmente em Nice, Basileia ou Colónia. — Dum lado os actores, do outro os «mirones» —.

Carnaval, fim dum Inverno e nascimento de outra Primavera: esta passagem não se faz no entanto bruscamente, dado que entre o ano velho e o novo ano se situa um período transitório de desordem, de desordem necessária, de anarquia e de regresso ao caos primitivo.

Como se dum rito de purificação se tratasse, neste momento se expulsam os agentes do mal e os demónios. A festa acompanha-se frequentemente duma espectacular inversão dos valores sociais: durante o Carnaval rompe — se com o quotidiano, os tabus são abolidos, os ricos tomam o lugar dos pobres e os pobres o lugar dos ricos, os marginais investem o palco social (crianças, loucos e pobres são os reis da festa, embora por pouco tempo). Tal como na antiga Roma.

Por vezes, os homens vestem-se de mulheres e as mulheres de homens.

Aqui a máscara é a peça fundamental do cenário. Por intermédio do disfarce torna-se possível ridicularizar e insultar livremente o rei e a República, as Instituições, a Igreja e os que julgam sê-lo. A máscara, o «travesti» pela metamorfose que veiculam, ridiculariza pessoas e situações.

Ora, só a festa, lugar de encontro e de ambivalências, o permite. Lugar de encontro de dois mundos, o possível e o impossível, o absoluto e o relativo, locura e juízo, lugar da negociação onde o poder muda de mãos e negocia com a impotência, momento de vida e de morte, quando tudo está às avessas. Momento de loucura, e por isso também festa dos mortos. Articulação dos incompatíveis.

Tal como os pobres, os loucos e as crianças, que melhor ocasião para se exprimirem poderiam encontrar os mortos, os mais marginalizados porque definitivamente ausentes, os mais esquecidos mas «resistindo justamente à morte e ao esquecimento»? Que melhor ocasião teriam eles para aparecer, senão neste momento em que as convenções sociais são abolidas e tudo está às avessas?

Na festa e pela festa, eles aparecem efectivamenge, mascarados.

Durante a festa, a fronteira está levantada entre mortos e vivos. Morte e vida negociam e o excesso e a exuberância da festa permite-lhes ter uma aparência de vida. Sedentos de vida, só na festa e pela festa a metamorfose é possível, através da máscara, do jogo, da transfiguração... e da loucura...

Que estranha aliança essa entre a Loucura, a Folia, a Utopia e a Morte.

...é sobretudo a morte dos pequenos e dos sem defesa que perturba a tranquilidade dos que cá estão. Durante a festa estes ganham voz e o sistema, ofegante, concede-lhes, por algum tempo — o tempo da festa — algumas vantagens...

Também as festas do Ano Novo ou festas de regeneração se acompanha duma invasão da morte: almas penadas, espectros e fantasmas espiam os vivos — máscars e disfarces destinam-se justamente a mimá-la. Ela quer invadir a vida e retomar seus direitos —.

Entre os antigos Germanos, a última noite do ano era marcada pelo aparecimento de carros funerários; era nesse momento que os mortos visitavam os vivos, que se assistia aos desfiles mascarados das sociedades secretas. As «saturnais» romanas eram também a festa dos deixados sem sepultura ou dos mortos com violência. Levi — Strauss vê justamente nas festas de Natal a continuação das Saturnais romanas e das liberdades de Dezembro, com trocas de presentes e acompanhada dessa espécie de fraternidade entre ricos e pobres.

Reportagem de **Daniel Oliveira**
Fotografias de **Rui Henriques**

Samba envergonhado

As escolas de samba estão a espalhar-se por todo o país. Já são mais de trinta. As velhas tradições vão desaparecendo e o samba ocupa lugar de destaque no nosso entrudo. Mas as sambistas não esqueceram o pudor, porque mesmo o carnaval tem limites.

São mais de trinta as escolas de samba em Portugal. Estão em Ovar, Sesimbra, Sacavém, Madeira, Silves, Porto, Setúbal, Abrigada e na pequena povoação alentejana de Safara. Há alguns anos que nestas regiões se deixaram de fazer cegadas ou os famosos enterros do bacalhau. Agora está-se a pensar na possibilidade de organizar um coorso na Avenida da Liberdade, com a participação de todas as escolas portuguesas.

Foi o português que levou para o Brasil o carnaval e este pagou-lhe essa antiga dívida, dando-lhe o samba. «**Tiramos aos brasileiros uma coisa que não é só deles, que tem também a ver com a nossa cultura**» afirma José Mário Prata, dinamizador da Escola de Samba *Académica de Sacavém.*

Mas as nossas sambistas não são tão atrevidas como as suas congéneres brasileiras. «**Andam com mais roupa e menos plumas**». Para as penas não há dinheiro e para o semi-nu não há clima, nem coragem. «**A mentalidade, aqui, é outra**» explica o José Mário Prata, acrescentando: «**no entanto também temos pernas bonitas e barrigas jeitosas**».

Quando «A MOSCA» foi assistir a um dos ensaios da escola de samba de Sacavém, já se davam os últimos retoques na bateria - conjunto de percursão. Os passistas estavam prontos para os três desfiles que os esperavam: no sábado em Sacavém e no domingo e terça-feira no Montijo. Por estas duas actuações a *Académica* cobrará 1100 contos. Este dinheiro, e mais algum dado pela Câmara de Loures, «**chega e sobra para a Escola se auto-financiar**» diz o responsável pela *Académica de Sacavém.*

Antes de entrarmos no ginásio foi-nos apresentado o senhor Anselmo da Silva, o mais idoso de todos os passistas. Tem 81 anos, e não deverá participar no carnaval deste ano, pois «**o coração não tem estado lá muito bem**».

Anselmo prefere o samba às cegadas em que participou. «**É mais bonito**» afirma. O ano passado desfilou com a mais nova sambista da *Académica de Sacavém*: a sua bisneta, Ana Sofia, de 5 anos. Apesar de tudo, tem saudades das cegadas que ali se faziam. No entanto a Academia Musical e Recreativa de Sacavém está a pensar em avançar com a recuperação dessa tradição perdida.

Entretanto, continuam a apoiar a Escola de Samba, que foi fundada em 1981. No início era uma banda a improvisar ritmos brasileiros e sócios a representarem pequenos números. No segundo ano foram a Loures, e a Escola começou a ganhar forma. Agora contam com a participação de 150 passistas. Destes, cerca de 40 fazem parte do grupo da bateria. São dirigidos pelo Chico Carioca, um brasileiro que vive em Sacavém, e tocam com instrumentos também importados do Brasil.

Este movimento de escolas de samba, que atinge todo o país, tem maior influência nos meios mais pequenos, onde a vida associativa é mais intensa. «**Com o carnaval conseguimos puxar muita gente para outras iniciativas da Academia**» realça José Mário Pratas.

Sesimbra: Rivalidade e segredo

Em Sesimbra o carnaval é já cartaz turístico. Toda a população se prepara para o grande dia. São seis escolas de samba e cerca de 800 pessoas, as que vão desfilar na principal Avenida daquela vila piscatória.

Tudo começou há cerca de 16 anos, quando, espontaneamente, um grupo de jovens saiu à rua, de noite, fantasiado de Branca de Neve e de anões. Até então o carnaval eram cegadas e bailes, nos hoteis e nas colectividades. Os clubes que existiam não conseguiam mobilizar os jovens. «**Era onde os velhinhos jogavam ao dominó**» explica uma rapariga sesimbrense.

Dois anos depois, organizou-se um desfile e surgiu a primeira Escola de Samba de Sesimbra. O *Caga no Rêgo*, que mais tarde se viu obrigado a mudar de nome, para poder aparecer nos programas, começou a juntar gente para as actividades carnavalescas. Nos primeiros anos as coisas foram um pouco confusas, mas as escolas foram-se multiplicarando. Para além do *Bota no Rêgo*, novo nome do primeiro grupo, haviam os *Ginga no Pandeiro, Cheirinhos da Fossa* e *Caniços do Charco.*

Um ano depois foi fundada, por iniciactiva do Óscar, um brasileiro que estava ligado a um dos mais importantes hoteis da vila, a escola de Samba do *Trepa no Coqueiro.*

Hoje existem seis escolas e as mais importantes são a do Bota no Rêgo e a do Trepa no Coqueiro.

O *Trepa*, como é conhecido na vila, tornou-se com o tempo a associação recreativa mais importante do concelho. As suas actividades duram todo o ano . Na terça feira vão contar com mais de 200 passistas, ritmistas e músicos. À boa maneira carioca vão dividir-se em alas. O tema será o Zé Povinho e a exploração do homem pelo homem. Haverá fantasias dedicadas aos escravos que construiram as pirâmides do Egipto, à ecologia, e, claro, ao povo português. As crianças, da ala da fraternidade, vão destribuir beijinhos e, em homenagem ao juniores portugueses, haverá trajes sobre o desporto.

A política portuguesa também vai estar presente através do *Zé Povinho* e da *Porca da Política*, duas conhecidas figuras de Bordalo Pinheiro, rodeadas de cabeçudos, caricaturando os principais figuras da política nacional.

«**A musica é o mais importante na nossa escola**» diz Amália Nunes, professora de Biologia e dirigente da colectividade. Provando que esta é a sua

prioridade, o Trepa vai desfilar com uma bateria de mais de 30 pessoas, com 10 ritmistas e dois cantores. Têm também o seu samba-enredo, com o título de «Fala Povinho».

Amália Nunes não está preocupada com a importância que os costumes e a música brasileira estão a ganhar na terra. «**O samba também tem muito a ver com Portugal e os instrumentos que se usam na bateria são originários do nosso país**» garante.

O *Trepa no Coqueiro* já tem instalações próprias e dinheiro que chegue para as ir melhorando. As outras escolas ainda não. Trabalham em pequenas salas cedidas pela Câmara Municipal de Sesimbra e não conseguem juntar tanta gente.

Os *Pérolas do Samba* vão apresentar cerca de 80 passistas no desfile, tentando dar a ideia de uma viagem ao futuro. Os fatos foram desenhados por um rapaz do *Trepa no Coqueiro*. Apesar das rivalidades, as pessoas vão-se ajudando umas às outras, «**porque a festa é de todos**».

Na sala apinhada, dezenas de senhoras dão os últimos retoques nos vistosos fatos, que as suas filhas e netas usarão no desfile de carnaval, em Sesimbra, na próxima terça-feira.

Colam tiras brilhantes, cosem faixas de cor e enchem de folhos as saias que pretendem ser baianas.

Três das costureiras já foram profissionais. Ali encontram companhia, convivem com os mais novos e recordam o que souberam da arte do corte e costura.

No mesmo edifício, em frente, os pioneiros do samba sesimbrense estão também atarefados. Numa sala, ainda mais pequena, as costureiras do *Bota no Rêgo* cosem os fatos que, ao lado dos das outras escolas, disputarão a simpatia da assistência.

Mas todo o cuidado é pouco. O segredo é a alma do negócio e as vestimentas dos passistas só devem ser conhecidas na terça-feira de carnaval.

Na saudável competitividade entre as várias escolas o principal rival de todas é o *Trepa no Coqueiro*. É o que tem mais gente de fora de Sesimbra e o que desfruta de maiores simpatias dos forasteiros.

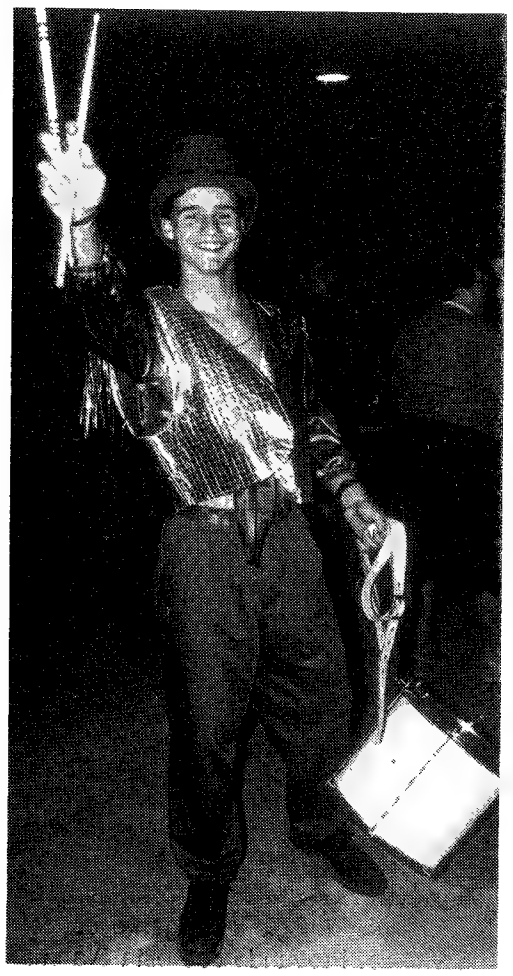
O carnaval sai caro aos seus participantes. Cada um dos passistas tem que desembolsar o preço da sua fantasia, o que ronda os seis mil escudos. Isto apesar da Câmara subsidiar as escolas em mais de três mil contos.

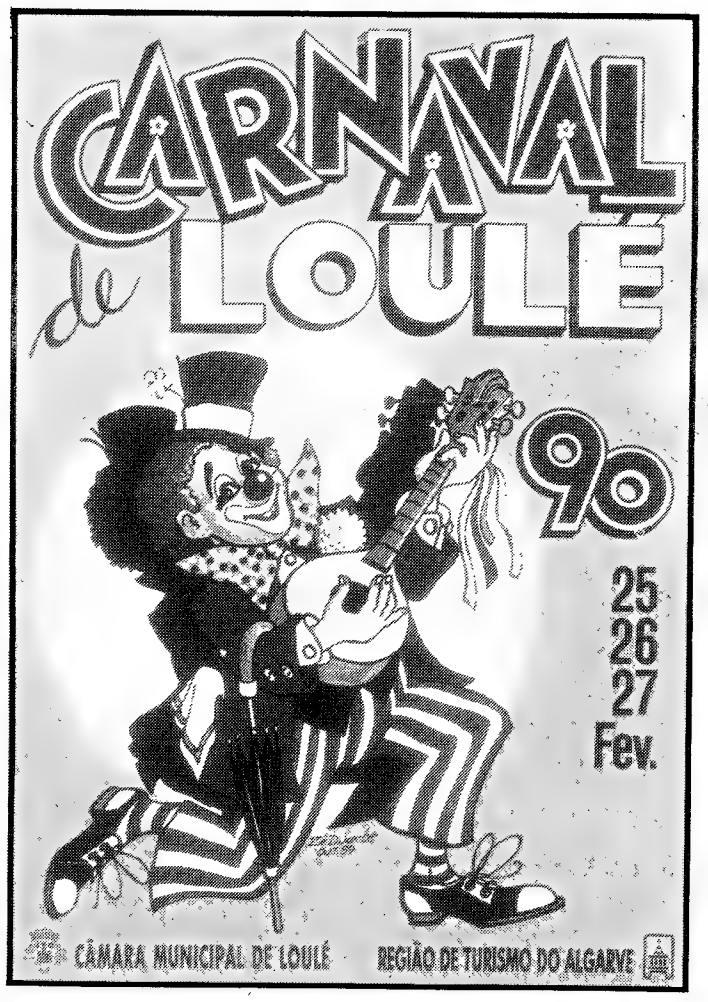
Primeiro foram os Vapores

Todo este furor pelo samba deu os seus primeiros passos em 1969, na Universidade Clássica de Lisboa. Um grupo de estudantes brasileiros formou os *Vapores do Rêgo*, o primeiro grupo de samba em Portugal. Actuaram na Cantina da Universidade, na Feira Internacional de Lisboa, no Pavilhão dos Belenenses e no Dramático de Cascais. Rapidamente se transformaram num êxito. Em 1973 os mais de 40 elementos da Escola de Samba os *Vapores do Rêgo* desfilaram nas festas de Santo António, na Avenida da Liberdade. Mais uma vez saíram-se bem e, alguns anos mais tarde, estavam já a apoiar a criação de mais escolas, sobretudo formadas por portugueses.

Em todo este processo contaram com a ajuda de homens como Rui Castelar e José Nuno Martins. O seu impolsionador do grupo foi Zé Americano, que ainda vive em Lisboa. Os *Vapores do Rêgo* resistiram muitos anos, mas os seus membros foram regressando ao Brasil e, em 85, deixada a semente do samba em Portugal, o grupo brasileiro morreu.

«**O samba não tem fronteiras**» defende o carioca Zé Americano. Para ele, as melhores escolas de samba portuguesas são as madeirenses, o *Trepa no Coqueiro*, de Sesimbra, e a *Académica de Sacavém* . «**Onde há sol, há luz na cabeça**» explica Zé Americano.





PROGRAMA

DIA 24 DE FEVEREIRO (Sábado)

EM ANTESTREIA VAMOS ESTAR EM QUARTEIRA
COM A COLABORAÇÃO DA ADECQ
DESFILE DOS GRUPOS DE ANIMAÇÃO **CARNAVAL 90**
AVENIDA MARGINAL — PELAS 15.00 HORAS

★★★★★★★★★

BATALHA DE FLORES

DOMINGO	**25 FEV.**
SEGUNDA-FEIRA	**26 FEV.**
TERÇA-FEIRA	**27 FEV.**

AV. JOSÉ DA COSTA MEALHA — 15 HORAS

CARROS ALEGÓRICOS
GRUPOS DE ANIMAÇÃO
CABEÇUDOS
BANDAS
e do BRASIL Grupo Quizumba
LambaBRASIL
e como convidada do **CARNAVAL 90**
a grande Estrela do Samba

SIMARA
e o seu GRUPO DE SAMBISTAS

BAILES DA COMISSÃO
(Palácio do Baile)
Junto ao ESTÁDIO MUNICIPAL
DIA 24 DE FEVEREIRO (Sábado)

SIMARA
e o seu GRUPO DE SAMBISTAS

★★★★★★★

DIA 25 DE FEVEREIRO (Domingo)

PACO BANDEIRA
e sua BANDA

★★★★★★★

ORQUESTRAS

TONY RIOS (Portugal)
ELLOS & ELLAS (Espanha)

Em rigoroso exclusivo para o CARNAVAL 90 DE LOULÉ

BAILES DA COMISSÃO

(Palácio do Baile)
Junto ao ESTÁDIO MUNICIPAL
DIA 26 DE FEVEREIRO (Segunda)

de Paris
MICHEL
e as suas Bailarinas

★★★★★★★

DIA 27 DE FEVEREIRO (Terça)

MÁRCIO IVENS
e
TETEIAS

SURPRESA LambaBrasil

Textos de
Duda Guennes

CARNAVAL 90

QUEM NÃO GOSTA DE SAMBA BOM SUJEITO NÃO É

As origens do carnaval brasileiro

As origens do carnaval brasileiro podem ser encontradas nas sociedades antigas e até em primitivas danças, cantos, orgias, abuso do vinho, máscaras simbólicas, euforias ligadas a cultos mais ou menos religiosos que, nestas sociedades, caracterizam festivais lúdicos e, por vezes, lúbricos.

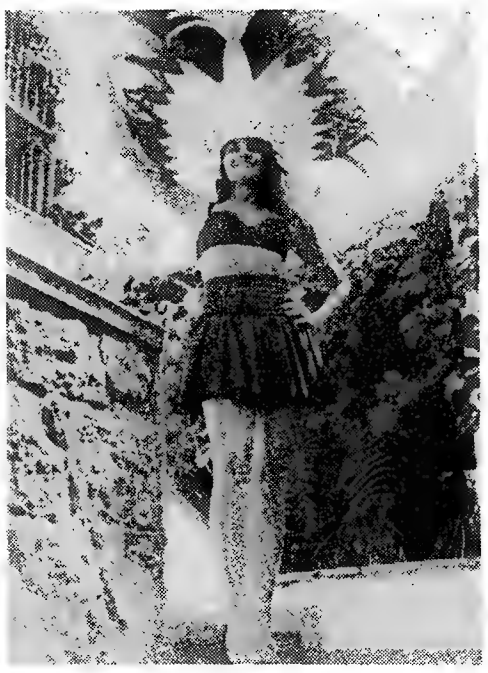
As antigas festas greco-romanas eram semelhantes ao Carnaval. Vamos encontrar muitas delas perdidas no tempo, quase sempre relacionadas com a fecundidade ou com a colheita. Outras, semipagãs ou até mesmo pagãs no seu todo — as comemorações à deusa Isis, no Egipto, e à deusa Herta entre os teutões, as bacanais, as lupercais e as saturnais romanas no seu maior esplendor, os festejos em honra a Dionísio na Grécia, as festas dos «inocentes» e dos «doidos» na Idade Média — constituem provas de que eram muito apreciadas na Antiguidade Clássica e até mesmo pré-clássica, com suas danças, suas licenciosidades, suas máscaras, suas músicas ruidosamente alegres na sua maioria, algumas conservadas até hoje.

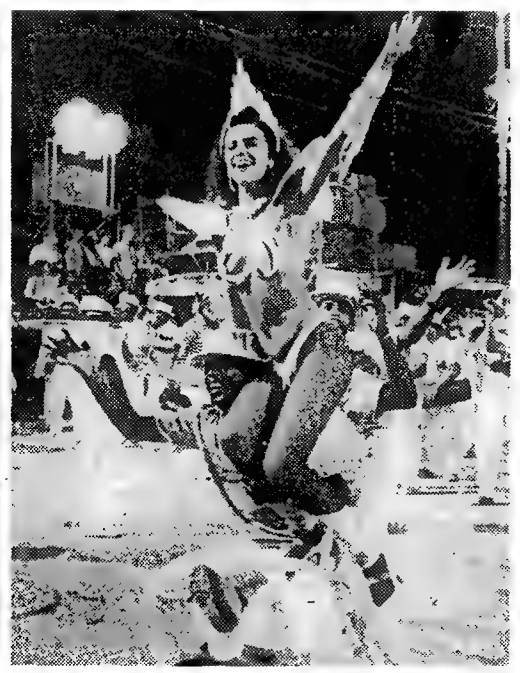
O Carnaval chegou ao Brasil através do português colonizador e, de acordo com pesquisas, era anteriormente conhecido como «entrudo», introdução, intróito, e há registos em arquivos brasileiros que desde 1595 já o «entrudo» era referenciado.

Portugal introduziu, assim, o que se tornaria posteriormente uma espécie de símbolo nacional brasileiro, orgulho da terra: o Carnaval e, atrás dele, o samba e a mulata.

A data que os cronistas costumam fixar como a do início do Carnaval no Brasil é o ano de 1641. A velha São Sebastião do Rio de Janeiro, que por aquela época contava com menos de 10 mil habitantes, festejou carnavalescamente, por determinação do governador Salvador Correia de Sá de Benevides, a coroação do Rei D. João IV, o restaurador da monarquia portuguesa.

A festa iniciou-se na noite de domingo de Páscoa, 31 de Março, e durou uma semana. O próprio Governador, com





ESTALAGEM *Praia Azul*

AGORA COM NOVA GERÊNCIA

RESTAURANTE • CERVEJARIA • MARISQUEIRA • SALAS PARA BANQUETES

JÁ PENSOU NO SEU PRÓXIMO FIM-DE-SEMANA?

SITUADO A 10 M DA PRAIA, SOBRE A FALÉSIA, COM VISTA DESLUMBRANTE. ÓPTIMO LOCAL PARA DESPORTOS NÁUTICOS (SURF E WINDSURF) E PESCA DESPORTIVA.

O PARAÍSO QUE ESPERA POR SI

PRAIA AZUL – BOAVISTA – SANTA CRUZ • TORRES VEDRAS • TELEF. 061/9 71 33

mais 166 cavaleiros vestindo compridas capas brancas e saudando D. João IV, abriu a «encamisada» — um desfile pelas principais ruas da cidade. Mas foi um «carnaval» extemporâneo.

Durante o século XVIII, o Carnaval seria comemorado várias vezes. O de 1786 é até hoje considerado uma das festas mais brilhantes que o Rio de Janeiro conheceu. O casamento do Príncipe D. João com a Princesa Carlota Joaquina serviu de pretexto para a efeméride. O ponto alto da celebração foi um grande desfile de carros alegóricos, idealizado pelo tenente agregado António Francisco Soares.

Mas, se esses desfiles foram motivados por factos muito determinantes, não significa que, mesmo sem essas motivações especiais, o «povão» deixasse de festejar o «entrudo««. O «entrudo» era um festival de violência, de excessiva brutalidade. Para combater os desmandos, foram decretados portarias e alvarás pelas autoridades, sendo mesmo proibido a realização de alguns «entrudos». A partir do século XIX, a violência foi cedendo lugar às laranjinhas de cheiro e às borrachas com água perfumada, percursoras da lança-perfume — sendo esta última proibidas pelo presidente Jânio Quadros em 1961.

MÁSCARAS, BAILES & BOMBOS

Edgar de Andrade, no seu livro «O Carnaval Carioca Através da Música», diz que a máscara carnavalesca chegou ao Rio de Janeiro em 1835, que na época era a capital e centro irradiador do comportamento urbano que servia de modelo para o Carnaval de todo o Brasil.

O primeiro baile carnavalesco foi realizado no hotel Itália, no dia 22 de Janeiro de 1840. A música dançada nesse baile era ainda importada, como a polca, a valsa, a quadrilha, e só posteriormente apareceram os xotes e os maxixes. Foram esses ritmos se fundindo com elementos brasileiros, principalmente de origem africana, daí aparecendo a estruturação da música autenticamente urbano-carioca e de Carnaval com as características actuais.

A partir de 1844, os jornais anunciavam «Baile de Máscaras como se usa na Europa, por ocasião do Carnaval», e em 1846, os bilhetes de entrada já haviam sofrido uma majoração de 2 mil-réis para 4 mil-réis (mulheres não pagavam), e davam direito a uma ceia com vinho e refrescos. Neste ano, também foi fundada a primeira agremiação carnavalesca, a Constante Polca.

Registam os cronistas e historiadores, o aparecimento do cidadão português José Nogueira de Azevedo Paredes, sapateiro, natural do Porto, que no ano de 1852, relembrando alguns costumes da sua terra, reuniu vários amigos para festejar o Carnaval, formando um bloco, onde foi introduzido bombos, tambores e cabeçudos. Estava criado o «Zé Pereira», que se apresentava sempre às 20 horas do sábado, montado num cavalo todo enfeitado, usando como máscara, uma cabeça enorme, completa, com muito foguetório, ao som de uma música peculiar. Paredes virou cidadão carioca e, depois, nacional.

O crescimento da população do Rio, durante o século XIX, contribuiu para uma acentuação da rebeldia carnavalesca, com a participação de escravos negros e de mulatos nos cordões. O bombo, isto é, a percussão introduzida pelo português Paredes caiu como uma luva nas mãos dos negros que, no capítulo percussão, eram e ainda são «bam-

cont. na pág. 10

TORRES VEDRAS

25 e 27 de Fevereiro

TODA A NUDEZ SERÁ CASTIGADA

A Liga Independente das Escolas de Samba, através do seu presidente, o **bicheiro** Capitão Guimarães, que nos anos negros da ditadura militar esteve envolvido com os órgãos do regime, baixou um regulamento proibindo, categoricamente a exibição de «seios, nádegas e órgãos genitais» nos desfiles das escolas.

A medida visava directamente a escola de samba Beija Flor de Nilópolis, cujo enredo para este Carnaval é, exactamente, **Todo Mundo Nasceu Nu**, um espectáculo vivamente aguardado. Joãozinho Trinta, o **carnavalesco** (quem organiza a escola) da Beija Flor sentiu a estocada e revidou: «O que iremos mostrar tem menos a ver com o nu físico e mais com a nudez do povo, a nudez dos governantes, o que fica por baixo dos panos».

Consultado, o Conselho de Defesa da Liberdade de Criação e Expressão do Ministério da Justiça considerou inconstitucional qualquer tentativa de censura às escolas de samba no Carnaval. Segundo o conselheiro Marco Venício: «Estamos preocupados com manifestações prévias de censura que começaram a aparecer».

E alertou: «O Carnaval é um acto de criação colectiva, e a cultura brasileira não pode ser submetida a censura».

Portanto está liberado o nu no Carnaval brasileiro, e Joãozinho Trinta já escolheu o enredo para o Carnaval de 1991: «Genitália Desnuda».

AS ORIGENS DO CARNAVAL BRASILEIRO

cont. da pág. 9

bas». Com a percussão no Carnaval, vários blocos se foram formando, desfilando todos ao som de bombos e tambores, nascendo daí o embrião das escolas de samba que a partir do final dos anos 20, veio «revolucionar» todo o esquema de Carnaval como era conhecido até então.

AS ESCOLAS DE SAMBA

Na década de 20, um novo género de música, o samba, saúda os foliões, pede passagem e entra em grandeza nas festividades de Momo. Entra e arrasa com a concorrência. Foi no Largo do Estácio, geograficamente reduto de todos os grandes compositores populares de então, que nasceu a escola de samba.

A primeira escola de samba, «Deixa Falar», fundada em 1928 por Isamel Silva, Nilton Bastos, Baiaco, Bidê e outros «bambas». A Deixa Falar teve vida curta. Em 1933 juntava-se ao bloco União das Cores, dando origem ao Bloco Carnavalesco União do Estácio de Sá. Em 1929, apareceram mais escolas, a Fique Firme, Estação Primeira da Mangueira, Vai Como Pode. Nos anos seguintes surgiram Portela, Salgueiros e Unidos de Lucas.

O primeiro desfile organizado de escolas de samba aconteceu em 1932 e foi a grande novidade do Carnaval, já na famosa Praça Onze. Nesta altura do campeonato, o carnaval carioca já estava com sua estrutura estabelecida. No desfile de 1932, dezanove escolas desfilaram, demonstrando assim a grande aceitação que viria a ter essa nova forma de participação carnavalesca.

O crítico e historiador da MPB, José Ramos Tinhorão aponta três práticas momescas distintas: «o da «gente bem» nos grandes clubes e nos corsos, à base da novidade dos automóveis conversíveis (descapotáveis); o dos remediados na Rua do Ouvidor e, depois, na Avenida Rio Branco; e, finalmente, o dos pobres no Jardim da Praça Onze, destruído na década de 40 para dar passagem à Avenida Presidente Vargas.

Foi, aliás, o presidente Vargas que determinou, já em 1935, a regulamentação do desfile das escolas de samba. Daí em diante os seus enredos (o tema que a escola conta no desfile) teriam de versar sobre assuntos brasileiros.

O samba, desde que se organizou em escola, nos anos 20, o fez buscando um espaço que lhe era negado pela cultura dominante. Através da conquista desse espaço, o samba e os seus autores, almejavam propiciar a ascensão social de todo o universo que o produzia. E, dentro deste contexto, o anseio de todo compositor do «morro» era, evidentemente, chegar à rádio e ao disco.

Nos carnavais da década de 20 e 30, a pobreza e a malandragem cariocas reuniam-se na Praça Onze para sambar. Tratava-se um um contingente de mão-de-obra não qualificada, de reduzido nível de escolaridade e escassa oportunidade profissional, reunindo em torno do tema Carnaval, à margem da sociedade que o rejeita. Foi uma luta, uma longa luta, mas o samba venceu. Mesmo que para vencer tivesse de destruir tudo que lhe representasse concorrência. O samba, a escola de samba, açambarcou tudo. Os quatro dias de Carnaval, até os anos 60 eram divididos entre outras tantas modalidades de desfiles. No sábado era o dia dos clubes de frevo, domingo, as escolas, segunda, os ranchos e terça-feira, finalmente, as grandes sociedades.

Hoje, no sambódromo, as escolas ocupam todos os espaços. No sábado desfilam as escolas da — digamos — Segunda Divisão, domingo e segunda as da Divisão Especial e na terça, as da Terceira Divisão.

De fenómeno puramente carioca, o samba é hoje uma realidade nacional, apagando praticamente todas as manifestações regionais. Sobrevive apenas, e às duas penas, o carnaval de Salvador, na Bahia, e os do Recife e Olinda, em Pernambuco. Mas até quando...?

A grande tendência registada no Brasil inteiro, com execpção dos dois estados acima referidos, é a do Carnaval se homogeneizar segundo a fórmula carioca: de um lado, o carnaval de salão; do outro, o desfile das escolas, principalmente nas cidades que carecem de uma tradição carnavalesca própria. Assim, o Carnaval vai transformando-se, cada vez mais, num ritual padronizado, em prejuízo da espontaneidade e da especificidade de cada região.

Actualmente, a escola de samba é um fenómeno que já transcende em muito o espaço geográfico e cultural brasileiro. Há escolas de samba no Japão, na Noruega, nos Estados Unidos, em toda América Latina e até em Portugal — e não são poucas.

Exemplo: realizou-se no Verão do ano passado, em Londres, o Primeiro Encontro Europeu de Escolas de Samba. Brevemente, quem sabe, haverá o I Encontro Mundial. A escola de samba tem força e energia para isto.

CONCESSIONÁRIOS

TOITORRES TOYOTA

Edifício Toitorres E.N. 8 — Km 43,9 — Telefs. 25171/2/3/4 — 2560 TORRES VEDRAS

O DESFILE DO SAMBA

A RTP vai apresentar na terça-feira de Carnaval um compacto de duas horas sobre o desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro, do Grupo Especial, realizado na segunda e domingo anteriores. Para a melhor compreensão dos telespectadores, apresentamos a ordem de colocação das 16 escolas participantes do desfile.

O desfile do Grupo Especial teve início precisamente às 19 horas de domingo. Cada agremiação tem que apresentar seu enredo no mínimo de 75 minutos e no máximo de 90. A ordem de desfile, conforme sorteio realizado pela Liga Independente das Escolas de Samba é a seguinte:

Domingo: 1.º — Unidos do Cabuçu; 2.º — Académicos de Santa Cruz; 3.º — Caprichosos de Pilares; 4.º — Império Serrano; 5.º — Unidos de Vila Isabel; 6.º — Beija Flor de Nilópolis; 7.º — Académicos do Salgueiro e 8.º — Portela.

Na segunda-feira: 1.º — Lins Imperial; 2.º — São Clemente; 3.º — Estação Primeira da Mangueira; 4.º — Mocidade Independente de Padre Miguel; 5.º — Estácio de Sá; 6.º — Imperatriz Leopoldinense (campeã de 89); 7.º Unidos da Tijuca; e 8.º — União da Ilha do Governador.

Evoluções, passistas, harmonia, comissão de frente, são termos que se ouve na época do Carnaval, mas que talvez não sejam muito comuns aqui por estas bandas. E para apreciar e entender melhor o espectáculo do samba, aí vão algumas «dicas» sobre os quesitos em julgamento no desfile.

«Alegorias e adereços — vale aí mais a criatividade do que o luxo dos materiais utilizados. As alegorias explicam visualmente o enredo da escola, e devem, portanto, com imaginação, mostrá-lo claramente. O abre-alas é a alegoria que abre o desfile e mostra o tema do enredo.

«Bateria — somente instrumentos de percussão participam da bateria e os principais são surdo de marcação, cuíca, tamborim, caixa de guerra, vários tipos de agogô, reco-recos e pandeiros. Julgar uma bateria é difícil para leigos, segundo os sambistas, pois um ouvido acostumado ao ritmo é imprescindível.

«Comissão d frente — formada por um mínimo de seis e um máximo de 15 figurantes, deve desfilar com movimentos e trajes uniformes, cumprimentando o público assim que abrem o desfile.

«Enredo — é a história que a escola pretende contar ou o tema que aborda visualmente. É preciso saber antes do que trata o enredo para julgar melhor se a escola o explorou bem o não através das fantasias, alegorias, evoluções e do próprio samba enredo. O desempenho da escola é justamente mostrar com clareza e criatividade o enredo escolhido.

«Evolução — deslocamentos dos componentes das diversas alas. As alas masculinas, por exemplo, evoluem com movimentos mais acentuados de braços e pernas do que as femininas. Evoluir, portanto, é sambar com graça, seguindo movimentos cadenciados, deslocando-se para a frente. No julgamento, agilidade, desenvoltura e comunicação com o público são considerados itens principais.

«Fantasias — beleza individual, harmonia entre cores e criatividade excluem o luxo dos materiais no julgamento deste quesito. Mas a identidade das fantasias com o enredo é fundamental.

«Harmonias — durante o desfile, a escola deve manter sempre a mesma cadência nas evoluções, no ritmo e no canto do samba enredo. O 'puxador' do samba tem papel fundamental neste item, pois ele controla o andamento da música por altifalante, evitando que a bateria 'atravesse' a melodia.

«Melodia — uma boa melodia deve ser fácil, mas forte em determinadas partes marcantes da letra do samba enredo.

«Mestre-Sala e Porta-Bandeira — passistas que mostram a bandeira da escola e saúdam o público com passos originais e muita graça. O mestre-sala deve sempre voltar-se para a porta-bandeira (que deve ser elegante e altiva) e lhe são permitidas mais variedades de movimentos.

«Samba-enredo — E letra deve ser inédita e não pode fugir à história representada pela escola no sambódromo. A letra não é julgada pela extensão, mas a preferência recai sobre letras curtas, de fácil memorização. Erudição também não conta mais pontos do que a beleza auditiva e a criatividade.»

O ENTRUDO NO MINHO

Num interessante livro «As Grandes Amorosas», editado no Brasil, em 1923, o escritor português Souza Costa — da Academia das Ciências de Lisboa — descreve, em forma de conferência, titulada «Usanças da Minha Terra», o carnaval da sua infância passada na sua cidade natal, no Minho. Transcrevo: »...E o Carnaval? E o entrudo da minha terra?

Lembro-o, revejo-o, revivo-o — e que saudade!

Era o Joaquim Escalhão, ferrador de ofício e emérito estúrdio, na sua jaleca de **astrakan** e alamares de prata, no seu calção de malha e bota de montar, à Hache, na cabeça o Marialva lustroso, quem abria todos os anos as portas ao entrudo.

E como praticava o Joaquim ferrador o cuidado suplementar de S. Pedro ou frei porteiro?

A 1 de Fevereiro — praticava-o sempre a 1 — ao meio dia; deitava os melhores arreios à faca de passo travado.

Alindava-lhe de tranças a crina e a cauda. Empavezava-a de fitas multicores, de ricos laços de seda. Punha-lhe colares de guizeras e berloques e **pendentifs** de incomensuráveis chocalhos. No coruto da cabeça aplicava-lhe uma máscara, outro no verso, à retaguarda.

E afagando-lhe a ilharga com a roseta dentada de espora, percorria a vila, alvoroçava o povoado, num ruído d'acordar os mortos, num estridor d'ensurdecer os vivos.

Só depois de abertas, pelo Joaquim Escalhão, as portas ao Entrudo, apareciam na rua os **caretos** — rapazes de **careta,** ou máscara na cara, na cabeça uma carapuça vermelha, guizeras a tiracolo, nas mãos uma vara alta rematada por bexiga de porco, cheia de vento, que subiam e desciam a rua, a correr e a castigar com a bexiga quem espreitasse às portas ou janelas.

Na minha terra eram os cães, nessa data, e julgo que são ainda hoje, as maiores vítimas do Carnaval.

Cão que o rapazito apanhe desprevenido — é vê-lo, daí a nada, de lata de petróleo presa à cauda, seguido pela algazarra dos flageladores, pelo ladrido dos cães vadios, a arrastar a lata, a fugir ao alarido, a gritar contra Caim.

E é frequente ver os cães vadios, raça de Cains, cairem-lhe em cima, darem-lhe o fim de Abel, o inocente, junto ao rebanho (...)».

CARNAVAL DE SINES

O Carnaval de Sines é conhecido desde os anos 20. Avançou com força mas logo parou, e só reapareceu em 1956. À medida que os anos iam passando, tornava-se sempre melhor.

Os carnavais, que se seguiram a 1976 foram um pouco diferentes dos anteriores, as pessoas começaram a abusar da água, tintas, lexívia, o que não agradava aos forasteiros.

Assim, de 1985 até 1987 não houve Carnaval, mas em 1988 formou-se uma comissão nova, com o lema de Renovar o Carnaval de outros tempos, e realmente o sucesso foi tão grande que o antigo percurso já não chegava para acolher todas as pessoas que vinham ver o Corso. Não esquecer que as farinhas, as tintas e outros produtos prejudiciais foram banidos, voltando à normalidade, isto é, tornando a haver respeito pelas pessoass que assistiram ao Corso.

1989 foi o ano da mudança do corso para a Avenida General Humberto Delgado. Os carros alegóricos foram muitos e bonitos, desfilaram algumas escolas de samba, houve uma atracção principal (Simara), que trouxe a Sines mais de 40 mil forasteiros, «foi o que se viu» e ainda se pode ver nas fotografias expostas na sede da Comissão.

1990 — Este ano, vai ser melhor ainda, vai haver mais música, mais som, mais luz, o percurso quase que duplica. Aumentando também a participação e o empenho dos Sineenses.

ALÉM DE VENEZA

Actores, políticos, príncipes e personagens da alta finança internacional nas festas exclusivas da aristocrática Veneza; humor e crítica social no desfile de Viareggio; festas populares e iniciativas um pouco por toda a parte, brincadeiras de gosto duvidoso, Sambódromo via éter e imaginação à vontade para os comuns mortais: assim se brinca o Carnaval na terra do Polichinelo e Arlequim.

Veneza: vip e chique

Achille Occhetto, secretário-geral do PCI, irá mascarado de quê, para a festa que a estilista Fiorella Mancini organizou na antiga gare marítima de Veneza? E Ciriaco de Mita, o presidente da Democracia Cristã? É verdade, este ano, além das habituais máscaras que fazem a tradição de Veneza nesta época, a «Sereníssima» voltará a hospedar e a ser palco, como nos anos cinquenta, de grandiosos e seleccionadíssimos bailes de máscaras. Chique e vip são as palavras de ordem neste primeiro Carnaval dos anos 90 em Veneza. Além de Ciriaco de Mita e Achille Occhetto a «hight society» veneziana esfalfou-se para ter o maior número de ilustres entre os convidados. Entre os que confirmaram a sua presença num dos muitos palácios contam-se os nomes de Jacqueline Kennedy, Liz Taylor, as irmãs Agnelli (FIAT), a «public relation» mais famosa da Itália Marta Marzotto, o financeiro Raul Gardinie uma lista interminável de príncipes «de» qualquer coisa. Até o presidente do Parlamento Europeu — Henrique Baron Crespo não foi poupado e o ministro dos Negócios Estrangeiros italiano, Gianni de Michelis — mais conhecido como «o ministro dançarino» pela sua declarada paixão pela dança — também não pôde recusar o convite.

Mas nem só de Veneza vive o Carnaval italiano. Em Viareggio, pequena mas famosa estância balnear da costa tirrénica, o Carnaval de Veneza tem o seu antídoto. Em Viareggio a recriação do passado deixa lugar à encenação cómica e caricatural do ano que acabou de passar; as cores e os tecidos delicados, o deslizar misterioso das máscaras pelos canais de Veneza são substituídos por gigantescos bonecos pintados de cores garridas montados sobre carros que percorrem as largas ruas à beira-mar, ao som de barulhentas bandas.

Viareggio: o outro Carnaval

O Carnaval de Viareggio apesar de ser menos conhecido, pelo menos em Portugal, do que o de Veneza, reúne anualmente milhares de turistas de toda a Europa e renova cada ano uma tradição transmitida de geração em geração, desde 1800, que consiste na construção colectiva de carros alegóricos representando episódios, personagens e caracteres da vida quotidiana italiana. Aqui os políticos também estão convidados mas não em carne e osso e nem se-

quer mascarados, os políticos, como os actores ou as figuras públicas que foram notícia no ano de 89, em Viareggio, são as principais musas e vítimas da criatividade dos «mágicos» — assim são chamados os artistas dos gigantões e dos carros.

Este ano as vítimas garantidas são o presidente do Conselho Giulio Andreotti, e o secretário-geral do PSI Bettino Craxi mas não faltará de certo jornal e cola de farinha para Occhetto e nem para o diabo do ano — Silvio Berlusconi. Noutra das vertentes do desfile desta edição, aquela referente à crítica e até certo ponto à reflexão social, a mulher é o personagem principal. Três são os carros que lhe são dedicados. Num, intitulado «femme fatale», a gigantesca criatura de papel apresenta-se como uma mulher sedutora e sensual que se deixa possuir perguiçosamente pelas máscaras e pelo espírito do Carnaval. O outro, de significado menos hermético, intitulado «Já não me pertenço», é uma mulher fragmentada, toda olhos, lábios e pernas, dividida entre modas e objectos do desejo diferentes. Num terceiro e último carro a mulher-tigre é uma figura dominante e aos pés dela abrem-se alas de homens subjugados, o título, nem é preciso dizer, ressoa irónico — «Serão escravos das mulheres».

Além de um denso programa de actividades paralelas ao desfile e que incluem desde competições desportivas até exposições, ciclos de teatro e cinema, novidades deste Carnaval ocidental será a presença, no desfile, de grupos folclóricos e máscaras dos países de Leste.

No resto da Itália e para os comuns mortais que não são vips nem muito chique, nem arranjaram um lugar nos hotéis abarrotados de Viareggio, não é caso para desespero.

Carnaval dos comuns mortais

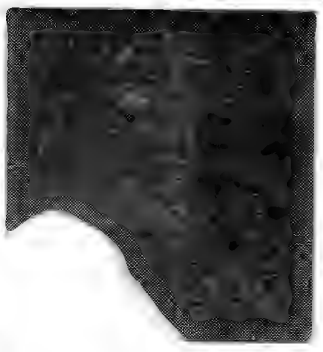
Quer mascarar-se de torneira, de comboio ou de pequeno-almoço? Uma equipa de maquilhadores profissionais fazer-lhe-á a vontade. E a «máscara total» é um dos disfarces mais procurados pela vanguarda dos foliões italianos — é fresaquinho, pintado na pele e sai num instante com uma esponja. Quem confia mais nas costuras do que nas pinturas, mas também não quer abdicar de ser original, pode alugar por 20 ou 30 contos uma máscara de morango, de formiga ou de fruto tropical para não falar da cebola.

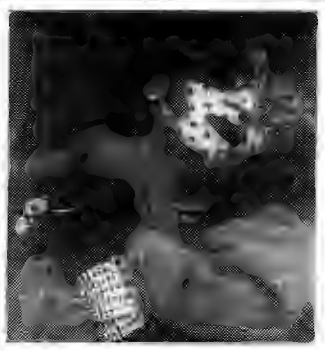
No «hit-parade» das máscaras «normais» estão aquelas inspiradas nas personagens dos maiores êxitos cinematográficos da última temporada — Batman e Jessica Rabbit — e as personagens das séries televisivas italianas de maior sucesso como «I Promessi Sposi». Firmes nas classificações também os clássicos internacionais das máscaras: espanhola-fada-zorro-D'Artagnan.

O mercaddo italiano, além de fornecer uma ampla escolha de máscaras seja para alugar que para comprar, também põe à disposição dos mais brincalhões uma gama deveras excepcional de efeitos e truques que vão do mais horrível ao francamente de mau gosto. O famoso realizador italiano de filmes do horror Dario Argento arredonda os seus milhões com a venda, na sua loja de mãos decepadas que deitam sangue, gomas especiais para realizar cicatrizes, facas falsas que espirram sangue, cápsulas para os dentes, baratas fresquinhas e todo o tipo acessório capaz de garantir um Carnaval verdadeiramente inesquecível. «Caca spray», «lenços sujos», «macacos falsos» e bichinhos com essência a variar do esgoto para o mau hálito, também são outros dos inumeráveis requintes, importados do Japão e da Alemanha, que o italiano encontrou nas principais papelarias do seu país.

Para as boites, as discotecas e os bares que abrem as portas para os festejos carnavalescos, a palavra de ordem, em questão de música, é a lambada ou pelo menos tudo o que venha do «lado de baixo do Equador». Os temas a glosar pelos clientes oscilam de «Vamp... vampiros por uma noite», «Sonhando Bahia e Makumba» até ao curioso e inédito «Movida romana», tema escolhido por uma discoteca de Roma que mistura reminiscências de «avant-garde» ibérica com experiências artísticas da capital italiana, música e carnaval.

Por fim os adeptos do Carnaval mais tranquilo e caseiro, ainda poderão contar com o clássico «plim-plim» do canal de televisão Telemontecarlo, filial italiana da rede Globo, que em directa e ininterruptamente lhe mostrará as imagens via satélite do mais emocionante Carnaval que se pode gozar via éter, comodamente refastelado numa poltrona a quinze mil km do Sambódromo.





Farmácia Garcia Alves

Direcção Técnica de:
Natália do Nascimento dos Santos Bilhota

SECÇÕES DE:
– PERFUMARIA
– ORTOPEDIA
– PUERICULTURA

Mustela
chicco®
KLORANE

Av. Gen. Humberto Delgado, 5
Telefone 31241
2560 TORRES VEDRAS

Texto de
António Calvet de Magalhães

O REI VAI NU

JERÓNIMOS—FIM DA 1ª PARTE INSTRITRUTO PORTULÊS DO PARDEMÓNIO CURTORAL

Numa península de pedregulhos, terra e areia, fingem viver uns seres com pouca vontade, resignados à sua pouca sorte, seguindo pacatamente e como convém, o lema, «salve-se quem puder», enquanto uns exemplares de porte estranho, que além de outras «qualidades» falam muito e não dizem nada, lhes prometem montanhas e lhes dão buracos. Ocupando um território de reduzidas dimensões, os Portuleses (habitantes da tal península) passam a maior parte do seu tempo de vida aos encontrões, batendo frequentemente com a cabeça nas paredes de gigantescas construções, deixadas pelos seus antepassados como «souvenirs» de épicas aventuras. Mosteiros, Conventos, Palácios, Torres, Catedrais e alguns Castelos que mandaram levantar, para brincarem às batalhas com os «vizinhos» ou «visitantes» de outras paragens e assim matarem o tempo, enquanto outros escreviam todas as aldrabices que lhes vinham à cabeça, conhecidas mais tarde como «o glorioso passado histórico portulês». Entre batalha e batalha foi-se constituindo o **pardemónio curtoral portulês,** ainda que ninguém saiba para que serve e os que tiveram a veleidade de perguntar, tenham perdido a cabeça, é o que há e quem não gostar, olha menos ou fecha os olhos...

Desde sempre, os mandões de qualquer Reino, guardam para si as melhores moradas, mas nesta península, o exagero foi religiosa regra, até que um belo dia, os portuleses, puseram tudo de pantanas e desataram a ocupar Palacetes, Casaretes e casarões para experimentarem outras vidas; pelos vistos, não gostaram, pois passado pouco tempo rápida e eficientemente convencidos pelos «cabeças de turco» dos mandões de turno, foram diligentemente colocar na «caixinha» os «papelinhos» com «cruzinhas» e «setinhas» (mais conhecidos por votos) a troco de fantásticas promessas de felicidade e fortuna que prodigamente aqueles lhes fizeram. Julgando preencher boletins de Totobola com prémio garantido, os bons dos portuleses foram no futebol e caíram que nem uns patos. Era tudo o que os «mandões» precisavam. Regressaram rapidamente do estrangeiro e enquanto o diabo esfrega um olho reinstalaram-se nos Casarões e Palações, mandaram construir mais aberrações para aumentarem o **pardemónio** e iniciaram um estudo «exaustivo» para a «protecção» do mesmo. Tornando-o rapidamente num dos baluartes do «Neo-Estado-Novo» criaram o **IPPC — INSTRITUTO PORTULÊS DO PARDEMÓNIO CURTORAL,** organismo supervisor de todo o **pardemónio** com um programa de marasmo organizado e capaz de responder às necessidades da acção governamental. O estado de degradação do **pardemónio** e sobretudo das construções, respondia à perfeição, aos planos do governo: em caso de sublevação ou contestação dos portuleses à política em curso, poderiam organizar excursões colectivas aos grandes edifícios que pelas suas características e espaço físico constituem excelentes centros de reclusão ou, se, necessário de extermínio. Estava lançada a política de contrôle demográfico e sócio-profissional...

No âmbito deste programaa nacional, o IPPC levou recentemente a cabo, uma experiência piloto, numa das unidades mais representativas do **pardemónio curtoral portulês:** Os Jerónimos. Oitenta metros quadrados de tecto, com capacidade balística para fazer calar os maquinistas da CP ou os controladores aéreos da ANA, desabou impecavelmente, conforme peritos e técnicos puderam posteriormente verificar, tendo sido considerada como uma das operações experimentais mais bem sucedidas no plano de contrôle das rebeliões de massas, por esmagamento colectivo.

Segundo fontes governamentais não identificadas, é de esperar que este ensaio sirva de balão de ensaio como primeiro de uma série a ter lugar no mesmo edifício ou em construções similares. Segundo as mesmas fontes, é bastante provável que um ensaio deste teor tenha lugar na Torre de Belém, embora a costumeira afluência de turistas estrangeiros possa desaconselhar tal operação em virtude do tradicional «parece mal» e dos possíveis incómodos causados aos ilustres visitantes. Também acolhido com agrado nos meios governamentais, seria o S. Carlos, pela espectacularidade da operação; no entanto e em virtude das dificuldades de acesso àquela zona, poderá tal exercício ser protelado para melhor oportunidade...

Segundo alguns especialistas, Alcobaça ou a Batalha constituíriam excelentes cenários para operações de maior envergadura, mormente esta última, pois reúne todas as condições para uma ruição lateral ou de fachada que em termos internacionais poderiam constituir uma ineludível prova de força, que os parceiros europeus dificilmente poderiam ignorar. Além do mais, seria realmente notícia...

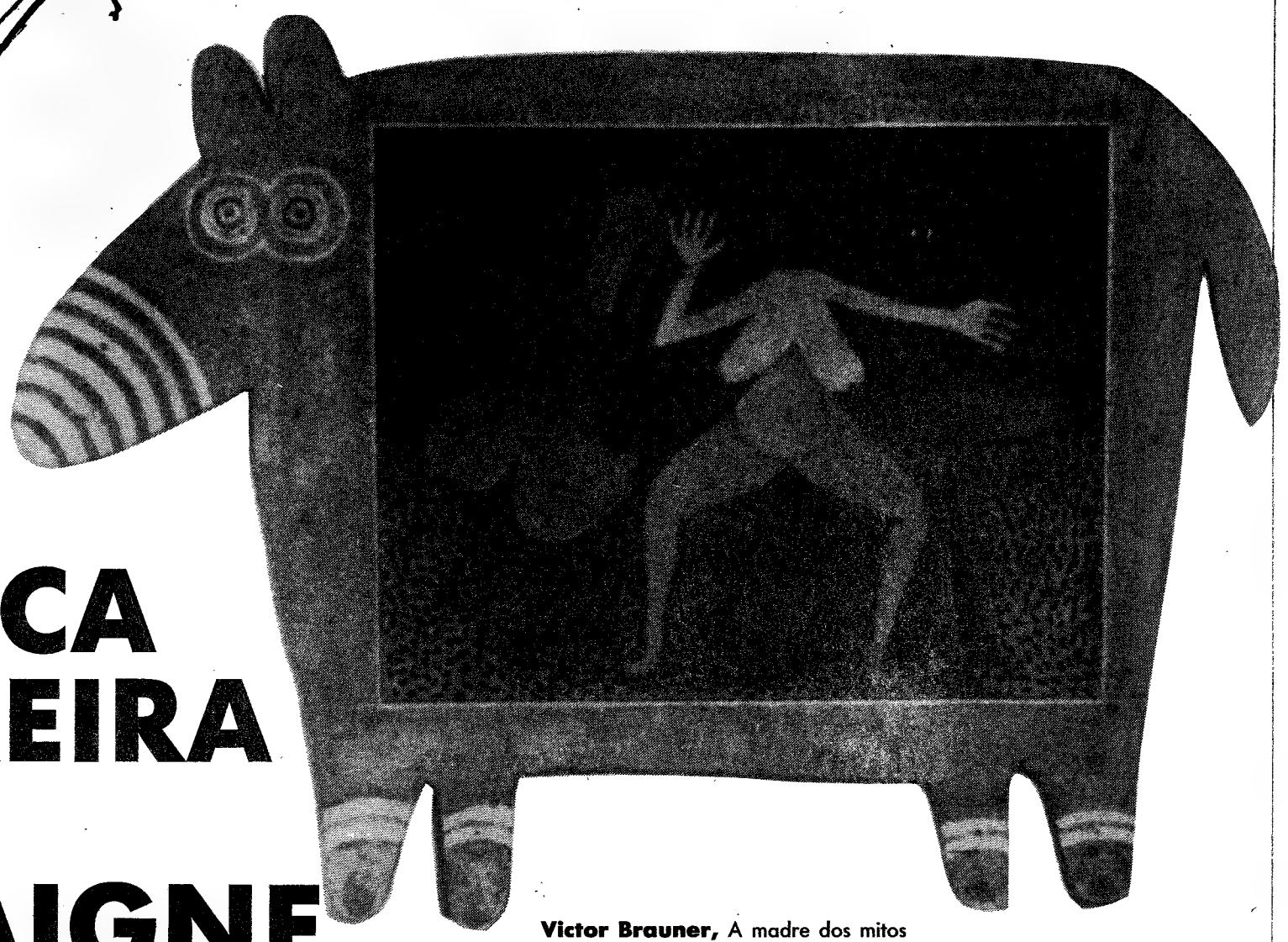
Antes de iniciar a fase dois deste brilhante plano governamental, sem dúvida o mais cientificamente elaborado nos últimos anos, tenciona o **Instritruto** executar uma série de acções inseridas na recente estratégia descentralizadora do Governo. Começando com o desabamento da ponte D. Luís, no Porto, com um duplo objectivo (terminar com a mendicidade na Ribeira e fazer o «Público» sair), seguindo-se a Sé Velha de Coimbra para acabar com os problemas da Universidade, o Bom Jesus de Braga para pôr fim aos diferendos partidários, a fábrica do eng.º Eurico de Melo que não é uma unidade do **pardemónio** mas segundo parece dava geito a alguns políticos, como operação de retaliação, mais a Sul, o Templo de Diana para resolver alguns resquícios da Reforma Agrária e de novo na capital para fechar em beleza o D. Maria como acção de reequacionamento do Teatro Nacional...

Segundo fontes não identificadas, a concretização destas últimas acções dependerá de compromissos a efectuar com determinada oposição que gostaria de ver incluídos unidades susceptíveis de danificar o prestígio do governo: Amoreiras, BNU, Caixa Geral de Depósitos no Campo Pequeno e similares...

Após o impacto causado pelo episódio Jerónimos, os Portuleses, agitados por alguns dias, regressaram ao parcimonioso e conformado dia-a-dia, entre casa e emprego e vice-versa, apertando e reapertando o cinto, para pagar o próximo imposto, o próximo aumento, a próxima restrição ou a próxima qualquer coisa que os vai lichar. O Rei, esse, apesar do Inverno, lá vai todo Nu...

Texto de
Chakê Matossian

A MOSCA DOS FILÓSOFOS



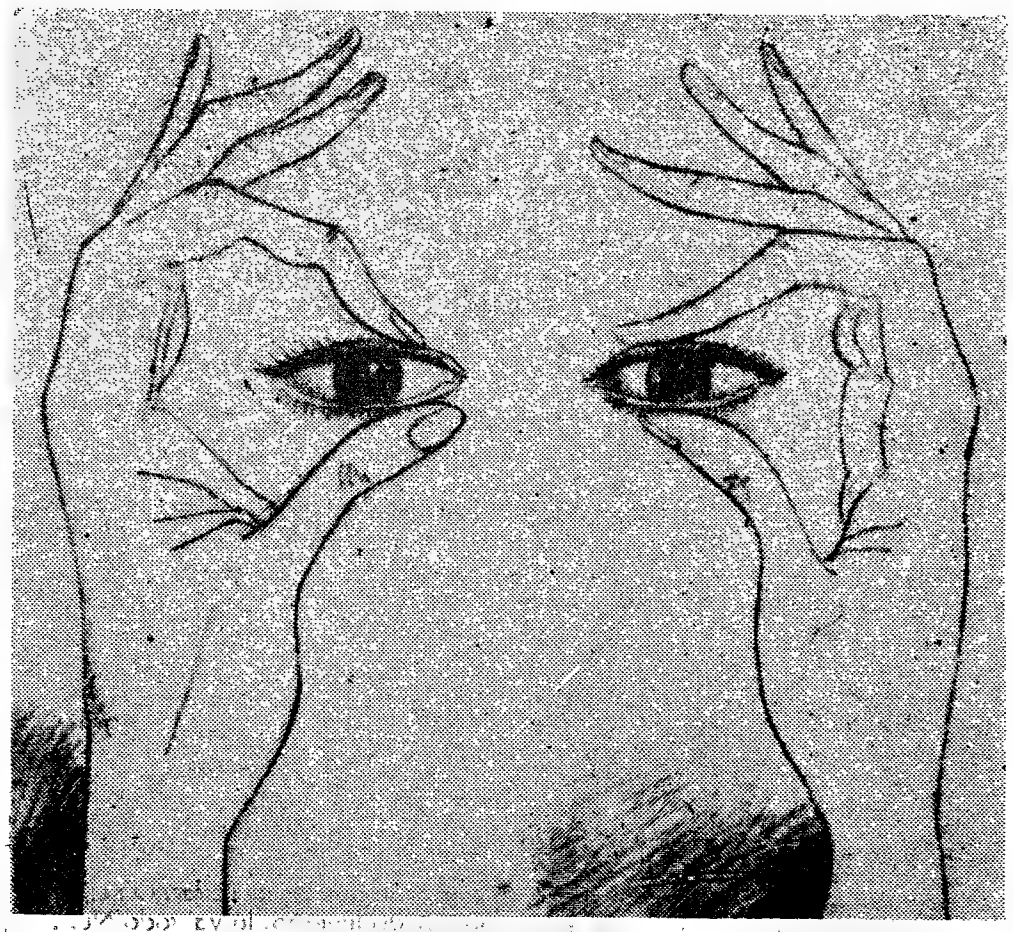
Victor Brauner, A madre dos mitos

A MOSCA GUERREIRA E MONTAIGNE

No fim de combater os ateus que vêem na razão a essência da humanidade como também o sinal de uma superioridade em relação aos outros seres vivos, Montaigne propõe-se rebaixar o homem, indicar-lhe o seu lugar na natureza. O homem de Montaigne faz simplesmente parte da natureza, não releva de um outro mundo, exibe apenas a diferença no mesmo: «há umas diferenças, há ordens e graus; mas é sob o rosto de uma mesma natureza» (1).

O homem acha-se mais inteligente que os animais porque estes últimos não percebem a sua linguagem, não falam e não constroem ordenadas, racionais. O argumento pode ser invertido; não percebemos melhor a linguagem dos animais do que eles a nossa e seria provável, diz Montaigne, que o gato com o qual brinco pense por seu turno que sou eu o animal da história. De resto, a dialéctica do mestre e do escravo marca a relação do homem com o animal.

O que caracteriza o homem não é a alma racional mas antes a vaidade e o orgulho, sintomas da sua fragilidade: «a presunção é a nossa doença natural e originária». Assim, o homem, «a mais calamitosa e frágil entre todas as criaturas», situa-se ao nível mais mal cheiroso do mundo, «no lodo e no estrume», na parte mais «estagnada» do universo, junto aos animais da pior condição (2). Na realidade, a situação do homem averigua-se mais nuançada. Se a imaginação leva o homem a colocar-se ao nível da esfera celeste, ele reside, no entanto, por baixo dela e, por conseguinte, partilha uma posição média de modo semelhante ao dos seres vivos, revela uma diferença na qual não intervêm as noções de superioridade ou de inferioridade: «não somos nem acima, nem abaixo do resto: tudo que se encontra por baixo do céu segue uma lei e fortuna idêntica» (3).



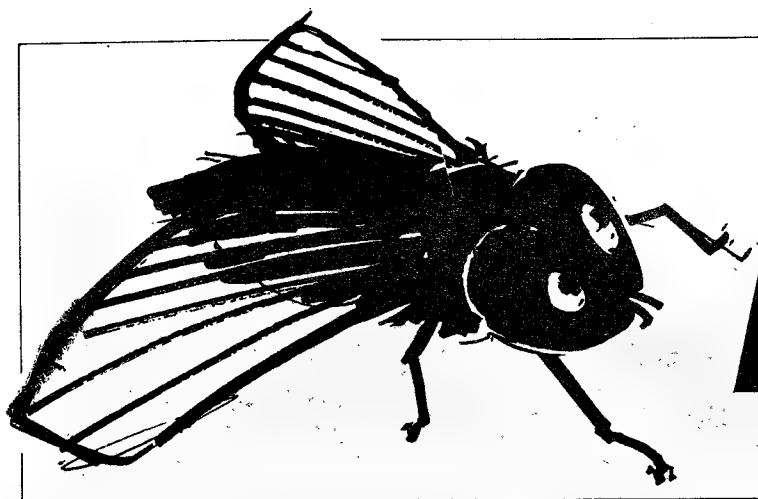
Desenho de Man Ray

A ordem e a regulação não aparecem portanto enquanto apanágio do humano, nem o trabalho ou a previdência. Montaigne convida o desdenhoso homem da sociedade policiada a observar o mundo operacional das moscas-de-mel (abelhas): «haverá polícia administrada com mais ordem, diversificada em mais cargos e ofícios, e mais constantemente cuidada que a das moscas-de-mel? Poderíamos imaginar conduzir sem discurso nem providência esta disposição de acções e de vocações tão ordenada?» (4). A ausência de comunicação verbal surge aqui como a prova decisiva da perfeição e da eficácia do mundo organizado das moscas-de-mel. Para atingir uma eficência social semelhante, o homem deve passar pelo discurso que se desvela enquanto colmatagem de um defeito.

Até no domínio que lhe pertence muito especificamente, a guerra, o homem ao patentear pomposamente o seu poder não consegue senão afirmar a sua estúpida bestialidade. Nada mais inepto e vaidoso que estes horríveis movimentos guerreiros, nada mais bruto que esta tempestade de gritos. Ao contrário dos homens, os outros animais de uma mesma espécie não se matam uns aos outros, o que não deixa de provar mais uma vez a nossa imbecilidade. E Montaigne lembrará aos que consideram a guerra como uma arte ou uma ciência, que basta um sopro de poeira nos olhos para as tropas humanas ficarem como as moscas-de-mel, aniquiladas. Aliás, entre os animais, as moscas-de-mel parecem ser as únicas a formarem uma armada para defender os seus «príncipes» em «combates furiosos» (5). Porém, a perfeição da sua sociedade em relação à dos humanos gera necessariamente uma melhor eficácia na arte militar. Daí decorre que uma armada de moscas-de-mel consiga vencer tropas portuguesas sobre as quais fora lançada: lembramo-nos, escreve Montaigne, quando os Portugueses, ao chegarem à cidade de Tamli, no território de Xiatime, os habitantes da dita cidade levaram até à muralha uma grande quantidade de colmeias das quais eles possuíam em grande número. Propulsadas vivamente sobre os inimigos, as abelhas os vencem e estes se afastam por «não poderem suportar os assaltos e picadas». E daí se deveu a «vitória e a liberdade da cidade a este novo socorro«(6) que tem uma vantagem a mais sobre a armada humana, a de não perder os seus efectivos.

Notas

(1) Montaigne, **Ensaios,** II, xii.
(2) **Ibid.**
(3) **Ibid.**
(4) **Ibid.**
(5) **Ibid.**
(6) **Ibid.** Montaigne cita aqui uma anedota contada por Goulard na sua História de Portugal.



PERCURSO

A imaginação é um poder particularmente tem
pregadores, economistas e, duma maneira g
por todos os que pretendem entravar
o livre funcionamento
do pensamento ou do sentido sexual.
As aparições suscitadas pela imaginaçã
escapam, com «efeito,
ao nosso controlo, mas possuem
frequentemente a força de nos controla
sem discussão.
«É a imaginação que estende para nós
a medida de todos os possíveis,
e alimenta os desejos através
da esperança
de satisfazê-los» (Jean-Jacques Rousse
«Toda a felicidade do homem está
na sua imaginação:
ele só pode pretender a felicidade, servind
todos os caprichos» (Sade)

Fotogramas de
José Maria Nolasco

os

emi·o pelos
ira geral,
var

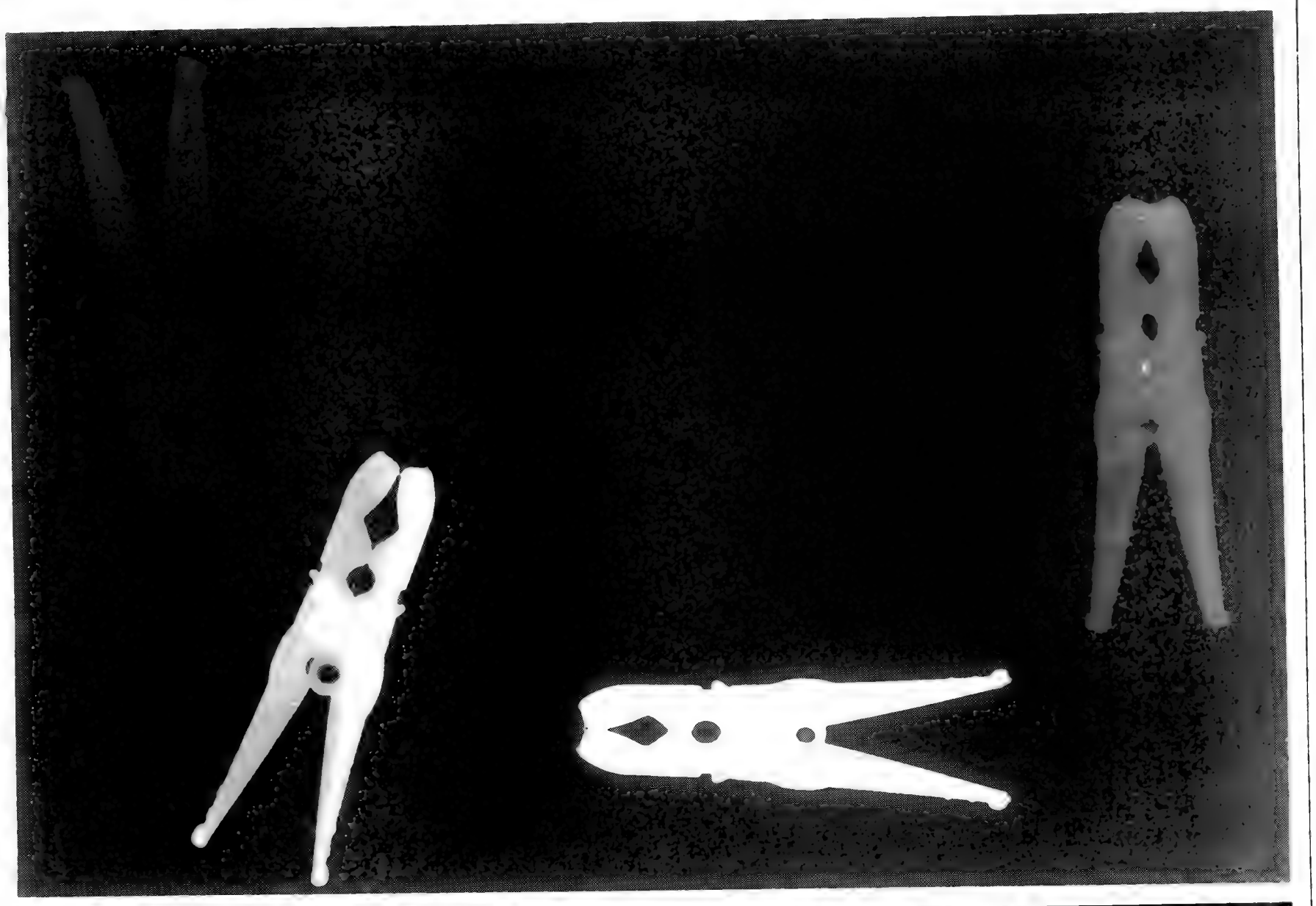
ual.
ação

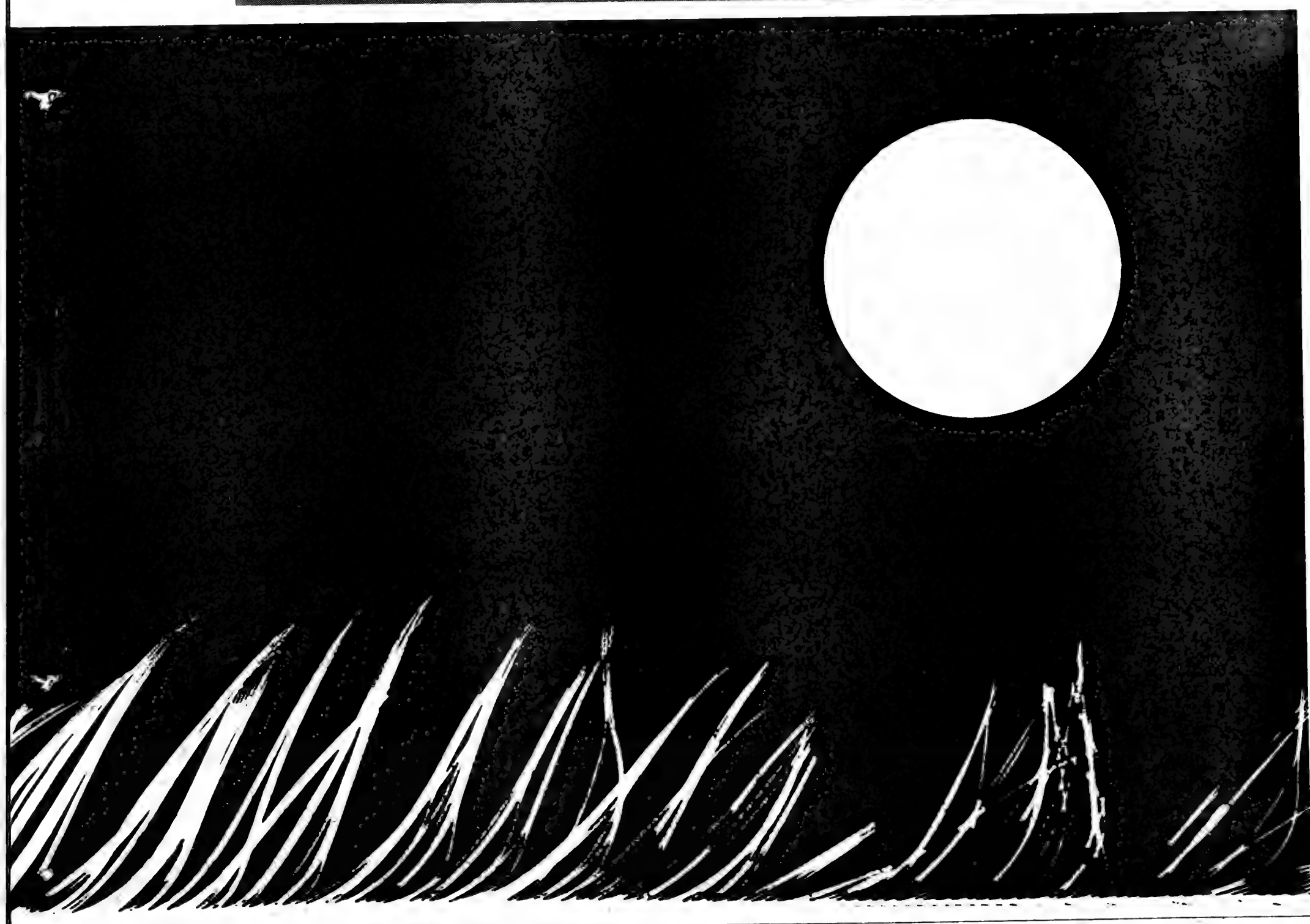
n
rolar

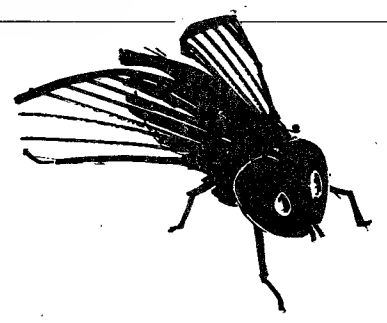
nós
,

sseau).
tá

indo-lhe







Rui Eduardo Paes

ONDE SE FALA DA PERGUNTA DE UMA PRESTIGIADA REVISTA AMERICANA, A «DOWN BEAT»

COMO SERÁ A MÚSICA NOS ANOS 90?

A música dos anos 90 poderá ser «a collective family reunion», segundo as optimistas previsões de John Ephland, «managing editor» da revista norte-americana «Down Beat», no seu número de Janeiro. Parcialmente ocupada com juízos sobre quais poderão ser, tendencialmente, as configurações das músicas da década que temos perante nós, a edição regista os depoimentos das mais diversas personalidades envolvidas no processo da produção, comércio e consumo dos sons, reunindo editores, músicos, professores e críticos numa curiosa coincidência de opiniões. Os próximos tempos, entendem eles, trazer-nos-ão «mais opções, mais direcções, mais estilos», e Músicas Oblíquas, como não podia deixar de ser, puxa a brasa à sua sardinha.

Ephland prediz que a música que aí vem confiará mais nas capacidades pessoais de cada músico e menos nas tecnologias de produção, racionalizando finalmente o uso dos «artefactos» disponíveis. E se as misturas que os anos 80 anunciaram prosseguirem, como tudo indica até proporções inéditas, ainda assim aquele especialista nos fenómenos contemporâneos da música crê que cada elemento interrelacionado com os outros fá-lo-á sem iludir as suas características intrínsecas. Assim, pode ser que se salte dos blues para o bop, do rock para o rap, do hardcore para o hip hop, do dixieland para o disco, mas se podemos considerar que tais designações não constituem muito mais do que securizantes «guarda-chuvas» (*umbrellas*, diz-se em inglês, menos absurdamente), será bom que não desapareçam, pela simples conveniência de não deixarmos de saber com que pedras podemos jogar.

Umbrellas

Ora, se cada família musical ou subgénero aparecido implica, na sua definição, uma história e uma tradição mais ou menos específicas, temos que - aprofundando a interpretação das alegações feitas pelo editor da «Down Beat» - quaisquer novidades ou consagrações técnicas e musicológicas do futuro próximo, por mais avançadas que venham hipoteticamente a ser, jamais negarão, por impossibilidade intrínseca, a sua base de sustentação. Pode ser que se verifiquem algumas audácias, mas julga John Ephland que a preservação do passado formativo das músicas actuais estará na ordem do dia, com a capacidade, para mais, de corrigir os presentes «excessos de revivalismo».

Al Hospers, antigo baixista dos Blood, Sweat & Tears, agora activo no campo do software aplicável à música, ajuda à argumentação, dizendo: «Por todo o lado encontro gente que já não tem medo da tecnologia e que também já não tem medo da história.» E se, no seu depoimento, o conhecido Dan Morgenstern, do Institute of Jazz Studies, defende que «passámos definitivamente o pico da inovação», considerando contra ventos e marés que «o jazz continua a ser uma forma multi-estilística onde todos podem encontrar um nicho», até isso nos faz suspirar de alívio: a confirmar-se, ninguém se verá obrigado à revolucionarite, doença que em tempos mortos (até ontem) se tornou ridícula pela encenação que forjou... de nada, levando à ilusão da independência original, que é um mito de consequências comprovadamente desastrosas. Se calhar é importante que consideremos a base jazzística de um Keith Jarrett, e não o seu lado não catalogável. Arrumar, categorizar será importante, o mais não seja para não perdermos o sentido das coisas.

É que, sendo verdade - como Miles Copeland, responsável da IRS Records declarou à revista que citamos - que a música dispara para todas as direcções, este é também o mundo factológico da linguagem musical por «colagem» de John Zorn, sem contradição para além da meramente aparente. «O mercado continuará cada vez mais fragmentado», perdendo razão toda a sociologia cultural que divida as expressões dominantes das minoritárias, pela óbvia justificação de que deixará não só de haver minorias como igualmente maiorias. Não é um pensamento desejante, à Toffler, Fukuyama ou Neisbitt: é algo que percebemos já. E não é preciso ir à América para descobri-lo...

A real thing

Ainda que Orrin Keepnews, da Landmark Records, fazendo justiça ao seu nome, reivindique que é altura de se avançar «com alguns estilos novos», mais importante parece, a crer ainda em Copeland, que as pessoas, os auditores comuns, possam confrontar-se com a chamada «real thing», a música autêntica, tal como é feita. Os anos 80 foram a exaltação da réplica e do subterfúgio, do recurso à forma quando os conteúdos eram demasiado frágeis para se manterem por si próprios, ou à trucagem por efeitos sonoros quando a perícia do instrumentista era mais do que duvidosa. Mas tudo consiste na consideração elementar de que «não há nada como ver cinco tipos suando num palco» e afinal, a habilidade de uma caixa de ritmos não chega para substituir a constatação do esforço e do gozo: *«You can't go to a show and see a drum machine sweat.»*

Talvez seja esta alteração nos nossos interesses que leve Nancy Jeffries, produtora na Virgin Records e na A&R, a dizer à «Down Beat» que a música será brevemente «mais humanística». Ou que Lennie Dimuzio, da Zildjian (uma marca fabricante de instrumentos de percussão), encontre motivações para antecipar que se esboça um forte movimento de regresso para «o mundo acústico da música», simultâneo, não por acaso, com um claro retorno às noções básicas. Ainda que se fale em «amálgamas» musicais (fá-lo, neste número de Janeiro da magazine, o produtor de jazz Mike Berniker), tem-se em conta, sintomaticamente, que tal permita «a experimentação de músicas com as quais as pessoas não estão familiarizadas», fazendo com que também nos domínios da arte musical o planeta fique mais pequeno - talvez como consequência da «aldeia global» da Comunicação.

Sim, é evidente que não é fácil vender as cada vez mais «novas» e renovadas interpretações dos clássicos sinfónicos, como salienta, pela Polygram, Richard Seidel. E no entanto isso não invalidará que nos anos 90 se continue a verificar que a música erudita, académica, «é perene e eterna». O que também é mais fácil de compreender se compararmos com as razões que levam as estações radiofónicas de Nova Iorque a insistirem hora após hora nos «hits» pop e rock dos anos 60 e 70, como lamenta oportunamente, ainda nas páginas da «Down Beat», um graduado da DCI Music Video, Rob Wallis. Ou será que Bill Berry, organizador do Festival de Jazz de Monterey, tem razão ao dizer que não repara «em nenhuma grande inovação de que se possa predizer um desenvolvimento»?

Talvez não nasça uma nova grande música. Mas não é isso que interessa saber, para já. Berry acrescenta, como se não viesse para o caso, que «a melodia está outra vez a tornar-se importante» e é bom que não hajam dúvidas sobre uma questão: há certas regressões que são mais felizes que muitas vangloriadas revoluções. É claro que quem diz amálgama pode dizer «homogeneização de músicas». Desta vez foi Dan Mackey, um técnico da Leblanc, casa prestigiada no fabrico de instrumentos de palheta, quem usou tal terminologia - mas a ele o que interessa é haver músicos que toquem música, independentemente do quê, e se a atitude é um tudo nada leviana, tem o contrapeso de ser um princípio salutar.

Entre Prince e Sly

Murray Horwitz, da National Public Radio, é mais profundo: «Gostaría que toda a gente tivesse acesso aos media, para poderem disseminar as suas culturas próprias e para que cada um tenha a oportunidade de testemunhar os modos de vida dos outros.» Uma condição essencial para que nos 90 não vençam quaisquer hegemonias, diga-se de passagem e di-lo, em mais um depoimento, Michael Skinner, um representante de produtos educacionais destinados ao ensino musical. Pode até ser, como defende Dan Smith, da Fender, que «não há grandes diferenças entre Prince e Sly and the Family Stone, ou entre o heavy metal e o hard rock», podemos lembrar-nos que «a música afro-cubana já foi popular nos anos 50» e afinal não fazemos mais, hoje, do que aquilo que fizemos antes, de maneira menos refinada talvez. Ainda não é contraditório com nada do que ficou dito, encerra certamente alguns paradoxos, mas esses são os inevitáveis para entender integralmente o que se passa à nossa volta.

Sim, sim, «o neotradicionalismo continuará no jazz», perdurará, pelo menos nos States, a música «republicana» (oh, Bush), como sustenta um produtor da A&M, da RCA/Bluebird e da MusicMasters, John Snyder. E é de esperar que também na pop surjam músicos que queiram abandonar os sintetizadores em favor do velho piano de cauda, segundo o mesmo especialista. Mas quem se atreve a afirmar que o futuro da música está nos robots-intérpretes? Seria uma aberração. Josef Woodard, correspondente da «Down Beat», escreveu o que segue para o inquérito da revista: «Os anos 60 não nos ensinaram tanto quanto o que gostamos de pensar - defendidos por especulações revisionistas - mas plantou sementes culturais que floresceram nos 80 e sem dúvida assim prosseguirão nesta década.» Quer isto

dizer que os próximos tempos proporcionarão que se complete um ciclo e que outro comece, por desdobramento referencial e natural desenlace.

Já se percebeu que foi só na década passada que o jazz - barómetro de todas estas coisas - encontrou finalmente pleno lugar no mercado das músicas. Isso foi-lhe fatal. Com certeza que não será de estranhar que já amanhã o bebop «deixe de ser chamado "jazz moderno"», assim se referindo Scott Yanow, outro correspondente da publicação. Mas pronto, é o que se espera: «Os anos 90 serão os melhores e os piores para o jazz, tal como o conhecemos» (pensa Ben Sidran, mais um activista da National Public Radio). Não nos admiremos se o factor se revelar extensivo a outras músicas, pois o jazz tem essa propensão estatística.

Se o leitor se mantém semanalmente atento a estas linhas, reconheceu com certeza alguns dos temas que vimos desenvolvendo há vários meses. Há quem sustente que as tendências que comentamos em Músicas Oblíquas são passageiras, superficiais, acidentais somente, nada significando de relevante quanto ao esclarecimento do estádio cultural em que estamos no Ocidente. Vir um periódico com o prestígio da «Down Beat» equacioná-las, auscultando os principais intervenientes do processo musical em terra americana, confirma que não andamos todos surdos. Excepções destas dão-nos algum conforto. Na B. D. junta, a Mosca «pinta» o que pinta, e sabe que são muitas e demasiadas as vezes em que os flashes nos encadeiam. A Mosca pode até ser pouco inocente, mas vai mais longe. Ou seja: se está por verificar o valor real de tudo isto, a verdade é que este é o momento em que acontece. Ignorá-lo seria constrangedoramente estúpido...

PALAVRA POR PALAVRA

BARALHAR E DAR CARTAS

No mundo do jogo , as regras , muitas vezes estão viciadas e , consequentemente , os resultados podem ser inteiramente inesperados

Não se compreende bem como é que os portugueses conseguem entender-se com os seus jogos de cartas. As coisas estão todas erradas logo de príncipio e não há elucidário possível para que as pessoas encontrem as necessárias soluções.

Para começar, fique-se sabendo que nós os portugueses jogamos com cartas francesas, a que continuamos a dar os nomes usados pelos nossos longínquos avòzinhos e que os castelhanos mantêm ainda hoje.

Por isso, de uma carta, bem abertamente assinalada com um *trevo* , dizemos que é o duque de paus. Mais coerentes, os franceses dirão de *trèfles* . É que nos baralhos espanhóis o símbolo é um bastão e, daí, o *palos* , os nossos paus. O mesmo para as copas, onde os castelhanos sarapintam umas taças, enquanto os românticos franceses se inclinaram por rubros corações, que são os que figuram nos nossos baralhos. E os oiros assim se chamam porque o naipe é, em Espanha, traduzido por gravuras de moedas, enquanto nas nossas cartas surgem losangos encarnados, que, em francês, dão pelo nome de *carreaux* . E assim por diante...

Contentemo-nos em pensar que sempre há alguma coisa em que os galicismos não ganharam a batalha.

Esta confusão inicial deveria ser já suficiente para que os portugueses não se metessem em jogos, mas a coisa está-nos na massa do sangue e não há remédio senão deixar correr.

Os naipes são um arabismo (*naib*) que os supostamente invasores mouros nos deixaram na memória do tempo. Como se sabe, dividem-se em cores que se mostram ferozmente adversas. Cada uma, à partida do jogo, se afirma disposta a ganhar, sabendo, embora, que em muitos casos só o poderá conseguir à custa de parceiros mais ou menos (melhor ou pior) colaborantes.

Só que as cartas não permitem, para dizer a verdade, um jogo seriamente democrático. Depois de baralhar e dar as cartas, um dos parceiros parte com grande vantagem: é ele quem tem a maioria dos trunfos, o que, etimologicamente, significa o *triunfo.*

Paralelamente, ainda se pode contar com a *bisca* (um volúvel italianismo), que é uma espécie de super-vedeta dominadora, dotada de boas capacidades agressivas, mas que não permite mais do que um jogo perigoso, já que a bisca é cobiçada, volúvel e sujeita a graves acidentes de percurso se tentar em excesso as suas habilidades.

De resto, o mesmo se pode dizer dos trunfos, que só são verdadeiramente úteis quando apresentados com habilidade, mesmo que quem geralmente os possua em maior número seja aquele a quem coube escolher o naipe dominador.

Nos agressivos e perigosos jogos de cartas (e outros...) que recentemente se têm travado entre os diversos naipes portugueses trunfos e biscas não têm valido de grande coisa, verdade seja dita.

Acabada a partida, os espectadores mais atentos entendem que o que há a fazer é baralhar de novo e tornar a dar...

Roby Amorim

Jorge Fallorca

Matriz da gravura "Espaço exterior", de Gil Teixeira Lopes

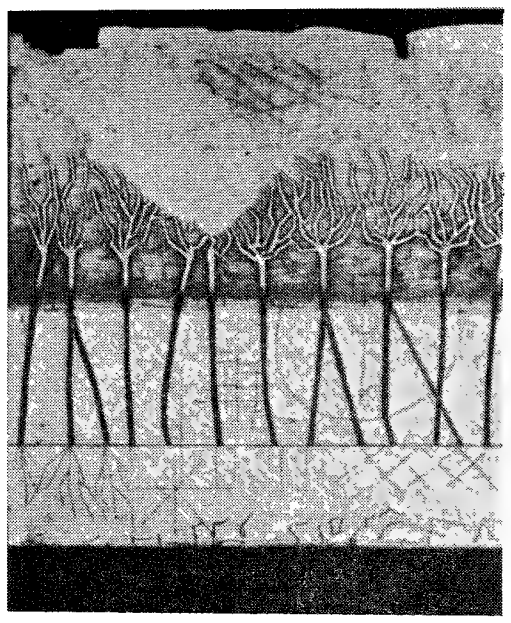
O REGISTO EXACTO

No prosseguimento de uma estratégia que encontra, sobretudo na divulgação de exposições didáticas, um sentido, a Galeria Municipal de Almada mostra 30 anos de ensino de gravura

Pintor e professor da ESBAL, Rogério Ribeiro tem sido o "estratega" da programação da galeria que, pelo facto de ser municipal, sobre ela ainda mais recai a responsabilidade do que mostra.

Inaugurada em Janeiro de 1989, com o ciclo **Ver desenho** (repartido por três grandes áreas: **A Aula de Desenho - Academias dos Séculos XIX e XX; Outra forma outra/outra função - Dos Modernistas aos anos 60; Hoje - As irresoluções resolvidas**), retomaria a época 89/90 com a "pré-retrospectiva" da obra do escultor José Aurélio, em Outubro último.

Se os exemplos enunciados não bastassem para eliminar quaisquer dúvidas quanto à qualidade da programação da Galeria Municipal de Almada (dúvidas, regra geral assentes em alguma morosidade), a exposição **30 anos de ensino de gravura na ESBAL**, se permite a divulgação e aproximação do que Rogério Ribeiro define, «como um teste à determinação do artista, à sua disciplina, à sua ordem...», é também «a *prova* de muitos *testes* que professores e alunos venceram, oferecendo toda a dignidade e reconhecimento internacional que através deles a gravura portuguesa atingiu».



Um pouco de história

Na orgânica dos cursos ministrados nas Academias e Escolas de Belas Artes, o ensino da gravura acompanhou os momentos mais férteis, assim como os de maior crise.

Na orgânica de 1932, o seu ensino não foi contemplado, seguindo-se-lhe um longo hiato até à reforma de 1957. Nesta, o ensino da gravura constituía uma tecnologia a nível do 4º ano, podendo seguir-se-lhe uma especialização no 5º ano.

Coincidem então a criação de cursos na Cooperativa de Gravadores Portugueses (recém formada) e a inclusão da cadeira de gravura, curricularmente, nas Escolas Superiores de Belas Artes.

Começou assim uma febril ânsia pela experimentação vivificada nos meios técnicos tradicionais, numa complexa alquimia de uma pseudo-magia. Os jovens eram impelidos a defrontar a placa de metal, de madeira ou de pedra, num combate entre a vontade expressa e a dureza e resistência da matéria que os obriga a uma concepção forte e precisa da obra pré-estabelecida, espiritual ou intelectualmente. Para o conseguir, procura a raridade das combinações, a matéria obtida sobre o grão do papel, a audácia ou a minúcia dos talhes, a exaltação do negro no branco ou em harmoniosas variações coloridas.

Em 1967/68 foi criado o Centro Nacional de Calcografia e Gravura, com apetrechamentos e instalações próprias. A sua mudança para outras instalações (em 1969), originou que passasse a funcionar a cadeira de gravura da Escola, nas instalações disponibilizadas, consistindo o seu equipamento numa velha prensa de talho-doce (em madeira), uma prensa tipográfica e outra para litografia.

Com a orgânica de 1974, o ensino desta tecnologia (a gravura) viria a sofrer um substancial desenvolvimento, com a sua inserção nas tecnologias possíveis de ensino, a partir do 2º ano do Curso de Pintura, aumentando e actualizando o seu equipamento, com uma prensa eléctrica e outros para serigrafia.

E em Almada?

Em certa medida, a Galeria Municipal de Arte, repõe a exposição organizada pela ESBAL, há cerca de um ano, para as suas instalações.

30 artistas (entre eles, Albertina Sousa, Ana Léon, Cabrita Reis, Catarina Castel Branco, Fernando Brito, Ilda David, João Rosa, Manuel San Payo, Paiva Raposo, Pedro Chorão, Pedro Portugal, Pedro Proença e Xana) documentam as vicissitudes (infância e maturidade) de outros tantos anos do ensino desta disciplina na Escola, mais não sendo que "a prova de todo o seu trabalho em exacto registo".

Naturalmente, a exposição homenageia os professores Gil Teixeira Lopes e Matilde Marçal, sua assistente. Esta inevitável autonomia expositiva, (semelhante à que a Fundação Gulbenkian lhe prestou ao apresentar uma exposição individual integrada no âmbito da **II Exposição Nacional** de Gravura, Dezembro de 1979), decorre da urgência de acabar com o que Rocha de Sousa denunciava no catálogo dessa exposição: "Gil Teixeira Lopes é pintor por diploma e profissional por decisiva resistência às erosões e omissões locais. A sua projecção pública, no Portugal de cultura indecisa e no estrangeiro onde as bienais de arte são correntes, faz-se sobretudo através da gravura. E fez-se pelo mesmo sentido de resistência, de investigação obstinada, no trabalho em oficinas pouco exaustivas e sem os mestres habituais que dão nome ao pouco nome de coisas poucas".

Referências indissociáveis do ensino desta disciplina (e pelo carácter didático que a Galeria Municipal de Almada confere às suas exposições), esta amostragem alargada da obra gravada de Gil Teixeira Lopes e Matilde Marçal, dá ao público a oportunidade de conviver com trabalhos exemplares destes artistas, ao mesmo tempo que, a "simulação" de uma oficina de gravura, se desmistifica a sua execução, poderá despertar no público (quem sabe?) o interesse de possíveis gravadores.

A propósito, recorde-se que, instituições como a Árvore, do Porto; em Lisboa, a Diferença e a Cooperativa Gravura, e mais recentemente, a Associação de Artistas Gravadores da Amadora (AAGA), ministram cursos alternativos aos das Escolas de Belas Artes de Lisboa e Porto, sem esquecer a António Arroio.

Voltando à oficina simulada, na exposição **30 anos de ensino de gravura na ESBAL**, além da panóplia ferramental utilizada para as diversas técnicas (xilogravura, calcografia, litografia e serigrafia), e diversas provas de estado (em fase de apuramento), expõem-se também duas prensas históricas, do património da Escola. Por exemplo, uma foi particularmente utilizada pelo mestre gravador Bartolosi.

Com a habitual qualidade das suas edições (tanto gráfica como documental, constituindo-se por isso necessários instrumentos de trabalho), a Galeria Municipal de Almada editou um catálogo da exposição.

Na livraria já em funcionamento nas suas instalações, o leitor ainda terá a oportunidade (caso lhe interesse) de adquirir os catálogos desse ciclo inesquecível, **Ver Desenho**. E num futuro próximo, terá acesso a um banco de dados sobre os artistas que, de uma forma ou outra, tenham participado nas iniciativas da Galeria Municipal de Almada.

Fontes bibliográficas:

catálogos das exposições "Gil Teixeira Lopes", edição Fundação Calouste Gulbenkian, 1979; "Gravura - exposição/Lisboa/Mar/1989", edição da Escola Superior de Belas Artes; "Gravura - 30 anos de ensino na ESBAL", edição da Galeria Municipal de Arte, de Almada, 1990.

Conto de
Jaime Rocha

METROmorfoses
Under Ground Show

Foi num fim de tarde de Janeiro que isto aconteceu. O dia havia estado escuro, cheio de pessoas e de guarda-chuvas. Um nevoeiro baixo não deixara escoar os fumos das ruas.

Logo de manhã, Gregório S. viu dois sujeitos a correr pelas escadas do metro. Um deles vestia um sobretudo preto e o outro tinha um defeito num pé, calçava um sapato com um salto maior que o outro. Não se percebia se discutiam ou se festejavam algum acontecimento especial.

O que, porém, chamou a atenção a Gregório S. não foi o riso que os acometeu , mas o facto de o do pé aleijado ter deixado cair uma caixa onde estava um estojo de material eléctrico, repleto de auscultadores e de mini-calculadoras.

«**Não aguento mais isto**», disse o do sobretudo preto.

« **Já não há hora de ponta, é de manhã à noite**».

«**Por mim está bem, Software**», respondeu o do pé aleijado, apanhando a caixa.

Gregório S. ficou para trás porque o empregado da bilheteira saíra, deixando a bicha de utentes a protestar. Voltou depois com uma sanduiche de ovo.

Os dois sujeitos iam agora à sua frente, contando os parafusos que faltavam e as lâmpadas de rádio que se tinham partido.

«**Andas sempre com tralha atrás de ti, Time-Sharing!**», sentenciou Software.

Trazia luvas. Fungava enquanto batia com uma mão na outra por causa do frio.

«**Ontem o Pedip convidou-me para fazer uma joint-venture com o Pidac. Avisou-me que ia aumentar o cash-flow numa off-shore do BESCL**», disse o Time-Sharing.

«**Não acredito**», respondeu Software.

«**Foi assim, de repente, estava eu a almoçar no Kit-Markt. O Pedip apareceu com um Low Profile e assegurou-me que o Plafond indicado pela Automatic Teller Machine criara um Crawling-Peg**», atalhou Time-Sharing.

Gregório S. não queria acreditar. Há anos que andava de metro. Tinha visto de tudo: carteiristas, cegos, polícias, freiras, turistas, empregados de escritório, indianos e até jornalistas.

Ouvira conversas entre soldados, estudantes, notários, cauteleiros. Presenceara inclusivamente disputas entre Testemunhas de Jeová e ateus. Mas um diálogo como aquele! Nunca!.

Os sujeitos não tinham ar de estrangeiros, muito menos de emigrantes. Não tinham nódoas no fato, nem **T-Shirts** do Hawai. Gregório S. tentou distrair-se

com uma senhora que procurava um novelo de lã dentro de um saco de plástico e com um jovem **skin-head** cheio de borbulhas na testa que estava a ouvir os **Police** num **walk-man.**

Nem os **Outdoors** da **Seven Up** e do **Caça Fantasmas II** o distrairam. Os **Outdoors** a cores do **whisky** e da **Carlsberg** e aquele da **Raposeira** davam-lhe uma sede tremenda, mas de água e de sumo de laranja.

«**Ontem enviei um Fax à minha holding do Japão com a descrição do Know-how e a relação Import/Export no sector dos têxteis**», continuou Software.

A firma em que Gregório S. trabalhava havia parado um dia para desratização, mas nem por isso os funcionários foram dispensados. Receberam uma ordem de serviço, uma semana antes, com directivas para arrumarem as secretárias nesse dia, deitarem para o lixo os **press-release**, os comunicados das empresas e os discursos dos ministros que chegavam por **telex** a toda a hora.

«**Tens visto o SEAF?**», perguntou Software.

«**Sim, estive com ele ontem no American Disaster. Conversa puxa conversa, consegui um Forward Rate Agreement, após uma acesa discussão sobre a filosofia do Just-in-Time**», disse Time Sharing.

«**É tudo uma questão de Marketing!**», continuou Software.

«**Pois. Decidimos implementar a compra de acções do serviço overnight do Express Mail através de uma off-shore no Totta, só para diversificar os floors**», assegurou Time-sharing.

Gregório S. ficara com a cabeça a andar à roda. Jamais imaginara poder assistir a uma performance deste tipo durante uma viagem de metro. Nem em Londres, nem em New York, nem mesmo em Bruxelas ou Estrasburgo havia presenceado semelhante diálogo entre dois **yuppies.**

Devia ir tratar de um assunto de impostos à **DGCI** e já não sabia que argumentação utilizar e que tipo de discurso seria o mais adequado à **DGCI.** Se falaria em **Leasing,** em **Prime Rates, em Open Market** ou pura e simplesmente abordaria a questão do **PIB** de uma forma **hard,** sublinhando que pertencia a um **Group Leaders** que actuava no âmbito das **PME** portuguesas.

Passara a noite em claro a preencher papéis e a telefonar a uma amigo que era funcionário das Finanças. Os travões do metro penetravam-lhe no cérebro como se fossem brocas de dentista. Até o amontoado de beatas e papéis que se amontoavam na linha férrea lhe dava vómitos.

Pensou que pessoas como aquelas deviam ser proibidas de andar nos transportes públicos e que devia ser feita legislação especial de combate aos diálogos imperceptíveis ou em línguas estrangeiras. Só os **Palops** poderiam falar em liberdade. Depois apercebeu-se de que estas ideias estavam **out**.

Ainda pensou ir ao **One off** comprar um disco do Jonh Cale e passar pelo **Fritz** para comer um **Bratwurst,** mas nem para isso lhe ficara vontade. Lembrou-se então que tinha o **Economist** na pasta e pôs-se a folheá-lo.

Aqui os dois sujeitos calaram-se. Lançaram olhares cúmplices para Gregório S. Software compôs o sobretudo, enquanto Time-sharing coçava a perna aleijada. Nunca mais tiraram os olhos da revista. Foram-se aproximando de Gregório S. e tentaram ler os títulos dos artigos à medida que ele ia folheando.

Gregório S. parou numa reportagem que falava do «**Training for Quality**» das empresas e da problemática dos **stocks**. A revista não pertencia a Gregório S., mas era ele quem a comprava para um colega que vivia no Cacém.

«**Bom dia**», disse Software para Gregório S.

«**Good Morning**», respondeu ele.

«**É uma bela revista o Economist**», acentuou Time-Sharing.

«**Is not mine, it belongs to my friend Vítor**».

Gregório S. ficou impaciente, o rosto tremia-lhe. Apeteceu-lhe bater-lhes.

«**Você é economista?**», perguntou Time-Sharing.

«**No, sir. I'm a therapist. I work in the Sheraton Health Center**», sublinhou Gregório S.

«**Ah, está bem**», concordou Software.

Gregório S. pensou em tirar uma navalha da pasta.

«**You may speak english. Aren't you american?**», disse Gregório S.

«**Não, nós somos portugueses, de Faro**».

Gregório S. ainda reparou nuns homens que estavam a colocar um anúncio da **Scottex** num cartaz do metro. Era a fotografia de um cão a ser puxado pelo pescoço. O ar tornara-se pesado.

«**I see. I am from Texas**», respondeu Gregório S.

Saíu nos Restauradores e refugiou-se no elevador da Glória. Já dentro do eléctrico leu num letreiro:

«**É absolutamente proibido cuspir sobre qualquer parte do carro. Pena de vinte escudos**». Era uma Postura Municipal datada de 1927.

Antologia

A MOSCA

Ramalho Ortigão

CIDADE COM CARNE PARA DIA E MEIO POR MÊS

Em vinte e oito dias e meio por mês, em trezentes e quarenta e dois dias e meio por ano, Lisboa padece esta doença perigosa: a nostalgia da carne.

E querem ideias, querem carácter, querem músculos, querem força, querem bom senso, querem firmeza, querem vontade, querem opinião!

Ah! querem tudo isso? Dêem-nos carne.

Olhem-me para este habitante... Ele tem o ângulo facial agudíssimo — de galináceo; falta-lhe a fronte e falta-lhe o queixo; o seu peito é estreito e côncavo, as suas pernas estíticas e frágeis: é o produto da hereditariedade em sucessivas gerações definhadas e nostálgicas. Este habitante tem os gostos estreitos: é pelo fato apertado, pelos estofos finos, pelas botas excessivamente agudas, pelos versos tristes, pelas árias moles, pelos quadros lânguidos. Ouvi o resultado dos seus estudos, das suas reflexões: o seu cérebro educou-se num mundo fantástico; não tem uma só noção lógica, nítida, prática: nenhum dos seus esforços o adianta um passo na vida; não sabe o que é, nem donde vem, nem para onde vai, nem o que quer.

Ele vem simplesmente do dia primeiro do mês antecedente e dirige-se lentamente para o dia primeiro do mês seguinte; ele vem do último jantar de carne, cuja memória se lhe perde confusamente, ao longe, nas brumas da história, e adianta-se para o jantar de carne seguinte, oculto nas incertezas do futuro. Através de todo o seu trabalho mental, ele lembra-se vagamente de uma coisa — a carne, a saudade eterna, a permanente e roedora melancolia!

Enroupem este habitante num fofo casaco assertoado, de baetão, metam-lhe no estômago uma boa fatia de lombo assado, despejem-lhe dentro um copo de vinho do Termo. Sigam este regime durante um mês. Ver-se-á uma transfiguração moral. O homem começará pouco a pouco a discriminar, a discernir, a comparar, a tirar ilações, a produzir ideias. Estabelecendo-se-lhe ao mesmo tempo um método de estudo e de trabalho, despontar-lhe-á também a alegria, que é o músculo da alma.

Vejam esta pobre menina de dezoito anos:

Está na idade feliz da candura, da forte seiva, da fina pele, das belas gengivas escarlates, dos beiços húmidos, dos dentes cintilantes. E todavia o seu pescocinho esguio está amarelecido e levemente engelhado como o de um peru sem penas. A exiguidade dos seus ossos proíbe-lhe o ser mãe. As suas clavículas descarnam-se-lhe do peito como duas pequenas étagères. A sua estaturazinha parece a de um pintaínho depenado dentro dum vestido de boneca feito de uma amostra de tarlatana. Ela recita ao piano, e os seus dentes são escuros. Ela sabe de cor as Flores de alma, e as suas gengivas são desbotadas. Ela sonha com o poeta Florêncio, e o seu hálito não tem frescura. Ela lê os folhetins do Sr. Eduardo Vidal, e a sua cuia é imensa.

Pois bem! propinem-se-lhe três costeletas por cada um dos trezentos e sessenta e cinco dias que tem o ano, com mais três costeletas suplementares para o exercício dos anos bissextos, duas dessas costeletas da espécie ovina ao almoço, uma da espécie bovina ao jantar, e ela desmedrará em sentimentalidade e em cuia tudo quanto há-de adquirir em cor e em sangue; a imagem do poeta Florêncio só lhe aparecerá sob o aspecto de cauchemar, e pode ser, se acompanhar o regime das costeletas com um tratamento pelos calcários, que ainda venha um dia a ser mãe, aos trinta anos.

Mas não se pode ter tudo: pão e circo, costeletas e ociosidade, desordem e bife!

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
NO ESPAÇO DO CAFÉ-TEATRO *
CARNAVAL
2.ª FEIRA-21.30H
FESTIVAL DA OTITE!
BAILE — MÚSICA AO VIVO C/A BANDA «DI LÁ» — BRASIL
Marcações T. 726 08 18

AGENTE
ELECTRODOMÉSTICOS - FRIGORIFICOS
TELEVISORES - RÁDIOS - CANDEEIROS
Gás Mobil
Electrodoméstica de Torres
MARIA PAULA DOS SANTOS
Rua Dr. Aleixo Ferreira, 12 – 2560 TORRES VEDRAS – Telefone 2 27 16

Texto de
Manuel Cintra

RETRATOS NO TEATRO

CONSTANÇA CAPDEVILLE

De entre os compositores portugueses que fizeram música para teatro, Constança Capdeville tem sem dúvida um lugar de destaque. Em parte pela grande dose de imaginação, em parte por os seus contributos sonoros, totalmente diferentes de peça para peça, se articulem em geral com o trabalho do encenador e com o evoluir do espectáculo até que a música dele faça parte, e não seja, o que acontece demasiado facilmente, um acrescento para dar ambiente aqui e ali. E é claro que Constança Capdeville compõe música para muitos outros fins, mas o caso é que o teatro lhe diz cada vez mais respeito. Por isso certamente foi nascendo, paralelamente à sua carreira de compositora o seu percurso no campo do teatro musical.

A conversa passa-se em Caxias, na sua casa escondida entre casas. Uma casa com um certo mistério, uma certa magia, e uma tranquilidade que Constança trata de agitar. No chão, a um canto da sala, um pequeno baú aberto de onde saem os mais diversos objectos destinados a produzir som: pequenos instrumentos de plástico ou de madeira, caixas de música para criança ou até materiais que inesperadamente produzem um som suficientemente rico para ser esse o mais indicado em determinado pormenor de uma banda sonora.

Coisas pequeninas que vai coleccionando. Do outro lado, o piano, instrumento de trabalho que tomou um ar familiar, cheio de papéis e de partituras, como se se tratasse da secretária de um escritor. Entre os pequenos objectos e o piano, talvez se situe o resumo da atitude desta compositora. Que diz que nunca compreendeu porque é que há-de haver uma música ligeira e outra... pesada. Porque a música é boa ou má, seja de que zona for. O segredo está em saber ouvi-la.

Constança Capdeville nasceu em Barcelona. Aí passou a primeira parte da sua infância. Os pais, de origem humilde, atravessavam nessa época a seguir à guerra civil de Espanha um período difícil. O Pai de Constança, para alimentar a família, tinha que ter por vezes vários pequenos empregos por dia e quase não dormir.

No entanto, foi fazendo tudo o que pôde para dar à filha a possibilidade de conhecer diferentes horizontes. Era um homem sensível, sempre fascinado por coisas culturais, e com uma paixão particular por cinema, que transmitiu à filha, fazendo-a assistir desde muito nova a todo o tipo de filmes. Aliás, um dos empregos que teve foi o de arrumador de cinema.

Um dos primeiros momentos com conotação musical de que Constança tem conhecimento na sua vida foi durante um concerto. Havia em Barcelona uma orquestra operária, que tinha sido organizada por Pablo Casals, e que dava concertos ao ar livre para que todos pudessem assistir. No primeiro desses concertos a que o pai a levou, estava empoleirada nos seus ombros, teria cerca de dois anos. Como reacção, não se sabe se à música se aos gestos do maestro, Constança pôs-se, do alto dos ombros do pai, a reger também. Anedota que mais tarde se contava na família. Como esta, outras reacções desde muito cedo a mostravam com apetências musicais, razão pela qual a inscreveram em aulas de iniciação musical que existiam na sua escola, pagas à parte e nas quais fez rápidos progressos, aprendendo muito rapidamente a ler e a escrever música. Outro sonho que teve, por volta dos sete ou oito anos, foi o de ser bailarina, e parece que também tinha grandes aptidões físicas para isso, tendo chegado a estar inscrita num curso de dança. Infelizmente, adoeceu gravemente e a sua saúde, a partir daí sempre muito frágil, com várias pneumonias, não lhe permitiu tentar sequer. A dança ficou como uma grande frustração, até hoje.

O pai teve uma oferta de trabalho em Portugal, o que o levaria daí a algum tempo a trazer a mulher e a filha para cá, como modo de solucionar a difícil situação financeira em que se encontravam. Constança, que até então tinha uma vivência intensa com a família de Barcelona, e com primos da mesma idade, sofreu em seguida com um certo isolamento.

Era uma criança um pouco especial. Tinha fantasias que, para contrariedade da mãe, o pai deixava viver livremente. Lembra-se, por exemplo, que um vez decidiu ser um índio sioux, durante vários dias...

Mas uma dessas atracções, que o pai talvez considerasse equivalente às outras, era a música. Foi possível, agora um pouco mais desafogadamente, incentivá-la. Nessa altura, já compunha. Embora não tivesse ainda estudado composição, escrevia muitas músicas, às quais dava títulos, e que foi deitando fora mais tarde, mas já nessa altura algumas com algum interesse. Uma que ainda hoje não renega, chamada «Caixinha de Música», terá sido composta por volta dos doze anos. Foi tendo aulas particulares, até aos 14 ou 15 anos fez exame de admissão para entrar no Conservatório. A composição atraía-a mais do que a execução, e assim tirou o curso completo de composição no Conservatóio. Começou muito cedo a dar aulas de música, para ajudar os pais, teria uns desassete anos. Lembra-se de ter tido como primeiros alunos dois meninos belgas, filhos de um funcionário da embaixada... Das suas primeiras composições, a que em primeiro lugar foi mostrada em público foi um concerto de uma orquestra juvenil no Palácio Foz. Diz-me, que tinha um título muito romântico, mas que era muito bonita. Chamava-se a «Ária à Memória de um rei desaparecido». Era uma ária em que não havia cantor, o solista era o oboé... Das suas primeiras obras, destaca uma que escreveu para órgão, e com a qual ganhou o prémio de composição do Conservatório nesse ano. Chamava-se «Variações sobre o nome de Igor Stravinsky».

Acha que apesar de a sua formação ser clássica, estava a começar a desenvolver uma linguagem pessoal, que nada tem a ver com a sua linguagem de hoje, mas que a levou a procurar desenvolvê-la com assiduidade. O acontecimento decisivo que levou a que isto acontecesse com grande velocidade foi o facto de Madalena Perdigão a ter convidado a fazer uma obra para a Orquestra Gulbenkian, desafio que lhe deu meses de angústia, fechada numa sala a compor. Mas acha que foi a partir daí que passou a encontrar com clareza uma linguagem muito pessoal, que nada tinha a ver com as outras, e a obra seguinte, «Momento I», era aquela em que tudo isso já vivia com clareza.

Desde então, Constança Capdeville começou a ser solicitada para outras áreas: primeiro a dança, tendo composto música para um solo de bailarino estrangeiro que a convidou seguindo-se convites de Vasco Wallemkamp e de Carlos Rincheiras, por exemplo.

Paralelamente, tinha começado a dar aulas, primeiro na Academia de Santa Cecília, depois no Conservatório. Quando lhe pergunto como é que o teatro surgiu na sua música, explica-me que foi uma necessidade natural. Para ela o gesto era uma componente da música como outra qualquer. Começou, por exemplo, com os alunos mais novos, a organizar momentos de teatro musical. Veio a descobrir Satie, compositor pelo qual teve uma paixão muito especial, achando que nele estavam contidas pistas para este tipo de experiências, que foi desenvolvendo primeiro com alunos e mais tarde em espectáculo.

Assim nasceu uma primeira tentativa de grupo de teatro musical, já chamado «ColecViva», que depois se dissolveu vindo de novo a nascer de 1985 com nova formação, com a obra «Don't, Juan», com elementos como Luís Madureira e Olga Prats, que ainda hoje fazem parte do grupo. O grupo ColecViva, de características muito experimentais, tem sido o único grupo de teatro musical com actividade regular no nosso país.

Muito antes de tudo isto, tinha formado um grupo de actividade mais clássica, que veio a fazer concertos por todo o país e até em Paris, chamado «Convivium Musicum», do qual faziam parte Janine Moura, e ela própria, como pianista, Helena Pina Manique, Albertina Xavier, Fernando Serafim e Orlando Worm, como cantores. Interpretaram, por exemplo, peças de Brahms, de Fauré e de Shumann, muitas das quais em primeira audição em Portugal.

Sobretudo a partir dos anos 70. Constança Capdeville compôs música para vários espectáculos de teatro. Quando lhe pergunto se ao longo dessas experiências foi criando um método de trabalho, diz-me que não, que isso varia obrigatoriamente de peça para peça. Há o cuidado de deixar a música nascer da construção do espectáculo e não o inverso. De todas essas experiências, uma das que mais se lembra foi da construção da música para «Pílades», de Pasolini, encenado por Mário Feliciano. Mário tinha-lhe pedido uma música que funcionasse mais como as bandas sonoras de cinema, com mais intervenções, e com músicos ao vivo, um piano, uma flauta e percussão. Surgiu neste casu um processo de trabalho que muito a entusiasmou: fechava-se horas com os músicos a compôr e a tocar ao mesmo tempo, sendo a música criada em conjunto.

Constança Capdeville também participou em cinema, tendo composto a música de «Cerromaior» de Luís Filipe Rocha, e mais recentemente «Solo de Violino» de Monique Rutler, ainda em fase de acabamento. O cinema, que continua a atraí-la muito, ao ponto de pensar que se fizesse uma daquelas coisas que nunca fez talvez isso fosse um filme, chamou-a também como actriz para o filme de António Reis e Margarida Cordeiro «Rosa de Areia», que alguns portugueses já viram.

Mas de todas estas actividades, a que vai ficando como primordial é a sua pesquisa no campo do teatro musical, com o Grupo ColecViva que dirige e foi evoluindo, possuindo hoje nove elementos, tanto da área de composição, como de música, como de teatro.

Encontrando-se neste momento de novo a compor uma obra para a Orquestra Gulbenkian, a ser estreada nos próximos encontros de Música Contemporânea, peço-lhe que tente definir o rumo que a sua música está a tomar. Acha que está a despir a sua música cada vez mais, tornando-a cada vez mais austera, utilizando cada vez menos meios, tentando desfazer-se o mais possível daquilo que é supérfluo para agarrar o essencial.

Pergunto-lhe, se tivesse sido músico, qual o instrumento que gostaria mais de ter tocado a sério. Diz-me que gostaria de ter sido percussionista. Desde sempre. Sem dúvida nenhuma.

Não há lugar para surpresas , no universo de Constança Capdeville, porque nele tudo é surpresa. Talvez por isso, na parede da sala, uma moldura vazia pendurada. Sempre prestes a encher-se daquilo que a criação ainda não fez nascer, e que fervilha, doce e violentamente, na imaginação desta mulher.

Teatro

A M O S C A

1990 ANO TCHEKHOV

OS ANOS 50

Imagem de *As Três Irmãs*, na encenação de Lucian Pintilié, em Paris/1979. Estão é, entre outros, Nathalie Baye, Marthe Keller, Michel Auclair, Roland Bertin

Já vimos como Tchekhov, tardiamente embora, interessou a artistas tão diferentes como Manuela Porto e Francisco Ribeiro, e depois António Pedro, Costa Ferreira, Luís Santos, Gina Santos. Já agora, elucidemos que o Grupo Dramático Lisbonense, que Manuela Porto viria a dirigir, foi fundado em 1906 por um actor que durante muitos anos trabalhou no T.N. D. Maria II, Manuel Correia. Já agora recordemos que este grupo apresentou uma outra vez a peça de Tchekhov, **Trágico à Força,** com uma peça de Pirandello, **Limões da Sicília,** provavelmente inédita em Portugal, com figurinos de Júlio de Sousa e encenação de Manuela Porto e Roberto de Araújo. O espectáculo foi apresentado na Associação dos Estudantes da Faculdade de Ciências a **29-03-1950.**

Neste percurso tchekhoviano encontrámos, finalmente, a Sociedade de Instrução (nome bem republicano!) Guilherme Cossul, nome de um compositor musical então famoso. Houve um tempo em que a Guilherme Consul foi conhecida pelo Conservatório da Esperança, onde ainda hoje existe. É que por lá passou, na sua juventude, gente que viria a ser conhecida, como Raul Solnado, José Viana, Jacinto Ramos e Varela Silva, além de muitos anónimos.

No «DL» de 21 de Março de 1950, precisamente, encontrámos uma notícia em que se fala da apresentação de um espectáculo, com três peças de Anton Theckhov **— Os Malefícios do Tabaco, o Urso e Pedido de Casamento,** peças já anteriormente apresentadas como vimos. O espectáculo estava marcado para o dia seguinte: **22-03-1950.** Outra data para esta teatrografia portuguesa de Anton Tchekhov.

Intérpretes das três peças: G.R. Gonçalves, Maria Bastos, João Sarabando (nome bem conhecido nestas andanças), José Serra, Maria Isabel, Pinho Rodrigues, Agostinho Gomes, Judite Pereira.

Curioso é o facto da direcção artística deste espectáculo ser da responsabilidade de Jacinto Ramos, Varela Silva e Viana Dionísio, futuros actores profissionais, embora o terceiro, supomos, por pouco tempo.

Igualmente curioso o facto de os cenários serem da autoria de Rudy e Mário Alberto. Antes do espectáculo, o crítico Jorge de Faria proferiu algumas palavras.

Além disso, numa revista mensal com o nome «Mundo do Espectáculo», do antigo grupo da Agência Portuguesa de Revistas, n.º 1, de 1-10-1969, deparámos com uma declaração na primeira pessoa, presumivelmente, de Raul Solnado, legenda de uma fotografia em que foram retratados em grupo — os amadores da Guilherme Cossul, e são muitos, ao lado de um cartaz que anuncia **«O Fidalgo Aprendiz** de D. Francisco Manuel de Melo, datado de 1952. Diz a referida frase: **Procurei corrigir a dicção,** entre uma peça de Tchekhov encenada por José Viana, e no «Fidalgo Aprendiz», de D. Francisco Manuel de Melo. E não me saí mal de todo. Tanto assim que, pouco depois, passava a profissional

Sobre esta peça de Tchekhov e sobre este espectáculo não encontrámos, por ora, quaisquer outras indicações. Vamos, entretanto, tentar descobri-las.

Já que estamos com Raul Solnado, recordamos que, segundo as suas palavras nessa revista, o seu primeiro ensaiador foi Ramiro Farinha e a primeira peça em que participou a peça em um acto de Alves Redol, **Maria Émília.**

Ainda amadores, os da bem conhecida Sociedade Incrível Almadense, da qual a Comissão da Biblioteca organizou um espectáculo da responsabilidade de um grupo de amadores almadenses. Peças em cena (mais uma vez) **— O Urso, Malefícios do Tabaco e Pedido de Casamento. Data: 3-05-1950.**

Outra vez em Lisboa, outra vez com **Os Malefícios do Tabaco,** na Casa de Entre-Douro-e-Minho, interpretação de um aluno do Conservatório Nacional interpretou o monólogo de Tchekhov. Tratava-se de Gilberto Gonçalves que pertence, desde há alguns anos, ao elenco do Teatro da Cornucópia. Data: **29-04-1950.**

FALAS

...O Teatro, no ambiente que gera, é até muito melhor do que se possa imaginar. O actor é um bicho muito atraente, fazendo de conta que eu não sou actriz, porque é capaz de grandes rasgos e de coisas lindíssimas. Ele é o intérprete dos poetas e dos grandes dramaturgos, ele tem que ser uma pessoa diferente. Mas ele é sensível, se não, não era actor, e é generoso, se não não era actor. E expõe-se, expõe-se e expõe-se... E apaixona-se e luta e podem de repente ficar dentro dele essas mágoas que ficam às vezes por causa de coisas que não aconteceram como ele desejaria, mas o actor é fundamentalmente e profundamente generoso.

Eunice Muñoz
TV/Guia — 10-02-1990

ACTO CULTURA E

De um político, o menos que se espera, para além dos conhecimentos técnicos dos pelouros por que é responsável (se, por exemplo, faz parte do Governo), é que seja capaz de entender o mundo que o rodeia, isto é, que domine os instrumentos culturais que utiliza (e mal dele se não os souber utilizar) de maneira a estabelecer um diálogo permanente com a sociedade que é suposto servir.

No caso de um político responsável pela área específica da Cultura, não se pode deixar de exigir uma cada vez mais perfeita afinação desses instrumentos, uma cada vez mais desenvolvida capacidade dialogante. Por isso, a disponibilidade desse político não poderá deixar de ter em conta a problemática de uma área tão extremamente sensível, fluida como é a área da criação.

Quando se deixa um regime de ditadura, como foi o nosso caso, necessária e forçosamente virado para o **fala-só-ismo** imperioso e bloqueador, espera-se que essa política de diálogo seja, antes do mais, um imperativo ético. Ora, salvo as raras e honrosas excepções do costume, os criadores de arte e de cultura não têm tido muita sorte nesse campo. Espera-se ainda por um governante, seja de que opção política for, capaz de aplanar o terreno onde um diálogo verdadeiro seja possível.

Pelas notícias que estão a chegar, ainda não foi desta vez que se descobriu para a SEC a voz capaz de estabelecer esse diálogo. Pelo contrário, leia-se o que escreveram neste jornal

APARTES DA GERAL

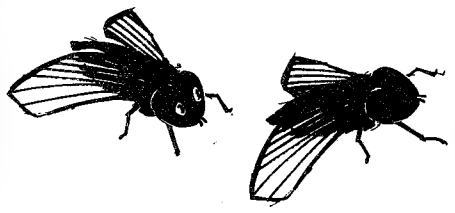
Interessante entrevista de Hélder Costa a Leonor Nunes («Diário«/Fim-de-Semana — 17-02-1990). Interessante não apenas, nem principalmente, pelo modo como defende o que parece indefensável, o último espectáculo da Barraca, em cena no Cinearte, com a peça de Marcelino Mesquita, por ele adaptada, **Margarida do Monte,** interessante como Hélder Costa, aliás coerentemente, se coloca ao arrepio de grande parte do pensamento político actual, pondo em dúvida a bondade das vertiginosas alterações por que o mundo está a passar, embora as considerasse previsíveis, talvez mesmo inevitáveis: **a década de 90 será de guerra e não de paz,** afirma. Aqui, na Geral, esperamos que se engane embora compreendemos o ponto de vista.

Voltemos ao teatro, mesmo que não tenhamos a pretensão de esquecer que o teatro faz parte desses palcos do mundo a que se refere o bonito título da entrevista. Não queremos deixar de sublinhar a forma cordata e até simpática com que Hélder Costa se refere ao nosso trabalho embora não possamos deixar de repudiar o tom com que se refere a outros críticos (é o perigo das generalizações). Mas o importante é confrontar os pontos de vista do criticado e do crítico. Declara Hélder Costa na entrevista citada:

Cortei inclusivamente uma cena em que se denunciava o Rei e o Estado. Curiosamente Carlos Porto (...) disse que essa foi a minha motivação para fazer o espectáculo o que não compreendo, visto que a cena foi cortada. Na verdade eu quis privilegiar a relação amorosa e evoluir para uma situação intemporal, a dos conflitos sentimentais e rácicos.

Ora, o que escrevemos sobre esse aspecto do espectáculo, depois de termos evocado a cena a que Hélder Costa se refere, foi o seguinte:

É óbvio que foi isso que interessou a Hélder Costa, esse quadro histórico em que poderia levantar as caricaturas dos vários poderes, como fizera já, mas muito mais convincentemente, em «João VI» («DL«/16-01-1990).



Ou seja, não é essa cena que está em jogo (a cena do texto cortada na adaptação) mas o quadro histórico, em que essa cena se insere, melhor dizendo, a leitura que desse quadro histórico fez o dramaturgo e, com ele, o adaptador-encenador. Tal como o espectáculo surge, não podemos deixar de considerar que Hélder Costa privilegiou essa leitura do quadro histórico da época de D. João V, certa ou errada não vem para o caso, embora não se duvide que outras motivações, também elas fortes, o espectáculo revele, como aquelas a que Hélder Costa se refere. E nesse ponto ele tem razão: ao escrevermos **foi isso** (esse quadro histórico) **que interessou a Hélder Costa,** pusemos de lado outras hipóteses motivadoras, o que resulta preconceituosamente da nossa parte.

P.S. — Esta breve e leve troca de impressões com Hélder Costa não pretende ser uma polémica à boa ou à má maneira portuguesa. Mas talvez sirva para demonstrar que entre críticos e criticados se pode «trocar impressões» (expressão terrível!) sem puxar do marmeleiro.

DIÁLOGO

(16/02/1990) Marina Tavares Dias e Rodrigues da Silva: **Salários em atraso, projectos suspensos, incerteza quanto ao futuro, muitas interrogações — eis, a traços largos, a situação das companhias de Teatro subsidiadas pela SEC.** Leia-se o «Expresso» (17/02/1990): acordos firmados pelo Governo são postos em causa pelo actual secretário de Estado, sem que os grupos sejam ouvidos.

Estas imposições nada têm de ético e não estão de acordo com a abertura ao diálogo que se poderia esperar, em especial, tendo em conta as declarações mais recentes do senhor primeiro-ministro, ao qual, não o esqueçamos, a SEC está directa e absolutamente vinculada.

MARGENS

Não é vulgar como isso e merece, desse modo, ser saudado. Refiro-me à iniciativa, com origem nos Açores, de homenagear um dramaturgo português vivo, aliás, natural de Angra do Heroísmo. Isto a propósito do 30.° aniversário da estreia da primeira peça de Norberto Ávila, **O Homem que Caminhava Sobre as Ondas,** na Sociedade Dramática Eborense, em 1960.

Aliás, já em 1989 aquele dramaturgo fora objecto de algumas homenagens, nomeadamente através do IV Ciclo de Teatro de Autores Portugueses da Amadora, que lhe foi dedicado, com a representação das peças **O Marido Ausente** e **Histórias de Hakim,** e ainda da adaptação de **D. Quixote e Sancho Pança,** exposição de documentos referentes à sua actividade, colóquio, jantar de homenagem; em Outubro, realizou-se uma sessão na Casa dos Açores, com exposição de fotografias de Maria Franco sobre **D. João** no **Jardim das Delícias** e **O Marido Ausente;** conferência de Lurdes Castanheira sobre o mito de D. João na dramaturgia de Norberto Ávila, comparando-a com outros tratamentos, em Molière e António Patrício; colóquio.

Nos Açores

Está prevista para a segunda quinzena de Março a realização de uma série de actos nesse âmbito de homenagens ao dramaturgo. Teremos assim: a estreia mundial de **Viagem a Damasco,** pelo Grupo de Teatro Alpendre, encenação de Ruy de Matos; exposição documental, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo; lançamento de uma nova peça, **Megalona Princesa de Nápoles,** edição da Secretaria Regional da Educação e Cultura; conferência de Luiz Francisco Rebello, sobre a dramaturgia de Norberto Ávila, a convite da Câmara Municipal de Angra.

Aliás, este ciclo de homenagens a Norberto Ávila passou em Janeiro pela digressão do Teatro de Portalegre que levou aos Açores a encenação de Augusto Tello da peça de Ávila **O Marido Ausente.**

Como se sabe, Norberto Ávila é o dramaturgo português mais representado no estrangeiro onde é mais conhecido do que em Portugal. Lembrar-se-á a esse propósito que a televisão polaca vai transmitir uma adaptação de **A Ilha do Rei Sono** e, também na Polónia, a peça **O Marido Ausente** vai ser objecto de uma encenação teatral. Em Portugal, em Abril, estreia absoluta de **As Viagens de Henrique Lusitano,** pelo Teatro de Marionetas «Lanterna Mágica»; e na RTP, em Junho, a adaptação de **D. João no Jardim das Delícias.**

SEMANADA

A grande novidade da semana é a da prorrogação, graças a um apoio especial da SEC, do espectáculo do Teatro da Politécnica **D. João e a Máscara,** com texto de António Patrício e encenação de Mário Feliciano. No entanto, não haverá espectáculos no período do Carnaval, de 24 a 28 de Fevereiro.

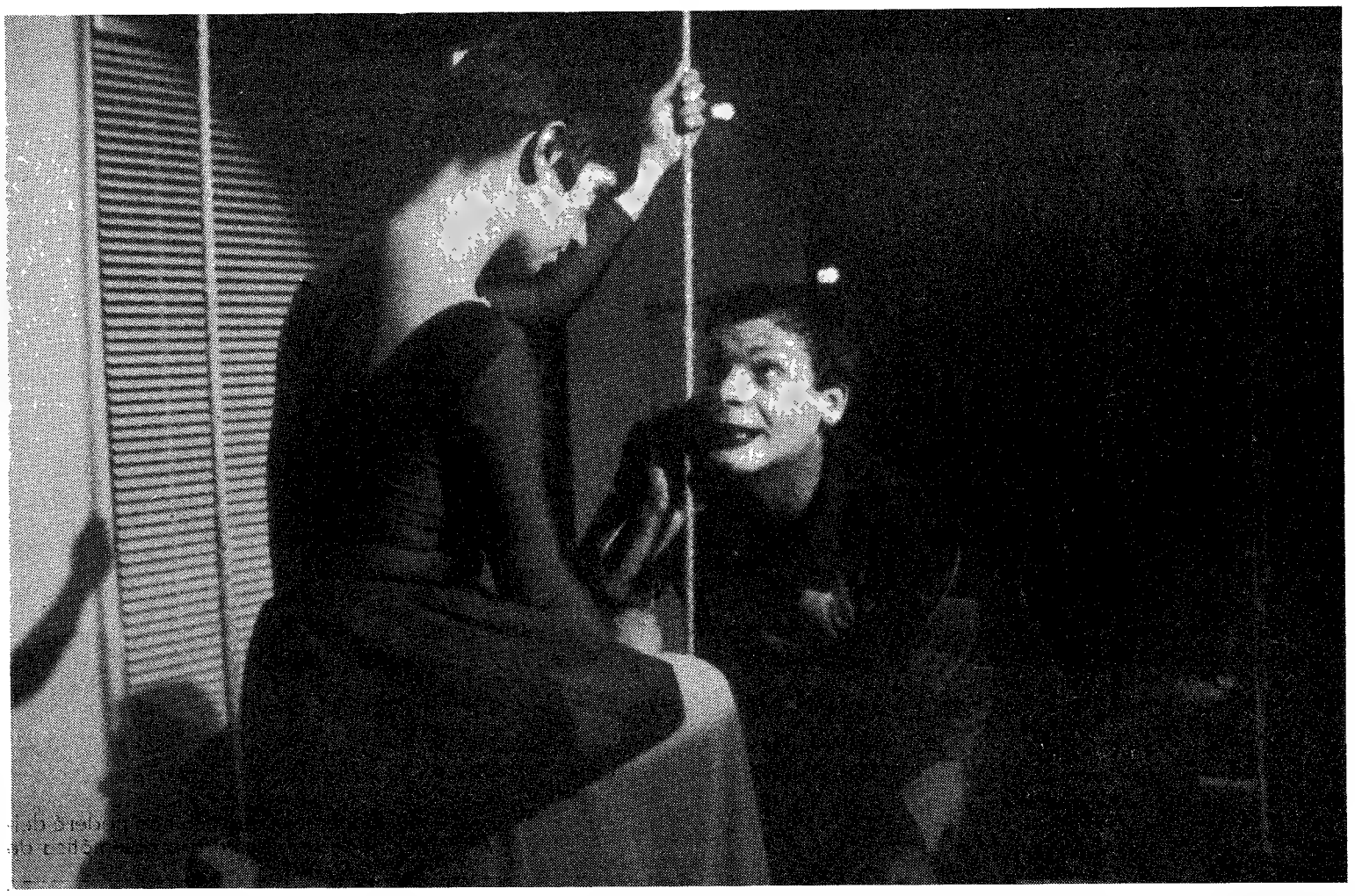
Estreia esta semana de dois espectáculos para crianças: **A Tarantela Vermelha,** de Salvatore Cuffaro, encenação de Figueira Cid com o Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garrett, em Olival Basto; **Feliz Aniversário,** o novo espectáculo de Fernando Gomes com o Teatro Infantil de Lisboa.

Uma outra estreia anunciada (e já concretizada!), a da revista **Vitória! Vitória!,** para inauguração do novo Maria Vitória. O leitor pode contar com mais espectáculos o que lhe permite uma variedade de escolha a ter em conta. No Teatro Aberto, **Happy End,** de Dorothy Lane/Brecht, música de Kurt Weill, encenação de João Lourenço com o Novo Grupo; na Comuna: **A Pécora,** de Natália Correia, encenação de João Mota, e **O Festival da Otite,** de Carlos Paulo, outra encenação de João Mota, este só aos sábados à meia-noite; ainda na Comuna, às sextas, sábados e domingos, o espectáculo do Bando, **A Pregação,** encenação de João Brites.

Atenção à mudança de horário dos **Palhaços,** da Cornucópia, agora à tarde, para crianças das escolas, às terças e quartas, e nos horários habituais às quintas, sextas, sábados e domingos.

A não perder, na Casa da Comédia, **luzéczé?,** espectáculo de José Carretas; Casa da Comédia que continua no Casino do Estoril com **What Happened to Madalena Iglésias?,** texto e encenação de Filipe La Féria. No Cinearte, **Margarida do Monte,** de Marcelino Mesquita/Hélder Costa; no Ritz Clube, **O Regresso de Bucha e Estica,** espectáculo de Mário Viegas. Em Carnide, ao fim-de-semana, **Divinas Palavras,** de Valle-Inclán, encenação de Bento Martins com o Teatro Carnide.

Outros espectáculos em cena: **A Severa,** de Júlio Dantas, no Maria Matos; **Ora Bate, Batman'so,** revista no Villaret; **Ai! Cavaquinho!** revista no ABC; **Os Meninos à Roda da Mamã,** comédia no Variedades. No Porto, os Comediantes estrearam ontem o seu novo espectáculo, **Dança de Roda,** de Arthur Schnitzler, encenação de João Paulo Costa.



Cinema

A MOSCA

DO MUITO BOM AO MENOS MAU

Rodrigues da Silva

Isto é como nas apostas: há semanas em que sobe a parada. Na que passou, sem que nada o fizesse esperar, as estreias comerciais subiram de nível e mesmo o pior dos filmes tem minutos dignos de registo. Mas aconteceu tudo um tanto por acaso, ou pelo acaso da distribuição que temos. Uma distribuição que desta vez conseguiu juntar em estreias filmes de 1984 a 1990. Entre um e outro ano, couberam, assim, um Almodóvar antigo (estamos condenados a ver Almodóvar de frente para trás) e um filme que em 1988 foi premiado em Cannes, sem que aqui ninguém desse por isso (deram agora porque a África do Sul está na moda e houve quem aproveitasse o filão).

A exibição comercial por cá depende dos vários cordões umbilicais que a ligam à distribuição estrangeira. Mas depende também de alguns estímulos locais (confessáveis uns, menos confessáveis outros) e mesmo de alguma inércia, a que apetece chamar comodismo.

É que, sem pôr em causa o negócio (o cinema comercial não é propriamente uma misericórdia), sempre seria possível arrumar a casa mais um bocadinho. Isto tendo em vista, justamente... o lucro.

O cinema (não há estatísticas, intui-se) está a voltar a criar um público, mas diferente do de há uns tempos atrás: mais exigente porque mais jovem e mais culto ou mais instruído.

Ora esse público (ele, sim, um filão a explorar) merece, quando não exige, que lhe sirvam o menu em boa e devida forma, em vez de lhe atirarem com o primeiro naco que há à mão.

Basta estar nas bichas para o cinema às segundas-feiras (experiência que se recomenda a quem de direito...) para se perceber que o tal novo público não gosta de tudo o que lhe dão e, mesmo se às vezes é obrigado a servir-se do que há, começa a estar cansado das velhas receitas esteticamente dominantes. Educado — quem sabe — pelo cinema na TV, pelo vídeo, mais até do que pela Cinemateca onde só irá depois, ele é o cinéfilo do futuro.

Ou já do presente, como o atesta aquela miúda para aí de 15 anos, no outro dia à porta do Quarteto, que, contra os argumentos de uma colega recalcitrante, defendia os méritos do cinema «um bocado parado» com um exemplo de primeira: «Gente de Dublin». E era um regalo ouvi-la...

*

Um regalo quase tão grande como esse outro que é ver a adolescente de «Um Mundo à Parte». Mesmo tendo em consideração Barbara Hershey, é Johdi May (a adolescente em causa) que atravessa todo o filme, o enche de uma ponta à outra, dando-lhe a marca de uma rara sensibilidade.

A sensibilidade, de resto, é o tom dominante deste filme sobre o «apartheid» sul-africano com que o director de fotografia inglês Chris Menges se estreia na realização. Será aliás interessante comparar «Um Mundo à Parte» com «Assassinato sob Custódia» para se constatarem as diferenças e para se perceberem os méritos da contenção e os deméritos do excessivo espectáculo. Onde «Assassinato sob Custódia» tudo mostra, tudo explica, «Um Mundo à parte» apenas dá a perceber e sugere.

«Um Mundo à parte»: este, sim, um grande filme sobre a África do Sul

Grande parte do filme de Menges é como se o víssemos através da memória da adolescente, do seu olhar que procura entender a realidade que a pouco e pouco se lhe vai revelando.

O filme começa com ela a perceber que alguma coisa se passa de estranho na família. Estamos em 1963, na África do Sul o «apartheid» acaba de se institucionalizar, as prisões começam a encher-se.

Não só de negros, também de brancos «antiapartheid», entre eles uma jornalista pró-ANC. É a mãe da adolescente e, mais do que a história de uma prisão, mais do que o testemunho de uma repressão e de uma luta, são os seus reflexos numa adolescente em mudança que o filme nos dá.

Atrás de uma fotografia esplendidamente cambiada de claros-escuros, através de uma câmara que persegue dramaticamentge ora os gestos tão «gauches» da adolescente, o seu rosto tão triste, ora o comportamento da mãe, «Um Mundo à Parte» nunca se sustenta do óbvio, jamais explora o fácil. Pelo contrário. Mesmo quando narra o mundo dos negros, ou nos equaciona o dos brancos, o filme demonstra como se deve trabalhar cinematograficamente um argumento, como — sem «estrelas» de primeira grandeza e as suas habituais «performances» — se consegue uma obra inesquecível, de longe a melhor que já vimos sobre a África do Sul.

«Que Fiz Eu para Merecer Isto?», um Almodóvar com seis anos

*

«Que Fiz Eu para Merecer Isto?» não é o melhor filme de Almodóvar e ainda bem, sendo como é cinco anos anterior a «Mulheres à Beira de Um Ataque de Nervos» (1989). Tal como aconteceu com «Negros Hábitos: (1983), o filme que os acasos de distribuição e o crescente valor comercial de Almodóvar agora descobriram surge-nos assim e nesta altura sobretudo como um testemunho: o de um percurso.

Claro que muito do melhor Almodóvar já aqui está, mas é evidente também que este filme de 1984 mostra quanto caminho o cineasta espanhol houve que percorrer para que a sua obra surgisse esteticamente coerente.

Em «Que Fiz Eu para Merecer Isto?» o realizador parece hesitar ainda entre uma narrativa de fundo social e um divertimento algo «kitsh». De qualquer modo, o balanço é já o da revelação do real através desse falso mais verdade que o verdadeiro, mesmo se uma certa exuberância formal aqui se coadune menos bem com o retrato voluntariamente desfocado de um casal de semiproletários de um bairro periférico de Madrid.

Almodóvar não sabe se há-de condoer-se dessa gente, ou tratá-la como personagens de uma telenovela virada do avesso, com um «happy-end» que mais uma vez se sustenta das pulsões da morte ou do seu exorcismo pelo riso.

De qualquer modo, uma coisa é certa: foi através de filmes como este que Almodóvar, progressivamente, se afirmou como um criador original. E quando assim é, justificam-se alguns passos em falso.

*

«Corrupção na Cidade» não dá passos em falso, com Karel Reisz na realização e Arthur Miller no argumento, Nick Nolte e Debra Winger como principais intérpretes. Miller regressa ao cinema após um longo interregno que vem desde o derradeiro (e melhor) filme de Marilyn, «Os Inadaptados», 1961. Reisz desde «A Amante do Tenente Francês», 1981, só fizera um filme.

Este, de 1990 já, é, como quase sempre em Miller, a denúncia do «american way of life», agora através de uma intriga algo policial, algo complexa também, já que houve a preocupação de revelar uma América marginal que os negócios da droga entrelaçam no quotidiano (e nos lucros) da classe possidente.

Não é ao nível do argumento que o filme vacila, é na relativa pobreza interior das personagens principais, no esquematismo das secundárias, na ausência de fascínio de todas em conjunto, não há ali nenhuma que seja o pivot que nos arrebate, nem mesmo a interpreta-

da (bastante bem, de resto) por Debra Winger.

É um filme estranho este: aparentemente está tudo no seu lugar, mas fica-se com a sensação de que sobra em ofício o que falta em paixão.

É talvez por isto que se a realização não tem falhas, ainda que aquela câmara jamais nos emocione; se o argumento é conseguido e nos poupa a um «happy-end», o filme acaba e o espectador sente-se órfão. Órfão de quê? Ora de quê: da beleza transfigurada com que, por exemplo, Marilyn, Clift e Gable nos surgiram em «Os Inadaptados».

A história era mais frágil, então, mas três intérpretes maravilhosos, três personagens para sempre na nossa memória (e Huston em vez de Reisz...) faziam-nos descobrir a força da fragilidade. Justamente o inverso de «Corrupção na Cidade»...

*

Um, dois, três passos atrás para falar de «Cem Mil Voltas de Terror» que passou no Fantasporto, onde terá sido — dizem — o filme-surpresa.

Duvida-se porque a surpresa neste filme não vai além da ponta final, até lá muito há que penar, o sangue corre a jorros, os efeitos especiais escondem a ausência de outros talentos.

Até que, no final, surge a surpresa, o inesperado. Surpresa é surpresa, mas sempre se dirá que o bom e o mau da fita (este morreu, mas não tem importância) às tantas, por obra e graça das ondas hertzianas, entram pelas televisões dentro, passam em louca perseguição por filmes e telejornais, saltam dos televisores para o aconchego doméstico de cada um, até que, finalmente, tudo acaba porque o rapaz paralisa o assassino graças ao domínio do telecomando dos canais!

Apesar do brilharete, na lista dos filmes «A Ver», aqui ao lado nestas páginas, este filme vai quase em último. Em primeiro, surge «A Banda das Quatro», de Rivette, que o cronista viu há um ano noutras paragens e ontem se estreou no Picoas. Prometera falar hoje dele. Mas também Rivette tinha prometido que vinha a Portugal e não veio. Não é por vingança, mas fica para a semana...

NA CINEMATECA ATÉ DIA 1

CINCO VEZES RIVETTE

Cinco Rivettes e um Rossellini não é nada mau para mais numa semana com dois dias a menos por mor do Carnaval. Mas há mais: ao nível dos grandes há ainda um Lubitsch e com Pola Negri e Emil Jannings. Quanto ao resto é ver-se a seguir o calendário das sessões, especiais que vão de hoje a quinta-feira próxima.

Em pormenor, dir-se-à que os Rivettes passam no ciclo dedicado ao realizador pela Cinemateca, os Rossellini (de 1952) é também na Cinemateca que passa e o filme de Ernst Lubitsch (de 1919) corre no Teatro da Malaposta a inaugurar um ciclo sobre A Revolução Francesa e O Cinema.

A França está ainda representada nesta semana através dos filmes do Institut Franco-Portugais e do ABC Cine Clube que até Abril exibirá inéditos franceses dos anos 80.

Mas voltando atrás para falar do ciclo de Teatro da Malaposta, diga-se que o filme que passa no domingo («La Nuit de Varennes», de Scola/1982) tem um elenco de ouro. Assim: Hanna Schygulla, Jean Louis Barrault, Mastroianni, Trintignant, Piccoli, Laura Betti, Daniel Gélin e Andréa Ferréol. Todo o calendário a seguir com a ressalva de eventuais alterações de última hora.

Hoje, dia 23

ABC Cine Clube de Lisboa (na Sociedade Portuguesa de Autores, às 18 e 30): «Partenaires», de Claude d'Anna. Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Hurlevent», de Jacques Rivette, e «The Breaking Point», de Michael Curtiz. Institut Franco-Portugais (às 21): «Thomas l'Imposteur», de Georges Franju. Teatro de Malaposta (Olival Basto, às 21 e 30): «Madame du Barry», de Ernst Lubitsch.

Amanhã, dia 24

Cinemateca (respectivamente, às 15 e 30, 18 e 30 e 21 e 30): «Duelle», Norôit» e «Céline et Julie Vont en Bateau», todos de Jacques Rivette. Teatro da Malaposta (Olival Basto, às 21 e 30): o mesmo programa do dia 23.

Depois de amanhã, dia 25

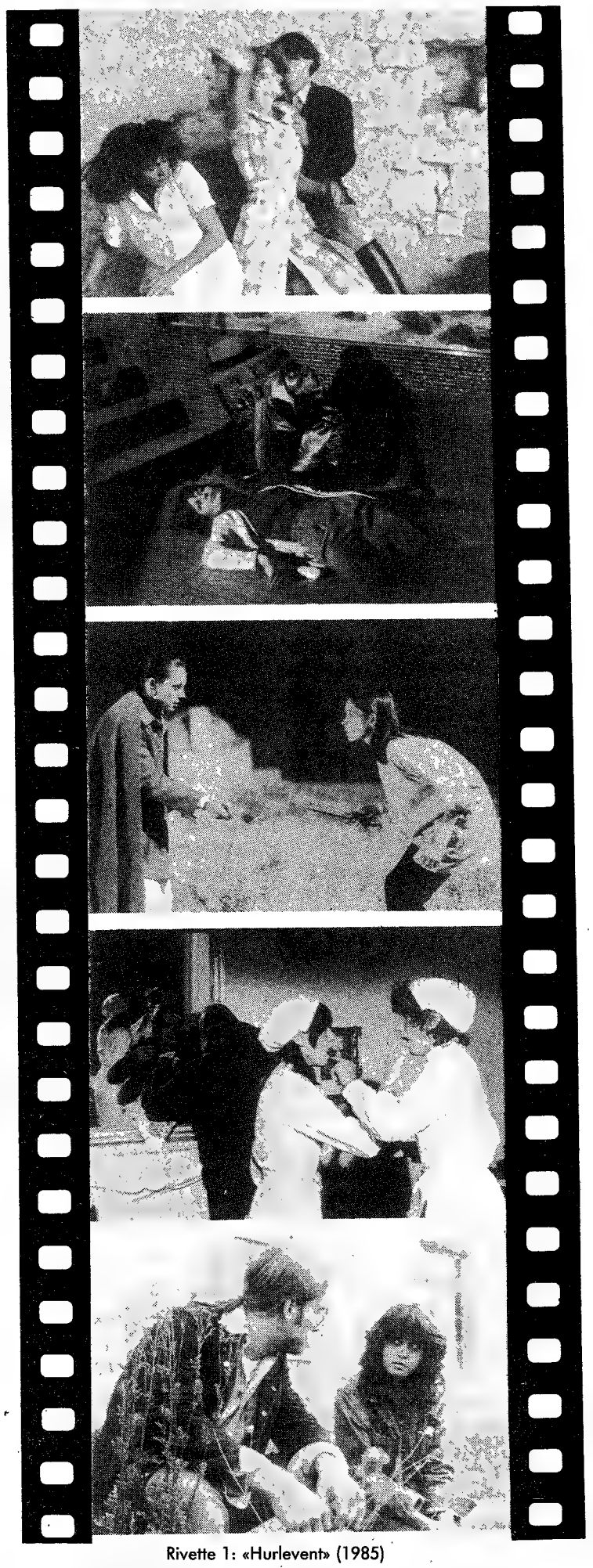
Teatro da Malaposta (Olival Basto, às 17): «La Nuit de Varennes», de Ettore Scola.

Quarta, dia 28

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Remorques», de Jean Gremillon e «La Machina Amazzacativi», de Roberto Rossellini. Institut Franco-Portugais (às 21): «Adieu Voyages Lents», de Marie Geneviève Ripeau.

Quinta, dia 1

Cinemateca (respectivamente às 18 e 30 e 21 e 30): «Okraina», de Boris Barnet; e «Merry-Go-Round», de Jacques Rivette.



Rivette 1: «Hurlevent» (1985)

Rivette 2: «Duelle» (1975/76)

Rivette 3: «Noroît» (1975/76)

Rivette 4: Céline et Julie vont en Bateau» (1974)

Rivette 5: «Merry go round» (1978)

A VER

Dos filmes em exibição comercial em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal.

EM ESTREIA

- «A Banda das Quatro», Jacques Rivette (1988)
- «Sexo, Mentiras e Vídeo», Steven Soderbergh (1989)
- «Um Mundo à Parte», Chris Menges (1988)
- «O Processo do Rei», João Mário Grilo (1988)
- «Que Fiz Eu para Merecer Isto?», Pedro Almodóvar (1984)
- «Corrupção na Cidade», Karel Reiz (1990)
- «Valmont», Milos Forman (1989)
- «Clube dos Poetas Mortos», Peter Weir (1989)
- «Entre Primos», Joel Schumacher (1989)
- «Veredicto Final», Joseph Ruben (1988)
- «O Amor é uma Grande Aventura», Blake Edwards (1989)
- «Regresso ao Futuro, Parte II», Robert Zemeckis (1989)
- «África, Terra de Estranhas Paixões», Helena Nogueira (1988)
- «Lar, Doce Lar... às Vezes», Ron Howard (1989)
- «Corações de Aço», Brian de Palma (1989)
- «Os Reis da Noite», Eddie Murphy (1989)
- «Assassinato sob Custódia» Euzhan Palcy (1989)
- «Cem Mil Voltas de Terror», Wes Craven (1989)
- «Chuva Negra», Ridley Scott (1989)
- «Os Deuses Devem Estar Loucos II», Jamie Uys (1989)

EM REPOSIÇÃO

- «Nove Semanas e Meia», Adrian Lyne (1985)

R. da S.

Video rama

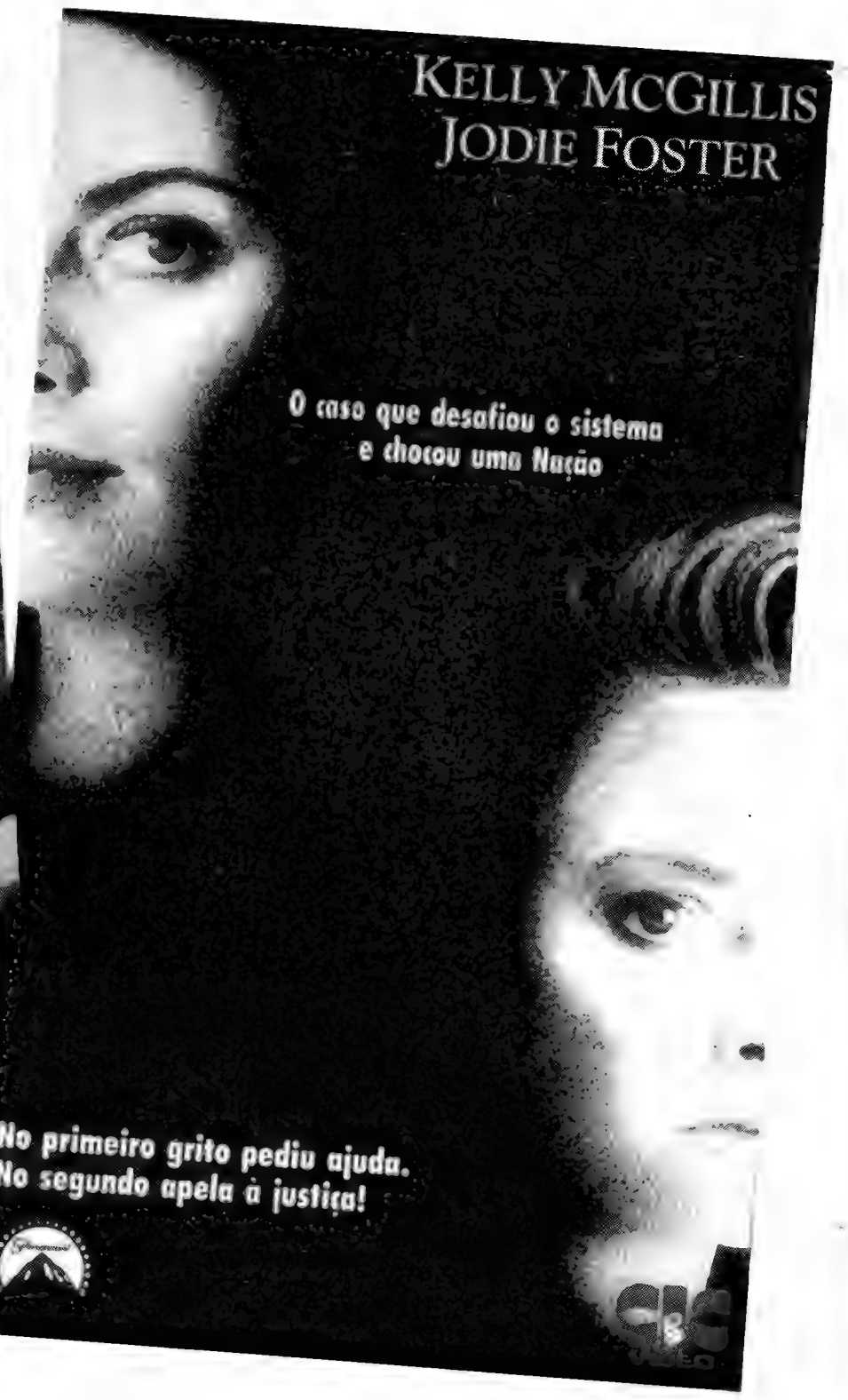
A MOSCA

Maria João Martins

SIM, SENHOR HULOT

Desconhecido de boa parte do público português (e não só), Jacques Tati foi, sem dúvida, um dos humoristas mais cáusticos da história do cinema. «Sim, senhor Hulot» («Trafic», no original), único filme do autor editado em vídeo entre nós, atesta-o com a eloquência própria dos grandes artistas. Ao pretender contar-nos a história do «designer» de uma sociedade automobilística francesa que leva o último invento da firma a Amsterdão, Tati acaba, no entanto, por nos advertir de como é perigoso ser solidário num mundo em que se podem apagar os pardais.

«Trafic». Realização: Jacques Tati. (França/Holanda: 1971). Intérpretes: Jacques Tati, Maria Kimberly, marcel Fraval, Honorè Bostel. Cor. 96 minutos. Comédia. Música de Charles Dumont. Para maiores de 6 anos. Edição Edivídeo.



HOTEL BLUE IGUANA

Carros de sonho, mulheres intrépidas, homens sem escrúpulos, eis os principais ingredientes de «Hotel Blue Iguana». À imagem da maioria dos maus filmes de acção, esta é apenas mais uma película sem qualquer interesse em que o mercado videográfico é pródigo. Parta para outra.

«Hotel Blue Iguana». Realização: John Lafia. (E.U.A- 1988). Intérpretes: Dylan McDermott, Jessica Harper, James Russo. Cor. 86 minutos. Acção. Para maiores de 12 anos. Edição CBS Fox/Publivídeo.

OS ACUSADOS

Abrilhantado pelo ouro dos Óscares no passado ano, «Os Acusados» é , no entanto,um filme cujos méritos vão muito além dos prémios. A seu favor jogam o excelente trabalho das actrizes e a abordagem de um «tabu» com rara delicadeza no cinema contemporâneo. Jodie Foster, galardoada com o Óscar da melhor actriz, desempenha o papel de Sarah, uma jovem sensual que não se conforma com a impunidade dos homens que a violaram. Sem pieguices, nem rodriguinhos acessórios. Um filme a não perder.

«The Accused». Realização: Jonathan Kaplan. (E.U.A- 1988). Intérpretes: Kelly McGillis, Jodie Foster. Cor. 106 minutos. Drama. Música de Brad Fiedel. Para maiores de 16 anos. Edição Edivídeo.

A MENINA DO BRONZEADOR

Aos três anos Jodie Foster foi a menina do bronzeador, num anúncio que ainda hoje corre as praias de todo o mundo. Aos dez liderou um grupo de pequenos bandidos no filme «Bugsy Malone» e aos treze tornou-se escândalo como prostituta em «Taxi Driver», ao lado de Robert De Niro, sob a batuta cinematográfica de Martin Scorcese. Hoje, com vinte sete anos completos, Jodie continua a servir de alimento ao sensacionalismo barato de alguma imprensa internacional. Pouco lhe importa, todavia. Na sala de troféus desta jovem norte-americana figura já uma daquelas reliquías de que são feitos os sonhos: o bom velho Oscar.

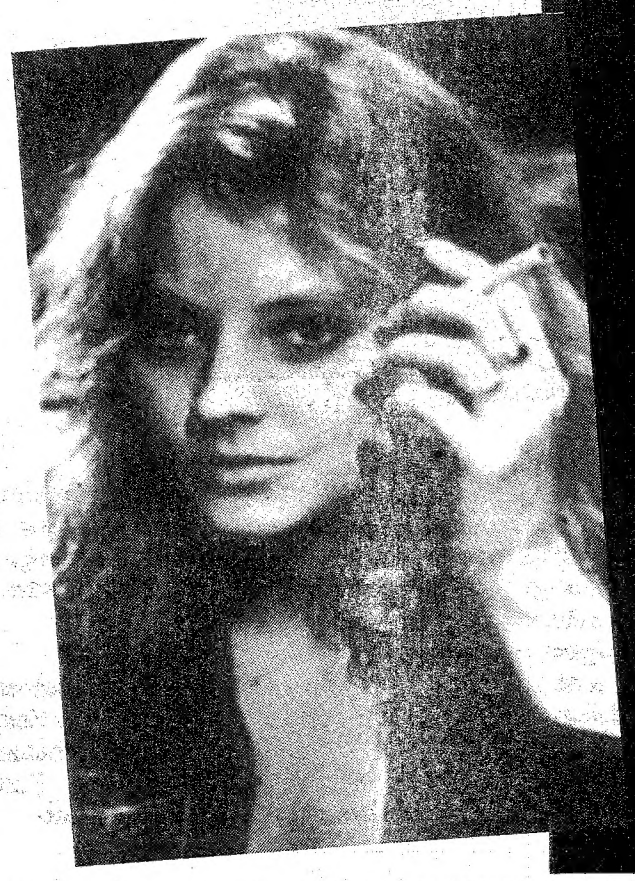
Realizado por Jonathan Kaplan em 1988, «Os Acusados» foi o filme que valeu a Jodie o invejável título de melhor actriz. De resto, poder-se-à dizer que ela bem o mereceu.

A película que em si já vale pela denúncia da agressão sexual da mulher, num país em que se dá pelo menos uma violação de cinco em cinco minutos (quantas em Portugal?), vê-se, de facto, valorizada pela intensidade que quer Jodie, quer Kelly McGillis (esta no papel de advogada) conferem aos respectivos papéis. No princípio, Kelly fora a eleita de Kaplan para o principal papel, mas temera-se que o desempenho despertasse na actriz reminiscências menos felizes.

Jodie aceitou o desafio, mas no inicío não estava consciente das marcas que cenas violentas como a da violação sobre uma máquina de «flippers» traziam ao seu modo de estar e de agir. «Não gosto de me recordar do que já passou - declarou após a vitória na noite de gala da Academia- até nisto reajo como se tivesse sido verdadeiramente violada, mas eu quero, de facto, esquecer as filmagens».

Para o espectador que na sala de cinema normalmente se dispõe ao sossego, «Os Acusados» foi um filme perturbador. Não pelas ditas cenas eventualmente chocantes de que Kaplan não abusa, mas pelas questões que ergue a uma sociedade onde nascer mulher ainda é um pouco entrar no mundo pela porta das traseiras. Kaplan e as duas protagonistas desafiam-nos a procurar no âmago da nossa consciência porque é que a mulher não tem o direito de expôr livremente a sua sensualidade, sem que a venham acusar de aliciamento à violação.

Uma semana após o seu lançamento no mercado videográfico, «Os Acusados» encontra-se já entre as cassetes mais procuradas nos estabelecimentos da especialidade. Que significado atribuír ao facto? Reconhecer a sensibilidade dos portugueses a estes dramas ou, pelo contrário, admitir o eco que neles encontra a força dos Óscares?



CLUBES DE VIDEO

video 100 MIL

AGORA TAMBÉM EM VENDA DIRECTA

ALUGUERES DESDE 100.00

Loja 1 — R. Barão de Sabrosa, 78-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 2 — R. Barão de Sabrosa, 35-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 3 — C. do Monte (à Graça) • Tel.: 87 82 78 • LISBOA
Loja 4 — Av. de Madrid, 14-B (ao Areeiro) • Tel.: 848 89 37 • LISBOA
Loja 5 — R. José Galhardo, 7-A (Quinta do Lambert) • Tel.: 758 18 51 • LISBOA
Loja 6 — R. Nova (Pederneira) • Tel.: (062) 537 18 • NAZARÉ
Loja 7 — R. Adolfo Coelho, 12 (Alto de S. João) • Tel.: 82 12 42 • LISBOA

SISTEMA INÉDITO • SEM JÓIA • 4.AS FEIRAS 1 ALUGUER GRÁTIS

TELE Visão

A MOSCA

SÁBADO

RTP 1

09.00 - Juventude e Família
«Cadichon», «Histórias da Nossa Terra» (estreia); «Teatro Jovem»: os alunos da Escola Preparatória da damaia apresentam a peça «A Destruição da Natureza»;«Denver, o Último Dinossauro»; «Sonhos de Rock» (estreia) «Transformers em Acção» ,«Concurso de Cor e Salteado». e «Olho Vivo»
12.00 - Sinfonieta
13.00 - Notícias
13.10 - Oito e Basta
14.00 - Parlamento
14.30 - Crime, Disse Ela!
15.15 - Sessão da Tarde
«Espíritos Perturbados», de Robert Greenwald (EUA-1986), com interpretações de Martin Sheen, Matthew Laborteaux, Melinda Dillon, Roxana Zal e Lukas Haas. Duração: 93 minutos.
Independentemente da qualidade de alguns, a paciência começa a esgotar-se: não há tarde de sábado em que a tarde não seja ocupada com um telefilme sobre os problemas familiares dos norte-americanos. Desta vez trata-se das perturbações que o alcoolismo causa na família.
Lyle Mollencamp é alcoolico inveterado. A mulher luta por proteger a sua família dos terríveis efeitos dessa situação, e cada um dos três filhos reage de forma diferente à situação.
16.50 - Desenhos Animados
17.05 - Vivamúsica
17.50 - Ricardina e Marta
19.10 - Sete Folhas
19.45 - Totoloto
20.00 - Jornal de Sábado
21.15 - O Tempo
21.30 - Contos de Hollywood
22.30 - Niel Diamond
23.30 - Cinema da Meia-Noite
«Uma Rapariga Endiabrada», de William Wyler (EUA-1968), com interpretações de Barbara Streisand, Omar Sharif, Kay Medford, Anne Francis, Walter Pidford, lee Allen, Mae Questel, Gerald Mohr, Frank Faylen e Mittie Lawrence. Duração: 142 minutos.
Apesar de feia e pobre, Fanny Brice consegue atingir a notoriedade no mundo do espectáculo.

RTP 2

09.00 - Universidade Aberta
Dedicado ao curso de Cinências da Educação
10.20 - Compacto «Meu Pé de Laranja Lima»
12.50 - A Ilha das Crianças
14.20 - Um Longo Caminho Silencioso
A história da mímica
15.00 - Estádio
19.00 - Music Box Especial
19.55 - O Meu Irmão Tom
20.45 - Documentário
21.15 - Estádio/Edição da Noite

DOMINGO

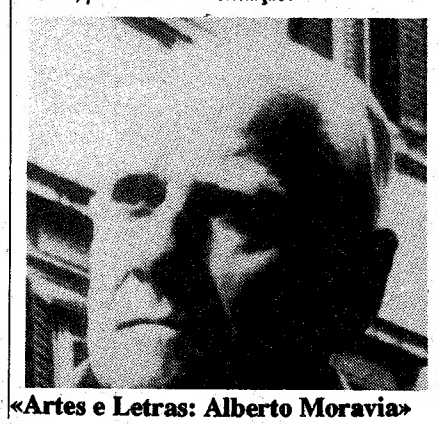
RTP 1

«Vencer em Manhattan»

09.00 - Juventude e Família
«O Meu Pequeno Pónei», «Brincar É Coisa Séria» e «Isto É Cinema»
10.00 - TV Rural
10.25 - 70 X 7
11.00 - Eucaristia Dominical
12.00 - Juventude e Família
«Madi»
12.30 - O Mar e a Terra
Depois dos Açores, é agora a vez das ilhas de Cabo Verde se tornarem o tema do programa. Aparecido há quase 200 milhões de anos, fruto de uma forte actividade vulcânica, o arquipélago foi descoberto pelos portugueses em 1460 e colonizado um ano depois. Sob o título «Arquipélago da Esperança», o episódio de hoje debruça-se sobre a riqueza das águas de Cabo Verde, um recurso natural que bem protegido e explorado talvez possibilite ao país um melhor futuro.
13.00 - Notícias
13.10 - Grandes Tormentos
13.35 - Espaço 1999
14.20 - O Posto Inqualificável!
14.50 - Primeira Matinée
«Encontro com o Capitão Kid», de Charles Lamont (EUA-1952), com interpretações de Bud Abbott, Lou Costello, Charles Laughton, Fran Warren, Hillary Brooke, Bill Shirley, Leif Erickson, Sil Saylor e Frank Yaconelli.
Duração: 67 minutos.
Trata-se de uma paródia aos filmes de piratas. Segundo a própria Direcção de Programas, este «Encontro com o Capitão Kidd» talvez não seja dos mais inspirados filmes da dupla Abbott e Costello, mas mesmo assim escolheu-o para a tarde de domingo.
16.05 - Carnaval de Torres Vedras
17.20 - Concurso 1, 2, 3
19.00 - McGyver
20.00 - Jornal de Domingo
20.30 - O Tempo
20.35 - Querido John
21.05 - Vencer em Manhattan
22.05 - Domingo Desportivo

RTP 2

09.00 - Music Box Especial
10.00 - Troféu
13.00 - Caminhos
13.30 - Novos Horizontes
13.55 - Veterinário de Província
15.00 - Troféu
17.00 - Sobrevivência
17.50 - Quem Sai aos Seus...
18.15 - Imagem e Imagens
Teórico e experimentador da animação computorizada, o cineasta John Hallas expõe no seu filme «Dilema» (hoje exibido) o problema da escolha entre o desejo de destruição e a vontade dos seres humanos em viverem num mundo de progresso e felicidade no nosso planeta.
18.45 - Graham Parker in Concert
19.35 - Os Trintões
20.25 - Artes e Letras
Alberto Moravia, o grande romancista italiano contemporâneo, atingiu pela primeira vez a notariedade em 1929 quando, com 22 anos, publicou «Tempo de Indiferença». Esta obra foi considerada como sendo o primeiro romance existencialista, e nele o autor definiu os temas que o obcecaram ao longo da vida: o desespero e a incapacidade para encontrar um significado ou um sentido para a existência.
Nesta entrevista, Alberto Moravia revê a sua carreira, a sua experiência do fascismo e fala acerca das mulheres e do sexo - outra preocupação que foi sempre uma pedra de toque da sua escrita. Rodada em Roma e em Capri, o filme foca em particular o seu romance «1934» e tem algumas delcarações de Dacia Mariani de Bernardo Bertolucci.
21.20 - Cineclube
«O Bruto», de Luis Bunuel (México-1952), com interpretações de Pedro Armendariz, Katy Jurado, Rosita Arenas, Andres Soler, Paco Partinez, Roberto Meyer, Glorita Mestre e Beatriz Ramos. Duração: 83 minutos.
Luis Bunuel englobou sempre este seu filme entre aqueles a que chamou alimentares. E explicou: eram muito maus e apenas serviram para não o deixarem morrer de fome.
A história, com mais um ou outro pormenor, é esta: Cabrera, um senhorio pouco escrupuloso, decide aumentar a renda de uns prédios afim de aumentar o seu valor para venda. Sob a orientação de Carmello, os inquilinos protestam e a mulher do senhorio, Paloma, sugere que se entregue o caso a Pedro, mais conhecido por El Bruto, para resolver a situação.



«Artes e Letras: Alberto Moravia»

SEGUNDA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Rota de Howard
14.15 - Vila Faia
15.05 - O Mundo Animal
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Televisão - a Caixa que Mudou o Mundo
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», « As Viagens de Albatroz», «O Urso Bolke», «Os Amigos de Ovide» e «Os Três Mosqueteiros»
18.30 - Rua Sésamo
19.00 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.15 - Vale Tudo
21.10 - Clube dos Subscritores
21.40 - Casino Royal
A crítica especializada diz bem, mas a nós parece-nos o pior de todos os programas de Herman José. São opinioões...
22.40 - Quase Adultos
23.40- 24 Horas
00.15 - Remate

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
Bloco A: «Vingadores»; bloco B: «O Justiceiro»
16.55 - Os Cinco
17.20 - História dos Instrumentos Musicais
O episódio de hoje é dedicado ao acordeão, instrumento que teve uma entrada tardia no círculo de instrumentos europeus - só começou a aparecer na primeira metade do século XIX. A sua grande popularidade faz dele um dos mais tocados instrumentos de música «folk» da actualidade.
17.45 - Meu Pé de Laranja Lima
18.30 - Paixonetas
A jovem Ann Cassidy, uma aluna de liceu, não se interessa pelos rapazes nem pelo amor. Porém a sua atitude vai mudar com a chegada do novo professor de inglês.
19.35 - Estrada 66
20.30 - Há Pintores que...
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Teatro Estrangeiro
«O Pato Bravo»: Trata-se de uma produção especial em estúdio da peça de Ibsen, adaptada e dirigida pelo realizador sueco Bo Widerberg.
Esta peça é uma das últimas obras daquele dramaturgo e é agora considerada como sendo o seu melhor trabalho. Nela Ibsen experimenta e testa o interior escuro da alma.

ATALAIA
RESTAURANTE SNACK BAR

FADOS NO ATALAIA

Jante ou ceie connosco até às 2 horas da manhã ao som do fado com **ESMERALDA AMOEDO e AUGUSTO RAMOS** e os artistas convidados **MACIEL e BERTA FERNANDA** acompanhados por **LUÍS GONÇALVES e QUIM DE OLIVEIRA.**

EXPERIMENTE O NOSSO SERVIÇO ESPECIAL DE ALMOÇOS (DE 2.ª A 6.ª FEIRA)
APRECIE AS NOSSAS ESPECIALIDADES: BACALHAU À ATALAIA, FONDUE À BOURGUIGNONE, ARROZ DE MARISCO.
ENCERRAMOS AO DOMINGO • RUA DA ATALAIA, 35-37 (AO BAIRRO ALTO) • **TELEFONE 32 01 21**
1200 LISBOA

TERÇA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia - Porto
13.30 - Dallas
14.05 - Vila Faia
14.15 - Goodbye Piccadilly

15.25 - Matinée

«Caça Polícias», de Martin Brest (1984), com interpretações de Eddie Murphy, Judge Reinhold e John Ashton, entre outros. Duração: 104 minutos.
Na altura da sua estreia, o filme foi um sucesso de bilheteira tão estrondoso que deu origem a uma sequela, menos bem conseguida. Trata-se de uma comédia policial recheada de cenas espectaculares, como a perseguição inicial em Detriot, e de situações verdadeiramente hilariantes por onde passa alguma ironia com o choque de mentalidades entre um polícia simpático mas insolente e uma força policial de elite, na mais rica zona urbana do mundo, onde mesmo os criminosos são de luxo.

17.05 - Televisão - a Caixa que Mudou o Mundo
18.05 - Brinca Brincando
«O Dr. Savira»
18.30 - Rua Sésamo
19.00 - Jogos de Cartas
19.30 - Telejornal

20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.10 - Vale Tudo
21.10 - Crónica do Crime
22.05 - Hale and Page

22.35 - Carnaval do Rio
(Compacto)

00.40 - 24 Horas
01.10 - Remate

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
Bloco A: «Casa de Irene» e «Alf»; bloco B: «Duarte & cª» e «Director de Turma»
16.55 - Os Novos Caça-Fantasmas
17.20 - História dos Instrumentos Musicais
17.45 - Meu Pé de Laranja Lima

18.20 - Music Box - «Via Rápida»
19.35 - Estrada 66
20.25 - Cinemagazine
21.00 - Jornal das Nove

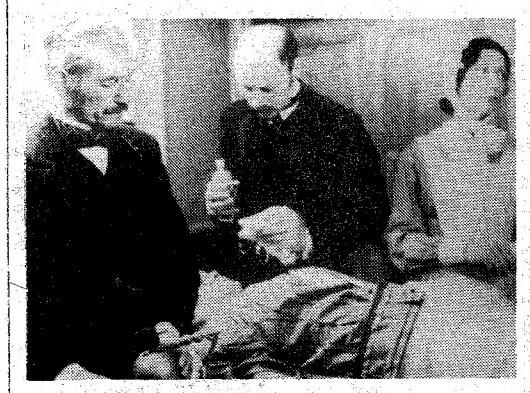
21.30 - Cinemadois
«O Falhado Amoroso», de Mel Brooks (EUA-1967), com interpretações de Zero Mostel, Gene Wilder, Kenneth Mars, Estelle Winwood, Renee Taylor, Christopher Hewett, Leo Meredith, Andreas Voutsinas, Dick Shawn e Madlyn Cates. Duração: 85 minutos Max Bialystock, um produtor da Broadway especialista em obter financiamentos de velhinhas ricas que seduz com os seus projectos, atravessa um mau período funanceiro. Leo Bloom, o seu contabilista, dá-lhe uma excelente ideia, ao sublinhar que se pode ganhar mais dinheiro com um grande fiasco teatral do que com um estrondoso sucesso, desde que se reúna um capital superior ao orçamento previsto.
«O Falhado Amoroso», que passou em Portugal com o título «Por favor Não Mexam nas Velhinhas», é a primeira longa-metragem de Mel brooks, rodada em 1968, quando era já então um gagman de certa reputação e um dos mais interessantes argumentistas televisivos de comédia na época, devido ao sucesso da série «Olho Vivo».

QUARTA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Sexta, Dia 13
Profecias: verdade ou mentira? Ryan, Micki e Jack vão ao convento onde se encontra uma caneta envenenada que tem o poder de concretizar as piores profecias. A caneta estava também na loja que herdaram do tio Lewis.
14.15 - Vila Faia
15.05 - O Mundo Animal
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Televisão - a Caixa que Mudou o Mundo
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», ««As Viagens do Albatroz», «O Urso Bolke», «Os Amigos de Ovide» e «As Aventuras do Bocas»
18.30 - Rua Sésamo
19.00 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.15 - Vale Tudo
21.10 - Vamos Jogar no Totobola
21.25 - Lotação Esgotada
«Beija-me, Idiota», de Billy Wilder (EUA-1964), com interpretações de Dean Martin, Kim Novak, Cliff Osmond, Barbara Pepper, Doro Morande, Howard McNear, Henry Gibson, Alex Dexter. Duração: 122 minutos.
O título do filme é curiosamente a última, irónica e maliciosa frase dita no filme pela mulher do falhado compositor quando este descobre que a sua canção foi gravada pelo célebre cantor discretamente seduzido pela sua mulher. Fundamentalmente, «Beija-me, Idiota» é um retrato mordaz e implacável de uma certa américa provinviana onde a ambição também se pode revestir das formas mais sórdidas e imorais, se bem que sob uma aparência menos comprometida do que aquilo a que o urbanismo americano nos habituou.
23.40 - 24 Horas
00.10 - Remate

RTP 2



«Coragem para Falhar»

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora Escolha!
Bloco A: «O Fugitivo»; bloco B: «Destino, Aventura»
16.55 - Os Campbells
17.20 - História dos Instrumentos Musicais

17.45 - Meu Pé de Laranja Lima
18.25 - A Rota Marítima da Seda
19.35 - Estrada 66
20.25 - Lusitânia Expresso

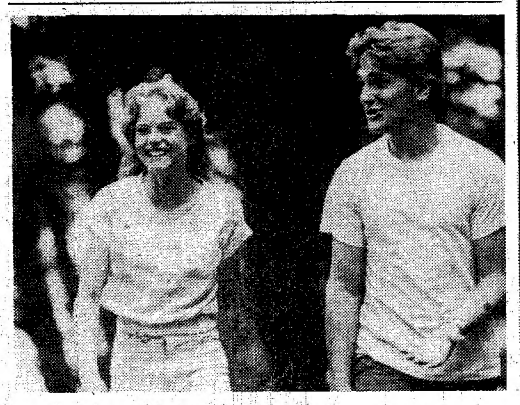
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Histórias de Porterhouse
22.20 - Século XX - Coragem para Falhar
23.15 - Música n'América

QUINTA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Um Anjo na Terra
14.15 - Vila Faia
15.10 - O Mundo Animal
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Televisão - a Caixa que Mudou o Mundo
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», ««As Viagens do Albatroz», «Tom Sawyer», «Kate e Skubanek» e «Vem lá Filme»
18.30 - Rua Sésamo
19.00 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.15 - Vale Tudo
21.10 - Winston Churchill - os Anos Agitados
(Novembro de 1943 a 1936): Churchill faz um discurso bombástico na Câmara Comum, enquanto Baldwin resolve formar um gabinete e os Conservadores obtêm uma grande vitória. Churchill, porém, continua sozinho. Quando Jorge V morre Randolph volta a perder uma eleição e acusa Chulchill, por este não o ter apoiado convinientemente. E Winston resolve jogar então os seus trunfos.
23.00 - 24 Horas
23.30 - Remate

RTP 2



«Os Henderson»

14.45 - Telecompra
15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
16.55 - Benji, Zax e o Príncipe Extraterrestre
17.15 - História dos Instrumentos Musicais
Considerada a rainha da orquestra, a harpa é também, usada na música folk. Mais de cinco mil anos da história deste instrumento são percorridos neste programa até à sua fabricação nos dias de hoje.
17.45 - Meu Pé de Laranja Lima
18.20 - Os Henderson
Tam confronta o seu pai com aquilo que ouviu a seu respeito de Wheeler. Wal explica-lhes que se ele rejeitara a oferta de ajuda de Wheelere as crianças acreditam nela, apesar de alguma desconfiança da parte de Mike.
19.35 - Estrada 66
20.25 - Primeiro Andamento
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Emoções
Zach tem que arranjar uma substituta para uma cantora que abandonou o grupo. Meredith, uma vizinha de Sandy, resolve tentar a sua sorte e envia uma gravação dela, já antiga, de quando cantou num casamento.
21.55 - Hora da Verdade
22.55 - Quinta Dimensão
Uma mulher que viaja numa nave espacial descobre, com horor, que cometera um erro fatal. Este episódio é baseado no famoso conto de Tom Godwin.

HOJE

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Gloss
14.15 - Vila Faia
15.15 - O Mundo Animal
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Televisão - a Caixa que Mudou o Mundo
Mais uma reposição com que a RTP nos presenteia.
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», «Um Olhar Sobre o Mundo», «O Fantocheiro Mágico» e «Fiftten».
18.25 - Rua Sésamo
18.50 - Chegar, Apostar e Vencer
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.15 - Vale Tudo
21.10 - Mobil nos Caminhos de Portugal
«Alentejo Desconhecido», o tema do programa desta noite, cujo itinerário inicia-se em Grândola e termina naLagoa de Melides. Pelo caminho, um olhar para a extracção de cortiça, a estação arqueológica de Miróbriga e a Igreja Matriz de Santiago do cacém, fundada pelos cavaleiros da ordem de Santiago, no século XIII.
21.25 - Missão Impossível
22.20 - Telemundo
23.00 - Chefe, mas Pouco
23.30 - 24 Horas
00.00 - Remate

00.10 - Pela Noite Dentro
«CLaude Dallas - um Montanhês em Fuga», de Jerry London (EUA-1986), com interpretações de Matt Salinger, Claude Akins, Rip Torn, Pat Hingle e Lois Nettleton. Duração: 93 minutos.
A 30 de Mraço de 1986 Claude Dallas, um assassino convicto, fugiu da prisão. Nunca foi capturado,continua a monte e há mesmo quem deseje que continue assim. Baseado numa história verídica, este telefilme coloca o espectador perante a velha questão da justiça e da pertinência dos valores do mundo civilizado em que vivemos, por oposição a uma totalmente distinta forma de estar da vida onde imperam as leis naturais e que o progresso, a cultura e a tecnologia conseguiram lançar no esquecimento. Mas não de todos... por vezes alguns, como Claude Dallas, ainda conseguem, apesar de tudo, viver à margem da dita civilização.

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora Escolha!
Bloco A: «Bonanza»; bloco B: «Destino, Aventura»
16.55 - 3, 2, 1 Contacto
17.20 - História dos Instrumentos Musicais
Estreia
17.45 - Meu Pé de Laranja Lima
18.20 - Haja Música
19.00 - Especial Desporto
Troféu RTP de Volei
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Dona Beija
23.00 - Acerto de Contas
23.30 - Rotações

Rádio

A MOSCA

Rui Cartaxo

MANDELA, TARDE DE MAIS(?)

Uma arreliadora falta de espaço, motivada pela «explosão» deste suplemento, e da acomodação do «Cartaz» ao espaço disponível, não permitiram que a página habitual de rádio fosse publicada na semana passada.

Sendo desajustado recuperar o texto que deveria ter figurado nessa edição, lembraremos; por importante, que ele referia a ampla e magnífica cobertura feita pela TSF da libertação de Nelson Mandela.

O trabalho de **Fernando Alves** (e deu a mão à palmatória), que vem mostrando assinalável sensibilidade política, casando-a magnificamente com uma apurada sensibilidade «tout court», esteve ao nível do das «Manhãs TSF», onde vem alternando com sucesso com **José Fragoso**.

A TSF dispôs da rara felicidade de contar com dois bons especialistas de política africana: **José Gonçalves**, informado e inteligente, foi uma revelação, enquanto **Leston Bandeira** (bela voz e dicção, uma grande presença radiofónica!) se apresentou novamente sabedor e assumidamente parcial, dando inteligentemente o golpe de rins quanto ao papel que Nelson Mandela ainda poderá desempenhar na África do Sul (Leston afirmara anteriormente que ele era uma mera «bandeira» de luta).

E se a TSF falhara redondamente no campo musical, limitando a madrugada «africana» de domingo a Kassav e a Mori Kanté, «esquecendo» Miriam Makeba, Dollar Brand, Johnny Clegg, Manu Dibango e tantos outros (será essa uma das razões porque Rui Pego diz que a TSF é uma estação de Onda Média?), a RFM acertara em cheio, pela mão de **Teresa Mesquitela** e **Rui Neves**, que fazem figura de grandes senhores no seio da Rádio de miúdos que é actualmente o canal de FM da Igreja.

No seu programa África, transmitido aos sábados, adivinhando a libertação do preso político mais famoso do mundo, e passaram exclusivamente música feita por africanos, contando a sua vida, a sua prisão e a sua luta. Com competência e seriedade!

R.C. FM ESTÉREO

À VOLTA DA MEIA-NOITE — Aos sábados e domingos, das 00.05 à 1; apresentação e realização de José Duarte.

Sábado a sessão é preenchida com a audição integral do disco «Jazz Messangers», de 1956, com Donald Byrd, Hank Mobley e o pianista de origem caboverdiana **Horace Silver**.

Domingo é a vez de outro pianista, Kenny Barron tocando em trio e quinteto.

A DÉCADA DE 80 — Aos domingos, das 11 à 1, apresentação e realização de Rui Morrison.

Um jornalista e crítico equilibrado, eclético e prolixo — **João Gobern**; um crítico sectário e elitista mas brilhante **João Lisboa**; um radialista que é simultaneamente médico, músico, produtor, etc. **Ricardo Camacho**, fazem um balanço conjunta da década: A não perder!

RFM

A ILHA DOS ENCANTOS — De 3.ª a sábado, da 1 às 3; apresentação e realização de Amílcar Fidelis.

Arkane com o álbum «I» e o grupo **Foreign Affairs**, de que fazem parte dos músicos israelitas anteriormente ligados à música minimal, com «East on Fire» são os grupos que giram nas emissões da rubrica «Os Tesouros da Ilha» de 3.ª e 4.ª feira.

AS NOITES BRANCAS DA RFM — Diariamente, das 3 às 6 (aos fins de semana), das 3 às 7).

Elizabete Caixeiro, com «As noites da música portuguesa», **Amílcar Fidelis**, com «As noites da música pop» e **Luís Silva** com «As noites dos anos 70», respectivamente ás 3.ª, 4.ª e 5.ª, merecem a nossa melhor atenção.

PROGRAMA 2

HISTÓRIAS DA MÚSICA... E OUTRAS — Às 5.as, das 21 às 21.30 (repete aos sábados, às 10); programa de António Cartaxo.

Continuando o ciclo dedicado a Gustav Mahler ouviremos a Nona Sinfonia, com atenção especial às »... vozes dos instrumentos».

CMR

ESPELHO D'ÁGUA. Aos sábados, das 13 às 15; edição e apresentação de Teresa Fernandes.

Teresa Fernandes dá «novo» mote: as «pérolas» masculinas.

Lloyd Cole, Tom Waits e Steve Miller são nomes que continuam a valer a pena.

O CÓDIGO DOS ANJOS — ESPECIAL EVERYTHING BUT THE GIRL — Sábado, às 16; edição e apresentação de José Mariño.

Autores entre outros do magnífico «EDEN», senhores de um som fazzy alegre e entusiasmante, os **Everything but the girl**, estrelas do chamado «british jazz revival» (movimento a que pertence **Sade Adu**, entre outros), têm um novo disco.

Quem já ouviu, diz que a onda se mantém. José Mariño vai confirmar.

CARTAS DE MAREAR — Aos domingos, das 15 às 16; edição e apresentação de Margarida Pinto Correia.

Margarida volta-se novamente para as ilhas perdidas de **Cabo Verde**, donde vem o som sensual e ora vibrante, ora nostálgico (tal é o percurso que se faz das «coladeras» às «mornas»), com os **Tubarões, Ama Firmino** e **Celina Pereira**.

Mais a sul, a voz do branco sul-africano Johnny Clegg.

BAILE DE FINALISTAS — Aos sábados e domingos, das 19 às 20; edição e apresentação de Luís Ferreira de Almeida.

Donovan Philip Leiteh, a voz inconfundível de «Hurdy Gurdy Man», «Mellow Yellow» ou de «**Atlantis**», é um dos heróis ingleses de 60. Ele estará acompanhado este fim de semana no «Baile...».

TSF

O ACONTECIMMENTO DO DIA — De 2.ª a 6.ª, das 18 às 19; edição de Carlos Andrade.

Chegados a uma hora em que aparentemente o dia já deu o que tinha a dar, Carlos Andrade rodeia-se de convidados, ouve depoimentos, respiga reportagens, à volta do «acontecimento do dia». Um bom trabalho noticioso!

CARTAZ DA MÚSICA

CLÁSSICA

Aula Magna
Reitoria da Universidade

Dia 21, pelas 21.30h — Concerto pela **Nova Filarmonia Portuguesa.**
Dia 23, pelas 21.30h — Concerto com **Gabriela Benackova.** Direcção musical de Jacques Delacote.
Dia 1, pelas 21.30h — Recital com **Victoria de los Angeles.** Ao piano **Manuel Garcia Morante.**

Fundação Gulbenkian
Av. de Berna, 45
Grande Auditório

Dia 23, pelas 18.30h — Concerto pela **Orquestra Gulbenkian** dirigida pelo maestro Michael Zilm, com **Dimitri Alexeev** ao piano. Obras de Mahler (Totenfeier, poema sinfónico), Rachmaninov (Rapsódia para piano sobre um tema de Paganini, op. 43), Schumann (Sinfonia n.º 3 em mibemol maior, op. 97/«Renana»).
Dia 28, pelas 18.30h — **Sabine Mayer** (clarinete, **Heinrich Schiff** (violoncelo) e **Olli Mustonen** (piano) interpretam peças Debussy (Rapsódia n.º 1 para clarinete e piano; Sonata para violoncelo e piano), Beethoven (Trio com piano em si bemol maior, op. 11), Brahms (Trio com piano em lá menor, op. 114).

Sabine Mayer

Heinnich Schiff

Oli Mustonen

Teatro de S. Carlos
Dias 24 às 16, e 26 às 20.30h — «Baile de Máscaras», de Verdi. Elenco: Natalia Troitskaya, Fiorenza Cossotto, Taro Ichihara, Paolo Gavanelli, Ana Paula Russo, José Fardilha, Ivo Vinco e José de Freitas. Direcção musical de Jan Latham-Koening. Co-produção com a Régie Cooperativa «Sinfonia».

SETÚBAL

Forum Luísa Todi
Dia 24, pelas 21.30h — **Quinteto de Instrumentistas de Sopro** constituído por **Carlos Franco** (flauta), **Manuel Jerónimo** (clarinete), **Lopes da Cruz** (oboé), **Carlos Medinas** (fagote) e **Adácio Pestana** (trompa), com a colaboração de **Jill Lawson.**

LIGEIRA

Bar das Palmeiras

Dia 23, pelas 23.00h — Concerto com os **Ex-Votos.**

Clube Estrelas de Campolide
Dia 24, pelas 21.30h — Concerto com os **Ex-Votos, Lenda Viva** e **Acusados.**

Hot Clube de Portugal
Praça da Alegria, 36
Espectáculos às 23.00 e 0.30h.
Dias 23 e 24 — Concerto com o **Grupo Ficções** composto por **Rui Luís** :Dudas» na guitarra, **José Carrapa** também na guitarra, **Alexandre Nanaia** em teclas, **Yuri Daniel** no baixo e **Alexandre Frazão** na bateria.

Rock Rendez-Vous
Rua da Beneficência, 175

Dias 24 e 26, pelas 23.00h — Concerto de Carnaval organizado pelo Som dos Gatos com a presença dos **Censurados, Los Paz d'Almas, Tequilla Mal e Vómito.**

CASCAIS

KGB

Dia 24, pelas 23.00h — Concerto com a banda **Komintern.**

SETÚBAL

Clube de Futebol dos Sadinos

Dia 23, pelas 22.00h — Concerto com os **Censurados** e **Lucifer Fere.**

BAILADO

Teatro de S. Luiz

Dia 23 às 21.30, dia 24 às 18.30 e dia 25 às 16.00h.
Programa Fokine: Les Sylphides, coreografia de M. Fokine, música de Chopin, cenografia de F. de Zevedo; **Petruchka,** coreografia de J. Auld segundo M. Fokine, música de Stravinsky, pela companhia Nacional de Bailado.